

REVISTA DOS CRIADORES

48 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA

Setembro de 1978 - Ano XLVIII - N.º 587 - Cr\$ 70,00

Órgão Oficial da A.B.C.

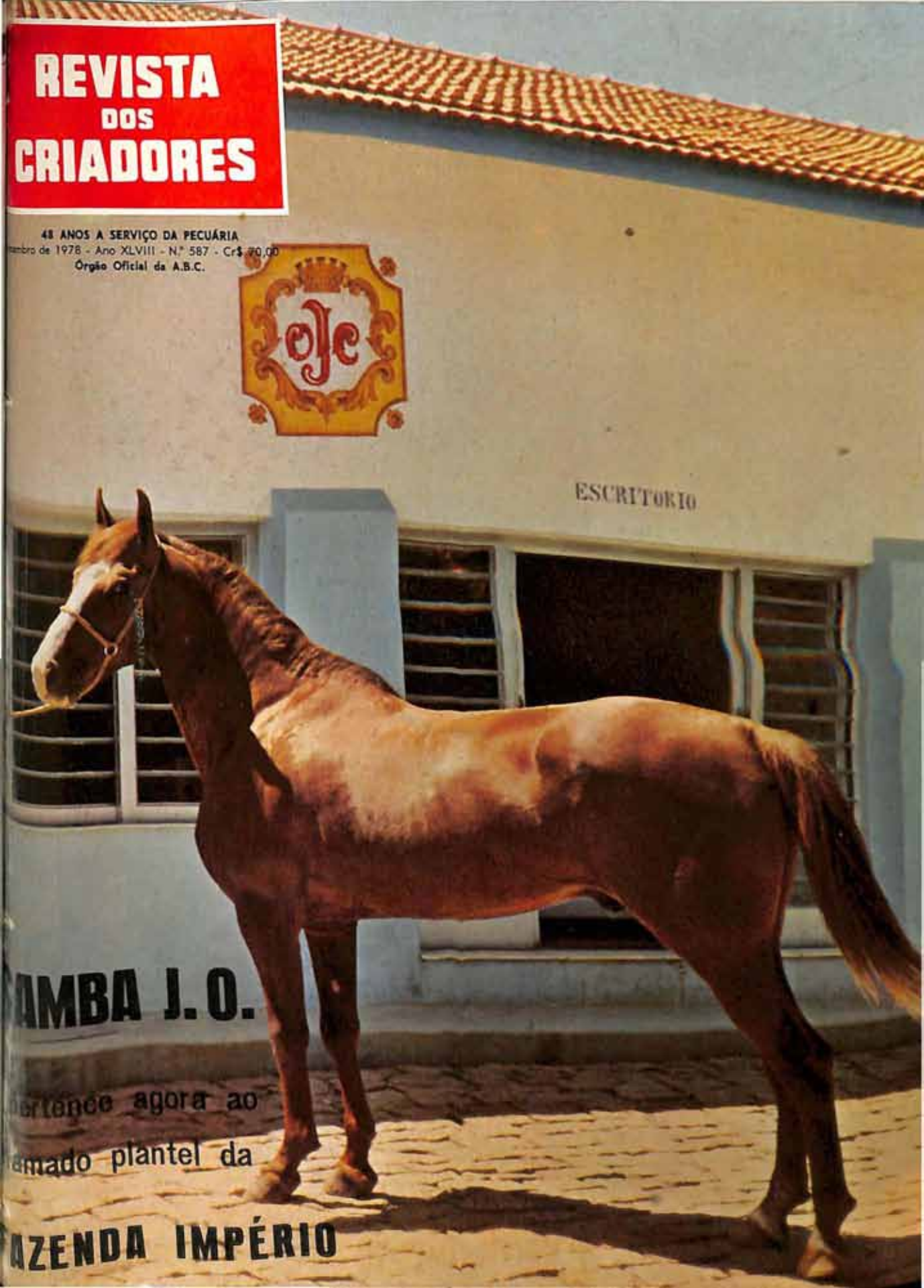


ESCRITÓRIO

AMBA J.O.

pertence agora ao
famoso plantel da

FAZENDA IMPÉRIO





MARCA

FAZENDA CEDRO

BR. 150 — Km 53 — MARABÁ — PARÁ

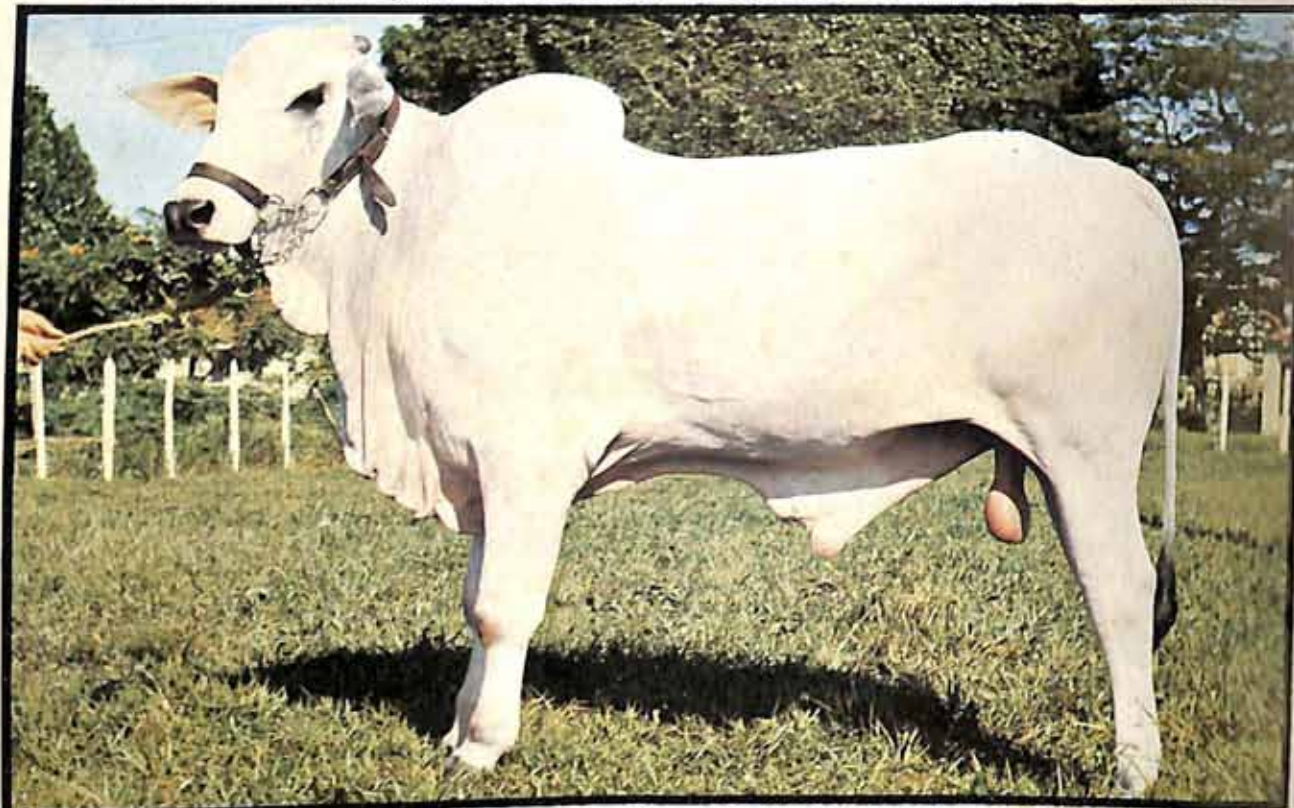
End. em Belém — Av. Bernardo Saião, 4.800 — Cx. Postal 760 — Fones: 226-2382 e 226-3000



MARCA

Prop.: BENEDITO MUTRAN FILHO

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE NELORE E QUARTO DE MILHA P.O. e P.O.I.



PRODAT THUR DO BRUMADO — P.O.I. — Controle 432 - 24 meses, 574 kg. Campeão Júnior, Campeão Tipo Frigorífico e Reservado de Grande Campeão na XIII Exp. Agropecuária de Belém — Pará/78.



DIAL LINDA BAR — Rg. P-1773-8 — idade 25 meses. Campeã Potra Jovem e Grande Campeã da Raça Quarto de Milha na XIII Exp. Agropecuária de Belém — Pará/78.

A VENDA NA ACB,
sob orientação técnica.



Por que usar Ciosin*?

Ciosin é um novo conceito de racionalização e planejamento na área de reprodução animal. Ciosin é um análogo sintético da prostaglandina, cuja principal função é a sincronização do cio em bovinos.

Com Ciosin o criador pode planejar e controlar o aparecimento do cio em épocas mais favoráveis, encurtando o período de monta, racionalizando a mão de obra e otimizando o uso de inseminação artificial.

GADO DE CORTE - o criador sentirá, então, as vantagens de encurtamento do período de monta, do uso mais racional de mão de obra no manejo,

na inseminação e, finalmente, na padronização dos lotes de bezerros.

GADO DE LEITE - Ciosin permite a eliminação de problemas com a observação de cio, resultando em menor intervalo entre partos e, portanto, maior produtividade, logo maiores lucros. Ciosin é um produto injetável de exclusivo uso veterinário, sem qualquer efeito colateral. Consulte seu veterinário para estabelecer o programa mais adequado para a sua fazenda, de modo a lhe permitir tirar todas as vantagens na adoção deste novo conceito de criação planejada.

Com Ciosin a classe veterinária dispõe, agora, de um excelente instrumento, tanto para sincronização de cio, como para fins terapêuticos em certas patologias ligadas à reprodução. Nossos revendedores, os profissionais do campo da reprodução animal e nosso departamento veterinário, poderão ser sempre consultados sobre o uso adequado de Ciosin.

Você e a pecuária brasileira contam, agora, com o maior e mais notável avanço científico em termos de planejamento e racionalização da reprodução em bovinos.

É por isso que se diz: **Ciosin** - a opção.

Cia Imperial de Industrias Químicas do Brasil
Depto. Veterinário - Av. Euzébio Matoso, 891
Telefone 212-1955 - CEP 05423
Caixa Postal 30.377
Pinheiros - S. Paulo



ICI Departamento
Veterinário



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos). Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

52 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

José Cassiano Gomes dos Reis

Vice-Presidentes

Francisco Figueiredo Barretto
Luís Fortunato Moreira Ferreira
Joaquim Barros Alcântara Filho
Bráulio Madeira Simões
Gen. Diogo Branco Ribeiro

Diretores

- 1.º Secretário: Frontino Ferreira Guimarães Jr.
- 2.º Secretário: Antonio Augusto Pires de Oliveira
- 1.º Tesoureiro: Amyntas de Carvalho Macedo
- 2.º Tesoureiro: Franklin Rodrigues Silveira

Conselho Deliberativo

Presidente

João Moraes Barros

Vice-Presidente

Antonio José Rodrigues Filho

Membros Natos

João Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Helio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis

Efetivos

Alberto Chapchap
Alberto de Paula Leite de Moraes
Antonio Coelho Guimarães
Antonio José Rodrigues Filho
Arnaldo Borba de Moraes
Carlos Alberto Willy Auerbach
Jayme Watt Longo
José Octávio da Silva Leme
José Procópio do Amaral
Manoel Elpidio P. de Queiroz
Manoel José Alcântara
Mario Lopes Leão
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
Pedro Nelson Correia Gonçalves
Renato Napolitano

Rubens Franco de Mello
Ruy Calazans de Araujo
Silvio Bueno Vidigal
Vicente de Paula Almeida Prado Netto

Suplentes

João Luiz de Freitas Brito
José Carlos Guimarães Oliva
José Cesário de Castilho
Laila Veiga de Oliveira
Lelio Toledo Piza e Almeida
Lourenço Prado Carneiro Lyra
Luís Glycério Gracie de Freitas
Orlando Pinto de Souza
Rubens de Freitas
Rubens V. de Brito
Wilfrides Alves de Lima

Conselho Fiscal

Efetivos

Roberto Diniz Junqueira
Pedro Paula Leite de Moraes
Lincoln Junqueira Azevedo

Suplentes

Fábio Garcez Meirelles
Randolpho Mello Rezende
Oswaldo G. Aranha

Departamento Comercial
Virgilio de Almeida Penna

Departamento Técnico

Gerente

Prof. Dr. Alberto Alves Santiago

Registro Genealógico
Controle Leiteiro e
Desenvolvimento Ponderal
Dr. Walter Battiston

Assistência Técnica

Veterinária

Dr. Ronald Leite Rios
Dr. César Azevedo Lopes

RUA JAGUARIBE, 634 — TELEFONE: 826-3033
SÃO PAULO — SP

REVISTA DOS CRIADORES

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Redator-Chefe: João Castanho Dias

Secretário de Redação: Pedro Ferraz do Amaral

Colaboradores: Leovigildo P. Jordão, Antonio Carvalho Mendes, Luiz Paulin Neto, Masatake Takahashi.

Arte e Produção: Sílvia de Siqueira.

Revisão: Olga Rios de Castro e Joaquim Paschoa.

Departamento de Publicidade: Laércio C. Noronha e Décio Correa da Silva.

Circulação: Luiz de Almeida Penna Filho.

Fotografia: Francisco Sciaccia.

Redação: Av. Pompéia, 1214 - Fundos "B" - São Paulo - 05022 - Z.P. 10 (Brasil) Tels.: 65-0116 e 62-6826 - Caixa Postal 1669 - End. Telegráfico "Criadores".

Gráfica e Fotolito Próprios: Av. Pompéia, 1214 - Fundos "B" - SP - Brasil.

Assinaturas: 1 ano Cr\$ 800,00; 2 anos Cr\$ 1.400,00. N.º avulso Cr\$ 70,00.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

Representações — Capital: Livraria Kosmos Editora. Galeria Metrópole - Praça D. José Gaspar, 106 - Lojas 30 e 49 - Livraria Cultura. Avenida Paulista, 2078. Conj. Nacional - Distribuidora Siciliano Ltda. Alameda Dino Bueno, 492 - Livraria Veras Ltda. Rua Silveira Martins, 70 - 1.º and. S/111 - Livraria La Selva - Aeroporto de Congonhas.

Interior: Livrocere - Rua Silva Jardim, 1655 - Piracicaba - Romeu Rabelo - Caixa Postal 499 - Presidente Prudente - Parrasio Pinto - Rua Benjamin Constant, 54 - São João da Boa Vista.

Estados — Bahia: Dante Albano Menezes Lopes - Praça da Bandeira, 25 - 1.º andar - Itapetinga - J. S. Queiroz - Rua Minas Gerais, 156 - Telefone 248-3320 - Pituba - Salvador - **Ceará:** Distribuidora Alaor de Publicações - Rua Floriano Peixoto, 1233 - Fortaleza - **Distrito Federal:** Paulo Cesar Bernardes & Cia. Ltda. - SCL - Sul 310 - Bloco A - Loja 26 - Brasília - Só de Ler - Aeroporto e Conjunto Nacional - Brasília - **Minas Gerais:** Distr. Riccio de Jornais e Revistas Ltda. - R. Espírito Santo, 133 - B. Horizonte - Pedro Nolasco Vieira - R. S. Paulo, 656 - Loja SP 51 gal. Ouvidor - B. Horizonte - Agência Campos - Rua Barão de S. João Nepomuceno, 350 - Juiz de Fora - **Paraná:** Luiz Diogo Ferraz - Rua Rio Grande do Norte, 1355 - Paranavai - **Pernambuco:** Casas das Revistas e Figurinos - Rua 9, esquina da Pedro Ivo - Recife - Só de Ler - Aeroporto - Recife - **Rio de Janeiro:** Livraria Kosmos Editora S.A. - Rua do Rosário, 135/137 - Tel. 252-9552 - Só de Ler - Rua São José, 35 - Rio de Janeiro.

AO LEITOR

Quando você estiver recebendo esta revista, provavelmente estaremos já em véspera do Natal. Nesta oportunidade queremos desejar a todos leitores, colaboradores, assinantes, anunciantes, agências de publicidade, fornecedores os nossos votos de boas festas, ao mesmo tempo agradecendo toda a atenção que dispensaram a esta editora no decorrer do ano que finda. Graças à sua colaboração encerramos mais uma etapa do nosso trabalho jornalístico, procurando sempre aperfeiçoá-lo para que esta confiança em nós depositada seja sempre correspondida por esta casa, e diga-se de passagem, confiança que procuramos correspondê-la dando o máximo de nosso esforço.

Cremos que as inovações por nós implantadas nesta revista tenham sido do agrado dos nossos leitores, mesmo porque as manifestações de apoio que temos recebido revelam um indisfarçável desejo de incentivo. A vital e atribulada missão jornalística requer antes de tudo ideal, honestidade e vontade de informar, e isso podemos afirmar, sem falsa modéstia, é o caminho há quase meio século trilhado por esta editora, cujo carro-chefe é a Revista dos Criadores, seguida do Anuário dos Criadores e Agenda dos Criadores e Agricultores. A nossa matéria-prima de trabalho é a agricultura e, dentro desta a pecuária, densamente abordada, analisada, explicada, criticada, apresentada nas centenas de artigos, entrevistas, notícias publicadas no decorrer de 1978.

A crítica faz parte de toda e qualquer atividade humana, é através dela que aferimos o nosso comportamento. Assim sendo desde já colocamos estas páginas à disposição dos nossos leitores, para que enviem sugestões, notícias, artigos, e até mesmo críticas, para que juntos possamos apresentar cada vez mais uma revista depositária dos reais desejos da classe agropecuária, que em última análise é o motivo maior da nossa existência.

Deixando de lado as ilações você vai ler nesta revista uma matéria sobre o cavalo Orloff, os artigos da Revista das Revistas Zootécnicas e do Informativo Rural Trabalhista e Fiscal, e mais: Ranicultura, uma atividade lucrativa; As ordenhadeiras mecânicas; O Fazendeiro do Mês (café e pecuária leiteira) e outros assuntos.

PALAVRAS...

TERRAS



"Não temos fórmulas mágicas. Nosso guia será sempre o Estatuto da Terra, esse documento histórico que nos foi legado pelo ex-presidente Castelo Branco."

João Batista Figueiredo,
em Araguaia, Goiás.

LEITE



"O governo não deixará perder um só litro de leite, pois vai financiar a estocagem, além de fazer compras para os programas sociais."

Alysso Paulinilil,
em Brasília.

CAFÉ



"Não se pode esperar que o cafeicultor aperfeiçoe seus métodos de cultivo, sem o incentivo do lucro e sem a segurança necessária para sua atividade."

Paulo da Rocha Camargo,
em Ribeirão Preto, SP.

BRAQUIÁRIA VOLTA À BAILA

"Embora já passados oito meses da publicação do artigo a que nos referimos, cremos ser este o momento da contestação, pois agora é que estamos na época do plantio e da formação de novas pastagens.

Parece-nos, e com isso contamos com o testemunho do Dr. Chapchap, citado na reportagem em questão, que somos dos mais antigos possuidores de invernadas formadas unicamente com Braquiaria Decumbens, pois desde 1966, quando iniciamos as formações aqui na região Sorocabana, não conhecíamos outras invernadas com a mesma gramínea. Hoje possuímos aproximadamente 7.500 ha de invernadas de Braquiaria Decumbens, tendo sobre elas todo um esquema de desenvolvimento pecuário, que consta, de aproximadamente 6.000 vacas de cria, aproximadamente 5.000 novilhos em recría e um processo de engorda e terminação de todos os crioulos e mais os bois de compra para engorda.

N. da R. — O artigo a que se refere o missivista foi publicado na Revista dos Criadores, edição de janeiro deste ano, que tinha como título "O drama da braquiária". Nesse artigo o pecuarista Wilson F. Marcondes, da Agro Industrial Itacoatira S.A. relatava as suas desventuras com essa gramínea (braquiaria decumbens) na Amazônia, onde chegou a formar 750 hectares.

Neste esquema possuímos as raças Nelore, Charolês e Canchim, e o gado comum de compra para engorda.

Alimentamos a todo este plantel, há mais de dez anos, com novas e velhas gerações, do desmame à matança, com a nosso ver, excelentes ganhos de peso (270 kg/30 meses — média).

Possuímos ainda áreas consideráveis de Colômbia e Pangola, e neste ponto, é que nos vale ratificar o seguinte:

1.º — Nunca tivemos, até este dia, qualquer problema, e de qualquer espécie com Braquiaria Decumbens, quer seja sob o aspecto vegetativo, fisiológico, clínico etc.

2.º — O sustento das áreas formadas com Braquiaria Decumbens é em média 2, 3 vezes maior do que das outras pastagens.

3.º — No aspecto Cigarrinha, isto não é absolutamente privilégio da Braquiaria Decumbens, no nosso entender, e temos prova disto, o que acontece é o seguinte:

a) na época em que o Colômbia e o Pangola são mais viçosos, novembro/abril, a cigarrinha os escolhe por possuírem mais alimento para elas. Quando estes enfraquecem, a preferência naturalmente muda;

b) na média do restante do ano, em que a Braquiaria se comporta mu-

to melhor, é claro que o inseto não pode escolher capim seco, tendo ao lado a verdejante Braquiária.

Tendo tido em nossa propriedade alguns problemas com cigarrinhas, em várias épocas, e com todos os tipos de gramíneas que mencionamos, aprendemos o seguinte:

O custeio deverá atender, ou melhor, acudir as pastagens atacadas com cigarrinhas, pois enquanto não se encontre uma solução técnico-econômica ideal para este problema, devemos sim combatê-las com o próprio gado, pois a cigarrinha abandona como todos sabem o pasto baixo, em busca de outro de melhor porte.

O que nos parece da reportagem publicada por V.Sas. é que o estimado companheiro da Amazônia, como as fotos bem mostram, ficou observando o ataque puro e simples de inseto, sem qualquer providência, achando que somente a gramínea poderia combatê-lo. E saíam-se que a cigarrinha escolheu a Braquiária porque era sem dúvida o que de melhor existia na região ou nas imediações.

Combater a cigarrinha com o trabalho de custeio, parece-nos o melhor, o mais barato e de melhor efeito até agora".

Luiz Eduardo da França Martins — Agropecuária Lugomes Ltda. — Fazendas Clotilde — Presidente Venceslau — São Paulo.

A DEFESA DO CAVALO NACIONAL

Comentários à margem da inauguração do Hipódromo de Jahu a serviço do quarte-horse em 7 de setembro de 1978. NB

"Sem dúvida que a apresentação do quarter-horse ao grande público nos hipódromos participando de corridas regulares é grande passo na diversificação da produção do cavalo atleta de interesse nacional.

Se bem orientada a iniciativa, colimando objetivos nacionais sadios, isto é, provocar o aparecimento de um cavalo nacional de corridas planas ou de obstáculos tão bom ou melhor que o estrangeiro, artigo de categoria de exportação, é de se antever o mundo de possibilidades que se abrirá ao criador em torno desse útil animal.

Mas, se a iniciativa se destina a amparar a importação, de como já se entrevê na programação primeira desse aprazível hipódromo, então ela será mais um mal a ser estancado à pressa.

Vejamos alguns aspectos negativos, gravemente negativos, da programação de inauguração do novo hipódromo.

Está prevista a premiação adicional de 10% ao criador ou ao importador do animal vencedor. Evidentemente esta disposição que tende a igualar os méritos do importador ao

CONTINUA NA PAG. 6

8



Irrigação do cafezal e leite de soja, são os temas abordados neste Fazendeiro do Mês.

36



Reportagem sobre a última Exposição Nacional do Guzerá, realizada em Natal, Rio G. do Norte.

95



PISCICULTURA

A ranicultura, bem conduzida pode ser uma atividade lucrativa. Aprenda seus segredos.

106



CONTROLE PONDERAL

Resultados do Serviço de Controle Ponderal da Associação Brasileira de Criadores.

14



Balanco das atividades da Associação Brasileira de Criadores durante o ano de 1978.

56



Revista das Revistas Zootécnicas inicia neste número o artigo Reprodução Controlada de Bovinos.

100



EQUIDOCULTURA

Especialista descreve a pouco conhecida raça de cavalos Orloff, cuja origem está na Rússia.

111



CONTROLE LEITEIRO

Trinta e três páginas contendo os resultados de controles leiteiro e ponderal, feitos pela ABC.

21



BOVINOCULTURA

Lições de um pecuarista americano que sem muito sacrifício obtém lactações de 9.000 quilos.

78

ICM nas operações de gado em pé, Rendimentos da cédula G, Valor do financiamento de custeio para produtos vegetais, Valor dos títulos da dívida agrária, são alguns dos artigos deste número do Informativo Rural, Trabalhista e Fiscal.

102



CINOFILIA

As principais doenças que atacam os cães, e os meios de combate.

25



MECANIZAÇÃO

O que são, para que servem, quais os tipos encontrados das ordenhadeiras mecânicas.

91



SUINOCULTURA

Artigo sobre a função das Estações de Avaliação de Suínos, escrito por um expert.

104



TURFE & CRIAÇÃO

Descrição do Grande Prêmio Pellegrini, vencido pelo cavalo Telescópico.

SEÇÕES

Cartas	4 e 6
Ponto de Vista	7
Livros	30
Registro	32 e 33
Gente	34
Das Empresas	75

CAPA

A Fazenda Império, em S. Sebastião da Gramma, SP, do sr. Orpheu José da Costa, parece estar mesmo disposta a reunir em seu plantel os melhores espécimes Mangalarga do País. A última aquisição "bomba" foi o Campeoníssimo SAMBA J.O. (capa) (ex do Dr. Celso J.M. Ribeiro) que juntamente com Bugre J.O. irá padrear as matrizes Império que, diga-se, constitui uma seleção verdadeiramente extraordinária.

do criador é um absurdo. Sendo o Q.M. novo em nossa terra, haverá nessa situação uma importação em enxurrada não só atrás do prêmio como também do adicional de 10%; e meros agentes de importação passarão a viver à sombra do turfe sugando as suas energias.

Todos sabem que é "mais fácil importar do que criar" e logo, a criação do Q.M. nacional, como já o é a criação dos trotadores de corridas, será um campo de atividade extremamente desinteressante e economicamente vazio.

O segundo óbice diz respeito ao enquadramento do "nacional" frente ao importado. Nem uma vantagem lhe é dada, posto que essa ação protetiva seja indispensável numa criação nascente como incentivo ao criador.

Como se disse, é mais fácil importar do que criar, então, qual o criador que se interessará em correr todos os riscos da criação, riscos permanentes dia a dia desde a cobertura até a entrada em pista, se lhe é mais fácil, muito mais fácil, importar algo melhor, apresentá-lo a correr com toda a proteção em condições de igualdade com o produto da terra, sabidamente inferior?

Mas essa incuria nossa vai além. Por exemplo, o Q.M. nacional, alazão, de nome Jet Man, criação de J. Rodney Atalla, embora tenha apenas 22 meses de vida (nascimento em 12-

11-76) terá de correr em condições de igualdade de peso (54 kg) com vários importados oito meses mais velhos do que ele, como sejam Ana Paula Álamo (30 meses), Trucques Filly (31 meses) etc.

O cúmulo da vantagem contra esse nacional de 22 meses apenas é a importada Priscilla Hay, que, com mais de 33 meses de idade, também levará 54 kg. Já se vê aí a incúria e desatenção com que isso está sendo levado; animais estrangeiros, que pesam a nosso desfavor na balança comercial, 9, 10 e 11 meses mais velhos correndo com o mesmo peso do nacional de quase um ano mais novo!

Se enfocarmos o enquadramento dos mestiços, isto é, o nacional de sangue cruzado, de alíquota variável a partir de "meio-sangue", também dito *marabá*, então o critério de enquadramento atinge as raças do absurdo.

De fato, como se explica que o mestiço Fantástico, macho, castanho, nascido em S. Paulo, magnífica criação do Dr. Antonio Carlos Quartim Barboza, com apenas 24 meses de idade (nascimento em 23-8-76) tenha de correr em condições de igualdade de peso (54 kg) com diversos puros-sangues, inclusive importados, ostensivamente mais velhos de até 6 meses?

Da mesma forma, outro meio sangue, Native Gypsy, macho, tordilho, nascido em S. Paulo, criação do dinâmico criador Fer-

nando Muniz de Souza, adentrará a pista, apesar de ser um mestiço, correndo em sua terra, dando um quilograma de vantagem a diversos puros-sangues inclusive importados.

Evidentemente nesse comportamento já se nota um desvio a desfavor do criador nacional na gênese da apresentação desta magnífica raça ao grande público. O que se espera é que a colenda C.C.C.C.N., sempre atenta à sua ação saneadora e fiscalizadora, saiba intervir para cercear rente o mal e evitar que ele adentre os usos e costumes de tão tristes consequências na sua ação desnacionalizante, gerador do impasse em que se encontra hoje, e que está acabando com a criação de trotadores de corridas."

N. Brotto, São Paulo.

EXPOSIÇÃO NA BAHIA

"Depois do êxito obtido com a Semana Nacional do Cavalo realizada de 30 de setembro a 8 de outubro, ficou inaugurado o Parque de Exposições Agropecuárias da nossa capital, Salvador.

Agora, comunico-lhe da realização da nossa segunda exposição agropecuária, a realizar-se nos dias 14 a 21 de janeiro de 1979. Serão expostos bovinos, eqüinos, ovinos, caprinos e suínos.

Como Representante Regional da Associação Brasileira dos Criadores do Mocho Tabapuá para o

Estado da Bahia, ponho-me à disposição dos criadores paulistas do gado Mocho Tabapuá, no endereço abaixo, para prestar alguma informação ou alguma atividade no sentido de melhor facilitar a vinda destes à nossa exposição".

Dr. Carlos Amado Flores Campos — Agropecuária Casabranca — Rua Otaviano Pimenta, 185 — Salvador - BA.

OVOS & OMELETES

José Cassiano Gomes dos Reis, presidente da Associação Brasileira de Criadores, é autor do artigo (A nova fronteira agrícola) que recebeu o elogio abaixo.

"É com grata satisfação que tomamos conhecimento de v. artigo em nossa "Revista dos Criadores" - Setembro/1978, no qual V.S.^a espelha suscitadamente e com objetividade alguns aspectos importantes do problema da ocupação na Amazônia.

Na qualidade de associado a esta instituição e também de empresário na Amazônia, parabenizamos V.S.^a e estamos certos que sempre que houver oportunidade V.S.^a não deixará de esclarecer pessoas menos avisadas que realmente é "preciso quebrar os ovos para fazer o omelete".

Geraldo Amorim Perinet — Diretor Presidente da Agropecuária Catarinense.

Na unidade da classe está a força da agricultura

Quando esta Revista estiver circulando, estaremos no limiar do ano novo. Ano de novas esperanças para a agropecuária, que o futuro Presidente da República prometeu ajudar. Sua Excelência pretende criar condições para que o Brasil possa armazenar uma safra de produtos agrícolas, como garantia de que não venha a faltar alimentos para o consumidor nacional.

Se o Governo quase nada pode fazer no sentido de remover os vários contratempos aos quais a Agricultura está sujeita: geadas, granizo, secas, pragas, moléstias — existem outros, criados pelo próprio Governo, que podem e devem ser revogados ou corrigidos, responsáveis que são, em grande parte, junto com os primeiros, pela situação a que o País chegou, de ter que importar quase tudo: leite, carne, milho, arroz e até cebola, artigos que podemos, folgadoamente, produzir aqui mesmo.

As causas disso são os preços mínimos irrealistas, os financiamentos agrícolas e pecuários, comprimidos uns, e suspensos outros, os preços

tabelados, o confisco cambial, a famigerada promissória rural, a elevação da alíquota do imposto de renda de 5% para 15%, a concessão de incentivos à exportação dos produtos industriais, com exclusão dos agrícolas, ausência do Ministério da Agricultura no Conselho Monetário Nacional, onde são traçados os rumos da economia do país, esquecendo-se do importante papel desempenhado pela Agropecuária.

Enquanto os insumos, isto é, aquilo que a Agricultura precisa para produzir, tem seus preços reajustados pelo CIP, que permite o repasse para o consumidor, dos aumentos de custos resultantes das inflações, os produtos agrícolas são tabelados pela SUNAB, com preços comprimidos, políticos, a pretexto de combater essa mesma inflação.

Enquanto os primeiros, sobem pelo elevador, os últimos sobem pela escada. Contamos, para que isso tenha um paradeiro, com a boa vontade do futuro Presidente, em cujos propósitos a classe agrícola deposita grandes esperanças.

O importante, então, é continuar levando a voz da nossa classe até o centro de decisões, em Brasília, e mostrar as autoridades responsáveis, mediante estudos criteriosos, que a agricultura apesar de vir recebendo delas um tratamento discriminatório e injusto, contribuiu em 1977, com 2/3 da receita cambial do país. O Brasil, mais do que nunca, precisa da Agricultura, para enfrentar nossa dívida externa, cuja situação se agravou com o aumento das taxas de juros no mercado financeiro internacional.

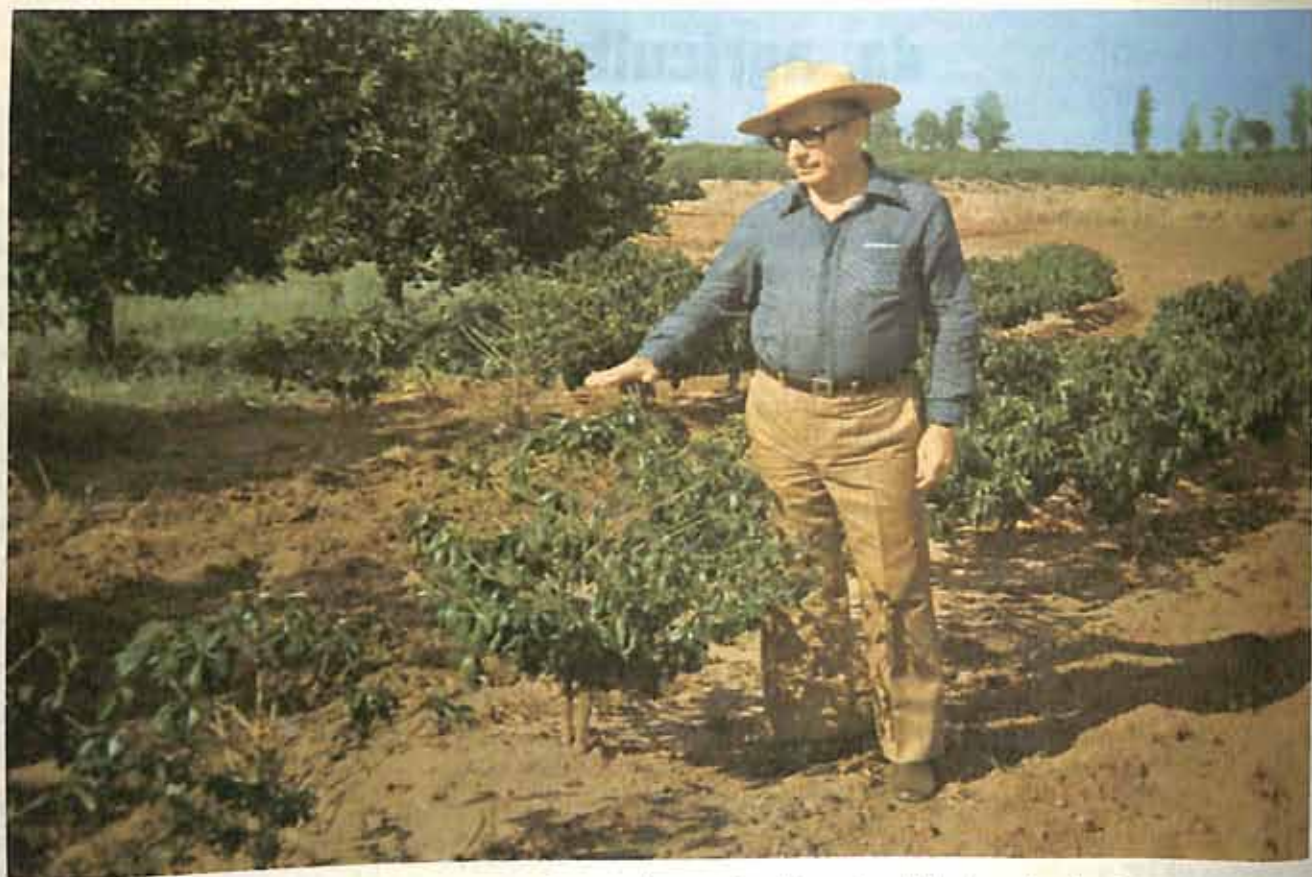
O caminho, portanto, é fortalecer as nossas entidades de classe!

Se cada associado da ABC convencer um seu amigo, companheiro de atividade rural, a ficar sócio da nossa entidade, dobraremos o nosso quadro e nos tornaremos mais respeitados e mais ouvidos por aquelas mesmas autoridades.

**José Cassiano
Gomes dos Reis
Presidente
da Associação Brasileira
de Criadores**

O FAZENDEIRO DO MÊS

INOVAÇÕES NA PECUÁRIA LEITEIRA E CAFEICULTURA



Rubens de Paula Eduardo, agrônomo formado pela Escola Nacional de Agronomia, turma de 1944, além de cafeicultor em Monte Alto, é também presidente da Cooperativa Holambra. Nessas duas frentes de trabalho, Rubens empreende importantes inovações, respaldadas no uso intensivo da tecnologia agrícola. Na sua Fazenda Esperança, o café viceja saudável e produtivo, graças à irrigação por gotejamento, e na Holambra, em vez de fazer o desmame precoce dos bezerros, optou pelo aleitamento com leite derivado da soja. Esses avanços na administração rural podem ser perfeitamente implantados por fazendeiros que permanecem fiéis à clássica exploração do café com leite, fórmula de sustentação econômica consolidada em tradicionais fazendas brasileiras, principalmente daquelas do sul de Minas e de São Paulo.

Depois de ter exercido atividade agrícola no Norte do Paraná, Rubens chegou a conclusão que o grande fator limitante do café nessa região são as geadas que castigam regularmente a cultura, e de forma bastante intensa, como foi a de 1975, chamada a "geada do século". De nada adianta a grande fertilidade da terra, acrescenta ele, se as condições climáticas estão sempre a conspirar contra o mais devotado esforço. Pretendendo implantar uma cafeicultura dentro de uma evoluída tecnologia, Rubens realizou seu desejo trocando o norte do Paraná pela Alta Araraquarense, onde em Monte Alto, na Fazenda Esperança, propriedade que foi de seu pai, Jeremias de Paula Eduardo, os perigos de uma geada são bastante remotos. Essa região é tão protegida contra baixas temperaturas, esclarece Rubens, que a última geada que aí ocorreu foi em 1918.

A IRRIGAÇÃO POR GOTEJO

Baseado nas experiências realizadas na Cooperativa Holambra, da qual é presidente desde 1971, principalmente em culturas permanentes, como a laranja, limão, tangerina, maçã, ameixa e nectarina, Rubens pode realizar pesquisas visando implantar uma cafeicultura altamente tecnificada, onde o destaque seria a irrigação dos cafezais. Dentro dos quatro tradicionais sistemas de irrigação: aspersão, gotejamento, por sulcos e por inundação; inicialmente a opção foi pelo primeiro, a aspersão. No entanto devido às grandes despesas que este sistema envolve, Rubens começou a experimentar o gotejamento, que devido a melhores resultados, se consolidou e é hoje definitivamente empregado no seu café. O gotejamento visa em linhas gerais, evitar o desperdício de água, tanto pela percolação, supersaturação, ou baixa disponibilidade de oxigênio. No sistema de gotejamento a água é aplicada em pequena vazão através de orifícios de diâmetro reduzido, situados em estruturas especiais, denominadas gotejadores, adaptadas em tubulações de plástico, localizadas sobre, ou imediatamente abaixo da superfície do solo. Um extenso reticulado de tubulações com vários diâmetros é utilizado para distribuir

a água sob pressão, ao pé de cada planta. Os gotejadores têm a função de dissipar a pressão do sistema, para que a água possa ser aplicada em cada ponto, a uma vazão de somente alguns litros por hora. O sistema trabalha com uma pressão geralmente baixa, bem menor que a requerida pela aspersão. O gotejamento permite ainda a aplicação de defensivos químicos e fertilizantes, que misturado com a água são depositados diretamente no solo.

A ERA DO PLÁSTICO

Como a grande vantagem do gotejamento é evitar desperdício de água, foi em países áridos que o sistema se desenvolveu, como é o caso de Israel, que na década de 30 aperfeiçoou o método, utilizando primeiramente tubos de aço. Com o advento do plástico, mais flexível e barato, ele se espalhou pelo mundo todo. Apesar de o Brasil usar há muito tempo de forma rudimentar o gotejamento nas jabuticabeiras e outras frutíferas de fundo de quintal, só agora ele é empregado em escala econômica. Esse sistema, diz Rubens, aliado a uma perfeita adubação e controle das pragas, poderá proporcionar às culturas condições de grande produção sem prejudicar a planta e contribuindo para que todos os anos a colheita seja satisfatória. O que acontece com a agricultura, continua Rubens, é que geralmente após uma grande safra, temos a seguir duas ou três com produção diminuta, ou até mesmo sem nenhuma safra. Baseado na sua experiência, verificou também que o ideal seria aplicar a irrigação desde a formação da lavoura, isto é, no início do plantio, tanto para ajudar o sistema radicular da planta, como também a sua parte aérea.

Na fazenda de Rubens em cada rua de café foi instalada uma tubulação na superfície do solo (além daquela que fica enterrada), onde entre um pé e outro (1 metro por 1 metro) existe um gotejador, calculado para dar a vazão de 4 litros de água por hora, gota a gota. Em geral ele dá diariamente 12 litros de água por pé de café, sistematicamente controlada por uma aparelhagem, que determina ainda o índice de evaporação da água. Antes

da água ser bombeada para o cafezal ela passa por filtros de areia e de tela, para evitar que nenhuma partícula sólida obstrua os gotejadores, evitando-se desta forma os entupimentos. O cálculo de hidráulica é rigorosamente perfeito para que todo o sistema radicular da planta possa ser atingido pela água. Como a tubulação é permanente, esta deve ser enterrada no solo para facilitar os tratos culturais. (Rubens esclarece que é das tubulações de alimentação subterrânea que saem os tubos superficiais, onde ficam então instalados os gotejadores. As áreas a serem cobertas pelo gotejamento são distribuídas por válvulas automáticas ou não, dependendo do equipamento. Existe ainda acoplado na central de filtragem um tanque para uso de fertilizantes. Quanto à fertilização do cafezal, Rubens consultou colegas de profissão e juntos chegaram à conclusão que o ideal seria dar a cada pé, por dia, 15 miligramas de nitrogênio. Em 10 minutos é possível adubar quatro mil pés, e isto é feito diariamente na Fazenda Esperança. As outras adubações são feitas por cobertura, e os tratos culturais e defesa sanitária se processam normalmente dentro das técnicas recomendadas, como o combate à ferrugem, ao bicho-mineiro e outros.

OS GRÃOS NEGROS

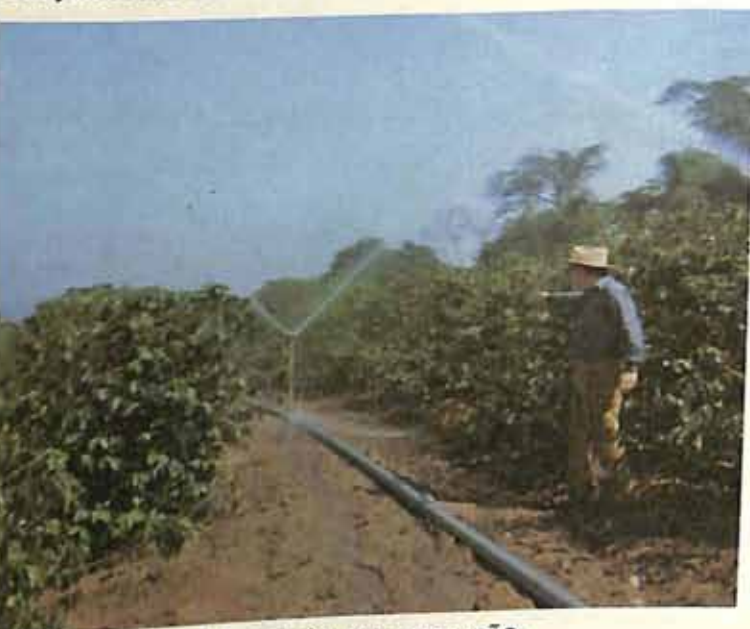
Apesar de ser uma técnica de recente implantação, os primeiros resultados colhidos por Rubens são altamente animadores e gratificantes. Ao passo que no primeiro ano a produtividade foi de 25 sacas em coco por mil pés, nesta segunda safra esses índices se elevarão para além de 80 sacas para a mesma quantidade de pés, que se coloca bem acima da média nacional. Os resultados são tão concretos, se observarmos nas fotos o desenvolvimento das plantas testemunhas, nitidamente inferior às plantinhas que foram irrigadas por gotejamento. Outra informação interessante revelada por Rubens é sobre o aparecimento de grãos negros em muitas culturas paulistas, mineiras e paraenses no começo deste ano, onde



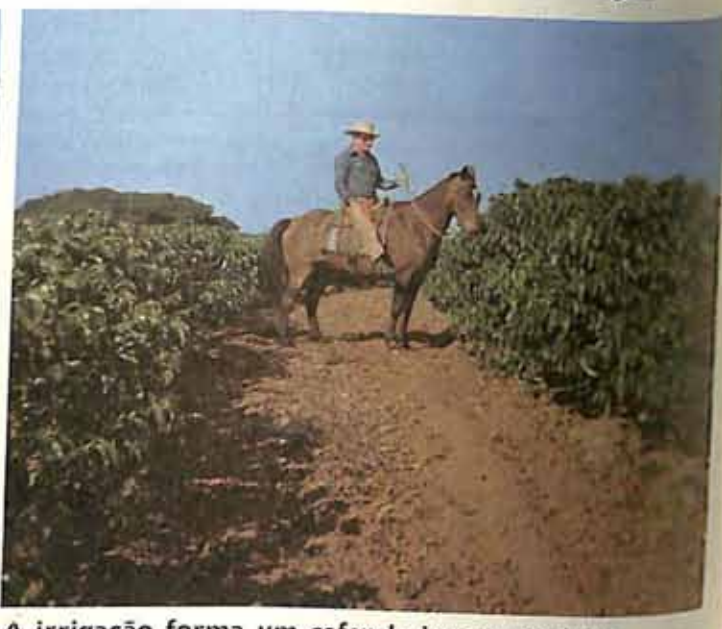
Conjunto de bombas do sistema de irrigação.



Registros que comandam o fornecimento de água.



Área do cafezal irrigada por aspersão.



A irrigação forma um cafezal viçoso e produtivo.

de início se pensou que fosse mais alguma outra doença. No entanto essa hipótese foi posteriormente descartada pelos nossos institutos de pesquisas, que creditaram esse enegrecimento à falta de água, visto que tivemos uma seca em plena época de chuva, coisa que raramente acontece. No entanto enquanto essas culturas padeciam com a falta de água, o cafezal de Rubens continuou viçoso e forte, não apresentando nenhum sintoma de grãos negros ou queda de produtividade.

Querendo ainda comprar o rendimento do café limpo, Rubens separou lotes de café irrigado e outros que não foram. Enquanto que os primeiros renderam 23,5 quilos por saca de 40,5 quilos, nos segundos o rendimento foi de apenas 17 kg. Outro dado revelado foi que no café gotejado houve uma porcentagem muito elevada para peneiras altas (16, 17 e 18), e inclusive ocorrendo uma baixa média para mocós. Mesmo reconhecendo o alto investimento inicial, Rubens reconhece

que ele não invalida a aplicação da tecnologia da irrigação, mesmo porque sendo um investimento fixo, logo será amortizado pela alta produtividade que imprime ao cafezal. No entanto, ele diz que é muito importante o desenvolvimento da cultura em áreas de ecologia favorável, onde também é imprescindível o financiamento oficial. Apesar da irrigação por gotejamento ser um processo mais técnico e mais sofisticado que outros, é ele que enseja menos consumo de água e energia. No



A vantagem do gotejamento é a economia de água.



Depois de colhido o café é guardado nestes armazéns.



A centenária sede da fazenda.



Bezerros saudáveis, graças do leite de soja.

seu caso, revela Rubens, para gotejar uma área de 12 hectares de café, o suprimento de energia é feito por um motor de apenas 7,5 HP. Em outra área com irrigação por aspersão (com canhões) o motor empregado tem a potência de 40 HP, além de necessitar a mão-de-obra para fazer 10 mudanças dos canhões para irrigar apenas 3 mil pés de café por dia. Pretendendo racionalizar ainda mais os resultados, Rubens proximamente vai elevar para 20 hectares por dia a área de irrigação.

AS DUAS HOLAMBRA

Além de cafeicultor, Rubens também é presidente da Cooperativa Holambra (completando 30 anos de atividades), que se desdobram em Holambra I e Holambra II, núcleos de exploração agropecuária implantadas com muito sucesso por colonizadores holandeses em terras paulistas. A primeira está situada em Jaguariúna, próximo de Campinas, e que estende numa área de 12 mil hectares, onde a atividade principal

é a floricultura. Englobando rosas, gladiólos, crisântemos, cravos e cactos, a produção mensal é de 300 a 320 mil dúzias. Desse total 10% é destinado à exportação, via Campinas, sendo o restante distribuído por caminhões desde Porto Alegre até Fortaleza. A segunda atividade da Holambra I é a avicultura, tanto na de postura como de abate. O abate diário é de 20 mil aves, ao passo que a produção de ovos está por volta das 12 mil dúzias, também diárias, todas colocadas em São Pau-

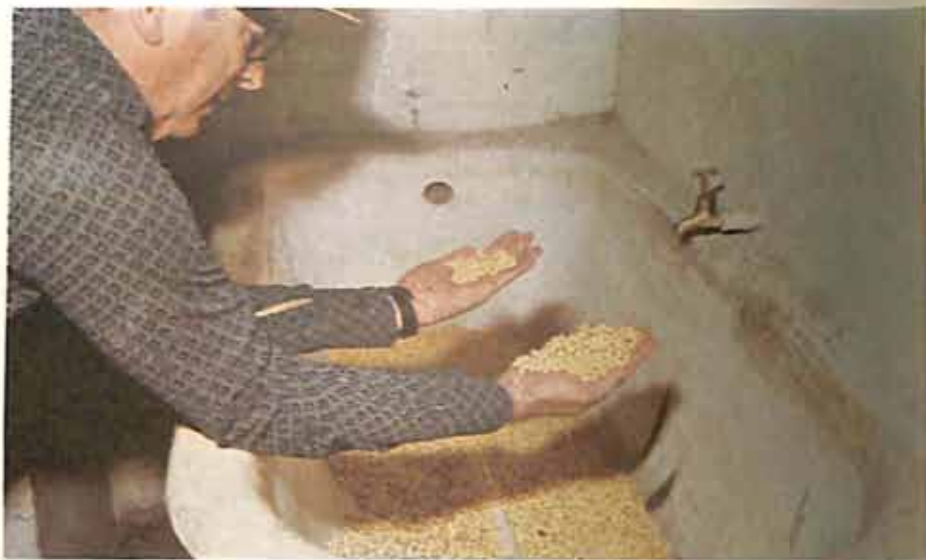
O FAZendeiro do mês

lo e Campinas. Além dessas explorações, outras menores são feitas da Holambra I, como a citricultura (1,5 milhão de caixas), soja, algodão, suinocultura e pecuária leiteira, responsáveis pelo sustento de uma comunidade de 5 mil pessoas.

A Holambra II está localizada em Paranapanema, média Sorocabana, próxima a Avaré, abrangendo uma área de 30 mil hectares, e abrigando 5 mil pessoas. Neste núcleo predomina a cultura da soja e do algodão, entrando, porém, em fase experimental, também flores e frutas de clima temperado, como maçã, ameixa e nectarina. Imbuída de renovado objetivo social, a Holambra está construindo em Paranapanema um grande hospital e escola até o segundo grau, que vai permitir ao trabalhador estudar sem sair do seu ambiente, e com um alcance ainda maior, ou seja, fixar o homem na terra. Todos os cooperados das Holambras residem na zona rural, já que têm à sua disposição de forma permanente as suas necessidades básicas, ou seja, trabalho, estudo e saúde.

O LEITE DE SOJA

Numa incessante busca pelo aprimoramento da atividade agropecuária, Rubens está desenvolvendo na Holambra uma interessante pesquisa situada no campo da alimentação animal, que consiste em substituir o leite materno pelo leite da soja, no caso do aleitamento dos bezerros. Em vez de adotar o desmame precoce, Rubens ministra à vontade o leite vegetal à bezerrada até a fase adulta, não perdendo de vista também a questão da saúde e resistência animal. Para obter um crescimento sadio e forte dos bezerros Rubens mistura no leite de soja dosagens balanceadas de premix, contendo uma série de vitaminas indispensáveis para se obter um plantel de grande produtividade leiteira. A receita do leite de soja é bastante simples. Primeiramente o grão é colocado em molho durante 8 a 12 horas num tanque ou banheira, trocando a água de 3 em 3 horas. Esta operação torna-se necessária para se eliminar a toxidez do feijão soja. Já amolecido ele é triturado, ou colocado num liquificador, para então ser levado a uma fervura no mí-



Banheira em que os grãos de soja ficam de molho.



Neste fogão é feita a fervura do preparado.

nimo de 40 minutos. Em seguida a pasta é coada em uma peneira para eliminação da parte sólida, onde finalmente é misturada com água quente, na proporção de 1 quilo de grão de soja para cada 10 litros de água. A este leite então é misturado o premix, que tanto pode ser vitamínico ou mineral. O vitamínico é composto de vitaminas A, O, D, E, B1, B2, B6, cloreto de colina e pantonato de cálcio. Já o premix mineral tem na sua composição cálcio, fósforo, ferro, cobre, cobalto, iodo, manganês e zinco. Todos esses ingredientes são rigorosamente dosados não só na sua formulação mas também na hora de serem ministrados aos animais.

Além do premix o gado recebe também ração diária feita na pró-

pria Holambra, além de silagem. No caso da falta do premix vitaminado, este poderá ser substituído por qualquer leite materno em pó, dissolvido na mesma quantidade no leite de soja. Diariamente este é feito na fazenda, e de forma bastante simples, no aspecto das instalações. É necessário apenas duas banheiras usadas, um fogão de lenha com serpentina para manter uma caixa de água quente. Por gravidade o leite desce até os cochos revestidos de azulejos, onde os bezerros duas vezes ao dia vão se alimentar. "Ração líquida à base do leite de soja" é o nome encontrado por Rubens para batizar esta alternativa alimentar, que pela sua rusticidade do método está ao alcance das nossas granjas leiteiras.

Búfalo e boi iguais no sabor da carne

Tanto nos países de origem como no Brasil, o búfalo apresenta condições de competir e até mesmo superar o bovino, na produção de carne de excelente qualidade.

Pesos e rendimentos de diversas raças bovinas, especializadas em produção de carne, foram comparados para demonstrar a equivalência econômica entre aquelas raças e o búfalo.

Os dados comparados e as informações levantadas, situam o búfalo, sob o ponto de vista "peso", entre os mais famosos animais produtores de carne. Em provas de ganho de peso, realizadas pela Secretaria da Agricultura e pela Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, do Estado de São Paulo, resultaram as seguintes conclusões: as fêmeas apresentaram índice médio de ganho de peso um pouco superior aos machos; as provas colocaram o búfalo em posição superior, chegando a ultrapassar, em velocidade de ganho de peso, em 30% os zebuínos submetidos a idêntico controle; que a rês bubalina é mais rica de musculatura do que o zebu; que seu rendimento em carne é praticamente igual aos das outras raças de corte e que seu couro, corresponde de 10 a 12% do peso do animal, sendo mais grosso e resistente que o bovino e de textura mais porosa, produzindo cromo de ótima qualidade.



PROVA DE DEGUSTAÇÃO

Uma prova de degustação foi organizada pelo então Departamento de Produção Animal, da Secretaria da Agricultura de São Paulo, baseada nas qualidades organolépticas, isto é, nos atributos da carne

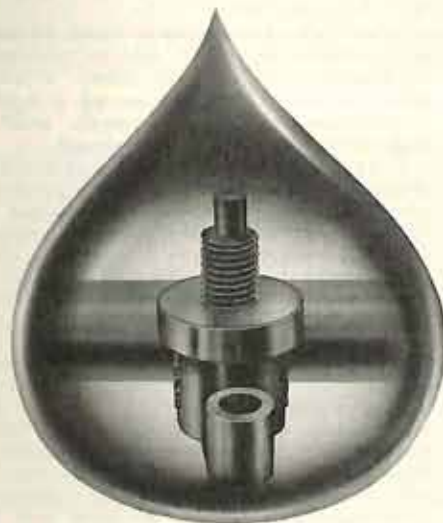
que impressionam especificamente os vários órgãos dos sentidos, como visão, olfato, paladar e tacto, sendo comprovada a carne fornecida por um búfalo e um zebuino com quinze meses de idade, mantidos nas mesmas condições de trato.

A prova de degustação compreende: textura, aroma, sabor e maciez, como qualidade organolépticas.

Os diversos segmentos das carcaças, como filé mignon, contra filé, coxão mole, coxão duro, alcatra, patinho, lagarto, acém e peito, de búfalo e de zebu, receberam o mesmo tratamento culinário e foram servidos em espetos identificados.

Cerca de 60 pessoas, incluindo pecuaristas, técnicos, estudantes e pessoas da cidade, participaram da prova que foi realizada na Estação Experimental de Sertãozinho, sendo que os resultados foram interpretados pelos organizadores, que chegaram às seguintes conclusões: os provedores não encontraram apreciáveis diferenças de qualidades organolépticas; não haveria, provavelmente, restrição do consumidor em aceitar a carne de búfalo, que viesse a ser enviada ao mercado; aquelas regiões pantanosas, alagadiças, quentes e úmidas, onde os búfalos são sobretudo indicados, podem produzir carnes de qualidades comestíveis pelo homem.

Gotejador Irtec: irrigação na dose certa.



Gotejamento é o processo de irrigação mais avançado que existe. A água é distribuída na dose certa, diretamente na raiz da planta, trazendo grandes vantagens como: economia de água (de até 80% em relação aos processos comuns); aumento na produção e na qualidade dos produtos agrícolas; menor proliferação de ervas daninhas; aplicação simultânea de fertilizantes solúveis; mantém secas as partes aéreas das plantas que tenham recebido fertilizantes, defensivos ou estejam em época de floração.

Especialmente recomendado para culturas permanentes, o gotejador Irtec é de fácil instalação

e manutenção. É o único com dispositivo especial que evita entupimento.

Entre em contato com a Irtec e irrigue sua plantação por gotejamento. Mais do que nunca, é tempo de economizar dinheiro e aumentar a produção.



Tecnologia de Irrigação Ltda.
Rua André Fernandes, 166
Fone 282-5971 - CEP 04538
São Paulo - SP

**Entre em contato conosco para conhecer pessoalmente
nosso campo experimental de irrigação por gotejamento.**

BALANÇO DE FIM DE ANO

Não resta a menor dúvida que o acontecimento mais marcante para a Associação Brasileira de Criadores no ano de 1978 foi o lançamento da pedra fundamental das novas instalações na Marginal Pinheiros, mais precisamente à Avenida José Cesar de Oliveira, e bem próximo a Ceagesp, num terreno que tem 7.142 metros quadrados, adquirido na gestão Renato Costa Lima. É nesse imóvel que está sendo levantado um armazém de dois pavimentos, com uma área construída total de 3.000 metros quadrados (1.569,67 no térreo, e 1.441,42 no andar superior). O armazém terá 25 metros de frente, por 63 de fundo, e está sendo construído pela Construtora Adolpho Lindenberg, com financiamento do Banco do Desenvolvimento do Estado de São Paulo. Tendo em vista o acelerado andamento das obras, prevê-se que a entrega será daqui seis a oito meses, quando será instalado no local mais um ponto de vendas, escritório, depósitos e outras utilizações. Uma das grandes vantagens desse depósito é a sua privilegiada localização, pois além de ter amplo

local para estacionamento, seu acesso é facilitado pelas marginais (com o Cebo-lão pronto melhorou mais ainda). Para aqueles que chegam ou partem para o Interior, as rodovias Castelo Branco, Anhangüera, Via Norte, Dutra, têm ponto de convergência próximo à avenida José Cesar de Oliveira, evitando a passagem pelo centro da cidade.

No entanto os planos da ABC para ocupação desse seu imóvel não param por aí. A construção desse armazém é apenas o início de obras ainda maiores, cuja repercussão provavelmente se situará fora do círculo da entidade. Assim, está dentro dos planos da atual diretoria levantar nesse terreno um grande edifício de aproximadamente 8.000 metros quadrados, onde será instalada a futura sede social da Associação Brasileira de Criadores, pois a atual já se tornou pequena devido ao rápido crescimento que a entidade experimentou nos últimos anos. Prevendo-se que esse progresso se acentuará ainda mais daqui para frente, a construção de uma nova sede é uma medida obrigatória. Esse edifício não pretende ser ape-

nas uma sede de associação. Está no planos dos diretores da ABC convidar outras entidades para participarem do empreendimento, não somente para favorecer uma união no espaço físico, mas também provocar um contato mais regular de todos os dirigentes das principais corporações agropecuárias que estão localizadas no Estado de São Paulo.

UNIÃO DA CLASSE

Nesse prédio cada associação tendo um andar, ou um conjunto de escritórios, para servir de sede e funcionamento da sua administração, terá por outro lado uma área comum a ser utilizada por todas aquelas entidades que participarem do empreendimento. Essa área comum será composta de anfiteatro para 900 pessoas, restaurante, estacionamento, agência bancária, serviço de computação, salões de estar e enfim toda uma infraestrutura para realização de congressos internacionais, seminários, ciclo de palestras, reuniões técnicas, solenidades, forum de debates. O comércio, a indústria, e os bancos já

Criador: a peça mais importante na pecuária

A Associação Brasileira dos Criadores, na pessoa do seu presidente, José Cassiano Gomes dos Reis, enviou em fins de novembro um ofício ao ministro Alysso Paulinelli, alertando-o na necessidade de preservar as nossas matrizes, mediante financiamento para retenção das fêmeas e crias no pasto. Cassiano assinala no documento que não se deve confundir o criador, com o invernista, o primeiro a peça mais importante do sistema de produção de carne. Leia abaixo a íntegra do ofício.

"A Associação Brasileira de Criadores, pelos motivos adiante expostos, vem pedir sua intercessão junto ao Sr. Presidente da República, no sentido da adoção de medidas acauteladoras, de ordem financeira, relacionadas com a pecuária de corte.

A produção mundial de carne bovina, que vinha apresentando tendência de aumento em 1977, teve seu ritmo comprometido, com a produção praticamente a mesma observada em 1976, conforme estimativa divulgada pelo FAO.

O ano de 1977, segundo a Fundação Getúlio Vargas, marcou o fim do ciclo pecuário iniciado em 1969. Assistiu-se, no ano passado, a inversão da tendência dos preços até então em baixa. O reba-

nho passava por uma fase de liquidação, caracterizado pelo abate de matrizes acima da taxa normal de reposição de fêmeas.

Isto porque, diante da crise a que esteve sujeita a pecuária, era muito mais negócio vender a vaca para o corte, visto que com ela no pasto, o criador apenas acumulava prejuízos. Foi assim que, nos anos 75-76-77, segundo dados divulgados, foram abatidas cerca de 6 milhões de matrizes. Levantamento feito pelo Banco do Estado de São Paulo revelou que 75% dos abates havidos no ano de 1977, eram de fêmeas. Essa matança desordenada de vacas, a maioria delas com bezerros no ventre, representou um grande atrazo para a pecuária brasileira.

A crise de abastecimento resultante dessa política, que vem provocando, agora, o aparecimento de filas nos supermercados, poderá ser agravada se não forem tomadas, logo, medidas adequadas.

A política em vigor, de contenção dos financiamentos agrícolas e pecuários, comprimidos os primeiros e suspensos os últimos, não estimula o pecuarista a desenvolver essa atividade.

Nessas condições ele se verá forçado a encaminhar suas vacas para o frigorífico, para acudir as necessidades de

custeio da propriedade e resolver seus problemas financeiros, acumulados durante o período de vacas magras, quando, estimulado pelo Governo, contraiu empréstimos tipo Condepe, Pronape, Propec, Proterra etc.

A solução para que o ciclo de escassez, iniciado em 1977, não se prolongue, agravando-a, e tornando rotina a importação de carne e de boi em pé, é impedir a matança de fêmeas, freando, assim, a liquidação do rebanho nacional.

Para isso, impõe-se o financiamento das matrizes e retenção de crias, a nível que torne essa operação mais vantajosa do que a sua venda para o corte, solução convidativa aos preços atuais, pois como disse conhecido pecuarista, uma vaca em poupança dá cria dois bezerros por ano.

Torna-se, pois, de maior urgência estimular o criador, não confundindo com o invernista — pois ele é a peça mais importante no sistema da produção — mediante ampla ajuda creditícia para melhoramento e conservação de sua fazenda, defesa e retenção do seu rebanho — vacas, novilhas, garrotes e bezerros — pois é sobre ele, criador, que recaem as adversidades a que a pecuária está sujeita: secas, geadas, fogo, doença e preços administrados".



Laboratório de análise de sementes



Exames veterinários são feitos aqui



Serviços de bar e café



PBX com dezesseis trancos



Sala da presidência



Gerência do Departamento Comercial



Picadeiras, ensiladeiras à venda na ABC



Variado estoque a disposição dos sócios

contam com este tipo de serviço, faltando apenas o da classe dos dirigentes rurais. Esse é o espaço vazio que este empreendimento da ABC pretende ocupar, cuja concretização só será possível pela união dos seus líderes. É enfim uma oportunidade de quebrar o seu isolamento e evitar que suas posições e pronunciamentos fiquem dispersos, devido a fragmentação da representatividade.

COMPRA DA LOJA

Se a atual diretoria da ABC levar adiante essa idéia e finalmente conseguir realizá-la, realmente terá prestado um imenso serviço para toda a classe agropecuária nacional, justamente numa hora em que se procura firmar como grande propulsora da economia nacional. Esses planos não são remotos, pois é intenção dos diretores da ABC, que integram o atual mandato, dar início antes do final da sua gestão as obras desse importante edifício, que estará localizado ao lado do armazém em vias de ser entregue aos associados. Voltando a relatar as realizações da ABC no ano de 1978, outras precisam ser salientadas. É o caso da compra da loja contígua à atual sede da rua Jaguaribe, que alguns anos já era usada pela sua seção comercial, mas sob forma de locação. Mantendo entendimentos com seus proprietários, a ABC conseguiu comprar o imóvel, hoje já incorporado ao seu patrimônio, e que veio resolver provisoriamente a falta de espaço da sede. As realizações não ficam somente no âmbito imobiliário, tendo que ser destacada ainda a atuação do seu Departamento Técnico, que tem intensificado ultimamente a assistência prestada aos associados. Este departamento foi o responsável pela instalação de um laboratório para exames e análise que, muito bem equipado, está em condições de efetuar uma assistência mais ampla, controlar o resultado das vacina-

ções e o tratamento preconizado aos fazendeiros que procuram o Departamento Técnico da ABC. Por outro lado, a organização desse laboratório veio baratear sensivelmente os custos de serviço de assistência veterinária, pois anteriormente esses serviços eram feitos por laboratórios particulares.

DOIS LABORATÓRIOS

O laboratório da ABC está aparelhado para execução de exames hematológicos, urina, leite, pesquisa de germes e bacilos diversos, exames de líquido céfalo-raquidiano, e para diagnóstico de tuberculose, brucelose, mastite e inúmeros outros. A ABC foi ainda credenciada pelo serviço de Defesa Sanitária, do Ministério da Agricultura, a realizar exames de imunodifusão para diagnóstico da anemia infecciosa equina (AIE), autorização essa raramente concedida a organizações particulares. Outro laboratório instalado, e que funciona também na sede da rua Jaguaribe, é o de análise do poder germinativo das sementes vendidas pela seção comercial da ABC. Isso quer dizer que hoje toda semente fornecida pela entidade é previamente analisada, fazendo que o associado seja servido somente por produtos de alta qualidade.

A AÇÃO POLÍTICA

Se no aspecto patrimonial e assistência técnica a ABC não se descuidou do seu aprimoramento, a mesma coisa se pode dizer na área política. Firmando posições de defesa da classe, mediante o envio de dezenas de memoriais, ofícios, telegramas às autoridades ligadas ao setor primário, especialmente sobre problemas da pecuária de corte e leite, a ABC sempre esteve presente nas horas mais difíceis que a classe passou por este ano, haja visto a publicação desses documen-

tos nas páginas desta revista, onde se comprova essa decidida atuação. Além do último apelo feito pela ABC este ano está no quadro da página anterior. Nesse ofício dirigido ao ministro Paulinelli ela pede providências no sentido de preservar os nossos criadores, como forma de resolver o problema do exagerado abate de matrizes, responsável pela atual crise da nossa pecuária. Sempre presente nas reuniões do Alto Conselho Agrícola, a ABC nunca se descuidou de levantar a voz na defesa da classe, reconhecendo ainda que se muita coisa foi feita, muita há ainda por fazer.

Responsável pelo Serviço de Controle Leiteiro e Ponderal de muitas raças de gado, resultado do convênio homologado pelo Ministério da Agricultura com dez das mais importantes associações especializadas de criadores, delegada também pelo MA da execução do Projeto Nacional de Cruzamentos Dirigidos (Procrural), a folha de serviço prestada pela Associação Brasileira de Criadores nesses seus cinquenta e dois anos de vida, tem conseguido resultados multiplicadores. Essa fértil existência é devida a grande visão que os dirigentes passados e presentes souberam imprimir na condução dos seus negócios, e que a credenciam a ocupar um lugar de destaque como uma das mais representativas associações de classe.

Para finalizarmos esta pequena prestação de contas, devemos ressaltar a dinâmica atividade do Departamento Comercial. Já enquadrada pelo Banco Central como beneficiária do crédito rural, a ABC passou a experimentar depois dessa medida grande movimentação, tanto nas compras como vendas. Sempre com um estoque variado e bastante farto, sempre comprando à vista, a ABC pode transferir para seus associados as vantagens desse sistema, pois além de adquirir insumos por preços mais convenientes, os prazos de pagamento podem ser mais dilatados.

Você tem um amigo em São Paulo

A Associação Brasileira de Criadores criou em dezembro último um serviço de informação para seus associados. Nesse mês entrou em circulação o Boletim Informativo da Associação Brasileira de Criadores, contendo variadas informações para os sócios. "Você tem um amigo em São Paulo", é o artigo de abertura e apresentação do boletim, que em suas linhas iniciais traça seu objetivo: "a diretoria e os funcionários da ABC vêm fazendo tudo o que está ao seu alcance para torná-la uma entidade capaz de ajudá-lo a resolver os problemas relacionados com a sua nobre atividade: a agropecuária". E pretende ir mais longe ainda, afirmando que "se o nosso Departamento Comercial não



BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

ANO 1 - N.º 1 - Dezembro de 1978

Você tem um amigo em São Paulo

Este boletim informativo da Associação Brasileira de Criadores tem como objetivo principal fornecer informações técnicas e comerciais para os associados. Ele é dividido em seções que abordam temas como: notícias da associação, resultados de pesquisas, preços de mercado, e dicas para a criação. O boletim é distribuído gratuitamente para todos os membros da ABC.

dispuser, no seu variado estoque, daquilo que você necessita em sua fazenda, seja lá o que for, ele procurará atendê-lo, designando um funcionário experiente para descobrir esse equipamento ou insumo onde ele se encontra".

Além de relacionar os insumos disponíveis (bem como seu preço) no seu balcão de vendas, o boletim procura transmitir informações técnicas sobre formação de pastagens, sementes básicas (arroz, capim colômbio, catingueiro roxo, brachiária decumbens etc.), de modo que ao comprá-los o fazendeiro paralelamente encontrará o seu melhor meio de usá-los na sua propriedade. Os artigos são escritos por técnicos especializados, que têm atrás de si grande vivência nos problemas do campo. No item de mecanização agrícola, o boletim informa ainda quais são as variedades encontradas em seu estoque, dando seus preços e ficha técnica.



Artigos de uso pessoal também são vendidos



Tudo que se necessita na fazenda a ABC vende



Os arreios são de excelente qualidade



Funcionários da contabilidade



Sala do Serviço de Controle Leiteiro



Mesa, cadeiras, biblioteca para servir os sócios

A última reunião da diretoria em 1978

Como faz tradicionalmente todo fim de ano, a diretoria da Associação Brasileira de Criadores promoveu em fins de novembro a sua última reunião anual, fazendo uma retrospectiva das atividades da Associação, e reunindo, também, os companheiros de diretoria num almoço de confraternização. Assim na manhã do dia 30 reuniram-se a Diretoria e o Conselho Deliberativo para apreciação da proposta orçamentária para 1979 e tratar de outros assuntos. O relator da matéria foi o diretor tesoureiro Franklin Siqueira, quando disse que a

receita prevista para 1979 era de 155 milhões de cruzeiros. Depois de ver sua proposta aprovada por unanimidade pela Assembléia, o diretor tesoureiro informou ainda que a ABC espera encerrar o balanço deste ano com receita na ordem de 100 milhões de cruzeiros, dos quais 83,9 milhões já estavam realizados.

Aproveitou-se também a reunião para falar da situação financeira da entidade, atualmente atravessando uma fase ascendente nas suas atividades. Assim se soube que a ABC dispõe de Cr\$ 1.46 para cada cruzeiro que deve. Depois de ventiladas todas essas informações, cuidou-se

de registrar um voto de louvor à atual diretoria pela firmeza com que está gerindo a administração, ao mesmo tempo que consolida o patrimônio da associação. Finalizando os trabalhos da assembléia, o presidente José Cassiano Gomes dos Reis falou daquilo que mais importante foi feito no decorrer do ano, para em seguida convidar os presentes para um almoço no Hotel Eldorado, após o qual um ônibus fretado conduziu os presentes a uma visita às obras do armazém que a Associação Brasileira de Criadores está construindo na Marginal do Rio Pinheiros e próximo a Ceagesp.

O destaque do almoço foi a presença do secretário da Agricultura, Paulo da Rocha Camargo, que aproveitando a presença de tão destacadas personalidades da classe agrícola, fez um discurso que a voo de pássaro relatou as metas atingidas por sua pasta. É uma das derradeiras apresentações como secretário, já que seu mandato encerra-se junto com o governo Paulo Egydio Martins no próximo ano. Esta é a íntegra do pronunciamento:

"Senhores diretores da Associação Brasileira dos Criadores. Senhores empresários aqui presentes. Nosso comparecimento a esta reunião-almoço de fim-de-ano desta entidade é, para nós, uma oportunidade duplamente feliz. Primeiro, porque podemos rever velhos amigos, empresários do setor agropecuário, e, em segundo lugar, por mais esta oportunidade que temos e pela última vez, como Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, de participar desta reunião e conversar com os empresários desse setor a respeito dos problemas que nos afligem.

Ainda há poucos dias, na inauguração do Congresso da ABINEE, realizado na Secretaria da Agricultura, ouvimos o Presidente Geisel dizer do que existe hoje em termos de eletrodomésticos nas casas do povo brasileiro; 55% das casas dispõem de televisão e 45% dispõem de geladeiras. Poderíamos até ressaltar que muitos dos que aqui estão, que são homens provenientes de famílias que já dispunham de alguns recursos, também, não podiam há algumas décadas se utilizar nem de geladeira, nem de televisão, que hoje estão ao alcance de grande parcela da população brasileira, o que mostra uma melhoria do padrão de vida. Como disse o próprio presidente, há ainda no Brasil muita gente pobre e uma parcela da população que é até muito pobre, mas esta parcela demográfica precisa ser integrada ao processo de desenvolvimento, precisa, também, participar desse processo e usufruir dos benefícios que este processo proporciona a todas as populações.

Outra tese muito discutida é a de que o lavrador desvia os recursos que são destinados ao crédito agrícola, o que resulta na baixa produtividade desse instrumento. Os que assim dizem, desconhecem a realidade e o esforço que vem

realizando os produtores agrícolas e pecuários do nosso País na contribuição dessa luta que transformará o Brasil numa nação desenvolvida, numa nação próspera, numa nação rica, numa nação justa e, sobretudo, onde o povo possa se beneficiar desses elementos hoje disponíveis. Estudo recentemente realizado pelo nosso Instituto de Economia Agrícola mostra que em São Paulo, 32% dos proprietários rurais se utilizam do crédito agrícola e esses 32% respondem por 65% da produção, o que mostra que o produtor rural está correspondendo plenamente àquilo que dele esperávamos em termos de contribuição para o processo de desenvolvimento econômico. O que precisamos é integrar aqueles que ainda não puderam se utilizar destes meios para que também se beneficiem e possam participar em bases econômicas, do processo produtivo.

O que não podemos concordar é que se diga, sem uma análise mais profunda, que este crédito tem sido desviado e que os lavradores não o estejam utilizando corretamente. É possível que isto ocorra em alguns casos, o que, porém, não invalida nossa posição. É uma questão, pura e simplesmente, de fiscalização que não se pode generalizar quando sabemos que nas carteiras agrícolas dos bancos oficiais a liquidez é de 99%. Isto quer dizer que os lavradores cumprem com as suas obrigações, pagam as suas contas corretamente e continuam produzindo.

Então é preciso que se faça justiça, é preciso que se reconheça o que se faz de positivo neste País e que não nos acomodem numa condição de aceitarmos as críticas injustas sem as revidarmos, sem procurarmos mostrar aquilo que tem sido feito e a colaboração que esta parcela ponderável da economia, que é a economia agrícola e pecuária, tem dado ao nosso País. Não podemos admitir que as críticas fiquem sem resposta, mas isto não é uma responsabilidade exclusiva dos governos; esta é uma responsabilidade, também, dos empresários do setor agropecuário que, muitas vezes, por omissão, colaboram com estas críticas, permitindo que elas sejam veiculadas e envenenem a opinião pública com falsas idéias daquilo que está sendo feito.

Gostariamos, sem abusar do tempo que me foi concedido, de apresentar alguns

dados que mostram o que se fez neste campo no Estado de São Paulo. Basta citar que recebemos o Estado com uma capacidade de armazenamento a granel de 140.000 toneladas, e o estamos entregando à nova administração com 600.000 toneladas. Também elaboramos e passamos em execução um plano de financiamento de eletrificação rural que permite ao Estado, até 1975 com apenas 56.000 das suas 350.000 propriedades eletrificadas, eletrificar a partir do momento em que o plano entrou em execução mais 50.000 propriedades em dois anos, devendo em 4 anos, seguramente, ultrapassar a casa de mais 100.000 propriedades.

Esta é a condição que hoje enxergamos em nosso Estado onde temos buscado sob todas as formas melhorar as condições de vida da população. Estou certo de que nesta reunião, em que participam empresários da agricultura e da pecuária, estamos falando a mesma linguagem, estamos todos convencidos de que realizamos um trabalho conjunto, iniciativa privada e governo em benefício do desenvolvimento econômico, político e social de São Paulo e do Brasil. Fazemos votos, neste almoço de fim-de-ano, onde estamos fazendo uma análise do que ocorreu num ano de sérias dificuldades no setor agropecuário, em consequência de intempéries que entretanto não abalaram o ânimo e a coragem, mas, pelo contrário, reacenderam no espírito de todos nós a chama de produzir mais e melhor, de lutar contra as adversidades e de vencer as dificuldades. Estes empresários estão assim, criando as condições para que a agricultura produza em níveis econômicos, competindo tanto nos mercados internos como nos mercados internacionais e transformando um produto, que hoje dispõe de demanda em várias regiões do mundo, numa das fortes linhas de exportação do nosso País, para a obtenção das divisas indispensáveis à manutenção do nosso processo de desenvolvimento econômico.

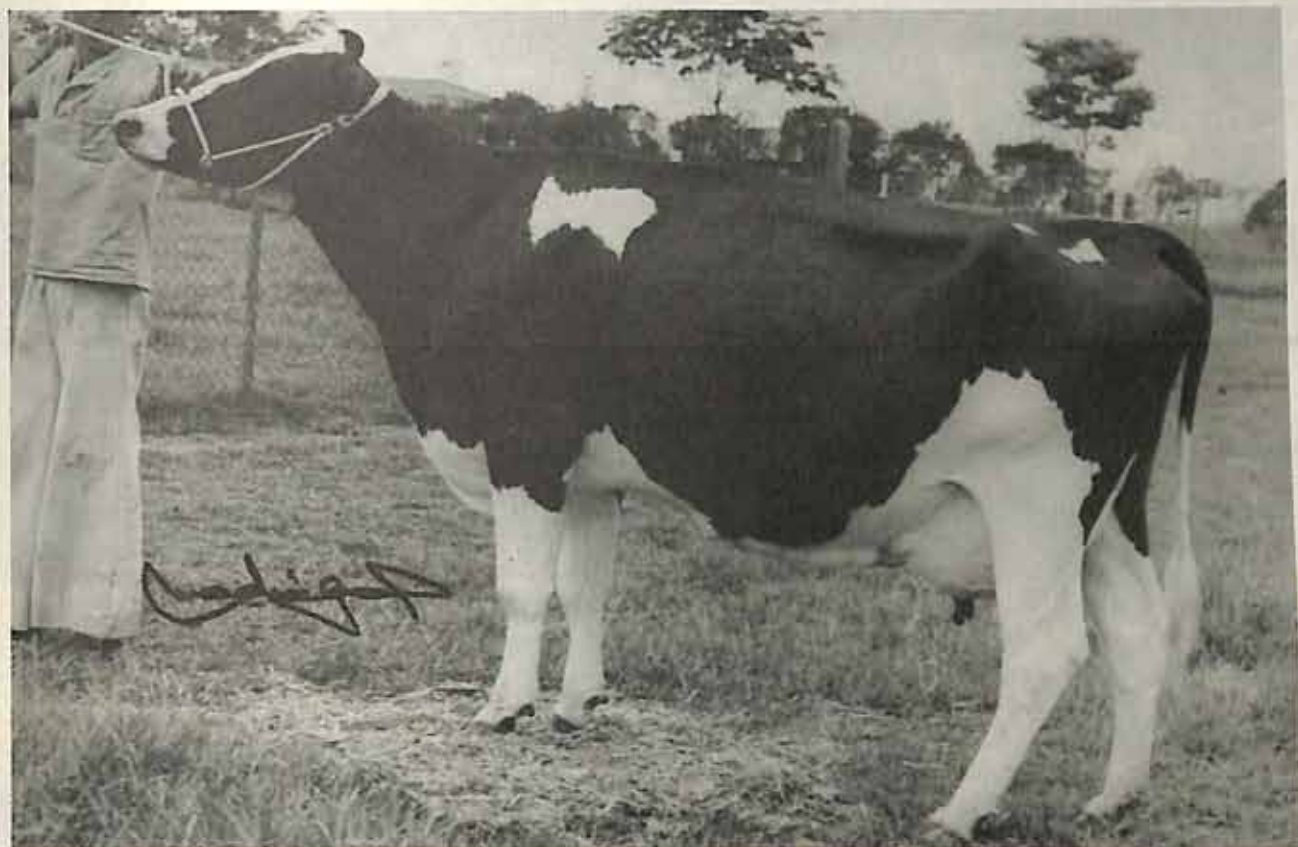
Queremos, ao encerrar as nossas palavras, cumprimentar os dirigentes desta entidade, cumprimentar os pecuaristas do nosso Estado e fazer votos para que continuem no seu trabalho sério, no seu trabalho honesto, no seu trabalho profícuo, visando sempre o bem-estar da coletividade brasileira.



Depois da reunião, diretoria e convidados foram visitar as obras da nova sede.

FAZENDA E HARAS FORTALEZA

Km 116 da Rod. Anhangüera - Nova Odessa - Tel. 66-1150, ou Av. Paulista, 1374 - 3.º - Tel. 285-4998 - S. Paulo



A. F. FORTALEZA MADRI

Nova recordista: 8.718 kg aos 3 anos.

Filha de A. F. Fortaleza Jacinto
e A. F. Fortaleza Lata.



**Aguarde nosso leilão em abril.
É a sua chance de comprar
Tipo & Qualidade**

FAZENDA SÃO MARIANO

Lins - SP.

JOSÉ MAURICIO JUNQUEIRA DE ANDRADE



ITÁLIA ♂ vendida no leilão de novembro-78, da Associação Mangalarga, por 550.000,00, o segundo maior preço do leilão. Comprador, sr. Orpheu José da Costa. Aparece na foto, o peão Fernando, segurando ITÁLIA. José Mauricio Junqueira (o proprietário). Dr. Fausto Simões (presidente da Associação Mangalarga), e José Mauricio Junior.



NOVIDADE — nasc. 25-08-76 — por Imperador e Fantástica.



Grupos de potranças ♂, com aproximadamente 12 meses de idade.

Criação de Cavalos Mangalarga - Gado Holandês Vermelho e Branco e Preto e Branco.

End.: Rua Rodrigues Alves, 339 — Fones: 22-3405 e 22-2258 — Lins — SP.



BOVINOCULTURA

Baseada na experiência do fazendeiro americano Jerome Spitzley, fazendeiro típico da região centro-norte, Vidal Pedroso Faria, descreve como este produtor conseguiu obter médias de produção de 9000 kg de leite, usando 52 vacas holandesas malhadas de preto, não registradas. As instalações são rústicas e funcionais e envolvem apenas a mão-de-obra do próprio dono e sua família. Segundo ele, a sofisticação diminui o lucro.

Uma lactação de 9000 kg

O relatório do serviço de controle leiteiro do estado de Michigan, USA, pode mostrar que conseguir 9.000 kg de leite em 305 dias e duas ordenhas como média de um rebanho, é uma tarefa não muito fácil de ser realizada, porque todas as vacas de uma fazenda oficialmente controlada devem obrigatoriamente participar dos relatórios mensais. Assim sendo, se o fazendeiro possuir 100 vacas leiteiras, a média de todas elas deve ser equivalente a 9.000 kg, não sendo possível escolher as melhores vacas ou selecionar as lactações mais significativas para representar o rebanho. Dentre 1.168 rebanhos controlados naquele estado americano no ano de 1977 somente 18 conseguiram ultrapassar a marca das 19.830 libras, e deve-se dar ênfase ao fato de que dez produtores possuíam rebanhos não registrados, sendo portanto fazendeiros especializados na produção de leite e não na venda de reprodutores. Além desse aspecto, pode-se também verificar que não foram somente rebanhos pequenos que conseguiram atingir aquela marca, porque quatro fazendeiros ordenharam entre 100 e 184 vacas, três entre 70 e 80, sete entre 40 e 50, e somente quatro trabalharam com rebanhos de 30 a 40 matrizes.

O FAZENDEIRO TÍPICO

Várias fazendas do estado de Michigan apresentaram produções médias bastante próximas dos 9.000 kg, indicando esse fato que num futuro não muito distante um número maior de produtores será capaz de atingir aquela cifra significativa, que foi considerada impossível de ser atingida em décadas passadas. Cento e trinta e dois fazendeiros conseguiram produzir mais que 8.000 kg, uma quantidade significativamente maior que a média do estado que foi de 6.799 kg, considerando todas as 86.422 vacas controladas no ano de 1977, independentemente da raça. Essa tendência para produções elevadas pode ser atribuída ao fato de que a eficiência da vaca leiteira aumenta à medida que a produção se eleva, e assim sendo, rebanhos mais produtivos geralmente permitem a obtenção de resultados econômicos melhores, como pode ser visto nos dados que se seguem:



Manjedoura adaptada junto ao estábulo velho garante fornecimento de feno.



Instalações rústicas e funcionais garantem conforto para as vacas.

FAZENDA GUAYUVIRA

SELEÇÃO DE GIR LEITEIRO
DE TONELADAS DE
FUNÇÃO ECONÔMICA



G. GUAPORÉ um dos nossos raçadores, ascendência carne paterna 1.022 kg, ascendência leite materna 3.956,660 kg de leite em 365 dias de lactação e LIVRO DE MÉRITO na ABC.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

Venda de Sêmen a cargo
da CENTRAL PAULISTA DE
INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL
(JAÚ - SP)

A FAZENDA GUAYUVIRA está situada a 2 km da Rodovia MARECHAL RONDON NO KM 414 — MUNICÍPIO de GUARANTÁ — SP — CAIXA POSTAL 7 — TEL. 10. EM SÃO PAULO: TELEFONE 65-5338.

José Mário Siqueira Matheus

a Fazenda Olhos D'Água

COLOCA A DISPOSIÇÃO DOS

SENHORES CRIADORES

TOURINHOS 1/2 SANGUE

chianina / nelore

FAZENDA OLHOS D'ÁGUA

OCTACILIO MOLAN

ENTRADA VIA RAPOSO TAVARES

KM 255 (HOLAMBRA II)

ITAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO

TEL.: 289-7729

N.º de rebanhos analisados	Kg leite por lactação	% gordura	Valor do leite US\$	Custo do alimento US\$	Receita (valor-custo)	US\$ por produção 100 kg leite
97	8.621	3,63	1.784	656	1.125	7,42
282	7.658	3,68	1.608	632	968	8,26
429	6.818	3,70	1.432	603	829	8,35
257	5.982	3,73	1.261	588	672	9,15
92	5.086	4,02	1.105	493	626	9,27
49	3.988	4,59	927	456	472	11,43

O Sr. Jerome Spitzley pode ser considerado como um fazendeiro típico da região centro-norte dos Estados Unidos, possuindo entretanto uma característica que o distingue dos demais: está conseguindo obter médias de produção próximas de 9.000 kg. com um rebanho composto por 52 vacas Holandesas malhadas de preto, não registradas. Em 1977 obteve a 34.ª posição no Estado de Michigan, pois suas vacas produziram 8.670 kg de leite com 3,64% de gordura; em 1978 as médias acumuladas, até o mês de maio, indicaram que o rebanho estava produzindo 9.100 kg. Sua propriedade localizada em Fowler possui cerca de 77 hectares de terras planas e férteis, como sempre acontece nas bacias leiteiras americanas. As instalações são rústicas e funcionais, porque somente o proprietário e sua família executam as tarefas diárias, e porque ele considera que investimentos exagerados em instalações podem prejudicar seriamente a rentabilidade da atividade. Na época da concentração de trabalhos, diaristas podem ser contratados para arar, semear, cortar feno, colher milho para silagem etc. O leite é a única atividade econômica da propriedade e também a única fonte de renda do fazendeiro.

BOM EQUIPAMENTO

O visitante que chega à propriedade nota que é exatamente igual a tantas outras localidades em Michigan, com um estábulo velho usado para armazenamento de alimento, dois silos aéreos, um alimentador automático de silagem, curral cimentado para o confinamento das vacas leiteiras, galpão com "free stalls" e um

barracão que serve de bezerreiro. A fazenda é muito bem equipada em máquinas agrícolas, permitindo assim um trabalho rápido e eficiente na colheita e armazenamento de alimentos para o rebanho. As novilhas eradas e as vacas secas utilizam as pastagens na primavera e verão, permanecendo entretanto confinadas nas outras estações do ano. A alimentação do rebanho é baseada em alagem de milho e de alfafa, ambas com alto teor de matéria seca, feno de alfafa, milho, concentrado protéico e suplementos minerais e vitamínicos. O rebanho é submetido a duas ordenhas por dia, às seis horas da manhã e às seis da tarde e a sala de ordenha foi adaptada numa antiga seção do estábulo velho; trata-se de um cômodo pequeno, sombrio e acanhado, onde 10 vacas de cada vez são contidas para recebimento de concentrado. A ordenha de dez animais dura de 20 a 30 minutos, tempo suficiente para que o leite seja retirado e para que os animais possam consumir a ração oferecida. O equipamento de ordenha é do tipo "pipe line", sendo usadas quatro unidades para a retirada do leite.

No mês de maio de 1977 as 44 vacas em produção estavam dando aproximadamente 1.340 kg de leite, o que significa uma média de 30,5 kg por animal. Com base no relatório mensal do serviço de controle leiteiro, pode-se verificar que, naquela ocasião, a vaca mais produtiva estava dando 50,5 kg e a de menor produção somente 7,2 kg, porque estava em processo de secagem. Os dados a seguir caracterizam o rebanho leiteiro que estava sendo controlado:

Vacas em produção	Número	% do Total	Produção média Kg	Idade média meses
1.ª cria	18	40,9	27,6	28
2.ª cria	9	20,4	31,7	36
3.ª cria	8	18,2	30,8	49
4.ª cria	4	9,1	34,1	66
+ 5 crias	5	11,4	34,8	144

Na época do levantamento realizado existiam na fazenda cerca de 50 novilhas e bezerras, e oito vacas secas que representavam somente 15% do rebanho produtivo. Esse fato é bastante característico das fazendas bem manejadas, onde os intervalos entre partos são mantidos próximos de 12 meses, de maneira a que aproximadamente 86% das vacas estão sempre em produção. Outra característica de rebanho especializado diz respeito a grande proporção de animais de primeira e segunda cria, relevando índices elevados

de descarte, por volta de 30% ao ano. Devido a esse fato, a idade média do rebanho produtivo passa a ser baixa, variando sempre por volta de 4 anos, porque como regra geral as novilhas substituem as vacas refugadas por motivo de baixa produção, saúde, falhas na reprodução, mastite, etc.

O SEGREDO DA ALTA PRODUÇÃO

O visitante que chega à fazenda e pergunta ao Sr. Spitzley qual o segredo para

obter produções tão elevadas quando o seu manejo é semelhante ao da maioria dos fazendeiros da região, recebe uma resposta curta: "há treze anos um touro não entra nessa fazenda". Com isso, ele quer dizer que usa somente inseminação artificial com touros provados, de elevada qualidade, de maneira a que seus animais são adaptados para altas produções. Quando essa prática é adotada, as filhas serão sempre melhores que as mães, justificando assim os elevados índices de descarte e a alta proporção de animais jovens no rebanho.

A complementação da primeira pergunta é lógica: não sai muito caro utilizar somente touros superiores, de comprovada capacidade de transmitir aptidão leiteira? De acordo com o Sr. Spitzley o preço médio do sêmen que usa é de US\$ 10,50 por dose, e que o incremento de produção que consegue paga o investimento realizado. Argumentou também que há alguns anos o preço de sêmen era mais elevado, porque havia poucos touros realmente bons, mas que hoje em dia existe um grande número de animais superiores no mercado. Outro argumento usado para justificar a inseminação artificial com touros provados, de elevado PD para leite, foi o de que suas novilhas quando vendidas, alcançam um preço muito elevado, ultrapassando mesmo o valor de alguns animais registrados. Entretanto, o Sr. Spitzley deu ênfase ao fato de que dificilmente vende novilhas, já que se tratam de animais superiores, que devem permanecer na propriedade. Para ilustrar essa afirmativa, lembrou que uma de suas novilhas de primeira cria estava produzindo, no segundo mês de lactação, aproximadamente 44 kg de leite.

EFICIÊNCIA REPRODUTIVA

Um dos vizinhos da fazenda, também produtor de leite, havia comentado que para obter produções muito elevadas havia a necessidade de dedicar uma atenção toda especial às vacas em lactação, mas o Sr. Spitzley argumentou que, individualmente, podia dispensar um cuidado maior, gastando entretanto um tempo menor porque trabalhava com quase metade do número de vacas para produzir a mesma quantidade de leite. Além desse aspecto, disse também que suas vacas poderiam pagar melhor o veterinário encarregado da saúde do rebanho, se houvesse necessidade de um atendimento mais constante. No seu ponto de vista, a maior eficiência da vaca de alta produção justificava todos os possíveis problemas surgidos no rebanho.

De acordo com o fazendeiro altamente especializado na produção de leite, o maior problema a ser enfrentado numa exploração como a sua seria a manutenção de uma boa eficiência reprodutiva, sendo necessário um contato contínuo e direto com os animais para a detecção de cio. Ele tem consciência de que uma reprodução ineficiente e irregular pode destruir todo o esforço realizado para a obtenção de níveis elevados de produção de leite. Quando a vaca não reproduz num intervalo de tempo próximo de 12 meses, os gastos com a manutenção se



Jerolme Spitzley, fazendeiro simples que obtém resultados surpreendentes.



Numa sala de ordenha rústica, vacas com alta capacidade de produção.

elevam, e toda a eficiência do animal fica comprometida. Além desses aspectos, existiria também a necessidade de ampliar o número de animais no rebanho, com o objetivo de manter constante a produção diária.

Com relação à saúde, os principais problemas das fazendas eram relacionados com deslocamentos do abomaso, como consequência do regime alimentar com grandes quantidades de alimentos concentrados. Além disso, a acetona e a febre do leite também ocorrem com relativa frequência quando se trabalha com rebanhos de alta produção. A mastite constitui-se num problema constante, podendo promover perdas bastante grandes

e conseqüentemente reduzir a rentabilidade da atividade. Problemas com os cascos são, de acordo com o Sr. Spitzley, bastante raros e, surpreendentemente, somente 2 animais apresentavam cascos deformados pelo crescimento exagerado das unhas.

A simplicidade com que o Sr. Jerome Spitzley encara a atividade de produzir leite com vacas de alta produção pode ser observada também nas outras atividades da fazenda e, sobretudo, nas instalações e no manejo do gado. Agindo dessa maneira, ele demonstra que a especialização em pecuária de leite não exige modelos sofisticados nem grandes investimentos, mas requer tecnologia adequada. ●



Tudo para a sua fazenda

Arame de cerca, liso ou farpado, nacional ou importado • Catracas e esticadores para cerca paraguaiá • Cercas elétricas • Ferramentas • Dobradiças e fechos para porteiras • Porteiras completas de madeira de lei • Pregos • Cordas • Tubos plásticos para encanamentos • Cochos de fiber glass para sal • Torques de castração • Mochadores • Ferros de marcar • Brincos de nylon, placas de alumínio, colares • Correntes para vacas • Peias metálicas • Facas, facões, canivetes • Seringas de injeção • Termômetros • Espéculos • Pistolas dosificadoras • Pluviômetros • Transmissores-receptores de rádio • Semeadeiras • Adubadeiras • Ceifadeiras • Desintegradores • Ensiladeiras • Debulhadores • Bombas de pressão para estábulos • Bombas d'água • Pulverizadores • Aplicadores de herbicidas • Motores a diesel, gasolina e elétricos • Medicamentos: o maior sortimento do País em remédios e vacinas • Sais e complementos minerais • Uréia • Melaço • Estimulantes de engorda • Artigos de Montaria: selas, arreios, cabeçadas, pelegos, mantas, cabrestos, freios, bridões, esporas, estribos • Capas boiadeiras, de lã e impermeáveis • Japonas de lã • Casacos de couro para homem e para mulher • Chapéus de feltro e panamá • Botas de couro, canos curto, médio e longo • Botas de borracha • Macacões para estábulos de Leite B • Capacetes • Lonas e encerados • Redes do Ceará • Artigos de adorno para casa • Bombas e cuias para mate • Ganchos de rede • Sementes de gramíneas e de leguminosas: de todas as espécies e para quaisquer quantidades • Leite em pó Denkavit Topfok: nossa importação - mais barato que leite C • Churrasqueiras de ferro • Moto Serras Stihl: todos os modelos e implementos • Herbicidas • Ordenhadeiras mecânicas: vendemos e instalamos • Livros técnicos • Impressos para contabilidade Rural.

É muito mais fácil comprar tudo num mesmo lugar. Compre na ABC onde o fazendeiro encontra de tudo e a preços especiais para os associados.



Fundada em 1926.

Associação Brasileira de Criadores

Matriz: Rua Jaguaribe, 634 - Fone: 826-3033 - Caixa Postal. 9194

Estacionamento no sub-solo.

Filial: Rua Guaricanga, 200 - Fone: 261-2148 - Alto da Lapa - São Paulo-SP.

Todo associado da ABC tem direito a desconto nos preços das mercadorias, nos serviços veterinários, agrônômicos, de laboratório e recebe uma assinatura da Revista dos Criadores.





MECANIZAÇÃO

Equipamento exclusivo da pecuária leiteira, as ordenhadeiras mecânicas representam um estágio avançado de uma sofisticada tecnologia. Fabricadas com o intuito de imprimir maior rapidez e funcionalidade da ordenha, esses equipamentos tornaram-se obrigatórios às fazendas de grande produção, proporcionando grande economia na mão-de-obra. Gastão Moraes da Silveira explica seu funcionamento e tipos.

As ordenhadeiras

Genericamente, as ordenhadeiras são máquinas utilizadas para tirar leite das vacas, dispensando a mão do homem. Este é utilizado somente para orientar e distribuir o serviço.

O problema da mão-de-obra no meio rural está se tornando cada dia mais crítico, sobretudo aquela referente a indivíduos especializados como os leiteiros. Isto ocorre devido não somente à falta de pessoal habilitado, como os elevados salários pagos aos trabalhadores, principalmente levando-se em conta os encargos sociais. A tarefa de tirar leite é um serviço estafante e cansativo, sendo que o trabalhador não tem sábado, domingo ou feriado.

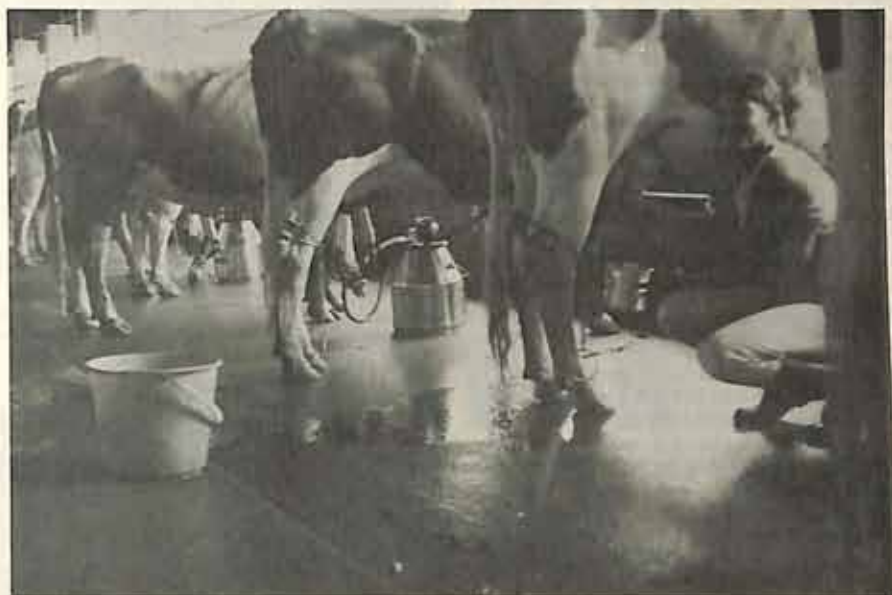
Uma das vantagens da ordenhadeira mecânica é que não necessita de pessoa especializada. Qualquer indivíduo que tenha algum treinamento pode efetuar o serviço. Uma pessoa pode ordenhar três vacas ao mesmo tempo, aumentando consideravelmente o rendimento do trabalho. Além disso, melhora as condições de higiene e evita, em muitos casos, a deterioração do leite.

No que diz respeito ao leite tipo B, mais bem remunerado, apesar do problema de cotas, a ordenhadeira mecânica é uma necessidade para este tipo de atividade.

A técnica da ordenha tem grande influência sobre o rendimento do leite, a saúde do úbere e o tempo da operação. Todos os três fatores são da máxima importância para a produção econômica de leite.

Produtores que empregam técnicas inadequadas obtêm, no mais das vezes, um baixo rendimento, ao contrário daqueles que se utilizam de técnicas de ordenha apropriadas. Na ordenha manual, a produção de leite está diretamente relacionada com o tipo de tratamento dispensado ao animal. Se for maltratado, retém o leite naturalmente. Na ordenha mecânica, isto não acontece, pois a regularidade no serviço faz com que o animal se acostume com a atividade. O manejo do equipamento é muito simples. Desse modo, a grande vantagem da ordenhadeira mecânica está na dispensa da mão-de-obra especializada, embora haja necessidade de muita higiene.

A ordenha malfeita pode prejudicar a saúde do animal através de danos cau-



Observação do leite em caneca de controle.



Planta de estábulo moderno para leite tipo "B".

sados ao úbere que freqüentemente são seguidos de infecção. Por outro lado, a ordenha consome o maior tempo dos trabalhos no estábulo de 50 a 60%, assim, tudo o que for feito para economizar nesta etapa irá beneficiar o pecuarista.

A INTERAÇÃO MÁQUINA-ANIMAL

O leite é produzido em células microscópicas, alvéolos, no interior do úbere. As ordenhadeiras mecânicas são construídas de modo a adaptar-se às reações naturais do animal. O emprego correto da ordenhadeira será mais fácil, desde que se conheça como o leite é formado no úbere da vaca.

Os alvéolos descarregam dentro de finíssimos tubos, os capilares, que se unem a outros condutos cada vez maiores, os quais levam a uma cavidade acima das tetas, chamada cisterna do úbere.

O leite que se encontra na região das cisternas pode ser extraído forçando o músculo que fecha a teta para abrir. Mas, para se obter o leite que se acha na região dos alvéolos, é preciso contar com a participação ativa da vaca. As vacas possuem diferentes reflexos de descida do leite. Dentre eles temos: os que relaxam os músculos do sistema de canais do úbere e o esfíncter da teta, liberando assim a passagem do leite; e os que através do hormônio oxitocina, causam contração dos alvéolos, comprimindo o leite para fora.

O relaxamento dos músculos resulta de impulsos nervosos recebidos pela vaca durante os preparativos da ordenha, os chamados reflexos condicionados; e, de impulsos nervosos provocados pela preparação da própria vaca. Os reflexos condicionados são oriundos de impressões causadas na vaca por coisas que vê e ouve, por exemplo as rações de alimentação e a presença e os ruídos da ordenhadeira mecânica.

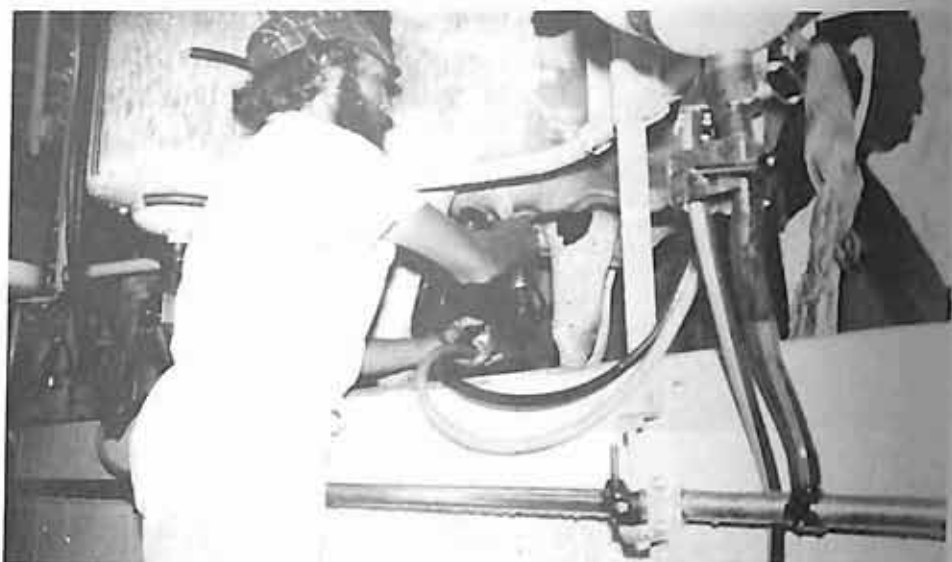
Fazendo-se a massagem do úbere e das tetas, um estímulo nervoso se encaminha pela espinha dorsal até o cérebro. A glândula pituitária então liberta um hormônio, a oxitocina, que é levado pelo sangue até as glândulas mamárias. Esse hormônio age diretamente sobre as células musculares que rodeiam os alvéolos. Os alvéolos diminuem de tamanho e o leite é expelido para baixo através dos condutos até entrar nas cisternas.

A secreção da oxitocina, e com ela a voluntária participação da vaca, requer uma perfeita integração não somente da máquina com o animal, mas também do ordenhador. A vaca não deve sofrer nenhuma perturbação, sentindo-se segura e em boas mãos, caso contrário, a oxitocina secretada será insuficiente.

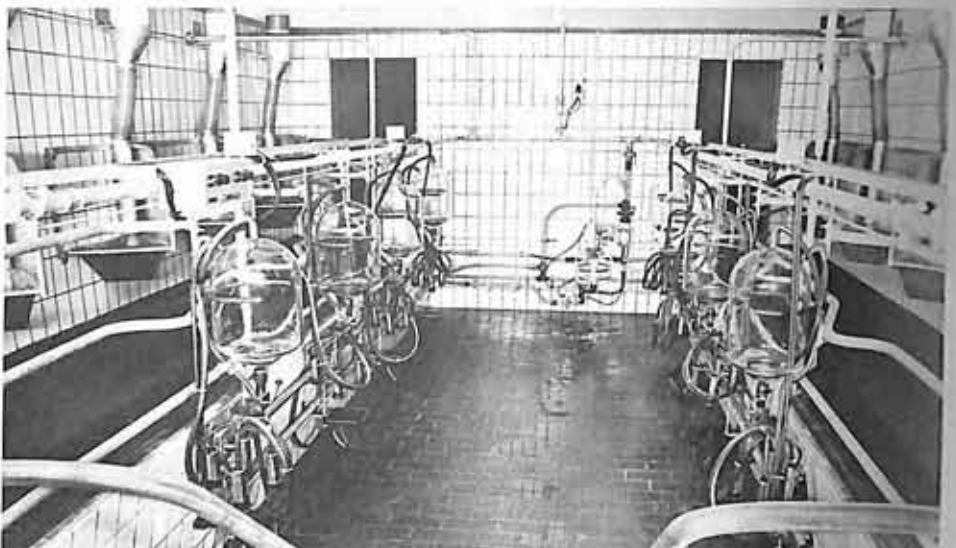
OS CUIDADOS DO ORDENHADOR

O ordenhador é o principal responsável pela perfeita integração máquina-animal. A primeira providência é familiarizar-se com a vaca e seus reflexos, e aprender a operar adequadamente a ordenhadeira. Estudar as diferentes rotinas do equipamento antes de empregá-lo no animal.

Operar o equipamento com calma e metodicamente, tomando cuidado tanto



Retirada da teteira do úbere.



Sistema de ordenha em espinha de peixe.

com a higiene pessoal, como na manutenção do equipamento de ordenha. Preocupar-se somente com a ordenha não executando outras tarefas como: remoção de esterco, alimentação das vacas etc., o que tornaria impossível uma boa rotina de trabalho.

O úbere nunca pode ser esvaziado por completo. Mesmo depois de uma ordenha cuidadosa, sempre restará nele algum leite. O leite restante na área dos alvéolos se chama leite residual, e não pode ser esgotado por mais que se prolongue a ordenha. Com uma preparação adequada do animal e uma ordenha tecnicamente perfeita, pode-se reduzir a quantidade de leite residual. O animal irá cooperar dando leite com maior rapidez, mas, para isso, a ordenhadeira mecânica, deve ter capacidade suficiente para acompanhar o fluxo de leite durante esse curto espaço de tempo.

Deve-se parar a ordenha quando o fluxo diminuir. Insistir no completo esvaziamento do úbere é castigar desnecessaria-

mente a vaca, além de torná-la gradativamente de difícil ordenha.

O animal sentindo medo ou dor, resultará numa contração da rede muscular no úbere, fechando os canais e cessando o fluxo, pois a vaca reterá o leite. Isso pode ocorrer principalmente nas primeiras ordenhas a máquina em que o reflexo estimulante não é alcançado ou interrompido. Nestes casos, deve-se esperar de 20 a 30 minutos, até que a hipófise produza a oxitocina outra vez. Deste modo, a vaca pode ser preparada de forma usual, recomendando-se uma nova ordenha.

O FUNCIONAMENTO DA ORDENHADEIRA

Uma ordenhadeira é constituída por três sistemas: vácuo, pulsação e lavagem. O sistema de vácuo é formado por uma bomba acionada por um motor diesel ou elétrico. A existência dos dois motores é interessante para não interromper o serviço quando faltar energia elétrica. A



Sistema de ordenha em balde ou latão.

bomba produz vácuo que se prolonga pelo encanamento. O circuito de vácuo é constituído pelo encanamento, torneiras, vacuômetro (relógio onde se lê o valor do vácuo), válvula de segurança e válvula de drenagem.

O sistema de pulsação é formado por um pulsador, localizado na tampa do la-

tão ou balde de leite e pelas teteiras. Nas teteiras temos o espremedor de borracha que é colocado na teta da vaca, os anéis metálicos superior e inferior, um anel de borracha, visor de leite e mangueiras de leite e de vácuo. Uma teteira completa é formada por quatro conjuntos, possuindo na base o coletor de leite. A ca-

pacidade da bomba de vácuo vai determinar o número de teteiras de um dado equipamento.

O sistema de lavagem está ligado ao sistema de vácuo. Assim, a limpeza é realizada com o auxílio do vácuo.

O vácuo produzido pela bomba, vai pela tubulação ou linha de vácuo até as teteiras. O pulsador funciona como o cérebro do equipamento. Regula a alternância entre vácuo (sucção) e a pressão atmosférica, originando ar e vácuo para as tetas da vaca. O pulsador tem funcionamento pneumático ou eletromagnético, através de um sistema móvel correção que permite a entrada alternada de vácuo e ar atmosférico, que em conjunto formam o ciclo de pulsações. O número de ciclos por minuto, chama-se taxa de pulsações. A taxa ideal está ao redor de 50 a 60 pulsações por minuto. Essa velocidade, dependendo do tipo de equipamento, pode ser regulada de fábrica.

A ordenhadeira mecânica funciona por pulsação e não sucção. Se trabalhasse por sucção e o operador esquecesse o equipamento ligado além do tempo normal, poderia tirar sangue em lugar de leite. Pelo sistema de pulsação, se isto ocorrer, não sairá sangue, podendo apenas formar um pequeno calo na ponta da teta, muito sensível.

Poderia surgir uma dúvida de que as ordenhadeiras mecânicas só funcionam com vacas que dão leite sem o bezerro.



6 touros importados e
12 touros P.O.I.
servem:
600 fêmeas NELORE
— com tradição desde 1918
e 130 fêmeas P.O.I.
e importadas.

GODAR



Importado — Pai de muitos campeões. Nascido em 1959, em Andhra Pradesh — **ÍNDIA**. Servindo na Fazenda Indiana desde 1963. Os pais deste reprodutor ficaram na Índia.

SEMEN DE GODAR À VENDA NA SEMBRA — Barretos

REBANHO FUNDADO EM 1918 — SELEÇÃO DE NELORE E NELORE MOCHO

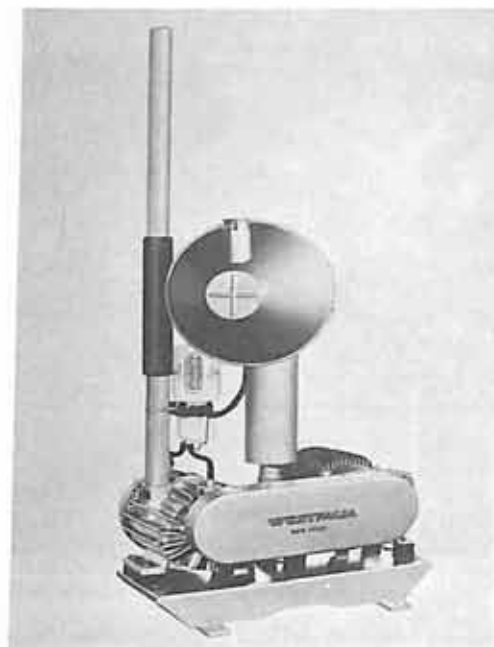
Fazenda INDIANA Ltda.

Sucessores de **DURVAL GARCIA DE MENEZES**
Antiga Estrada Rio-São Paulo, km 31 — Campo Grande — Rio de Janeiro
Correspondência: Av. Heitor Beltrão, 18 — Tijuca
Tels.: 228-7678 — 264-0585 — RIO DE JANEIRO — RJ

LEILÃO
da marca
TAÇA
1.º sábado
de ABRIL



Teteira completa formada de quatro conjuntos.



Conjunto de vácuo, acionamento por motor elétrico ou diesel.

Entretanto, elas operam também com vacas que dão leite com bezerro. Neste caso, a metodologia do trabalho é a mesma, somente que se substitui as mãos do retirador pelas teteiras da máquina.

A TÉCNICA DA ORDENHA

Efetuar o preparo da vaca convenientemente. Durante este preparo, deixar a ordenhadeira funcionando, para que o animal se acostume com o ruído da ordenhadeira. O tempo dispensado à vaca com o preparo é compensado pela rapidez com que o leite é tirado. Durante a ordenha, efetuar sempre o mesmo esquema de trabalho. Ter uma rotina bem definida, observando uma dada seqüência e horários constantes para a ordenha todos os dias. O operador deve ser calmo e paciente, não alterando a voz, evitando ruídos desnecessários e desestimulantes.

Acostume a vaca aos hábitos normais após ter parido. Se o ordenhador for um novato, deve praticar bem cada movimento antes de iniciar a ordenha.

Na preparação, limpar bem o úbere e as tetas com um pano seco e bem limpo ou uma toalha de papel. Se estiver muito sujo, utilizar água morna com desinfetante. Massagear durante uns 30 segundos, de maneira suave, todo o úbere, concentrando os movimentos na altura da cisterna e das tetas.

Antes da ordenha, verificar as condições de saúde do úbere, tirando 2 ou 3 gotas de cada teta, para examinar se o leite está normal. Não esguichar no chão, mas dentro de uma caneca de controle. Não utilizar a máquina se for observada qualquer anormalidade. Separar a vaca, procurando a seguir um veterinário.

Na operação da ordenhadeira proceder da seguinte maneira: ligue a mangueira

de vácuo e a de leite, se for o caso, nas respectivas torneiras; segure o conjunto de teteiras com a mão direita, e com o dedo empurre a válvula para cima; pegue com a mão esquerda uma das teteiras, a qual deve ser colocada na teta mais afastada do ordenhador; a fim de obter uma colocação sem barulho do vácuo, manter a mangueira de leite dobrada (vácuo fechado) até que a teteira esteja colocada na teta, isto também evita a entrada de ar no sistema de vácuo. Se a vaca tiver o úbere caído, segurar as teteiras no sentido horizontal, para que não entre sujeira; se o úbere tiver somente três tetas, a quarta teteira é colocada em cima do coletor de leite e preso entre as mangueiras.

O tempo de ordenha varia de 3 a 5 minutos, dependendo do animal. Quando o fluxo de leite estiver por terminar, as teteiras deverão ser retiradas. Não convém castigar o animal desnecessariamente. O fim do fluxo pode ser observado pelo visor da teteira; entretanto, uma maneira de melhorar a ordenha é instalar um indicador de fluxo. Estes podem ser com ponteiro ou com lâmpada piloto. O instrumento mostra quando o leite deixa de escoar, facilitando o planejamento da rotina a ser seguida.

Na retirada das teteiras, colocar a mão acima do coletor de leite, durante uns 10 segundos, fazendo leve pressão para cima e para baixo. Assim, elimina-se totalmente o leite, que eventualmente ainda esteja retido. Deixe entrar ar numa das teteiras, com o polegar, puxando ao mesmo tempo com o dedo a válvula do coletor de leite para baixo. Tão logo sentir que a teteira se soltou, puxe-a para baixo. Algumas ordenhadeiras com controle de fluxo executam massagens antes e depois da ordenha. Existe também dispositivos para retirada automática do conjunto de teteiras.

Terminada a ordenha, seguem-se as operações de lavagem e higienização, sendo precauções que impedem a infecção do leite no equipamento de ordenha. A lavagem remove as impurezas que contêm gordura e proteínas que nutrem os germes. A higienização mata os germes existentes sobre as superfícies lavadas, deixando-as em condições de mais perfeita limpeza.

TIPOS DE ORDENHADEIRAS

A escolha do sistema de ordenha depende do tipo de confinamento e do tamanho do rebanho. O sistema ideal de produção de leite exige uma ação coordenada entre todas as fases do sistema de produção: o confinamento, a rotina de ordenha, a alimentação, a manipulação do estercor, o resfriamento do leite, enfim, todo o ambiente em que se encontram a vaca, o ordenhador e o leite.

O sistema em balde ou latão é o mais comum. Nele o leite escoar através do tubo até o balde ou latão, quando estiver cheio, desliga-se o vácuo esvaziando-se o recipiente. Normalmente, utilizam-se duas a três unidades por operador, permitindo a ordenha de aproximadamente 20-30 vacas/homem/hora. O sistema é adequado para rebanhos pequenos e médios.

No sistema de ordenha com leite canalizado, o produto é levado através de mangueira longa de leite, para dentro de uma tubulação, na qual é transportado, por diferença de pressão, para unidade final de descarga, sendo daí bombeado para o tanque. Evita o trabalho de trocar e esvaziar os latões, tornando a operação mais rápida e menos pesada para o ordenhador. Normalmente 2 a 4 unidades por operador, permitem a ordenha de 20-50 vacas/homem/hora. O sistema é adequado para até 60 vacas/operador.

Sala de ordenha em espinha de peixe é uma solução adequada para rebanhos tanto grandes como pequenos, sendo baseada no princípio tubular. Os animais são admitidos à sala em grupos de 3 até 12, sendo que manipulação por grupos poupa tempo e trabalho. As vacas ficam em ângulo com o fosso de operação, expondo os seus úberes com a distância mínima de 120 cm entre um úbere e outro. As vacas são tratadas e ordenhadas em grupo, um só operador pode manejar até 20 unidades de ordenha. A capacidade deverá ser de 40 vacas/homem/hora nas instalações menores e, 70-80 vacas/homem/hora, nas maiores.

Sistema carrocel é baseado na ideia de movimentar a vaca até o ordenhador. Este sistema tem uma espécie de plataforma móvel, com tempo de rotação variando geralmente de 7 a 12 minutos, ajustável segundo a raça das vacas, os estágios de lactação etc. As vacas são tratadas e ordenhadas em grupo, o operador tem uma boa posição de trabalho o que permite uma supervisão perfeita dos animais. A capacidade depende do número de contenções, e do grau de automatização. Um operador para até 70 vacas/hora com 14 contenções, dois operadores para até 180 vacas/hora com 28 contenções. Para se obter o máximo de capacidade com este sistema, o manejo das vacas deve ser planejado cuidadosamente.



Essa estória de vaca esconder o leite é conversa pra boi dormir e falta de ordenhadeira Westfalia.

A Westfalia oferece um completo e perfeito sistema de ordenha de acordo com as necessidades específicas do criador.

Aliás, são 3 os sistemas, que atendem a qualquer volume de produção leiteira: Sistema balde ao pé, Leite canalizado em estábulo e Leite canalizado em sala de ordenha (tipos: Espinha de Peixe, Tandem e Carossel).

Com qualquer destes sistemas, o trabalho de ordenha economiza tempo e mão-de-obra, proporciona higiene absoluta, melhora a

qualidade do leite e garante a saúde dos úberes.

Outro aspecto também importante é que a Westfalia providencia plantas de construção, instalação e a montagem de cada sistema, segundo normas estabelecidas pelo DIPOA, para produção de leite tipos A, B e C.

Se você quer melhorar o seu sistema de produção de leite, entre em contato com a Westfalia. E os nossos especialistas lhe recomendarão o melhor sistema, de acordo com sua necessidade.



Westfalia Separator do Brasil

Indústria e Comércio de Centrífugas Ltda.

Rodovia Campinas Monte-Mór, km 12 - Caixa Postal 975 - 13.100 - Campinas - SP.
PABX - 42-1555 - Telex 019-1078 - Endereço Telegráfico "WEFABRAS".

A fotografia acima, mostra um sistema de ordenha leite canalizado, em Espinha de Peixe 2 x 5 na propriedade do Sr. Antonio J. Madeira Netto em Corumbatai - SP.

PECUÁRIA

SISTEMAS DE PRODUÇÃO PARA O GADO LEITEIRO, editado em conjunto pela Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (Acaresc), e Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A. (Empasc). O leite figura em 5.º lugar entre os produtos agrícolas catarinenses, quanto ao valor de produção, sendo superado apenas pelo milho, madeira, suinocultura e avicultura. Desempenha ainda uma alternativa econômica para a pequena propriedade, que predomina no panorama fundiário catarinense. Nesse contexto entidades ligadas à assistência técnica, pesquisa, crédito, criadores e associações de classe, se reuniram para debater e formular um sistema de exploração leiteira adequado para o estado de Santa Catarina. Dois sistemas foram elaborados, e que se acham nesta obra, que publica inclusive uma série de plantas de salas de ordenha, estábulo, bezerreiro e outros.



PASTAGENS

I ENCONTRO DE ATUALIZAÇÃO EM PASTAGENS, editado pela Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares. Este trabalho é a compilação das aulas dadas no decorrer do I Encontro de Atualização em Pastagens, realizada no Instituto de Zootecnia, e da qual participaram os técnicos da Assistência Nestlé aos Produtores de Leite (ANPL). Estes são os temas tratados: Produção de Forragens, por José Vicente Silveira Pedreira; Adubações de Pastagens, por Joaquim Carlos Werner; Leguminosas Forrageiras, por H.B. Matos; Alimentação, por Edgard Leone Caielli; Ecologia e Manejo de Pastagens, por Hélio J. Sarti; Manejo de Capineiras e Conservação de Pastagens, por Celso Boin. Todos esses colaboradores são agrônomos do Instituto de Zootecnia, que transmitiram aos participantes do encontro um volume de informações necessárias para as soluções dos problemas que afetam cada vez mais a nossa produção agropecuária. 171 páginas, 1977.



RAÇÕES

TECNOLOGIA MODERNA PARA A AGRICULTURA, volume III, "A Indústria Nacional de Rações Balanceadas e Concentrados", editado pelo Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea) e Instituto de Planejamento (Iplan), órgãos vinculados à Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Este livro dá continuidade aos estudos que vêm sendo publicados sob o título geral "Tecnologia Moderna para a Agricultura", constituindo-se em seu terceiro volume. No primeiro volume cuidou-se dos defensivos vegetais, e no segundo, dos fertilizantes químicos. Este trabalho visa oferecer subsídios que permitam orientar a ação governamental de incentivo à indústria nacional de rações, cuja importância para o desenvolvimento da agropecuária nacional assume características marcantes. É uma radiografia perfeita desse importante insumo, cuja narrativa abrange o passado, avança pelo presente e termina fazendo previsões para o futuro. O Sindicato da Indústria de Rações Balanceadas do Estado de São Paulo também colaborou na feitura do livro.



ALIMENTOS

PRINCÍPIOS DE TECNOLOGIA DE ALIMENTOS de Altair J. Gava, professor assistente do Departamento de Tecnologia de Alimentos, da Universidade Rural do Rio de Janeiro. Este livro está dividido em sete capítulos: Aspectos genéricos da tecnologia de alimentos; Microbiologia de alimentos; Envenenamento de origem alimentar; Limpeza e sanitização na indústria alimentícia; Enzimas; Embalagens para alimentos e Métodos de conservação de alimentos. A área de ciência e tecnologia dos alimentos, segundo o autor, é de natureza tipicamente multidisciplinar, envolvendo um número elevado de profissionais, tanto de nível superior como de médio, que trabalham desde a produção agrícola, industrialização até o consumo. Este lançamento preenche uma lacuna na literatura nacional, visto não haver nada de similar, escrito em português, podendo ser utilizado para consulta e leitura por qualquer pessoa interessada no assunto, bem como estudantes e profissionais da área desta disciplina.



Livraria Nobel S.A. —
Rua Maria Antonia, 105
São Paulo.

**SELEÇÃO COMO ESTA RECOMENDA A FAZENDA NOSSA SENHORA
DAS GRAÇAS E FAZENDA NOSSA SENHORA DA LAPA
FERTILIDADE + LEITE + CARNE**



REFEM DE MARICA — P.O.N.-799. 16 meses, 572 kg. 1.º prêmio, Campeão Bezerro, Grande Campeão da Raça e Melhor Tipo Frigorífico na 4.ª Exp. Estadual do Rio de Janeiro-78.



ROSEL MAX DO CUPIM — P.O.N.-1279. 23 meses, 463 kg. 1.º prêmio, Campeã Júnior e Grande Campeã Júnior na 4.ª Exp. Estadual do Rio de Janeiro-78.

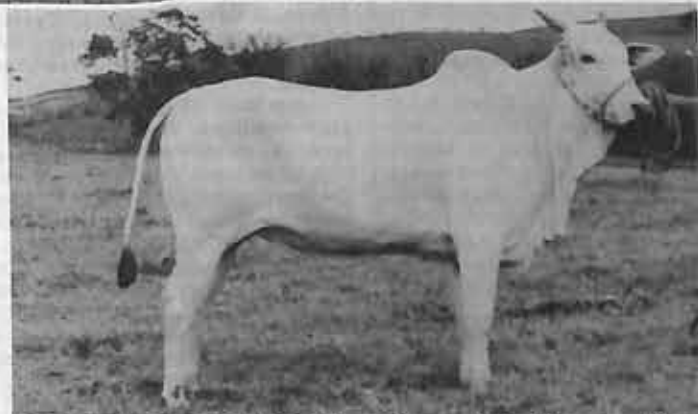
**LEMBRETE DA
RANCHO VERDE**
Reg. B-65. 65 meses, 942 kg. Pai: Karvadi (imp.); Mãe: Cobrança.



1.º prêmio, Campeão Sênior e Grande Campeão da Raça na 4.ª Exposição Estadual do Rio de Janeiro-78.



VIDARO DA INDIANA — Reg. 9218. 47 meses, 830 kg. Por Godar e Chamila V do Brumado. 1.º prêmio e Campeão Touro Jovem na Exp. Est. do Rio de Janeiro-78.



ACOPARA DA INDIANA — Contr. 9557. 28 meses, 482 kg. Por Teletir da Indiana e Goa da Nova Índia. 1.º prêmio, Campeã Novilha Menor e Grande Campeã da Raça na 4.ª Exp. Est. do Rio de Janeiro-78.

RUSTICIDADE PARA AS CRIAÇÕES EXTENSIVAS

Seleção de Nelore de origem VR e Indiana — 3 touros filhos de Karvadi — 4 touros
POI da INDIANA — Búfalos Jafarabadi — Guzerá da Lansa inclusive
POI — Simental-Fleckvieh importado da Alemanha e Mangalarga Marchador.

AGRO PASTORIL NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS LTDA
FAZENDA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS
SILVADO — MARICÁ — RJ

Escritório — Rio de Janeiro:
Tel.: 231-2109 — 221-1441 (DDD-021)
Orientação técnica — Dr. Victor Miranda Derengowski



Marca
do
gado

OS VENCEDORES DO PRÊMIO DOW

Uma equipe de quatro pesquisadores paulistas, liderada por Vicente Ribeiro do Vale Filho, foi agraciada, em Salvador, com o segundo Prêmio Dow de Veterinária, durante o XVI Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária realizado nesta cidade, em fins de outubro.

Uma placa de prata e um cheque no valor de Cr\$ 78.000,00, além da publicação do trabalho, foram entregues aos vencedores que apresentaram o melhor estudo de pesquisa sobre o tema Patologia da Reprodução Animal.

O trabalho vencedor - "Patologia do Sêmen: Diagnóstico andrológico e classificação dos Bos Taurus e Bos Indicus quanto à fertilidade para uso como reprodutores em condições de Brasil - De um estudo em 1088 touros", foi desenvolvido por Vicente e sua equipe, composta por Paulo Augusto Pinto, José da Fonseca e Luis Carlos O. Veiga Soares. Todos eles militam na área de Reprodução Animal (Inseminação Artificial).

Os autores do trabalho apresentaram, de maneira simples e prática, a origem, causas e manifestações de subfertilidade do macho bovino relacionadas ao sêmen, de onde a prevalência de subfertilidade e infertilidade em touros criados no Brasil.

No biênio 79/80 terá lugar o III Prêmio Dow de Veterinária, cujo tema é "Patologia Aviária". Maiores informações poderão ser obtidas no Departamento de Comunicações da Dow Química S.A., à Av. Brigadeiro Faria Lima, 1541 - 12.º andar - S. Paulo - SP.

EUA VIRÃO BUSCAR NOSSO ZEBU



A partir do próximo ano, o Brasil poderá exportar gado zebu para os Estados Unidos, pois existe um grande número de pecuaristas norte-americanos, sobretudo os criadores da raça brâmane, interessados na importação de reprodutores e matrizes zebuínas brasileiros.

As proibições de entrada de gado brasileiro em território norte-americano vão deixar de existir no momento em que começar a funcionar o quarentenário de Fleming Key, na Flórida, onde os animais importados do Brasil passarão por uma rigorosa bateria de testes sanitários que durarão, em média, 5 semanas.

Estas informações foram dadas em Uberaba pelo presidente da ABBA - American Brahman Breeders Association, Richard Forgason, que veio de Houston (Texas) especialmente para a posse da nova diretoria da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu.

No início da década de 20, foram exportados do Brasil para os Estados Unidos, via México, centenas de reprodutores e matrizes da raça zebu. Lá, este gado teve grande aceitação por parte dos criadores do Texas e Novo México, contribuindo para desenvolvimento da raça brâmane, que é um cruzamento entre raças européias e zebuínas, com predominância destas últimas.

No final da década de 20, entretanto, as importações de gado brasileiro foram proibidas pelo governo americano, por causa da existência de febre aftosa em nosso país.

Desde então, nunca mais foi feita uma exportação direta do Brasil para os Estados Unidos. Apesar disso, os criadores de brâmane continuaram acompanhando à distância a evolução das raças zebuínas brasileiras, que são consideradas atualmente, por especialistas, as melhores do mundo para a pecuária nas regiões tropicais e subtropicais.

Nos últimos anos, dezenas de criadores norte-americanos estiveram no Brasil, sozinhos ou em delegações, para conhecer nosso rebanho zebu de alta linhagem. E saíram daqui impressionados com a aptidão do nelore, do gir, do guzerá e do indubrasil para a produção de carne.

As importações, entretanto, continuavam proibidas. Até que o governo norte-americano, atendendo a pedidos dos próprios pecuaristas locais, decidiu construir um quarentenário em Fleming Key. Através de negociações diretas entre os dois países, foram acertadas as provas sanitárias a que serão submetidos todos os animais comprados no Brasil por criadores norte-americanos.

Richard Forgason chegou a Uberaba em companhia do secretário-executivo da American Brahman Breeders Association, Wendell Schronk, e de um dos maiores criadores norte-americanos da raça brâmane, Leslie W. Hudgins (na foto, da esquerda para direita).

AS VACAS DE PROVETA

Londres (BNS) - A progênie de alguns dos melhores exemplares das raças bovinas britânicas deverá ser posta à disposição dos criadores de gado de corte e leiteiro estrangeiro em futuro próximo, através do desenvolvimento comercial da implantação de embriões. Graças à técnica de congelamento de embriões em nitrogênio líquido e de seu armazenamento a 196 graus centígrados negativos, foram criados animais saudáveis, que passaram seus primeiros cinco anos de vida em animação congelada suspensa. Os embriões de gado foram mantidos por mais de 18 meses em estado congelado antes de serem usados e acredita-se que podem ser mantidos indefinidamente nesse estado. A técnica significa que animais de alta qualidade podem ser criados com o uso de mães "hospedeiras" de baixo nível.

O desenvolvimento comercial de transplantes de embriões está sendo realizado por T. A. Saul, Farm Embryo and Livestock Division, de East Heckington, em Lincolnshire, no leste da Inglaterra. A empresa está vendendo material da British Cattle Breeders Services, uma das maiores fornecedoras da Grã-Bretanha depois do Conselho de Comercialização do Leite.

Os embriões são removidos das vacas doadoras numa operação não cirúrgica de 20 minutos. É usada uma sonda para lançar o fluido que remove o embrião, que é selecionado em exame microscópico. Os embriões são colocados em frascos contendo um líquido especial para o transporte. Os frascos, marcados e codificados, são então imersos lentamente em nitrogênio líquido, num processo de cerca de sete horas, no qual se dá o congelamento. O descongelamento leva cerca de duas horas.

A implantação é feita com anestesia local. Realizada a incisão no flanco da vaca, o embrião é implantado no útero. A T. A. Saul informa que está recebendo qualquer pedido de informação procedente do estrangeiro.

OS BONS DO MILHO

CAMPEÕES DE PRODUTIVIDADE



Tradicional colaboradora dos concursos de produtividade de milho, organizados pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), por intermédio das suas associadas estaduais, a Agroceres reuniu num livreto a história de doze campeões, relatando a experiência vivida por cada um deles no decorrer desses concursos, bem como os métodos usados para obterem elevados índices de produtividade, dez vezes superiores à média nacional. Nossos leitores poderão obter exemplares deste livreto escrevendo para a Agroceres (Av. Dr. Vieira de Carvalho, 40 - 4.º andar - São Paulo).

O MANEJO DOS CEREAIS

A Associação Brasileira dos Fabricantes de Silos acaba de publicar um guia para orientar o agricultor sobre as modernas técnicas de planejamento do manejo dos cereais destinados à pecuária e comercialização em geral.

Trata-se da obra do eng. agrícola norte-americano Bruce A. McKenzie, traduzida pelo eng. Donald Marques, membro da Sociedade Americana de Engenheiros Agrícolas. O trabalho, pioneiro no Brasil, aborda o ciclo - descarregar, secar, elevar, armazenar e processar.

Por outro lado, o manual, editado sob o título: "Planejando o manejo dos cereais", visa despertar o interesse dos fazendeiros para desenvolver, conscientemente, suas instalações, dimensionando corretamente suas possibilidades de expansão.

Os interessados podem solicitá-lo à Abrasilos, Av. Ipiranga, 318, bloco A - 5.º, conj. 502, em São Paulo, fone: 258-1096.

UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO



A recente inclusão do Stud Book da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Árabe na World Arabian Horse Organization, segundo Oswaldo Aranha, presidente da entidade, foi o maior acontecimento da história da criação do cavalo árabe na América do Sul.

Ao retornar da reunião bial da WAHO, que congrega 31 países, Oswaldo Aranha afirmou que a vitória obtida pelo Brasil no congresso de Hamburgo dá uma nova perspectiva à criação nacional, abrindo-lhe o mercado de exportação, principalmente para os Estados Unidos, América Latina e Europa. Guilherme Echenique Filho, o mais antigo criador do país e que fez parte da delegação nacional, foi designado para a defesa técnica da proposta. Com seus imensos conhecimentos, tornou-se um dos responsáveis pela total receptividade do plenário que aprovou o Stud Book do Cavalo Árabe do Brasil, cujo primeiro livro data de 1930, sem qualquer alteração.

"E nem poderia ser de outra forma", continua Oswaldo G. Aranha, "pois o Brasil detém o 2.º maior rebanho equino do mundo com cerca de 10 milhões de cavalos, e portanto tem necessidade vital de desenvolver seu plantel melhorando suas raças". E, para se ganhar qualidades, o caminho mais indicado é o cruzamento com sangue árabe, tradicional regenerador e melhorador de outras raças.

"Além disso o nosso país, pela sua extensão territorial, depende de forma acentuada da participação do cavalo como meio de transporte nas imensas zonas rurais e como gerador de força na agropecuária".

"Portanto, a melhoria do plantel equino brasileiro significa um grande serviço à nação e o reconhecimento das qualidades do cavalo árabe nacional, a nível mundial, representa um novo ânimo e estímulo aos criadores que de agora em diante têm a garantia da WAHO como fonte de referência de seus produtos no mercado externo" — concluiu Oswaldo Aranha.

Acima vemos o campeão britânico Naseem, nascido em 1922 em Crabbet Park, aos 5 anos. Nesta foto tirada por Lady Wentworth, sua proprietária, pode-se ver reunidas todas as características de um Árabe de alta estirpe: cabeças pequena em relação ao corpo com chanfro entrado; olhos grandes, redondos e brilhantes; ganachas bem marcadas, uma perfeita inserção de cabeça no pescoço longo, musculoso e bem arqueado; focinho pequeno onde se destacam as narinas elásticas e capazes de dar passagem a uma grande quantidade de ar. Aliás, esta característica da raça Árabe sempre foi muito apreciada pelos beduínos que chamavam os cavalos do deserto de "bebedores de vento".

GAVIÃO, AMIGO DA AGRICULTURA

O extermínio dos animais daninhos à agricultura, sem o uso de inseticidas ou pesticidas, poderá ser brevemente desenvolvido, no Brasil, através de Bandos de Gaviões, treinados para eliminar pragas, que afetam a vegetação e o homem. O resultado da pesquisa, que levou a Zoológica a alcançar esse estágio, foi revelado pelo diretor do Zoológico de São Paulo, Mário Autuori, durante o I Congresso Internacional de Veterinária de Língua Portuguesa, realizado em fins de julho, em São Paulo.

Essa tarefa de controle ambiental, já realizada na Europa pelo Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia de 1973, o zoólogo Konrad Lorenz, apoia-se nas características típicas, dessa ave de rapina: por ser um dos únicos animais sem condicionamento genético de alimentação, pode ser treinado a comer qualquer coisa, inclusive os predadores que ameaçam a produção agrícola brasileira.

"Aves de rapina — diz Mário Autuori — constituem tão importante capítulo da História Natural, que mereciam ser agrupadas, num zoológico à parte. No futuro, aliás São Paulo poderá ter, dentro da tendência de zoológicos especializados, um que agrupe, apenas aves, como os gaviões. A implantação desses conjuntos zoológicos traria, como principais vantagens, a oportunidade de se ampliar a mostra da fauna mundial, o conhecimento mais aprofundado das espécies, a disponibilidade de maior espaço para os bichos e novas opções de lazer para a população".

Ao defender a tese "Evolução dos Jardins Zoológicos no Brasil", o cientista brasileiro desaconselha a proliferação desordenada de Zoológicos no Brasil. Salientara que, para um país, que não possui uma tradição no setor, é mais importante que as poucas reservas recebam maiores subvenções, para desenvolver pesquisas biológicas, do que canalizá-las, para a criação de zoológicos deficitários, sem condições de preservar seu parâmetro de qualidade animal.



José Lutzemberger recebeu das mãos de Walter Lazzarini Filho, presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, a pequena estatueta da deusa Ceres, representando a sua escolha como "Engenheiro Agrônomo do ano". Na noite de entrega da láurea, dia 8 de novembro, o auditório da associação ficou totalmente cheio e sensibilizado com as palavras proféticas de Lutzemberger, que como presidente da Associação Gaúcha de Proteção à Natureza (Agapan) fez patético apelo para a classe agrônoma, no sentido de lutar contra a destruição da nossa ecologia. A justificativa da entrega do prêmio a Lutzemberger foi dada por Lazzarini: "ele foi neste ano o agrônomo mais combativo e atuante na defesa de uma agricultura mais racional e menos tecnocrática, tendo exposto com coragem suas idéias, levando a classe agrônoma a uma maior participação política com a discussão de grandes problemas da sociedade."

Jorge Rudney Atalla, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Appaloosa, fundada há quase um ano em São Paulo, está comunicando que a diretoria e conselho técnico da associação aprovou o regulamento do Stud Book e o padrão racial dos Appaloosa. Os documentos já foram encaminhados ao Ministério da Agricultura, através da Comissão Coordenadora da Criação do

Cavalo Nacional (CCCCN) para homologação e inscrição da entidade como representante dos criadores da raça. Juntos com Atalla, na diretoria para o biênio 77/79 estão: Antonio Luis Teixeira de Barros Junior, Luis Bannwart Filho, Nicola Benito Borelli, Carlos de Souza Toledo e Hugo Romero Saraiva. Os cavalos Appaloosa foram criados e selecionados por índios americanos do estado de Oregon, tem como característica principal as manchas situadas nas ancas e garupas. Em próximas edições publicaremos um trabalho sobre a raça.



Nelson Antunes, diretor da Rhodia, é o novo presidente do Sindicato da Indústria Nacional de Defensivos Animais (Sindan), entidade que congrega a quase totalidade das empresas fabricantes de produtos veterinários. Logo ao assumir o cargo, Antunes entabulou com a Secretaria do Planejamento da Presidência da República, via Ipea/Iplan, a publicação de trabalho envolvendo um completo levantamento da



Tarcísio de Vasconcelos Maia, governador do Rio Grande do Norte, abriu a III Exposição Nacional da Raça Guzerá, realizada de 8 a 15 de outubro em Natal, dizendo que "essa iniciativa deveu-se por ser o Guzerá o boi ideal para o nordeste, dada a sua rusticidade e capacidade de produzir carne e leite". Atentos às palavras do governador, vemos Bernardo Winkler, presidente da Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil, José Resende Peres, secretário da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro e o ministro Paulinelli. A

indústria de defensivos animais, nos mesmos moldes já feito com a indústria de fertilizantes e defensivos vegetais. Octacílio Nolan (Tortuga), Pedro Antonio L. Leite (Leivas Leite), Flávio Alves da Rocha (Iva) e Paulo Eduardo Alves Corrêa (Farmavet) são os companheiros de diretoria de Antunes, eleitos na Assembléia Geral em junho.

Salvador Firace, produtor rural (Cerqueira Cesar, SP), industrial (insumos para a avicultura), advogado, economista e jornalista, está assumindo pelo décimo ano consecutivo a presidência do Sindicato da Indústria de Rações Balanceadas do Estado de São Paulo (Sirbep), já agora com sede nova, na rua Henrique Schauman. Na noite da inauguração Firace, também presidente há três anos da Bolsa de Cereais, entregou a

exposição contou com mais de 400 animais Guzerá, e o leilão realizado movimentou a importância de 45 milhões de cruzeiros. Na oportunidade falou também Peres, criador da raça em São Pedro dos Ferros, Minas Gerais. Disse ser um erro o Nordeste importar leite do sul, quando poderia produzi-lo, bastando para isso utilizar o Guzerá e seus cruzamentos com o Holandês, Suíço ou Jersey. Disse ainda que esta Exposição de Natal foi a mais importante em qualquer parte do mundo pelo número e qualidade dos animais.

publicação "Tecnologia Moderna para a Agricultura. Volume III — A Indústria Nacional de Rações Balanceadas e Concentrados" editado pelo Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea) e pelo Sirbep. Nessa publicação está praticamente toda a história da indústria de rações no Brasil, presente, passado e futuro.



Melhorando a produtividade do rebanho nacional.



Suplementos Vitamínicos

Avistress
Polimix A D E
Polimix PR
Polimix Suínos
Polimix Aves Corte
Polimix Aves Matriz
Poli-Forte

Suplementos Minerais

Fosfatec 1200
Fosfatec 1272
Koem-Aves
Polimin Suínos
Polimin Ruminantes

Vacinas

Vacina c/EA
Vacina c/New Castle
Vacina c/Bouba
Vacina c/Coriza
Vacina c/Marek

Desinfetantes e Inseticidas

Iodophor Fatec
Lebon-50
Obanol-516
Matabicheiras Fatec
Moscatol
Toxafos

Suplementos Diversos

Furamizol-50
Maicolin-50
Neomaizon
Obamix
Panfran

Vermífugos

Tetramizol-Injetável
Bitinol
Pipergran

Especialidades

ADE Injetável
Furamizol-SD
Kanainjecto 250
Neomaizon Injetável
Roferton
Sulfatec Injetável

Aparelhos

Detector de Metais
Teste de CMT
Descornador
Seringa Automática

FATEC QUÍMICA INDUSTRIAL S.A.

Administração Central - São Paulo - SP
Pça. da Liberdade, 130 - 10º and. - c/ 1003
CEP. 01000 - C.P. 2500 - Telex 112483B(FATC-B)
Tels.: 34-9751, 37-1401, 37-1403 e 37-1408

Unidade Industrial - Arujá - SP
Bairro do Portão, s/nº - Tels.: 20291 e 20292

Filial Londrina (PR)

Rua Recife, 30 - Tel.: 230586

Filial Marília (SP)

Rua São Luiz, 1284 - Tel.: 3816

MAIS DE 400 ANIMAIS EXPOSTOS EM NATAL



Governador Tarcísio Maia e o ministro Paulinelli na abertura oficial da exposição.

Considerando as condições de adaptabilidade do gado Guzerá ao clima do Nordeste do Brasil, o governo do Estado do Rio Grande do Norte promoveu em Natal a realização de um grande certame destinado exclusivamente a essa raça bovina indiana. Para isso entrou em entendimentos com a respectiva associação de criadores, a qual anuiu a tais propósitos, vindo a efetuar-se na capital do Estado potiguar a III Exposição Nacional de Guzerá. As duas primeiras ocorreram no Rio de Janeiro. Assim, a Festa do Boi assumiu dimensão nacional.

Foram apresentados 437 exemplares do gado de chifre em forma de lira, oriundos de nove Estados, os quais despertaram a atenção dos milhares de pessoas, que passaram pelo parque Aristóteles Fernandes, na localidade chamada Eduardo Gomes. Salientou-se que, na segunda exposição nacional de Guzerá, no Rio de Janeiro, exibiram-se apenas 220 cabeças. Todavia, mais que a concorrência, fala desse sucesso o fato de terem sido agora comercializadas cerca de duzentas cabeças, num leilão em que a importância movimentada ultrapassou a casa dos Cr\$ 4.500.000,00, financiados por estabelecimentos bancários instalados no próprio recinto.

Presidiram a inauguração o sr. Alysso Paulinelli, ministro da Agricultura e o sr. Tarcísio Maia, governador do Estado,

tendo-se representado a Associação Nacional de Criadores da Raça Guzerá por seu presidente, sr. Bernardo Vinkler. Nessa oportunidade, o governador declarou ter procurado novos caminhos para a agropecuária, o que lhe parecia ter conseguido; e acrescentou que vai deixar brevemente o governo em boas mãos, pois o eleito para substituí-lo colocou a agropecuária como meta prioritária de sua administração. Referiu-se ao Guzerá como o boi ideal para o Nordeste, dadas a sua rusticidade e capacidade de produzir carne e leite. O ministro Paulinelli, de seu lado, salientou aspectos do desenvolvimento do nosso criatório, especialmente as possibilidades de exportação nacional de carne.

Além de presidente da Associação Brasileira de Criadores de Zebu, sr. Manoel Carlos Barbosa, presenciaram a abertura do certame importantes pecuaristas de vários Estados do País, principalmente das capitais mais próximas de Natal. Houve proveitosa troca de idéias e conhecimentos entre todos os presentes, o que resultará por certo em novo alento à pecuária potiguar.

O parque de exposições de Natal apresentou vários melhoramentos, entre os quais o pavilhão de leilão, dotado de arquibancadas para 500 pessoas, nova pista para desfile dos animais, novos restaurantes e bares. Em recinto adequado, reali-

zaram-se espetáculos musicados que atraíram o interesse público. Foram igualmente apreciadas as modernas máquinas agrícolas expostas, cata-ventos, moinhos para irrigação, balanças de pesar gado, implementos em geral. Tratores e automóveis de passeio foram objeto de especial atenção.

Foram também leiloados bovinos da raça Limousine, cavalos árabes, quase de milha e puro sangue inglês, tendo-se atendido a máquinas agrícolas o financiamento bancário pelo Banco do Brasil, Banco do Nordeste e Banco do Estado do Rio Grande do Norte.

O público interessou-se vivamente pelos caprinos e ovinos, pelos peixes e especialmente pelos cavalos.

AS VANTAGENS DO GUZERÁ

O Rio Grande do Norte contava antes com quatro criadores de Guzerá. A exposição mostrou as possibilidades dessa raça, despertando o interesse de outros pecuaristas. O sr. Edivaldo Borges, um dos coordenadores do certame, salientou que o Guzerá, cruzado com holandês, Schwyz e Nelore dá ótimo produtor de leite. Vários exemplares desse tipo de cruzamento foram expostos na Festa do Boi, mas sua comercialização não foi permitida: apenas a do Guzerá puro.

De seu lado, o sr. José Resende Peres, secretário da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, encareceu a importância do Guzerá para o Nordeste, pois este gado veio da Índia, de região ecologicamente mais difícil que o Nordeste, e está milenarmente aclimado a uma ecologia adversa. Espera que os criadores do Nordeste, mal orientados no passado em termos de raça, deixem de criar Nelore, indicado para zonas de terras férteis e de alto índice pluviométrico e péssima produtora de leite.

Peres considera um erro o Nordeste importar leite do sul, quando poderia produzi-lo. "Para tanto, é só utilizar o Guzerá, o Gir e seus cruzamentos com Holandês, Schwyz ou Jersey. A vaca meio-sangue Holando-Guzerá é uma vaca com resposta econômica nesta região. O Nordeste é mais do boi que da planta. Acho um erro insistir em cultura de mandioca e milho em áreas semi-áridas. Quem ficou rico aqui plantando mandioca e milho? O Rio Grande do Norte, incorporando tecnologia, disseminando capineiras irrigadas em cada fazenda e introduzindo sistemas de arraçãoamento com base na mistura melaço-uréia, dentro de poucos anos passaria de importador a exportador de carne e leite."

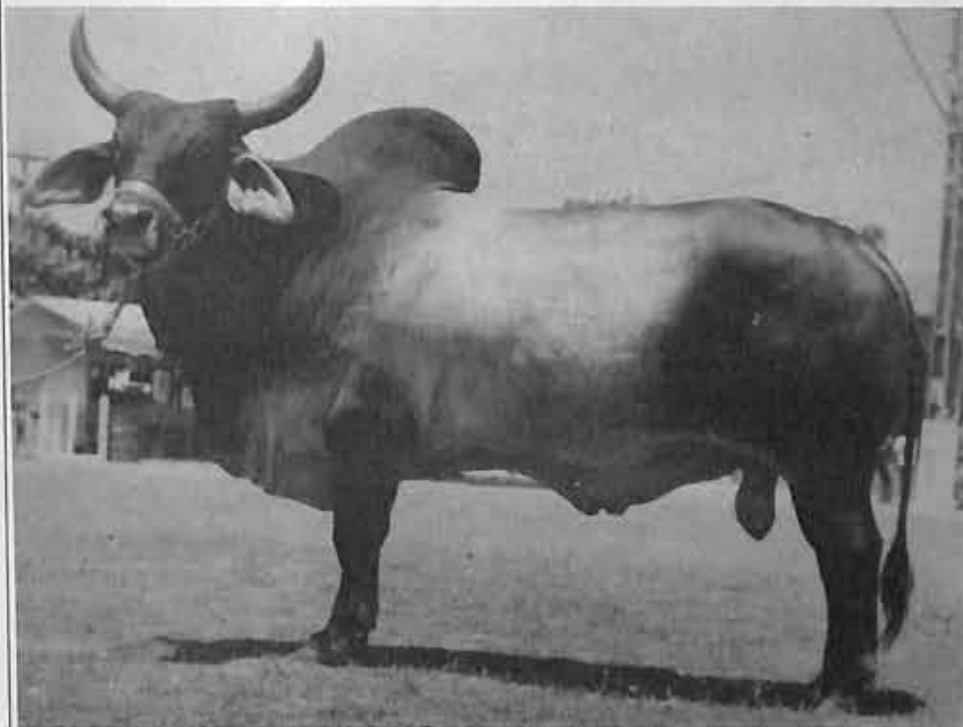


→ O discurso de Bernardo Winkler, presidente da Associação dos Criadores de Guzerá.

RANCHO MAIA — CURVELO - MG

de ALBERTO MARQUES DA SILVA MAIA

End.: Caixa Postal 25 — Fone: (037) 721-1823 — CURVELO — MINAS GERAIS



**MAIS CARNE
E LEITE**

**CAXAMBU
MAIA**
Reg.: 5515
Peso - 880 kg
47 meses.

GANGAZUNAS
Reg.: 7627

DAMA-A
Reg.: A-4224

Campeão Touro
Jovem na Exposição de Campeões
em Belo Horizonte-77.

"A Exposição de Guzerá de Natal — disse Resende Peres — foi a mais importante em qualquer parte do mundo, pelo número (430) e pela qualidade dos animais. A exposição se realiza num instante em que a pecuária se liberta da crise provocada pela inexperiência dos técnicos burocratas do Ministério da Fazenda, os quais, tabelando a carne a preço vil nos últimos quatro anos e restringindo o crédito à pecuária, provocaram o abate antecipado de milhões de vacas novas, aptas para a reprodução e, maioria, carregando no ventre o bezerro que seria o novilho deste e dos próximos anos.

"Como as autoridades financeiras promoveram a escassez e como a recomposição de um rebanho não se faz em prazo curto, a pecuária entrou em novo ciclo de retenção de matrizes, de melhoramento da infra-estrutura nas fazendas, porque voltou a ser atividade lucrativa" — concluiu José Resende Peres.

ANIMAIS PREMIADOS

Ione Lajes de Omena — Fazenda Alfredo de Maia — Cacimbinhas (AL): Fada — Reservada Campeã Bezerra; Famoso — Reservado Campeão Bezerro.

Camillo Collier Filho — Fazenda Vale Feliz — Paudalho (PE): Baroda S — Campeã Bezerra.

Fausto Pontual & Filhos — Fazenda Preferência — Primavera (PE): Afago FP — Campeão Bezerro.

Camilo Collier Filho — Fazenda Vale Feliz — Paudalho (PE): Alegoria de Reilloc — Reservada Campeã Júnior.

João Roberto Leite — Fazenda Joberlei — Campina Grande (PB): Conhaque JR — Reservado Campeão Júnior.

Ernesto de Salvo — Fazenda Canoas — Curvelo (MG): Acari S — Campeã Júnior.

Ione Lajes de Omena — Fazenda Alfredo de Maia — Cacimbinhas (AL): Elogio — Campeão Júnior e Frigorífico.

Camilo Collier Filho — Fazenda Vale Feliz — Paudalho (PE): Diadema Maia — Reservada Campeã Vaca Jovem.

Humberto Cesar de Almeida — Fazenda Muçambê — Massaranduba (PB): Utha — Reservado Campeão Touro Jovem.

Ernesto de Salvo — Fazenda Canoas — Curvelo (MG): Paineira S — Reservada Campeã Sênior.

Ione Lajes de Omena — Fazenda Alfredo de Maia — Cacimbinhas (AL): Destino II — Campeão Touro Jovem.

Ernesto de Salvo — Fazenda Canoas — Curvelo (MG): Targana S — Campeã Vaca Jovem e Reservada Grande Campeã Nacional.

Divaldo de Melo Jardim — Fazenda São José — Corinto (MG): Cochilo da São José — Reservado Campeão Sênior e Reservado Grande Campeão Nacional.

Ernesto de Salvo — Fazenda Canoas — Curvelo (MG): Nicaragua S — Campeã Sênior e Grande Campeã Nacional.

Humberto Cesar de Almeida — Fazenda Muçambê — Massaranduba (PB): General H — Campeão Sênior e Grande Campeão Nacional.



Nas quatro fotos acima a entrega dos prêmios.

Dando continuidade aos
42 anos de seleção da raça

GUZERÁ

DE ALTA LINHAGEM

a Cia. Engenho Central de
QUISSAMAN apresenta

alguns exemplares
do maior plantel da raça
no Estado do Rio de Janeiro

500 matrizes
registradas.

4 reprodutores
importados servindo
o plantel.

Vacada toda crioula.

Venda permanente de
TOURINHOS e NOVILHAS
CONTROLADAS



**CIA. ENGENHO CENTRAL
DE QUISSAMAN**

Diretor - Superintendente: Dr. Joaquim Bento
Ribeiro de Castro

FAZENDA: Quissaman — 4.º distrito de
Macaé, Estado do Rio - PABX (0264) 62-1155

Rio de Janeiro:

Av. Churchill, 129 - 8.º s/801

Tels. 252-1987 - 252-6363 - 242-7359

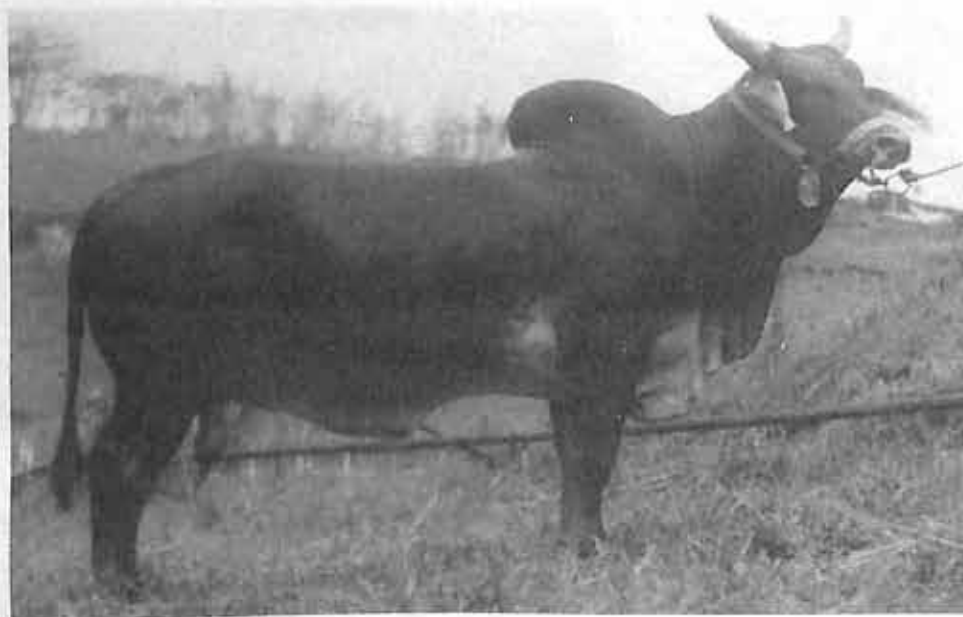
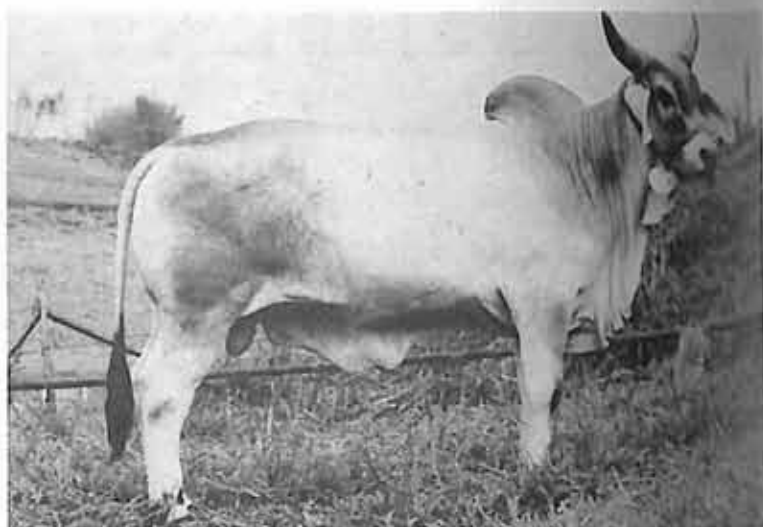


PRIMOROSO DE QUISSAMAN

CONTROLE - 3352
 IDADE - 24 meses
 PESO - 550 kg
 1.º Prêmio e Campeão
 Júnior na 4.ª Expo.
 Estadual do Rio
 de Janeiro -
 Cordeiro 1978.

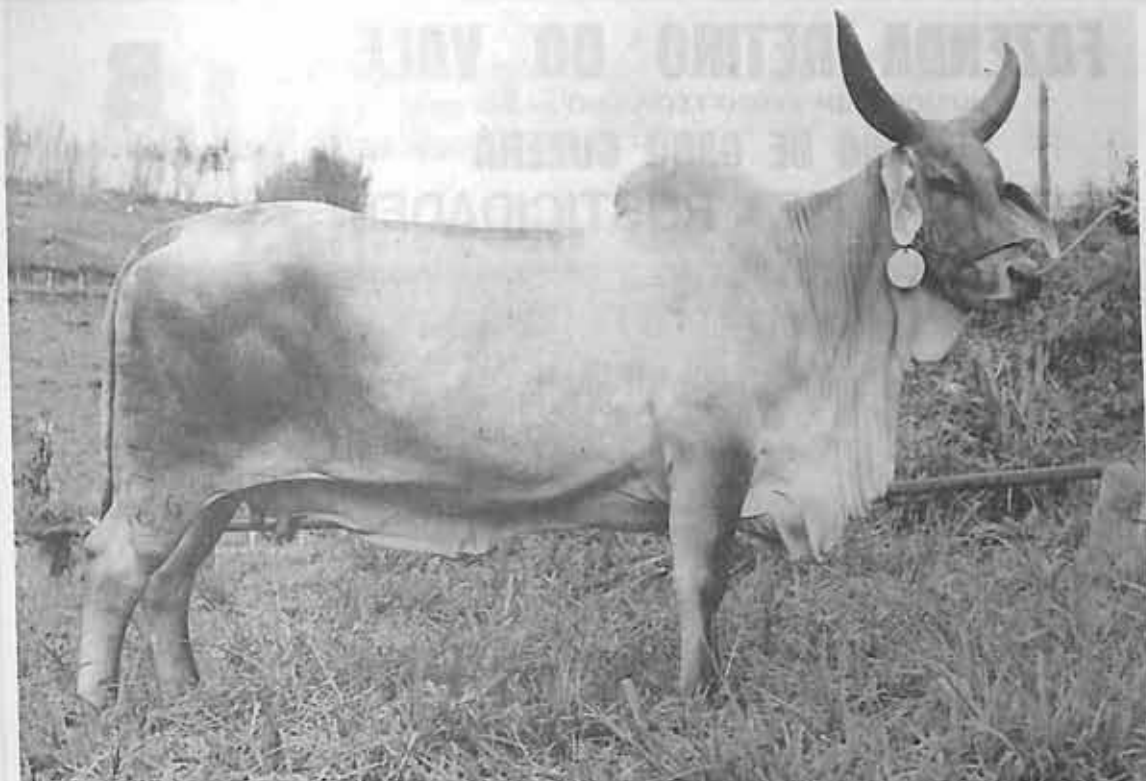
ROBUSTO DE QUISSAMAN

CONTROLE - 3527
 IDADE - 18 meses
 PESO - 470 kg
 Campeão Bezerro e
 Campeão Tipo
 Frigorífico na 4.ª
 Expo. Estadual do
 Rio de Janeiro -
 Cordeiro 1978.



PRIMAVERO DE QUISSAMAN

CONTROLE - 3437
 IDADE - 22 meses
 PESO - 540 kg
 Reservado Campeão
 Júnior na 4.ª Expo.
 Estadual do Rio
 de Janeiro -
 Cordeiro 1978.

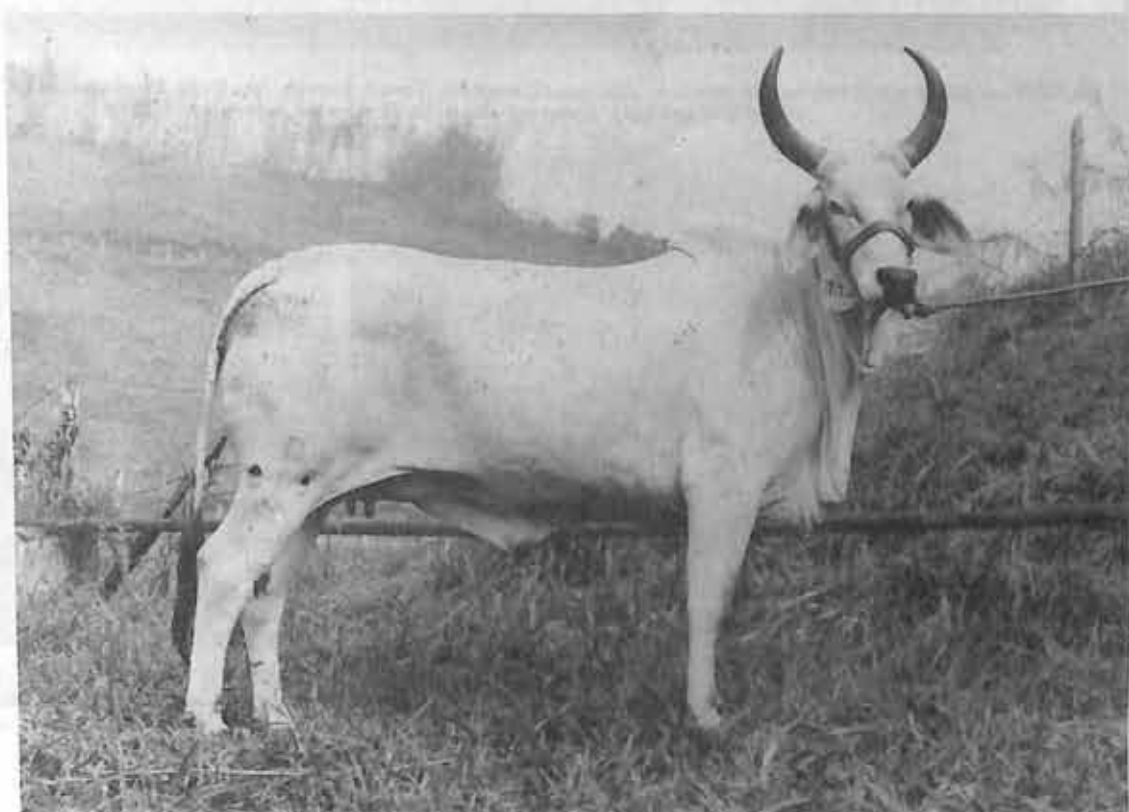


MENSAGEM DE QUISSAMAN

REGISTRO - D-376
 IDADE - 46 meses
 PESO - 660 kg
 1.º Prêmio - Campeã
 Vaca Jovem e Grande
 Campeã da Raça, na
 4.ª Expo. Estadual
 do Rio de Janeiro -
 Cordeiro 1978.

MATRIZ DE QUISSAMAN

REGISTRO - D-919
 Uma das 500 matrizes
 do plantel de Guzerá
 da Cia. Engenho
 Central de Quissaman.



B

MARCA

FAZENDA RETIRO DO VALE

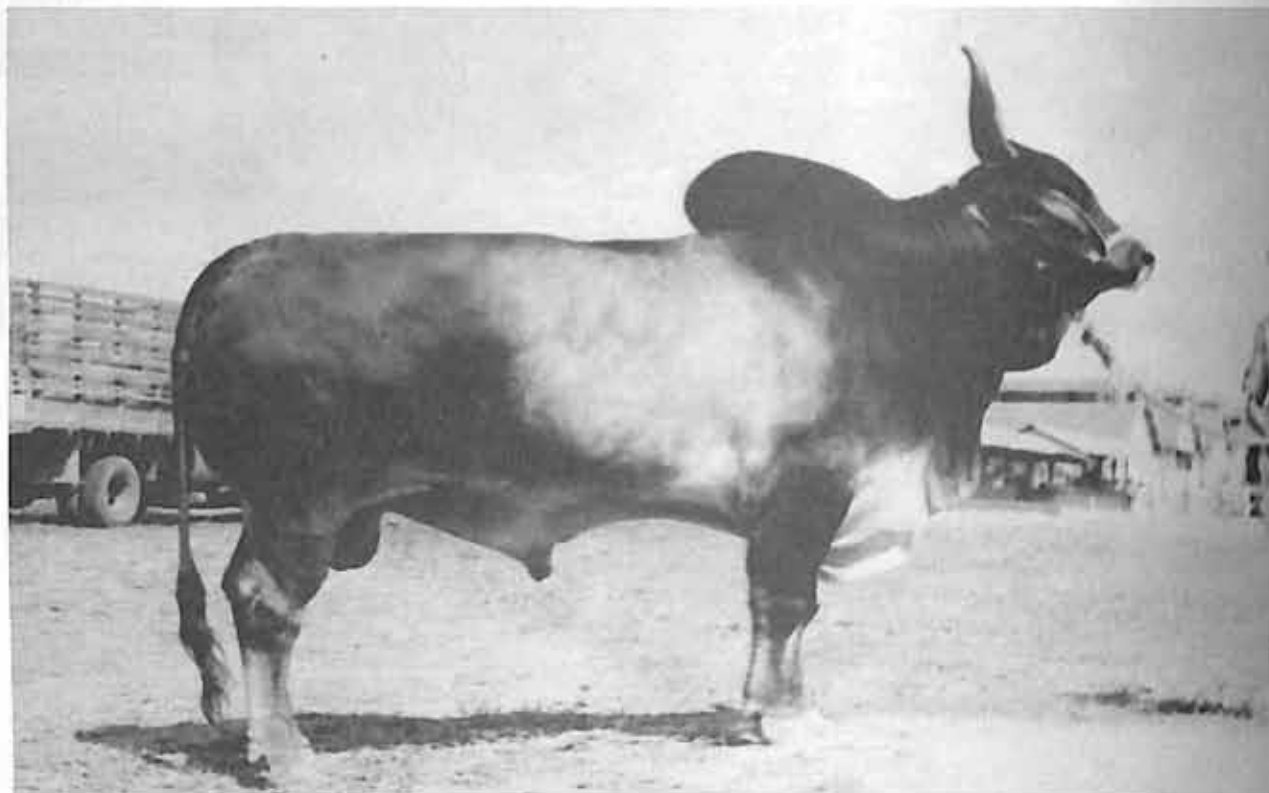
MUNICÍPIO DE PEDRO LEOPOLDO — MG

SELEÇÃO DE GADO GUZERÁ

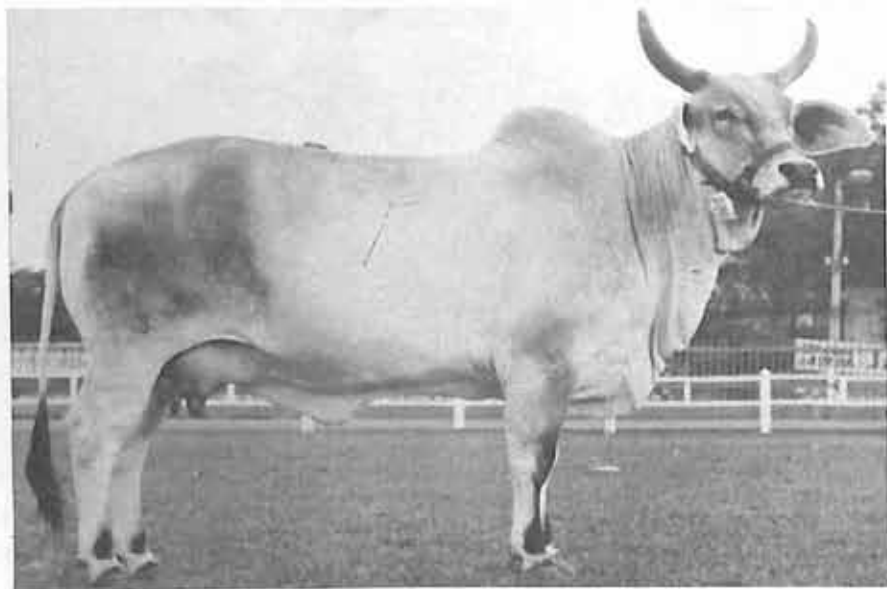
(PESO - LEITE - RUSTICIDADE)

B

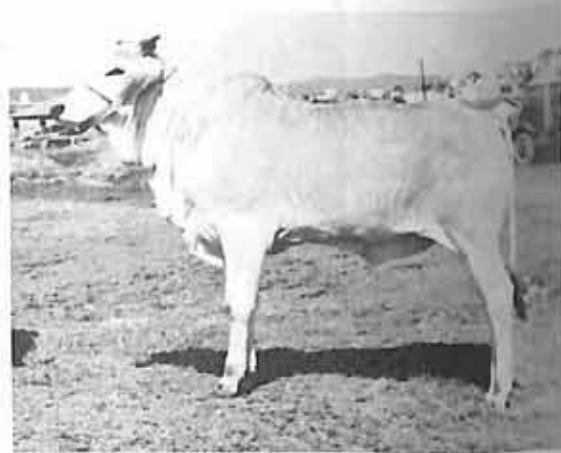
MARCA



BARDO — RGD n.º 7.765 — 52 meses — 920 kg. Campeão Touro Jovem em Belo Horizonte, 1977. Grande Campeão na IX Exposição Estadual de Belo Horizonte, setembro - 1978.



DINA — RGD n.º C3846 — Campeã Vaca Jovem em Belo Horizonte - 1977. Grande Campeã na IX Exp. Estadual — Belo Horizonte, setembro - 1978.



HELADE — Controle n.º 75, 8 meses, 240 kg. Filha de Dina — Reservada Campeã Bezerra na IX Exp. Estadual de Belo Horizonte, setembro - 1978.

Dr. BRAZ FILIZZOLA FILHO

Rua Oscar Trompowsky, 572 — Fone: (031) 332-2432

30.000 — BELO HORIZONTE — MG

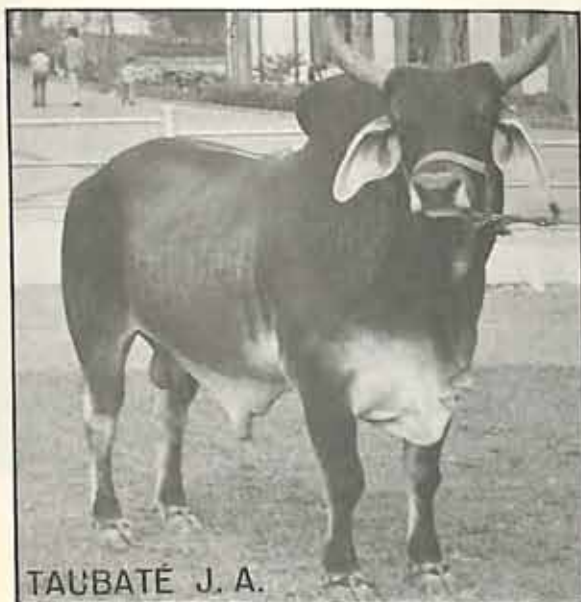
GUZERÁ 4M



Linhagem de leite e carne

Opção para qualquer cruzamento

TOUROS GUZERÁ USADOS NO REBANHO 4M



TAUBATÉ J. A.



VAMPIRO



GUAPORÉ



SENADO

Sêmen à venda na CIPARI - Londrina

fazenda das quatro meninas

FAZENDA DAS QUATRO MENINAS

INDÚSTRIAS AGRO-PECUÁRIAS LTDA. — BOTUCATU — SP

Criador: BERNARDO WINKLER

Botucatu: Caixa Postal 64 - Telefone: 22-1250

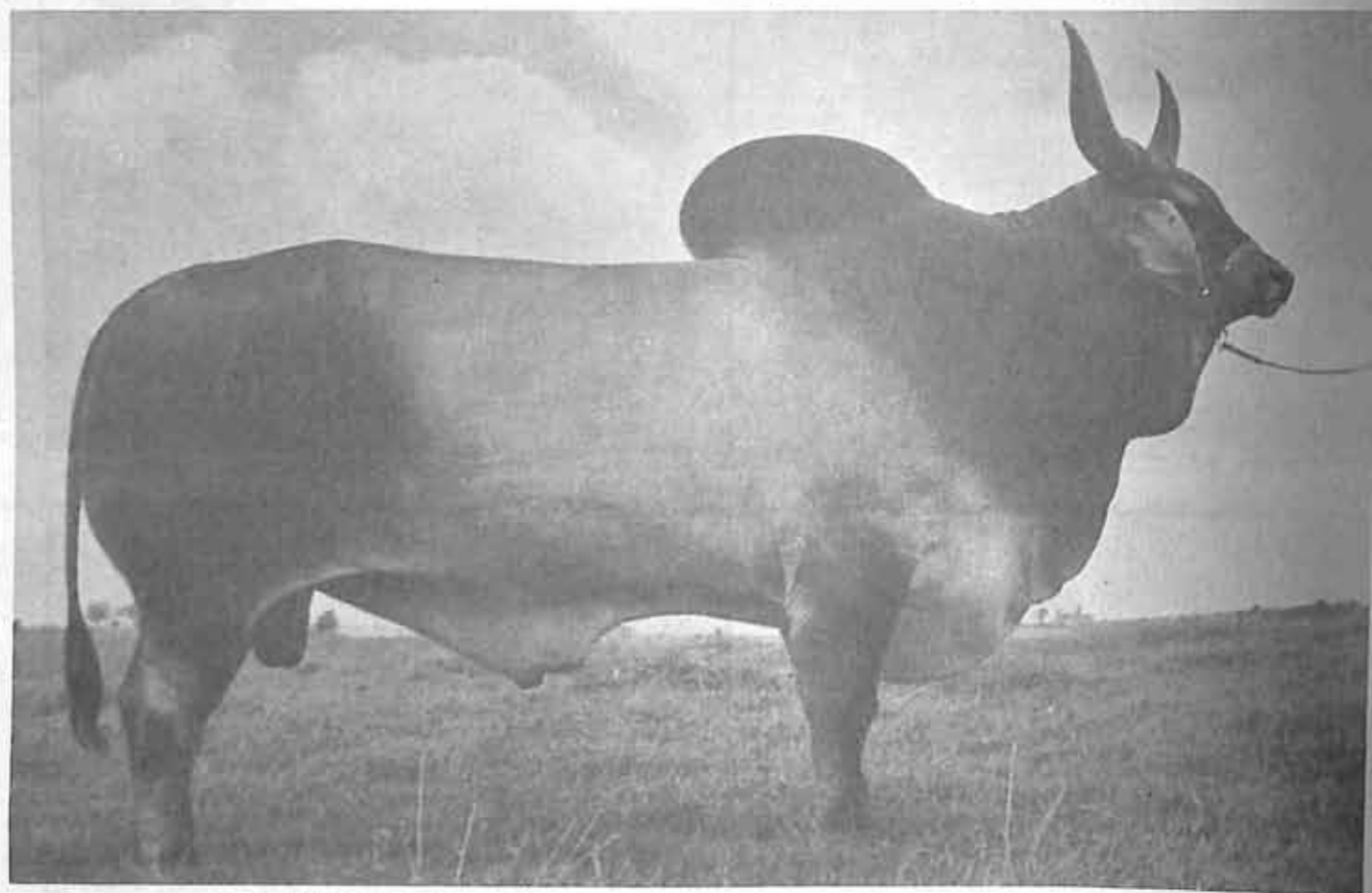
Rio de Janeiro: Caixa Postal 518 - Tels.: 221-1627 e 245-0980

FAZENDA MUÇAMBÊ



FATO INÉDITO NA PECUÁRIA BRASILEIRA

- CAMPEÃO NACIONAL - UBERABA / 78
- CAMPEÃO NACIONAL - III EXPOSIÇÃO NACIONAL DA RAÇA GUZERÁ, NATAL / 78



GENERAL - H: 907 kg com apenas 44 meses

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| • Campeão Bezerra, João Pessoa/75 | • Grande Campeão, C. Grande/77 |
| • Campeão Bezerra, Uberaba/76 | • Grande Campeão, Natal/77 |
| • Grande Campeão, Natal/76 | • Grande Campeão, Recife/77 |
| • Campeão Júnior, Recife/76 | • Grande Campeão, Uberaba/78 |
| • Campeão Júnior, Uberaba/77 | • Grande Campeão, Natal/78 |

FAZENDA MUÇAMBÊ

Proprietário:

DR. HUMBERTO DE ALMEIDA

Correspondência: Caixa Postal 86 — CEP 58.100

Telefones: (085) 321-5411 e 321-5812

Campina Grande — Paraíba

HARAS CALIFORNIA

PROP. AMELETO WAETGE

SARAPUÍ - SP



IMPACTO

De Orlândia
12 meses

Fulião

Copacabana



CASSINO

Da Margarita
15 meses

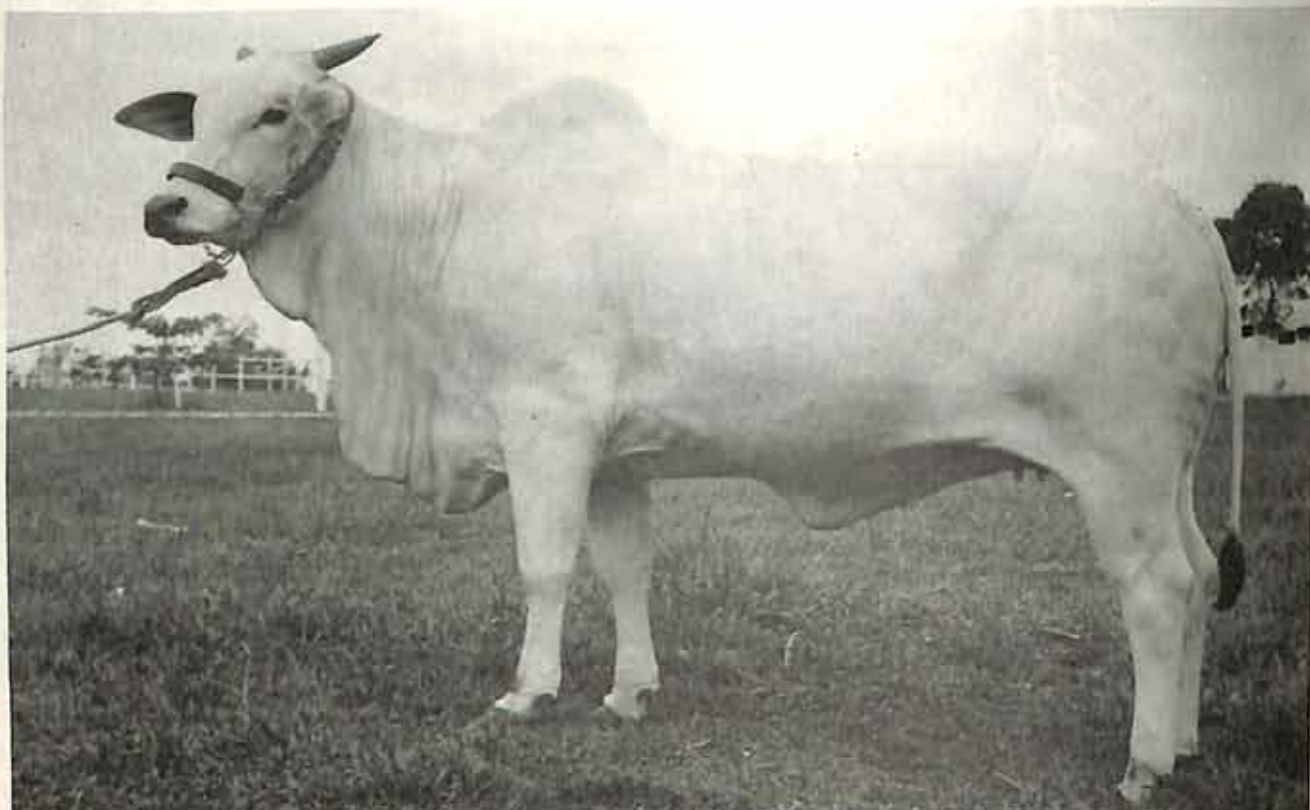
Tutano J.O.

Dracena Helvetia

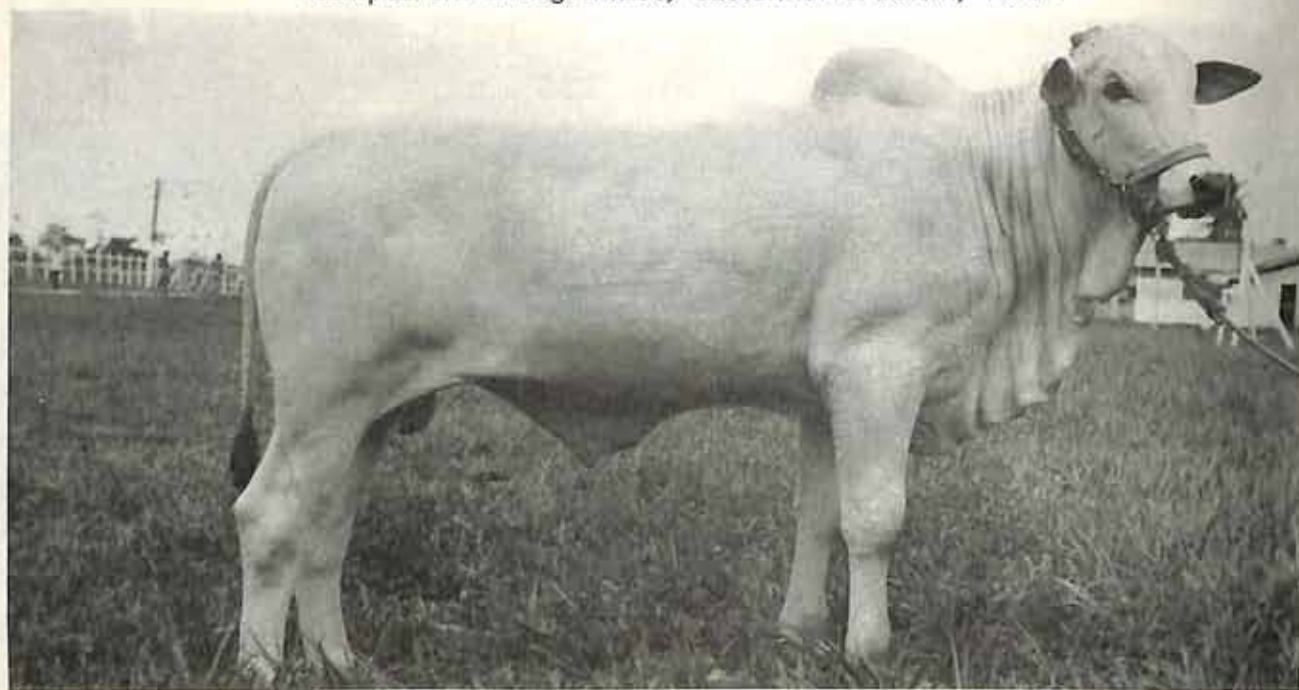


FAZENDA ITAQUI

CRIAÇÃO E SE



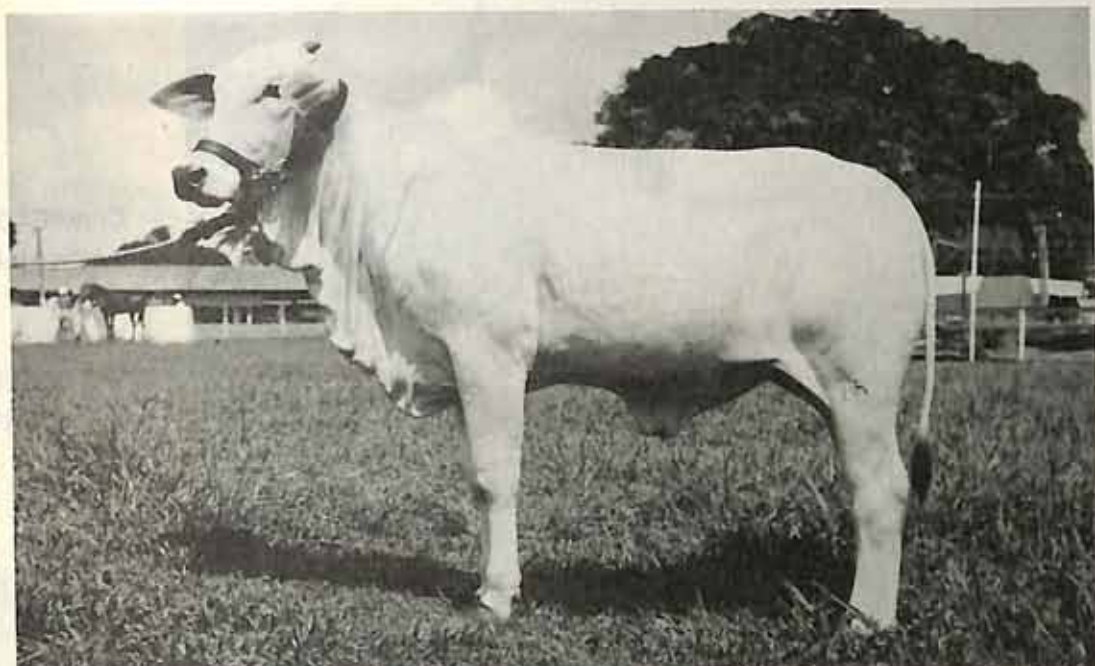
JATMA DO ITAQUI — PO. RG. AL-2266. Campeã Vaca Jovem e Grande
Campeã em Paragominas, Castanhal e Belém, 1978.



MAHAL DO ITAQUI — PO. Controle 1659. Campeão Bezerro
em Castanhal e Belém, 1978.

AGROPECUÁRIA LTDA.

SELECÇÃO DE NELORE



**MAHARANI
DO
ITAQUI,
PO.**
Controle
1508.
Campeã Júnior
em
Paragominas,
Castanhal e
Belém,
1978.



**MADYANA
DO
ITAQUI,**
Controle 1717.
Campeã
Bezerra
em Belém,
1978.

FAZENDA ITAQUI AGROPECUÁRIA LTDA.

Sede: Km 54 da Rodovia Belém-Castanhal

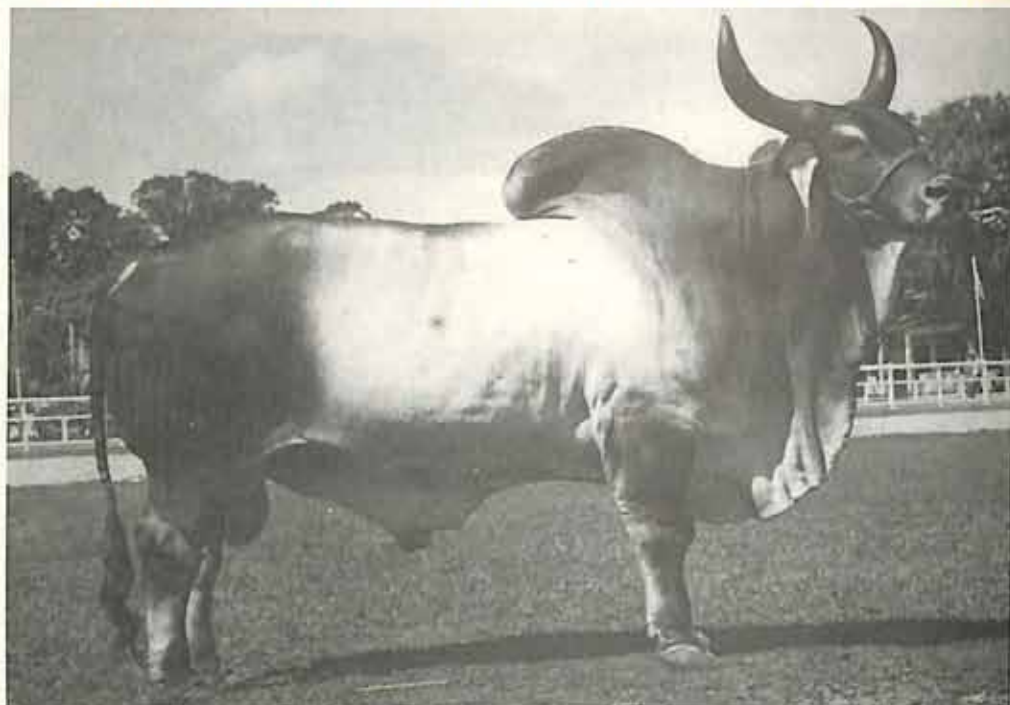
Escritório: Rua Manoel Barata, 138 - Tel. 223-6071 - BELÉM - PA

FAZENDA CANOAS

ERNESTO DE SALVO

Cx. Postal 13 — Tels. 037-721-2772 e 031-337-5961 — Curvelo — MG

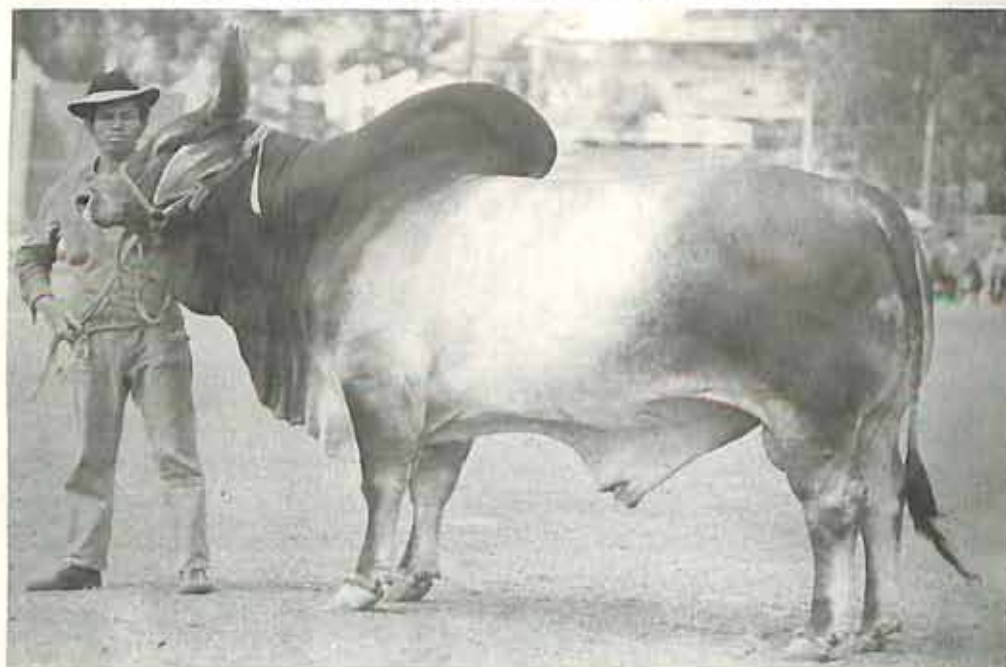
D
E
M
A
I
S
·
S



CAMPEÃO
NACIONAL
PAI
DE
CAMPEÕES
NACIONAIS

A Fazenda Canoas obteve na III Exposição Nacional de Gado Guzerá o maior n.º de pontos entre expositores de 10 Estados. Grande Campeã, Reservada Grande Campeã, Campeã Sênior, Reservada Campeã Sênior, Campeã Vaca Jovem e Campeã Júnior.

G
A
L
Ã
·
S



CAMPEÃO
NACIONAL
PAI
DE
CAMPEÕES
NACIONAIS

23 anos de controle leiteiro em todas as fêmeas do rebanho.
19 anos de controle de desenvolvimento em todas as crias.

FAZENDA DA BARRA

Mun.: Além Paraíba — MG

PROP.: DR. TOBIAS KANT COUTINHO ROTHIER

End.: Av. Copacabana, 1052 — Grupo 301 — Fone: 256-0100 — Rio de Janeiro — RJ.

JOGADOR

Sêmen na
CIAVAL:
Rua Tanaby, 256.
Tel. 62-1939
São Paulo - SP



Reg. 8331 - Nasc. 26-2-73. Peso máximo: 960 kg. **Campeão Júnior** em Além Paraíba - 75, **Campeão Touro Jovem** em Cordeiro - 76, **Grande Campeão** em Leopoldina - 78, **Res. Grande Campeão** em Cordeiro - 78 e **Grande Campeão** em Campos - 78.

Parev Celawati DC-136
4821

Duque-460
3743

Gravina
A-3399

JOGADOR

Espanhola-587
A-8584

Fakir 1007
4821

Brevidade 168
A-8061

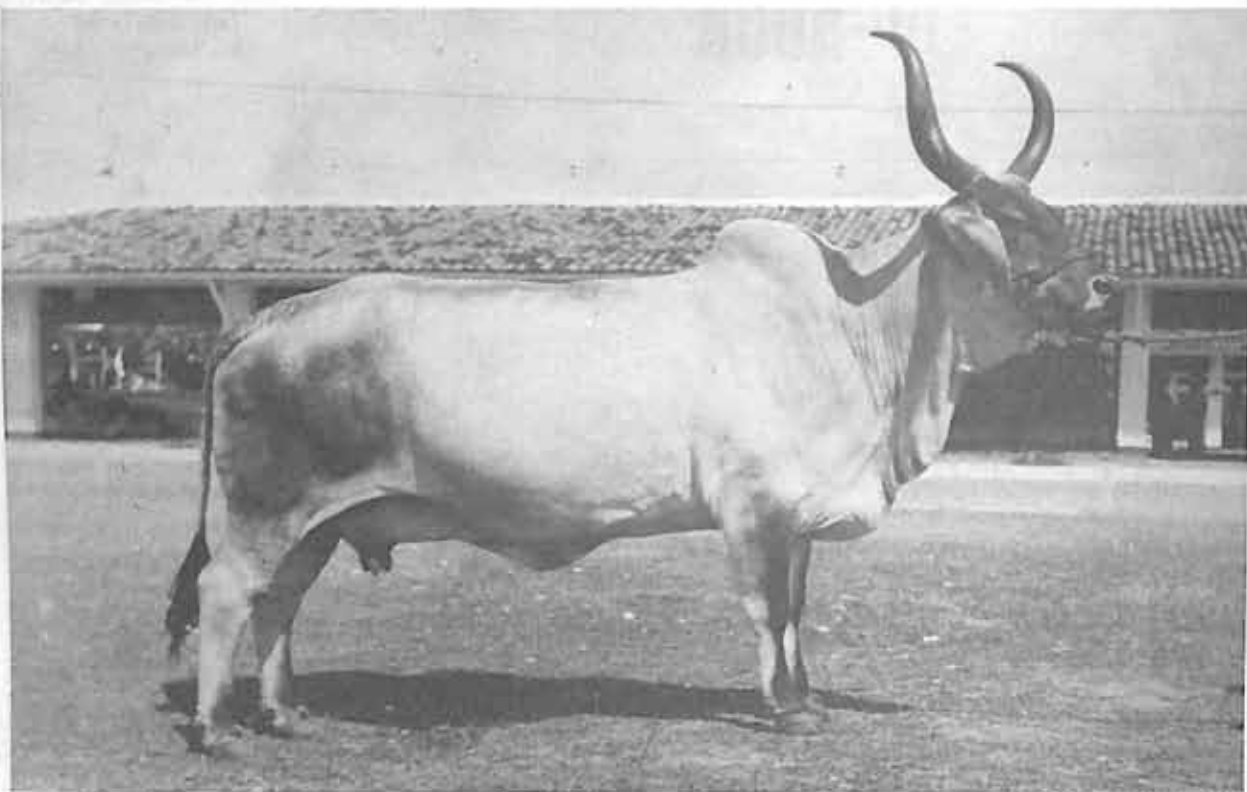


GUZERÁ - JA

ALLYRIO JORDÃO DE ABREU - FAZENDA CANAÃ

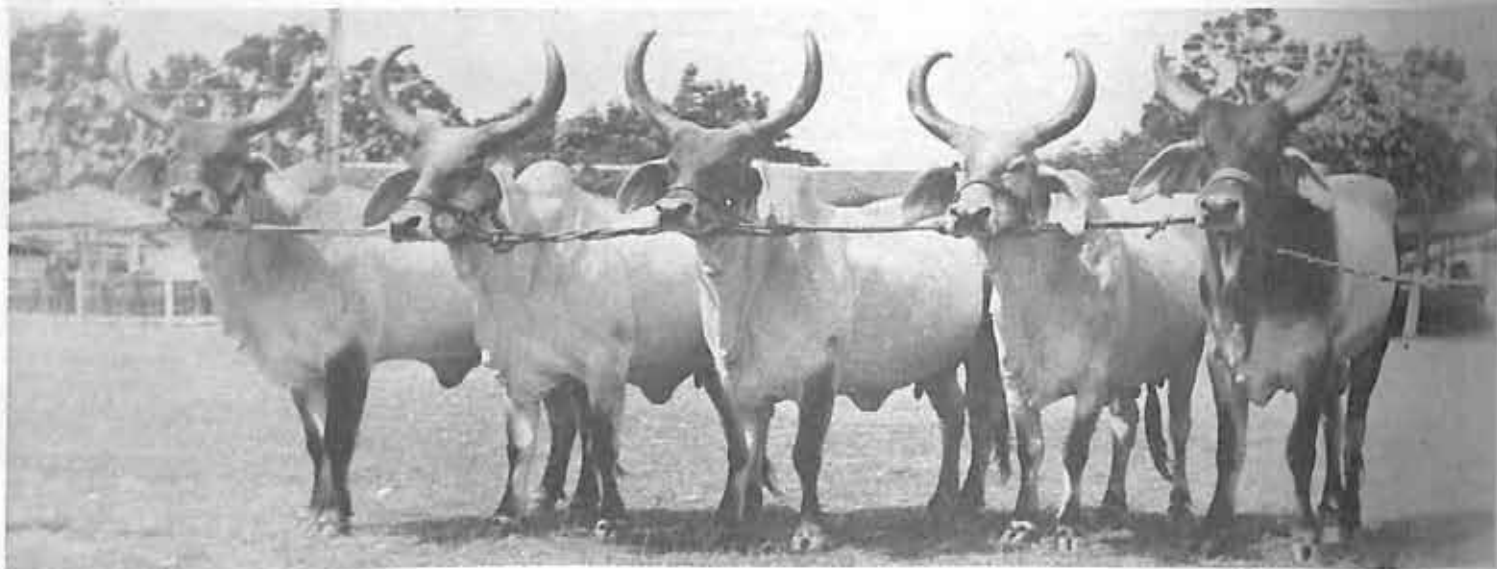
BOA SORTE — RJ — TELEFONE 11

EM NOVA FRIBURGO (RJ), TELEFONE: (0245) 22-2889



TABOCA JA

Grande Campeã
na XIX
Exposição do
Norte Fluminense
em Campos-RJ-78.
Campeã Sênior
na IV
Estadual de
Cordeiro-78.



Dando continuidade a seleção da raça Guzerá JA, iniciada em 1895 por seu progenitor João de Abreu Júnior, em Cantagalo-RJ, Allyrio Jordão de Abreu apresentou na III Exposição Nacional de Guzerá, em Natal-RN, um conjunto de 5 vacas em plena lactação, com produção superior a 12 kg de leite por dia. O conjunto também foi premiado nas exposições de Campos e na IV Estadual de Cordeiro, em 1978.

FAZENDA ALFREDO DE MAYA

DE YONE LAGES DE OMENA

CACIMBINHAS — ALAGOAS

Escr.: Rua Barão de Jaraguá, 398 — Fones (081) 223-2231 - 223-4628 — Maceió

**Com apenas uma representação de 6 animais foi o
SEGUNDO EXPOSITOR NACIONAL NA
III EXPO. DA RAÇA GUZERÁ - NATAL - 78.**



DALILA — 641 kg. 1.º Prêmio Sênior. Campeã Júnior e Campeã Vaca Jovem na Nordestina — Recife. Filha do Campeão Nordestino Brasão.



ELOGIO — 28 meses, 677 kg. 1.º Prêmio Campeão Sênior e Campeão Frigorífico. Filho do Campeão Nordestino Tupã, na Expo-Recife-76.



FITEIRA — 13 meses, 345 kg. 1.º Prêmio Bezerra. Filha do famoso reprodutor Daracanta.



DISTINTO II — 36 meses, 791 kg. 1.º Prêmio Campeão Touro Jovem. Filho de Brasão, Campeão Nordestino Expo-Recife-75 e Expo-Maceió-75.



FAMOSO — 14 meses, 441 kg. 1.º Prêmio Reservado de Campeão Bezerra. Filho de Tupã, Campeão Nordestino —



FADA — 14 meses, 375 kg. 1.º Prêmio Reservada de Campeã Bezerra. Filha de Tupã, Campeão Nordestino — Recife-76.

MARCA



COLLIER

FAZENDA VALE FELIZ

PAUDALHO — PERNAMBUCO

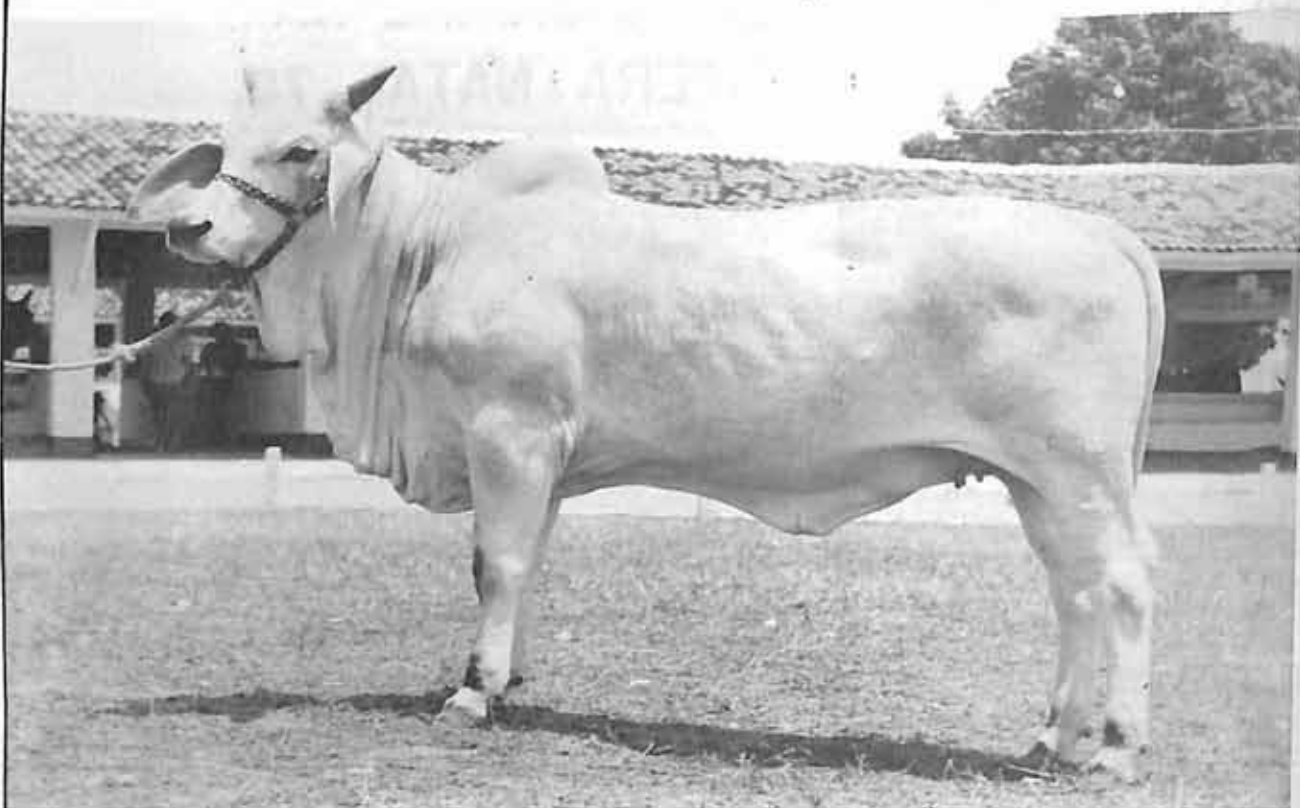
de: **CAMILO COLLIER FILHO & JOSÉ C. COLLIER**

3.º MELHOR EXPOSITOR DA RAÇA NA III NACIONAL DE GUZERÁ

MARCA



COLLIER



BARODA-S

14 meses

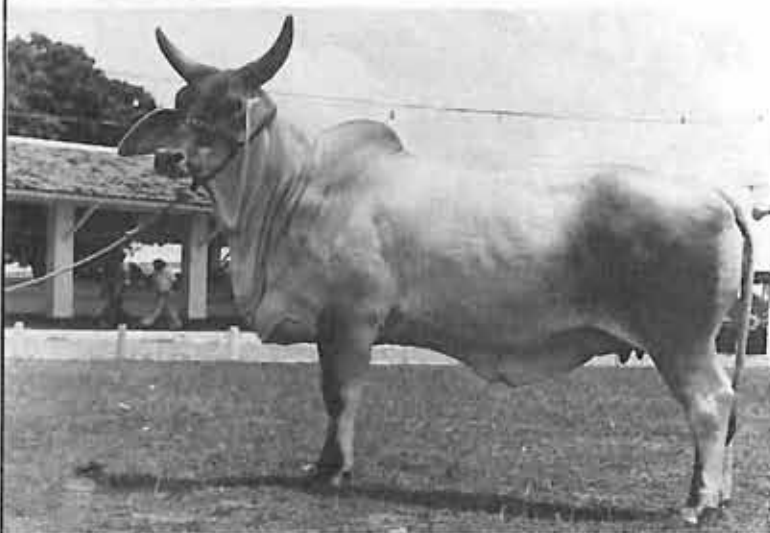
369 kg.

Campeã

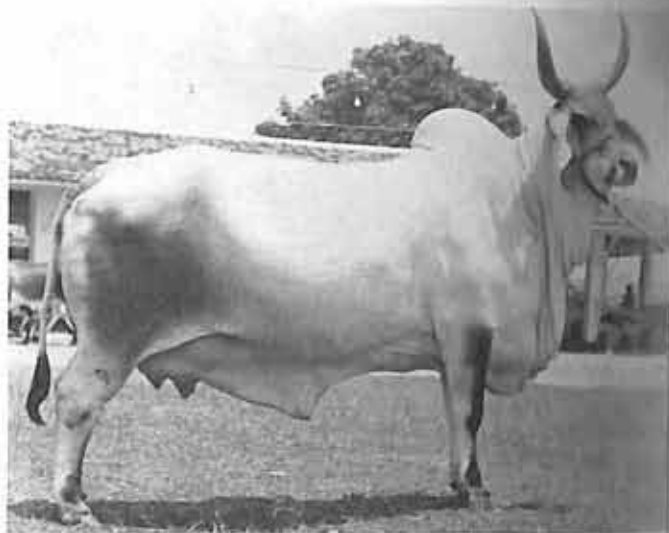
Nacional

Bezerra

Natal-78.



ALEGORIA DE REILLOC — 26 meses — 518 kg.
Reservada Campeã Nacional Júnior — Natal-78.



DIADEMA MAIA — 37 meses — 605 kg.
Reservada Campeã Nacional Vaca Jovem — Natal-78.

GUZERÁ DE REILLOC

End.: Rua Claudino dos Santos, 321 - Fone: 227-4677 - Recife - PE



AGROPECUÁRIA MELHADO LTDA.



GUZERÁ — QUARTO DE MILHA

Rua Cardoso de Almeida, 1703 — Fone (0149) 22-1701 — Botucatu-SP.

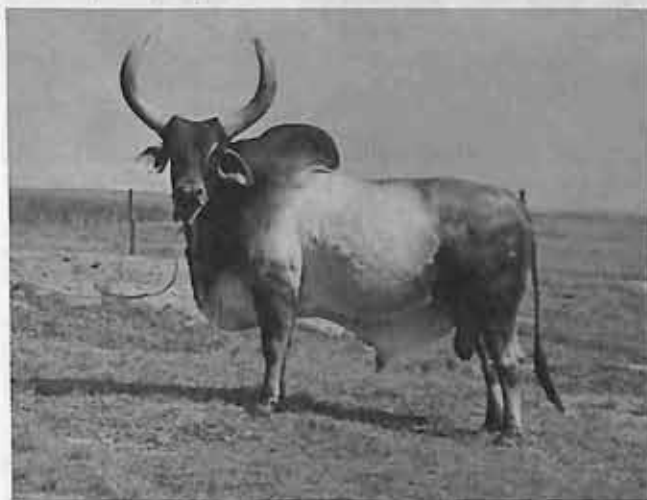
MARCA

FAZENDA RIBEIRÃO GRANDE — Rodovia Castelo Branco, Km 198 (Posto Maristela) SP.

FAZENDA BOTUCATU — Camapuã (MT)



FERA-SM — Campeã Novilha e Grande Campeã - Ourinhos-77.
Campeã Novilha e Grande Campeã — EMAPA-77. Campeã
Vaca Jovem e Grande Campeã — Água Branca-78.



FUNIL — Campeão Júnior — na EMAPA-69. Um dos
reprodutores da Fazenda Ribeirão Grande.



**Lote de Matrizes apadrinhadas pelo reprodutor OURO PRETO, Campeão
Sênior e Grande Campeão — EMAPA-77 e Água Branca-78.**



FOFA-SM — Reservada Novilha e Reservada Grande Campeã
— Ourinhos-77. Reservada Novilha e Reservada Grande
Campeã — EMAPA-77. Campeã Vaca Jovem e Grande
Campeã — Ourinhos-78.

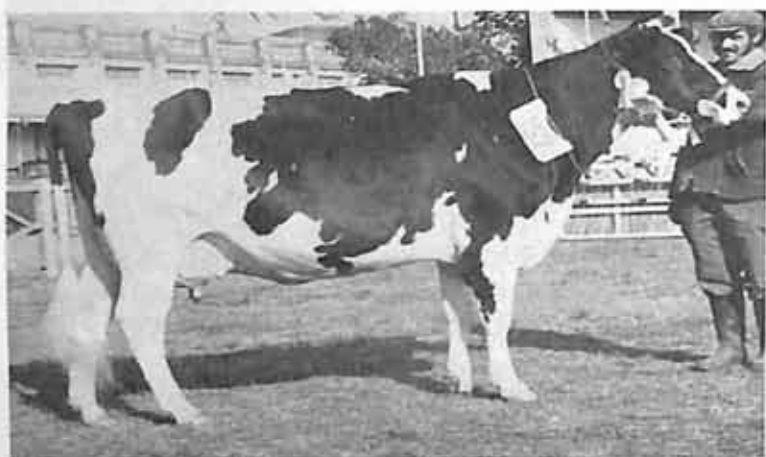


ANOTHER TUFF — importado. Um dos reprodutores da
Fazenda Ribeirão Grande. Aceitamos Éguas para Cobertura.

Venda permanente de reprodutores Guzerá e Quarto de Milha



Pampa's Eleccion (Ex-95) — Campeão Sênior e Grande Campeão em Rafaela-1978.



Glenafton Citation Corrie (Ex-90), importada do Canadá. Campeã Vaca Jovem Maior, Grande Campeã fêmea em Rafaela-1978 e prêmio de melhor úbere.

O dr. Carlos Antenor Consoni, conhecido criador de gado holandês na região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, foi indicado pelos criadores e convidado pela Sociedade Rural de Rafaela para julgar o gado holandês na 72.ª Exposición Nacional e 9.ª Internacional de Ganaderia, Agricultura e Indústria, realizada este ano, de 19 a 21 de agosto na localidade de Rafaela, província de Santa Fé.

Os ganaderos porteños habituados desde muito com jurados canadenses e americanos vinham acompanhando, há tempo, os trabalhos de Consoni nas pistas, bem como seu comportamento como criador, a fim de avaliar seus conhecimentos. Em maio foi convidado pela mesma Sociedad Rural de Rafaela para julgar o gado holandês PC, ocasião em que Mr. Griffin, juiz canadense, classificou o PO. Diante da experiência e capacidade demonstradas na ocasião por Consoni, os argentinos não tiveram dúvidas em convidá-lo para juiz principal da 2.ª maior exposição da Argentina.

A reportagem da Revista dos Criadores, sempre interessada em informar seus leitores sobre os mais importantes eventos do criatório, procura ouvir do criador patrio algumas palavras sobre seu trabalho e sobre o certame.

ORGANIZAÇÃO

Quanto à organização, disse-nos Consoni estar impressionado com o que observou durante o transcorrer da exposição. As categorias eram numerosas e apesar disso estavam sempre preparadas para entrar em pista quando solicitadas, facilitando sobremaneira os trabalhos de julgamento que transcorreu rápido e ordenadamente.

Foi notada a presença de muitos machos, mas o que mais lhe chamou a atenção foram as fêmeas que, em geral, eram excepcionais e muito bem apresentadas. Os cabaneros (puxadores de peso) pareciam todos previamente ensaiados, tal a uniformidade e perfeição com que cumpriam a missão. Aliás, dignos de passagem, eles também se

GUIA AGROPECUÁRIO

3ª EDIÇÃO

DIREITO AGRÁRIO, DIREITO TRABALHISTA RURAL, DIREITO FISCAL.

GUIA AGROPECUÁRIO
3ª EDIÇÃO



LEGISLAÇÃO DO TRABALHADOR RURAL.
REGULAMENTO DA LEI DO TRABALHADOR RURAL.

MODELOS DE DOCUMENTOS RELACIONADOS À LEGISLAÇÃO TRABALHISTA RURAL.
SEGURO DE ACIDENTES DO TRABALHO RURAL.
ENGENHEIROS, ARQUITETOS E AGRÔNOMOS.

REGISTRO DE ENTIDADES RURAIS
CONSELHOS DE MEDICINA VETERINÁRIA.
PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA AO TRABALHADOR RURAL (PROPRURAL)
REGULAMENTO DO PRORURAL

Gado Holandês em Rafaela

Exposição da Argentina — F. A. FERRARI

tavam em julgamento, eis que concorriam a prêmios de colocação oferecidos pelos organizadores.

O JULGAMENTO

Perguntado se havia encontrado dificuldade em algumas de suas decisões, Consoni lembrou que o páreo mais difícil foi a escolha da Grande Campeã. Após feitas as eliminatórias, a sua frente restaram dois animais de grandes qualidades e ambos em semelhantes condições de merecer o título. Era como buscar uma agulha no palheiro, tentar descobrir defeito ou defeitos que desmerecessem uma das vacas. Por fim, após acurada e demorada análise, descobriu que uma delas perdia em pequenos detalhes de conformação de úbere e garupa. Assim, a Grande Campeã foi determinada com **Glenafon Citation Corrie**, vaca Ex. 90 pontos, filha de Citation R. Maple e de Jimali Stylist Corrie, com 5 anos de idade.

A Reservada de Grande Campeã, embora tenha perdido o título maior por deta-

lhes, é um animal também excepcional tendo sido classificada Campeã Vaca Jovem na Exposição de Palermo do ano passado. Trata-se de **Nogales Rockman Neblina 607**, Ex. 91 pontos, alguns dias mais nova que a Grande Campeã. É filha de Seiling Rockman e de Santabri Neblina Colanta.

No grande campeonato de touros, a classificação não deu tanto trabalho, visto estarem mais definidas as diferenças, embora o Reservado de Grande Campeão seja um animal digno do título quando seu páreo não tenha como ocorreu, melhores características leiteiras, mais comprimento e maior projeção de costelas.

Assim, foi merecedor do título, o touro **Pampa's Elección**, Ex. 95 pontos com 8 anos de idade, filho de Pampa's Bon Manolo e de Pampa's Gobernador Hedy 2007 Ex. 90 pontos. Foi por várias vezes campeão na Exposição de Palermo.

O Reservado de Grande Campeão foi um touro preto moderno, **Pampa's Bootmaker** Ex. 92 pontos com 4 anos de

idade. É filho de Paclamar Bootmaker Ex. 94 pontos e de Pampa's Ki Dinorah. Foi Campeão Touro Jovem em Palermo no ano passado.

Acreditamos que este animal, devido sua pouca idade, apresentará sensíveis progressos no futuro.

Finalizando sua rápida análise sobre o julgamento, Consoni elogiou a organização da exposição em todos os sentidos, inclusive a capacidade dos jurados de admissão que concorreram sobremaneira para maior facilidade do seu trabalho. Aproveitou também a oportunidade para agradecer a hospitalidade da qual foi alvo por parte daquele povo irmão que o assistiu nos menores detalhes, fazendo-o sentir-se como em sua casa.

IMPRESSÕES FINAIS

Quisemos ainda saber de Consoni suas impressões sobre o gado holandês da Argentina, ao que nos respondeu, e são estas suas próprias palavras: "Na Argentina, em virtude talvez de maior tradição como importadores e se-



Dr. Carlos A. Consoni

leccionadores, o gado num sentido geral é muito bom, com as naturais exceções. Tanto assim é que — sem intenções de fazer propaganda — adquiri um lote de excelentes animais procedentes de uma das mais conceituadas Cabanas. Espero que quando esta notícia for publicada, o rebanho brasileiro já esteja enriquecido com estes importantes elementos que considero de elevado nível qualitativo."

DISTINÇÃO ENTRE "OLARIA" PRECÁRIA DE OLARIA ADEQUADAMENTE INSTALADA EM ÁREAS RURAIS.

O TRABALHADOR RURAL DEVE SER CADASTRADO NO PIS.

OS SINDICATOS RURAIS E A ASSISTÊNCIA SOCIAL.

IMPOSTO DE RENDA NA AGRICULTURA.

TRIBUTAÇÃO DOS RENDIMENTOS DA EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA OU PASTORIL.

AGRICULTOR PESSOAS FÍSICAS.

COEFICIENTES APLICÁVEIS AOS RENDIMENTOS.

CADASTRO GERAL DOS CONTRIBUINTES: NORMAS REGULADORAS.

MOTORISTAS E TRATORISTAS

SISTEMA NACIONAL DE CADASTRO RURAL.

REGULAMENTADO O SISTEMA NACIONAL DE CADASTRO RURAL.

RECOLHIMENTO DA TAXA RODOVIÁRIA ÚNICA.

AQUISIÇÃO DE IMÓVEIS RURAIS POR ESTRANGEIROS.

DESAPROPRIAÇÃO DE IMÓVEIS RURAIS.

IMPOSTO SOBRE A PROPRIEDADE TERRITORIAL RURAL.

CONSOLIDADOS OS DISPOSITIVOS SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES CRIADAS PELA LEI n.º 2.613/55; Decreto-lei n.º 1.146 de 31/12/70.

COMERCIALIZAÇÃO DE LEITE CRU. PREÇOS MÍNIMOS.

MARCA DE FOGO EM GADO BOVINO.

PRÁTICAS RURAIS

Capítulo I — Fórmulas e técnicas para se achar superfícies e volumes.

Capítulo II — Agrimensura.

Capítulo III — Juros descontos e porcentagem.

Capítulo IV — CALENDÁRIO DE EXPLORAÇÃO PECUÁRIA

Capítulo V — Cálculos úteis ao produtor de leite.

Capítulo VI — A utilização do leite na indústria caseira.

Capítulo VII — Adubação e alguns ensinamentos sobre culturas.

O temário acima é apenas um resumo da matéria publicada em 422 páginas.

Preço do exemplar: Cr\$ 200,00.

Pedidos à: EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Av. Pompéia, 1214 - Fundos - Tels. 62-6826 - 65-0116 - São Paulo - Brasil

Reprodução controlada em bovinos

INTRODUÇÃO

A reprodução é um dos aspectos mais importantes da economia da produção de bovinos. Se a vaca não mostra atividade cíclica regular de reprodução, não concebe no momento apropriado e não pare um bezerro sadio cada ano, suas outras boas qualidades deixam de ter grande utilidade. Embora exista um amplo campo de ação para aumentar a eficiência reprodutiva, mediante modificações nos métodos tradicionais de criação, alimentação e manejo, também há a possibilidade de que úteis melhoramentos na eficiência da produção dos bovinos possam resultar de uma aplicação adequada de técnicas de reprodução controlada. Não se deve pensar que tais técnicas tenham potencialidade unicamente entre os criadores dos países desenvolvidos, pois pesquisas com vistas a uma produção bovina mais eficiente têm presentemente alta prioridade em países em desenvolvimento (Politeik, 1974) especialmente em virtude do fato das áreas tropical e subtropical do mundo deverem tornar-se inevitavelmente importantes como contribuintes para o suprimento de alimentos de todo o mundo. Há um vasto potencial para o aumento da produção de alimentos em 70 ou mais países em desenvolvimento no mundo; a reprodução controlada de uma ou outra forma poderá contribuir para a produção bovina dessas áreas.

ÁREAS DE REPRODUÇÃO CONTROLADA

A reprodução controlada em bovinos abrange várias possibilidades: elas estão sumariadas na Figura 1 e com a exceção da transferência de ovos são discutidas detalhadamente nas Partes 1.ª e 2.ª desta revisão.

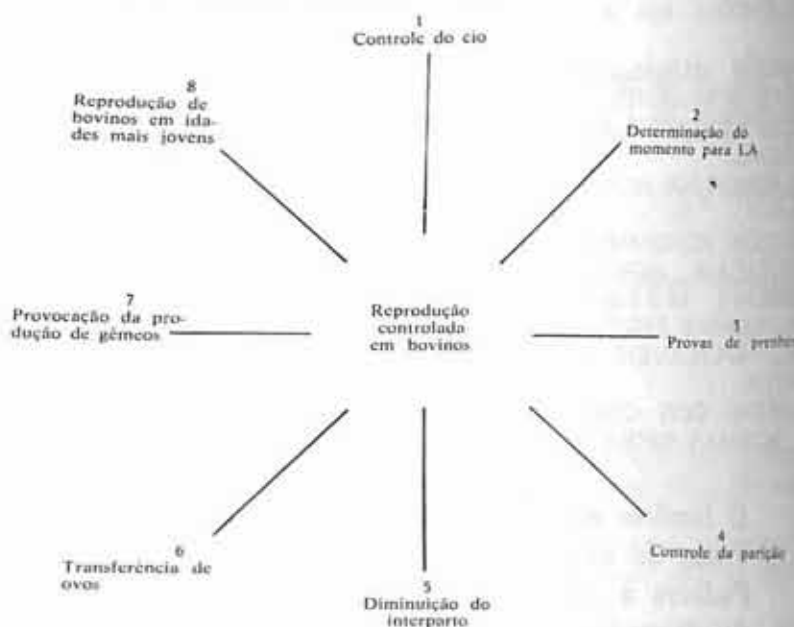
Cada uma dessas possibilidades pode ser eventualmente desenvolvida até a fase em que ela possa ser aplicada utilmente em nível de fazenda. As estações de reprodução de bovinos, tais como as que existem presentemente em muitos países, podem expandir-se muito nos anos vindouros, a fim de proporcionarem esses serviços. Em várias oportunidades as técnicas de reprodução controlada (p. ex. a determinação do momento de I.A.) poderão ter proveito técnico para a realização

da inseminação. Processos tais como a transferência não cirúrgica de ovos, na provocação da produção de gêmeos em vacas de corte, poderão ser desenvolvidos provavelmente e com propriedade em estações experimentais que tenham ligações bem estabelecidas com criadores. Um aspecto importante no desenvolvimento das técnicas de reprodução controlada é provavelmente seu custo para o criador e este é determinado em grande parte pela escala das operações e o tipo de organização existente na fazenda.

Gado leiteiro. A tendência em gado leiteiro é para o aumento do tamanho do rebanho, do maior número de vacas por encarregado de rebanho e para diminuir o número de horas-homem por vaca (King, 1972; Hodgson, 1973). A inabilidade do encarregado do rebanho para detectar o cio, continua a ser um fator seriamente limitante da eficiência reprodutiva e de aumento do custo de produção de leite (Esslemont, 1974). Bem à parte dos problemas de detecção de cio, o manejo do gado leiteiro para produção

de leite por baixo custo pode resultar até certo ponto, no aumento da tensão que afeta a habilidade do animal para tornar-se prenhe. O efeito depressivo que a elevada produção de leite pode exercer sobre a fertilidade, nos primeiros meses após a parição (Spalding e cols., 1974) será direto (através do sistema endócrino) ou indireto (pela ingestão inadequada de nutrientes). Wagner (1974) chamou a atenção para a falta de dados adequados sobre os níveis de hormônios em bovinos com alta e baixa produção de leite, o que pode estabelecer um grau de envolvimento dos fatores relacionados com o manejo e a alimentação. A necessidade de pensar muito mais acerca de satisfação dos animais, minimizando a incidência de situações produtoras de tensão (sociais, ambientais ou produzidas pelo homem) é enfatizada pelo mesmo autor. O aumento de conhecimentos de endocrinologia propiciará meios que, em última análise, poderão ser usados para controlar a resposta fisiológica, assim

Fig. 1 — Diferentes aspectos da reprodução controlada em bovinos.



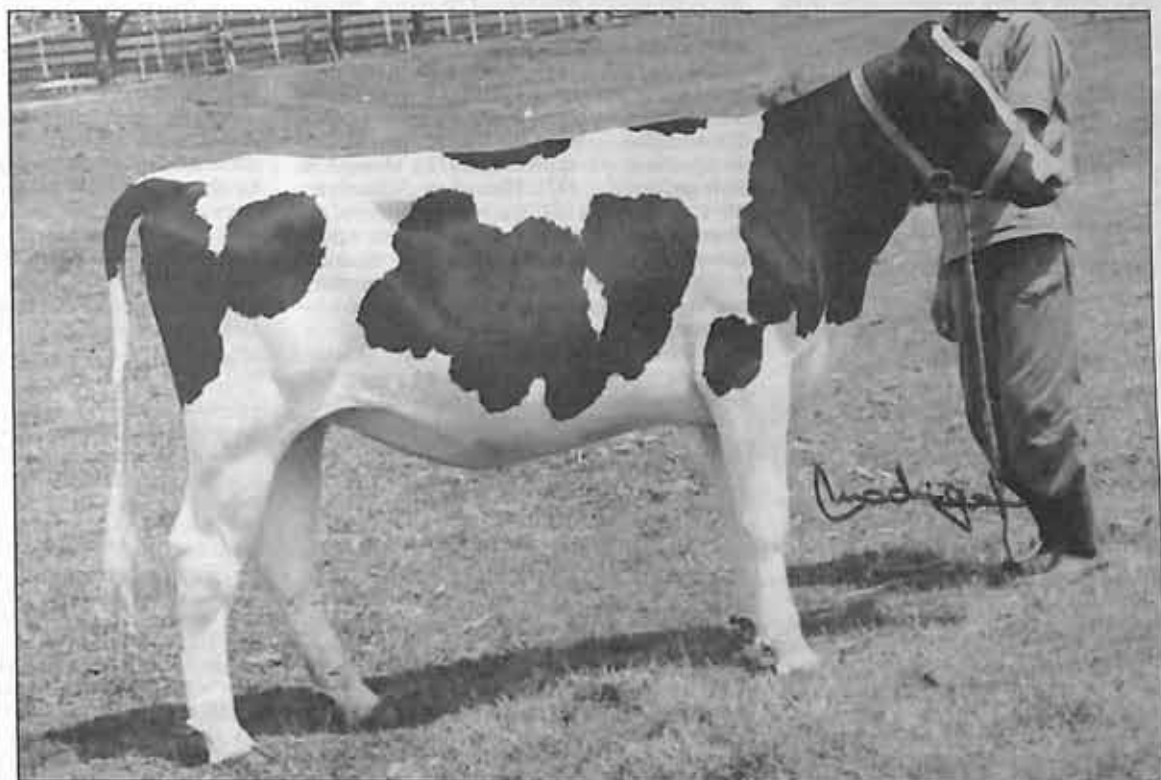
FAZENDA SANTA FRANCISCA DO CAMANDUCAIA

JAGUARIÚNA - SÃO PAULO

PROPRIEDADE DE CARLOS ALBERTO J. LOHMANN

Escr. em S. Paulo - Rua Santa Isabel 160 ci-52 - 01221 S.P. Fones: 221-8300/221-8811 — Telex 21156

DO LOTE DE NOVILHAS RECENTEMENTE IMPORTADO DOS E. U. A. DESTACAMOS:



WRIGHTVALE ASTRO ANN

Nasc. 9-3-77

Pai: Paclamar Astronaut

Mãe: Serenity Acres Magnet Astra

2.0 2x 257D 11.700 LBS 4,1% 474 LBS

META: Aprimoramento do potencial genético, pelo emprego de matrizes "Holstein-Friesian" de alta linhagem, fornecedoras dos genes necessários a maior produção e ao aperfeiçoamento do tipo do gado Holandês Preto e Branco no Brasil.



ASSISTÊNCIA TÉCNICA DO CENTRO BANDEIRANTE DE TECNOLOGIA S/C LTDA.



como psicológica do animal ao manejo e ao ambiente.

Gado de corte. Embora os problemas de suprimento e demanda empanem ocasionalmente o cenário, existe uma forte procura mundial de carne, a qual somente pode aumentar ao que tudo indica. O melhoramento dos padrões de vida tende a gerar a demanda de carne, seja por motivo de prestígio social, seja simplesmente porque o povo gosta de comê-la. Os consumidores em geral deverão beneficiar-se da maior eficiência da produção do gado, desde que isso signifique um aumento da produção desse alimento por preços mais baixos.

As vantagens da inseminação artificial, que tem possibilitado a participação bem controlada dos touros na reprodução do gado leiteiro, são bem aceitas e compreendidas, embora muito reste para explorar o inteiro potencial da técnica em bovinos, em seu todo. Isto é verdade particularmente na reprodução do gado de corte; nos E.U.A., em 1969, a porcentagem de bovinos leiteiros inseminados artificialmente foi de 45, ao passo que no gado de corte foi meramente de 2,3% (Philips, 1972). Isto pode ser radicalmente alterado mediante um controle aceitável do período de cio das vacas. Pesquisas em progresso, francesas, já foram alcançadas nesta área em caprinos e ovinos durante os últimos anos passados (Colas e cols., 1974).

Níveis de fertilidade. A fertilidade, medida em termos de taxa de prenhez em decorrência de um só serviço, pode variar consideravelmente em bovinos, em diferentes países e áreas do mundo. As taxas de prenhez nos bovinos do norte da Europa são consideradas como entre as mais elevadas do mundo (Warwick, 1967); o gado leiteiro inseminado nas Ilhas Britânicas revelou um índice de 93% de prenhez após três serviços. Laing (1970) relata uma taxa de prenhez, para primeiro serviço, de 64%, entre vacas leiteiras servidas por técnicas modernas de inseminação artificial. Nos E.U.A., uma taxa de prenhez de 70% para primeira cobertura natural em gado de corte é reportada (Turman e cols., 1971) e de 60% após inseminação artificial (Laster e cols., 1972). Além de ter algum valor específico em bovinos, a aplicação das técnicas de reprodução controlada pode servir ocasionalmente para dar maior atenção crítica aos níveis de fertilidade normal que se obtêm sob diferentes condições de reprodução, alimentação e manejo. Isto pode sugerir modificações que, em si, são úteis para produzir melhoramentos no nível geral da fertilidade. O principal objetivo da reprodução controlada reside, no entanto, em proporcionar ao criador processos pelos quais ele possa manipular a reprodução, embora permitindo que a vaca exiba seu nível normal de fertilidade.

HORMÔNIOS NA REGULARIZAÇÃO DA REPRODUÇÃO NA VACA

A história global dos fatores hormonais envolvidos no estro e ovulação em bovinos está longe de estar completa, embora as informações se acumulem rapidamente, com o recente advento de processos de dosagens, cada vez mais sensíveis, das gonadotropinas e esteróides sexuais. Os novos meios de determinação rádio-imunes (RIA) e as técnicas de ligação de proteínas (PB) permitem a mensuração, no sangue periférico, de muitos hormônios, que se presume terem uma função na reprodução bovina. Em vista do caráter extremamente potente de muitos desses hormônios (ativos na concentração de 10 ng/ml e ainda menos) tais progressos da endocrinologia são muito importantes. Várias revisões disponíveis permitem obter informações acerca do ciclo estral em perspectiva (Geschwind, 1972; Hansel & Echterkamp, 1972; Hansel & Schechter, 1972; Lamming, 1973); e o adequado conhecimento da ação dos hormônios endógenos nos processos reprodutivos da vaca é claramente essencial que esses processos sejam controlados e manipulados efetivamente.

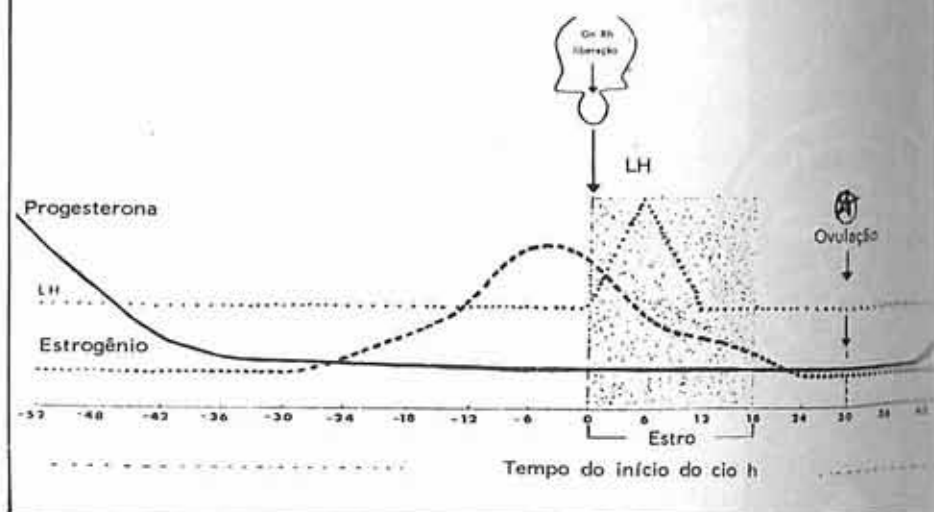
EVENTOS DO CICLO ESTRAL

Asdell e cols. (1949), em revisão de dados até esse momento, reportam que a duração média do ciclo estral era de 20 dias em novilhas e 21 dias em vacas. A despeito de uma genuína diferença entre vacas virgens e paridas, na duração do ciclo, este não parece aumentar com a idade. Como nos ovinos, a duração do ciclo dentro dos indivíduos é relativamente constante nos bovinos, mas mostra considerável variabilidade entre indivíduos. Hammond (1929) em seu clássico estudo sobre reprodução de bovinos registra a duração média do cio de 18 horas; relatos subsequentes em geral concordam e

usualmente situam esse valor mais ou menos entre 12 e 22 horas. Asdell (1949) é um dos vários que chamam a atenção para o fato de que os valores podem variar com o método de detecção nos bovinos e o intervalo entre os testes. Mesmo hoje, a informação é limitada aos fenômenos estrais nos bovinos, presumivelmente devido ao dispêndio de tempo à natural exatidão do trabalho envolvido. A ovulação é tida como ocorrendo cerca de 10-12 horas após o fim do período de cio. Alguns dos eventos hormonais que ocorrem em torno do estro são mostrados de forma diagramática na Figura 2. A progesterona não é produzida em quantidades reveláveis até 34 dias após a formação de um novo corpo lúteo; a produção diária eleva-se marcadamente por vários dias, até um platô irregular de secreção ser atingido, aproximadamente no 8.º dia do ciclo. Os relatos concordam em mostrar um declínio abrupto de título sanguíneo da progesterona, 14 dias antes do início do cio (Stabenfeldt e cols., 1969; Henricks e cols., 1971; Robertson, 1972; Blockey e cols., 1973; Lamond, 1973; Dobson e cols., 1973; Kottongole e cols., 1973; Christensen e cols., 1944; Lemon e cols., 1975).

Regressão do corpo lúteo. A rápida regressão do corpo lúteo da vaca é um evento-chave do ciclo estral. O declínio da produção de progesterona ao cabo do ciclo é tão rápido e definido que sugere aos primeiros investigadores uma influência ativa da secreção do esteróide. Muitos trabalhos feitos nos últimos anos concentram-se na elucidação dos precisos fatores implicados nessa regressão rápida do corpo lúteo; e há evidência indireta de que a prostaglandina F = α (PGF 2) é a luteolisina uterina que se desloca constantemente, oferecendo uma explicação aceitável, de qualquer maneira, na ovelha (Cumming, 1975). A transferência da luteolisina uterina, seja ou não a PGF 2 α do útero da vaca para o en-

Fig. 2. Sequência de eventos no cio estral da vaca.



rio, parece ser local, mais do que de natureza sistêmica; o método exato dessa transferência local ainda se acha sob investigação (Hixon & Hansel, 1974).

Qualquer que seja o mecanismo exato envolvido na regressão, a concentração de progesterona no sangue baixa dentro de um período de cerca de dois dias, até um nível negligenciável que é mantido durante o cio e até depois da formação do novo corpo lúteo, com a ovulação. Lamond (1973) sugeriu que o ponto mais importante acerca da concentração da progesterona em declínio no fim do ciclo constitui nível liminar mínimo, acima do qual a progesterona inibe as fases finais do desenvolvimento folicular e, conseqüentemente, a produção de estrogênio; e apresenta dados mostrando a real diferença entre raças quanto às taxas de declínio de progesterona e ao intervalo entre o nível basal atingido por esse hormônio e o início do cio. Tais dados, além de serem de fundamental interesse, são evidentemente relevantes ao se considerar a resposta da vaca às tentativas de controle artificial do cio, seja por progestágenos, prostaglandinas ou outro elemento.

FSH e estrogênio. Uma dificuldade na presente interpretação dos eventos no ciclo da vaca é o papel do hormônio folículo-estimulante (FSH). É um conceito clássico que o aumento da secreção do FSH ocorre após a regressão do corpo lúteo e que isso resulta em um desenvolvimento folicular substancial e a conseqüente elevação da produção de estrogênio ovariano. Investigações em andamento (com RIA) deixaram de confirmar até agora esse conceito, mostrando ser difícil a separação das ações do FSH e do hormônio luteinizante (LH), no desenvolvimento e maturação do folículo. Não obstante, o FSH exógeno ou sucedâneos tais

como o soro de égua prenhe (PMSG) ministrado aproximadamente no momento da regressão do corpo lúteo, pode maturar os folículos adicionais da vaca; isto não pode ser obtido da mesma forma com o LH ou sucedâneos, tais como a gonadotropina coriônica humana (HCG).

Drinan & Cox (1974) chamaram a atenção para problemas que ocorrem com as técnicas correntes de dosagens de estrogênio; de fato, os valores citados por diferentes laboratórios para os estrógenos no sangue bovino variam de mais de 100 vezes. O folículo ovariano é tido como a maior fonte de estrógenos circulantes em bovinos cíclicos e o estradiol-17 beta é o principal esteróide estrogênico segregado pelas células foliculares (England e cols., 1973). Vários relatos tratam dos níveis de estrogênio no período em torno do cio (Blockey e cols., 1973; England e cols., 1973; Lamond, 1973; Shemesh e cols., 1972; Christensen e cols., 1974; Drinan & Cox, 1974; Lemon e cols., 1975). Segundo Lemon (1973) a taxa de aumento da produção de estrogênio folicular, na última parte do ciclo, difere entre os bovinos, levando desde um dia em alguns a quatro dias em outros para atingir o título sanguíneo que resulta no advento do cio. Este tipo de resposta, evidentemente, tem implicações com o entendimento das variações que podem ocorrer no controle artificial do cio em bovinos. A concentração de estrogênio declina acentuadamente com o avanço do período de cio, para atingir seu mínimo no momento da ovulação (Hansel & Echterkamp, 1972; Shemesh e cols., 1972; Chenault e cols., 1975). Verificou-se a existência de um nítido intervalo em vários mamíferos, entre o nível limiar do estrogênio, atingido no sangue e a subseqüente liberação de LH; desses estudos

feitos em vacas castradas, injetadas com estrogênio, resultou que esse intervalo é da ordem de 10-20 horas (Cummings e cols., 1972; Hobson & Hansel, 1972; Short e cols., 1973).

Liberação do hormônio e LH. Além de fazer com que a vaca mostre cio, o título de estrogênio do sangue, que se eleva após o declínio da progesterona, afeta outros receptores na eminência mediana do hipotálamo. A uma certa concentração de estrogênio, supõe-se que seja segregado no hipotálamo um "hormônio liberador" específico que é transmitido por via sanguínea porta-hipofisária, à pituitária anterior. Um agente particularmente potente foi isolado do hipotálamo, identificado e sintetizado. O material sintético, um decapeptídeo, considerado como idêntico ao produto natural, causou a liberação, tanto do FSH como do LH e por essa razão é comumente citado como hormônio liberador da gonadotropina (GnRH). A ministração de GnRH nas primeiras fases do ciclo da vaca é seguida, quase imediatamente, pela descarga de LH (Schams e cols., 1972). Por outro lado, se o hormônio liberador é dado na fase luteal, não tem efeito (Schams e cols., 1973). Há, agora, vários estudos que indicam que a resposta ao GnRH está mais relacionada com a concentração de estrogênio do que com a de progesterona, Zelman e cols., 1973; Kaltenbach e cols., 1974). A pituitária humana é totalmente sensível ao GnRH, somente sob condições fisiológicas particulares da secreção do estrogênio associadas à maturação folicular final (Wang & Yen, 1975). O ápice da liberação maciça pré-ovulatória do LH ocorre durante as primeiras horas do cio nos bovinos (Cummins e cols., 1972; Wattermann & Hafz, 1973; Lamond, 1973; Christensen e cols.,



ROYAL HAVEN R. MATT — Grande Campeão por duas vezes. Filho de No-Na-Me Fond Matt, neto de Seiling Rockman. Suas 3 mães mais próximas produziram mais de 300.000 kg de leite.

COMPRE DE QUEM SABE COMPRAR!

Dr. Kemal Labaki - Fazenda Beira Alta

TELEFONE 56 — BOCAINA-SP

Em São Paulo, fones: 37-7301 - 37-7262 — R. Marconi, 124 — 7.º andar s/702

TOUROS E NOVILHAS

H.P.B. — P.C. de 18 a 24 meses com atestado de fertilidade positiva. Reserve já alguns exemplares para enriquecer seu rebanho.

Continue comprando de quem sabe comprar (e criar)!

1974; Mori e cols., 1974; Lemon e cols., 1975); entretanto, em mais do que em uma oportunidade, a atenção foi despertada pela estreita sincronização entre o início da descarga pré-ovulatória de LH e o advento do cio (Cumming e cols., 1972; Blockey e cols., 1973; Lemon e cols., 1975).

A liberação do LH determina eventos no folículo (previamente sensibilizado pelo FSH?) destinados à ovulação; entre tais eventos está a maturação nuclear do oócito e a ruptura do folículo. A ovulação ocorre na vaca cerca de um dia depois do ápice do LH (Kiddy & Odell, 1968; Henricks e cols., 1970; Dobson e cols., 1973; Christensen e cols., 1974); o que seria compatível com a ovulação verificada cerca de 30 horas após o início do cio, como é mostrado pelos dados de Swanson & Hafs (1971) e mais recentemente pelos de Christensen e cols. (1975). O intervalo entre o pico do LH e a ruptura folicular também está de acordo com os dados sobre a ocorrência da ovulação após injeção de HCG na vaca, no início do estro (Scanlon, 1969) e com as informações sobre o tempo despendido para completar a maturação nuclear no oócito da vaca, "in vitro" (Sreenan, 1969). Ainda outro ponto acerca do momento da ruptura do folículo no bovino pode ser mencionado; a estimulação do clitoris ou do colo uterino pode adiantar o momento da ovulação (Randel e cols., 1973). Presumivelmente, esses efeitos operam durante as primeiras horas do cio, quando a estimulação nervosa parece capaz de influenciar a rapidez com que o pico do LH é atingido na vaca; uma vez passado esse pico, o momento da ovulação não estaria sujeito a tais influências. Também a prolactina é segregada no cio, em resposta presumivelmente ao nível de estrogênio que se acha presente nesse momento; ainda não foi resolvida a questão de sua função na vaca, até este momento.

HORMÔNIOS NA PREENHEZ

Os níveis de hormônio durante a prenhez na vaca têm sido examinados em várias investigações. Robertson (1972) relata que o nível de progesterona no sangue periférico, no início da prenhez é compatível ao máximo encontrado na fase luteal do animal cíclico. Aqueles que têm examinado os níveis de LH verificaram que a concentração sanguínea permanece com um valor basal (tônico) durante a prenhez, sem qualquer alteração significativa aparente (Oxender e cols., 1972; Shams e cols., 1972). A primeira grande modificação nos níveis de hormônio com a antecipação da parturição parece ser uma substancial elevação do estrogênio, que ocorre no mês final da prenhez; os níveis desse período aumentariam de até 10 vezes (Smith e cols., 1973). Uma nítida queda do nível de progesterona, durante as 48 horas finais, antes do parto, tem sido relatada por vários grupos de



A reprodução é um dos aspectos mais importantes na pecuária.

pesquisadores; em artigo recente, Schmitt e cols., 1975) concordam com esse fato.

A VACA APÓS O PARTO

É durante o primeiro mês após o parto que o processo de involução uterina se completa, em sua maior parte. Marion & Gier (1968) reportam que distúrbios citológicos no endométrio, durante o início da regressão uterina, podem influenciar a primeira ovulação pós-parto e o desenvolvimento do corpo lúteo. Com o retorno do endométrio à normalidade, que ocorre primeiramente no corno não grávido, o útero é capaz de desempenhar novamente seu papel na atividade ovariana cíclica. Dados sobre níveis de LH, prolactina e esteróides na vaca após o parto são citados por Edgerton & Hafs (1973). O fenômeno do cio silencioso (ovulação não acompanhada de cio) ocorre regularmente na vaca pós-parto antes de ela mostrar o pleno período de cio depois da parição (Morrow e cols., 1966). Conforme Lamming (1973) a progesterona do corpo lúteo inicial pode ser necessária para permitir que os receptores do hipotálamo se restabeleçam de um estado refratário proveniente dos elevados e contínuos níveis de estrogênio que ocorrem durante o fim da prenhez.

STRESS E REPRODUÇÃO

É bem conhecido que diferentes formas de stress (tensões) provenientes de fatores alimentares, de manejo ou do ambiente adverso podem influenciar a reprodução do animal pecuário. A tensão na vaca pode resultar em elevadas concentrações de progesterona, de origem adrenal (Wagner e cols., 1972), sabendo-se que muitas operações rotineiras da criação determinam aumento de glicocorticó-

des em bovinos. Nas condições que em úmidas, a tensão do calor nas vacas (aquelas originárias de regiões temperadas) pode diminuir substancialmente o desempenho reprodutivo (Christensen & Johnson, 1972; Ingraham e cols., 1974; Miller & Alliston, 1974) embora os precisos mecanismos envolvidos não sejam bem conhecidos. Os níveis de progesterona e LH em bovinos submetidos a stress nutricional têm sido investigados, mas os dados encontrados conflitam ao não revelarem redução da concentração de LH em certos casos (Gombe & Hansel, 1973) e uma elevação em outros (Dunn e cols., 1974). É importante ter em mente a possibilidade de que as técnicas de reprodução controlada podem não ser totalmente eficientes caso em sua aplicação elas produzam uma tensão adicional nos animais.

Desde a recente aplicação das técnicas de RIA na mensuração de hormônios de reprodução em maíferos, inclusive os bovinos, um considerável volume de artigos tem sido escrito sobre o que acontece com o ciclo estral e a prenhez. É evidente que isso dá uma orientação cada vez mais significativa para as pessoas que se acham interessadas no controle e manipulação dos processos reprodutivos dos bovinos.

CONTROLE DO CIO

Há numerosos relatos na literatura tratando de técnicas hormonais para o controle do cio em bovinos, a contar daquelas do grupo de Casida em Wisconsin, há mais de 25 anos. Os dados foram exhaustivamente examinados por Lamond (1964). Durante 1960 a ênfase e o interesse concentraram-se quase exclusivamente no uso de progesteronas ativas, oralmente, ou especial o tratamento com o acetato de medroxiprogesterona Upjohn (MAP), o

acetato de melengestrol (MGA) e o acetato de clormadione de Syntex (CAT) em dosagens apropriadas por um período (18 dias) que se aproxima de um intervalo de ciclo; ele mostrou-se eficiente para controlar períodos de cio que em grande parte ocorreram subsequentemente dentro do espaço de três dias. Tal como é sugerido por Robinson (1975), o termo "agrupamento" do cio, ao invés de "sincronização" seria apropriado para descrever a resposta dos bovinos a tais tratamentos. Em decorrência de fatores tais como a raça, que pode influenciar o intervalo entre a regressão do corpo lúteo e o advento do cio, no ciclo natural, essa falta de precisão, após o tratamento com progestágenos não é surpreendente. Os resultados da concepção resultantes do uso desses compostos estão longe de oferecer confiança.

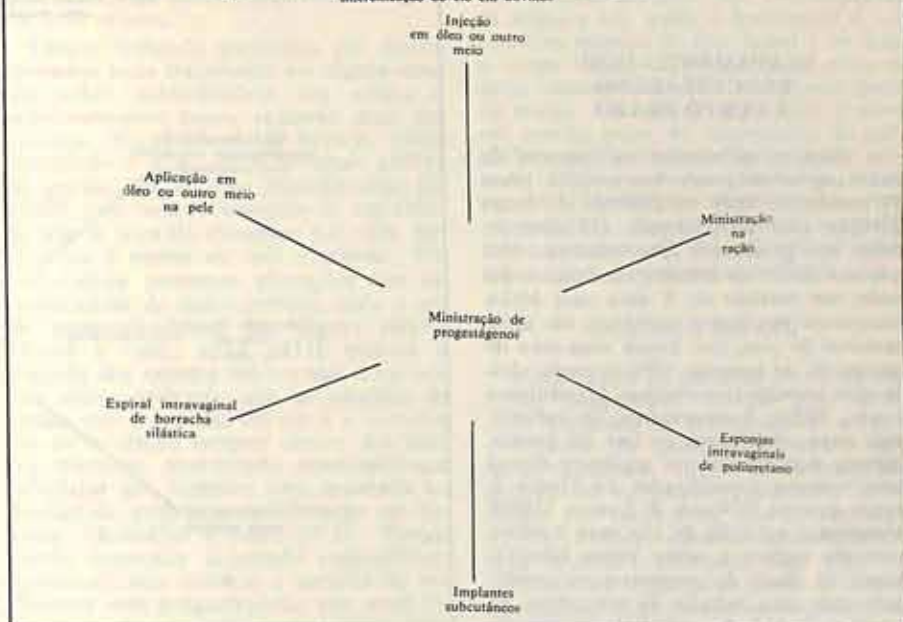
MÉTODOS DE MINISTRAÇÃO DE PROGESTÁGENOS

Alguns dos métodos empregados na ministração da progesterona ou um de seus análogos potentes para controlar o cio em bovinos são indicados na Figura 3; em cada caso o método inicialmente teve por objetivo manter um nível sanguíneo de progestágeno por um período de cerca de 18 dias. A progesterona apresenta uma "meia-vida" biológica extremamente breve na vaca, sendo por esta razão que é essencial a sua ministração repetida.

A injeção de rotina pode ser aplicável sob certas condições experimentais, quando se requer uma dose diária certa ou com menor frequência de progesterona; em decorrência do tempo e da mão-de-obra envolvidos, parece que não terá aplicação comercial. Grosskopf (1974), na África do Sul relata um processo modificado de injeção de progesterona que resulta em uma taxa de concepção aceitável, mas que envolve dez aplicações. A incorporação de progestágeno ao alimento e sua ministração pelo período necessário, em doses fisiologicamente efetivas tem dado resultados promissores, mas, nas condições de alimentação em grupo, não há possibilidade de se ter um controle preciso das doses diárias ingeridas. Além disso, a grande capacidade do aparelho digestivo da vaca impede inevitavelmente a suspensão abrupta e previsível do nível de progesterona considerado desejável, ao cabo do tratamento. Nos E.U.A., onde a aplicação por via oral tem sido tentada, por vários anos no gado de corte, em pastejo (o tipo de bovino provavelmente mais beneficiado com o controle do cio) o problema tem sido assegurar que as vacas consumam quantidades corretas do composto. Não é fácil ensinar o gado no pasto a ingerir alimento seco.

A despeito dessas limitações, as únicas medidas de controle do cio correntemente em uso na prática comercial são baseadas na ministração oral. Jochle e cols. (1973) na América Central e Schmidt e

Fig. 3. Métodos empregados na administração de progestágenos para sincronização do cio em bovinos



cols. (1973) na Tanzânia, descrevem o uso de CAP para controle do cio em gado zebu e europeu nessas regiões tropical e subtropical. Sob as particulares condições de nutrição e criação vigentes em seus estudos, é possível que o conteúdo energético do alimento adicionado de progestágeno tenha ajudado diretamente, facilitando a resposta do cio.

ESPONJAS IMPREGNADAS

Um método de ministração contínua de progestágeno elimina obviamente alguns dos problemas de manejo das aplicações orais. A técnica de ministração intravaginal, desenvolvida por Robinson (1964) para ovinos é agora usada em escala considerável em França e outros países, para controle da reprodução desta espécie (Robinson, 1964) e constitui uma abordagem que tem sido explorada, embora em extensão muito menor, em bovinos. Os primeiros relatos existentes sobre a adaptação da técnica intravaginal para bovinos, usando CAP, MGA, acetato de fluorogestona de Searle (FGA) e outros progestágenos (Carrick & Shelton, 1967; Shimizu e cols., 1967; Mauléon e cols., 1969; Rey, 1969; Hale & Symington, 1969; Hignett e cols., 1970) mostraram considerável variação na eficiência deste método no controle do cio; ao lado do problema da retenção das esponjas, os tratamentos nem sempre foram eficazes para bloquear o cio em certa proporção de animais.

O trabalho com esponjas-pessários impregnadas de progestágenos continuou durante vários anos passados em novilhas de corte na Irlanda (Scanlon, 1969; Scanlon e cols., 1972; Sreenan, 1969, 1974); isso mostrou ser possível obter excelente retenção das esponjas (95%) nesses animais e que a progesterona em si pode ser

empregada eficientemente (nível de dose de 3 g) no controle do cio. Pesquisadores franceses e neozelandeses também contribuíram para a exploração deste método (Mauléon, 1974; Smith, 1974) usando pessários impregnados com FGA. A retenção da esponja em uma vaca parida continua a ser um problema importante, mas a capacidade do dispositivo para manter uma concentração sanguínea adequada de progestágeno é, talvez, um aspecto a mais.

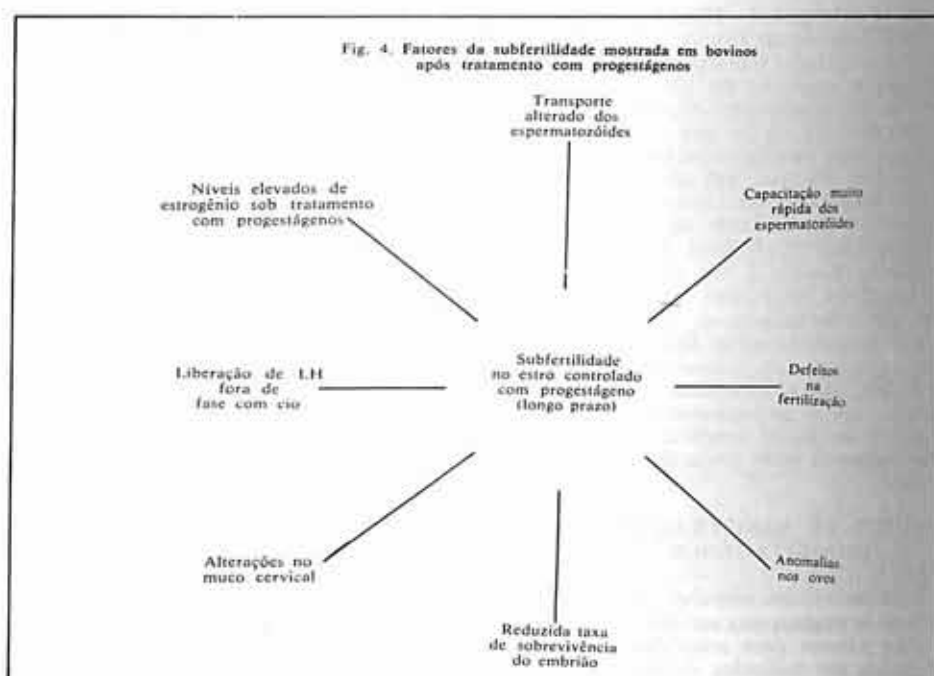
IMPLANTES

A habilidade dos implantes de silicone elástico para liberar esteróides continuamente foi demonstrada há alguns anos (Dziuk & Cook, 1966). Isto resultou no desenvolvimento desses implantes com progesterona, que aplicados subcutaneamente por um intervalo de ciclo, mostraram-se altamente eficientes para agrupar períodos de cio em vacas (Roche, 1974). No ano passado, um novo personagem em cena, no controle do cio, foi o dispositivo intravaginal liberador de progesterona dos Laboratórios Abbott (PRID) que permite manter o tratamento por um intervalo de ciclo (Mauer e cols., 1975; Roche, 1975). O dispositivo consiste em uma espiral metálica recoberta de silicone elástico impregnado de progesterona; tal como com as esponjas, ainda subsiste o problema da retenção em vacas. A rota final da ministração indicada na Figura 3 é a da aplicação tópica. Pesquisadores alemães relatam estudos sobre o controle do cio mediante tratamento diário de absorção lenta com doses de 40 mg de CAP em óleo e talvez, com otimismo, exprime o ponto de vista de que este método

pode ter interesse comercial (Bush e cols., 1974).

TRATAMENTO COM PROGESTÁGENO A CURTO PRAZO

A despeito do sucesso no controle do ciclo reprodutivo dos bovinos, as taxas de concepção após tratamentos de longa duração com progestágeno (18 dias ou mais) são geralmente desanimadoras. Números dados de estudos conduzidos durante um período de 5 anos com MGA mostraram resultados aceitáveis no agrupamento deaios, mas houve uma taxa de concepção de somente 70% daquela obtida com animais testemunhas (Zimbelman e cols., 1970). Recentemente, no entanto, uma nova abordagem ao uso de progestágenos ministrados por qualquer dessas rotas comuns, especificadas na Figura 3, surgiu quando Wilbank & Kasson (1968) relataram o controle do cio, com sucesso, após um regime a curto prazo relativamente (9 dias) de progesterona, combinado com uma injeção de estrogênio (5 mg de valerato de estradiol, ministrado no 2.º dia do tratamento oral). Anteriormente, um trabalho mostrara que a regressão do corpo lúteo maduro da vaca pode ser induzida mediante injeção de estradiol (Wilbank e cols., 1961; Kaltenbach e cols., 1964); o estrogênio dado no início do tratamento com progesterona também pode resultar em intensificação da regressão do corpo lúteo (Rich e cols., 1972). Além de produzir o controle do cio, o tratamento mais breve pode resultar em taxas de concepção aceitáveis. Entretanto, alguns relatos indicam que osaios dos bovinos nos quais o tratamento com o novo método foi iniciado nos primeiros dias do ciclo estral são menos bem sincronizados do que aqueles iniciados mais tarde (Smith & Vincent, 1973; Woody & Pierce, 1974). Isto pode ser corrigido mediante modificação dos tratamentos para proporcionar melhor controle ao corpo lúteo. O uso de implantes subcutâneos menores do que aqueles previamente empregados é agora possível, mormente devido à síntese de progestágenos cada vez mais potentes. Wishart & Young (1974), Mauléon (1974) e Wiltbank & Gonzales-Padilla (1975) relatam um controle eficiente do cio em bovinos cíclicos, mediante um implante auricular de "hydron", contendo 6 mg de SC 21009 (G.D. Searle). Um importante melhoramento recente é o uso de uma injeção combinada de progestágenos/estrogênio, no momento da implantação, ao invés de usar o estrogênio unicamente (Wiltbank & Gonzalez-Padilla, 1975); a combinação permite o controle adequado nos animais que se acham nas fases finais do ciclo estral ou que ovularam recentemente (resultado da propriedade antiluteotrópica da substancial dosagem de progestágeno). Injeções combinadas de progestágenos/estrogênio tam-



bém têm sido empregadas em conjunção com esponjas intravaginais impregnadas de progesterona (Sreenan & Mulvehill, 1975) e espirais silásticas intravaginais (Roche, 1975).

PROSTAGLANDINAS NO CONTROLE DO CIO

Durante os anos passados, considerável número de pesquisas foi conduzido sobre as propriedades biológicas das prostaglandinas; o composto de maior interesse no controle da reprodução é a PGF²alfa. A recente disponibilidade dessa substância, ou de uma de suas análogas altamente potentes, foi seguida de numerosos relatos que falam das aplicações de prostaglandinas em bovinos. É evidente que este composto, dado em duas doses diárias (0,5 — 1,0 mg), no corno uterino adjacente ao ovário que contém o corpo lúteo, induz a regressão desse órgão; isto é seguido de uma sucessão de eventos essencialmente semelhantes àqueles que ocorrem no cio normal, aparecendo os sinais de cio após um intervalo de 48-96 horas (Hansel & Schechter, 1972; Liehr e cols., 1972; Louis, e cols., 1972; Rowson e cols., 1972; Shelton, 1973; Hearnshaw e cols., 1974; Nancarrow e cols., 1974; Smith, 1974). Não obstante, a ministração intra-uterina requer paciência e perícia e nem sempre é fácil em novilhas, podendo envolver riscos de infecção.

Pelos motivos apontados, os relatos existentes cuidam da resposta a uma só injeção (subcutânea ou intramuscular) usando doses de nível mais elevado, de 20 a 30 mg da preparação de PGF²alfa, Tham (trimetanina), ou uma de suas análogas potentes (Landerdale, 1972; Hill e cols., 1973; Landerdale e cols., 1973;

Louis e cols., 1973; Tervit e cols., 1973; Stellflug e cols., 1973; Cooper, 1974; Cooper & Furr, 1974; Roche, 1974; Dobson e cols., 1975; Nancarrow & Radford, 1975; Leaver e cols., 1975); o consenso geral é que o tratamento com dose única induz a rápida regressão morfológica dos corpos lúteos suscetíveis à PGF²alfa. Não obstante, é claro que essa substância não é eficiente para alterar o ciclo estral da vaca caso seja ministrada antes do 5.º dia ou além do 18.º dia. Por esta razão, cerca de 30% dos bovinos cíclicos podem deixar de ser sincronizados com uma só injeção. Empregando a técnica de duas doses, com intervalo de 10-15 dias entre as injeções de PGF²alfa, todos os animais poderão ter corpos lúteos suscetíveis no momento da segunda ministração. Entre os investigadores há concordância em que a fertilidade dos bovinos após o tratamento com prostaglandina não é prejudicada e certamente isso não acontece evidentemente com os tratamentos a longo prazo com progestágenos. Esses fatos confirmam as observações de que os eventos hormonais após o tratamento com prostaglandina são bem semelhantes àqueles do ciclo natural (Dobson e cols., 1975); o corpo lúteo formado após o tratamento com prostaglandina também é tido como capaz de apresentar uma vida de duração normal.

SUBFERTILIDADE COM CIO CONTROLADO

Robinson (1969) notou que, nas tentativas de controle do cio em animais pecuários, os problemas a serem solucionados são mesmo mais difíceis do que os encontrados pelo endocrinologista que trab-

lha com o controle da fertilidade em seres humanos; no animal pecuário é necessário assegurar que a fertilidade normal opere simultaneamente com o controle do estro. Só recentemente foi obtida uma fertilidade aceitável com o controle satisfatório do cio, usando tratamentos com prostaglandinas ou progestágenos a curto prazo. Em relação à aplicação potencial de progestágenos em tratamentos a curto prazo ou sob outra forma, é importante considerar algumas causas sugeridas para a subfertilidade, freqüentemente associada ao uso a longo prazo desses compostos em bovinos. Várias dessas causas são indicadas na Figura 4.

Em contraste com a evidência em ovinos, que mostra uma falha relativa no transporte de espermatozoides, sendo a principal causa de subfertilidade induzida por progestágenos, a informação em bovinos é muito menos bem definida. Tentativas para solucionar o problema mediante emprego de doses mais elevadas de espermatozoides do que as usuais em inseminação artificial (Boyd e cols., 1973), montas naturais, ao invés de inseminação artificial (Gibbons e cols., 1973) ou cobrições naturais em várias ocasiões durante o cio (Roche, 1974) não mostraram resultados promissores. Zimbelman (1969) tem o ponto de vista que os problemas em cios sincronizados com MAP/MGA podem decorrer do fato de os espermatozoides ficarem capacitados mui rapidamente no trato da vaca submetida a tratamento com progesterona e se tornarem particularmente suscetíveis à ação dos leucócitos no período anterior à liberação do óvulo. Embora Wiltbank (1965) e Wagner e cols. (1968) tenham apresentado algumas evidências, em novilhas de corte, tratadas com progesterona, de que pos-

sam ocorrer falhas de fertilização, isto não parece ser uma causa importante, na maioria dos relatos.

Têm-se indicado anomalias em óvulos liberados após tratamento em alguns estudos sobre subfertilidade dos ovinos e ocasionalmente houve sugestão disto em bovinos (Van Niekerk & Belonje, 1970; Hendricks e cols., 1973). Wishart (1974) dá provas em bovinos tratados com SC 21009, com base na extensão de um ciclo, de que a taxa de clivagem dos ovos fertilizados é menor do que a normal. Verificaram-se pequenas alterações nas características do muco cervical, após o uso de prostaglandinas, em alguns relatos (Boyd e cols., 1972, 1973) embora a maioria dos estudos em bovinos e em ovinos tenha indicado que as relações de tempo entre o início do cio e a ocorrência de ovulação estejam dentro dos limites normais, aparecendo ocasionalmente relatórios que sugerem uma anomalia no padrão do momento da liberação em bovinos (Rodeffer e cols., 1972). Tem-se citado exemplos sugerindo desequilíbrio hormonal, seja durante o período de tratamento com progestágenos, seja perto do momento do cio (Hill e cols., 1971; Randel e cols., 1973).

EFEITO DA FASE DO CICLO NA RESPOSTA

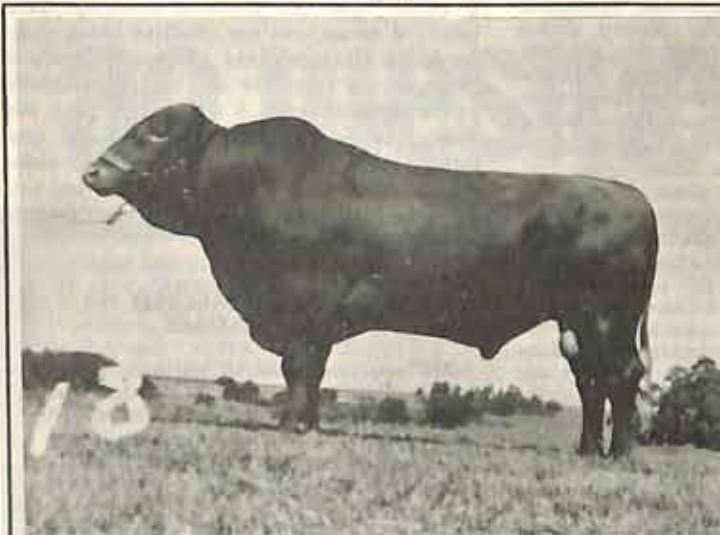
Um aspecto do problema da subfertilidade em bovinos que se encontra paralelamente em ovinos (Willemse, 1969; Kruij & Brand, 1975) é um efeito sobre a concepção proveniente do estágio do ciclo em que é iniciado o tratamento com progestágeno (Wettermann & Hafs, 1973). Caso o tratamento comece no animal na última fase luteal do ciclo, haverá então claramente muito mais tempo despendido

do período de progestágeno inteiramente sob controle artificial; isto contrasta com os animais nos quais o tratamento é iniciado no começo da fase luteal e no qual o corpo lúteo e o progestágeno exógeno agem concorrentemente em grande parte do tempo. Quando o corpo lúteo é ativo em grande parte do tratamento, as condições no cio controlado são mais normais. Outras considerações sobre aspectos da subfertilidade do tratamento com progestágeno são apresentados na seção sobre processos de determinação do momento para inseminação artificial.

INIBIÇÃO DO CIO

A ocorrência de períodos de cio em novilhas pós-púberes, criadas para corte, pode aumentar os problemas de manejo do criador, de qualquer maneira e sob certas condições. O fato de os tourinhos produzirem substancialmente mais carne magra por carcaça do que os castrados (Taylor, 1974) significa provavelmente uma crescente tendência dos criadores para utilizar a produção de carne daqueles animais, uma prática que acarreta novos problemas de manejo. Também há o fato de que as novilhas não utilizam seu alimento tão efetivamente como os novilhos. Por várias razões, um método prático para inibir os sinais de cio nas novilhas de corte e que simultaneamente aumentaria a eficiência da conversão de alimentos em carne magra, poderia atrair alguns produtores de bovinos. Roche & Crowley (1973) chamaram a atenção para o valor potencial da inibição do cio em bezerras de rebanhos de gado de "uma só mamada" na Irlanda.

O trabalho realizado em meados dos anos sessenta com MGA ministrado oralmente mostrara primeiramente que o pro-



KOJAK DO E.A. — Reg. 1900.
Sêmen na Tairana S/A
Presidente Prudente.

FAZENDA DUAS BARRAS Criação da Raça Pitangueiras

Prop. Eduardo A. Alcântara

SANTO INÁCIO — PARANÁ

Endereço: Rua Caramuru, 208
Tel. 0182 33-5118 — Caixa Postal 728
PRESIDENTE PRUDENTE — SP

EA

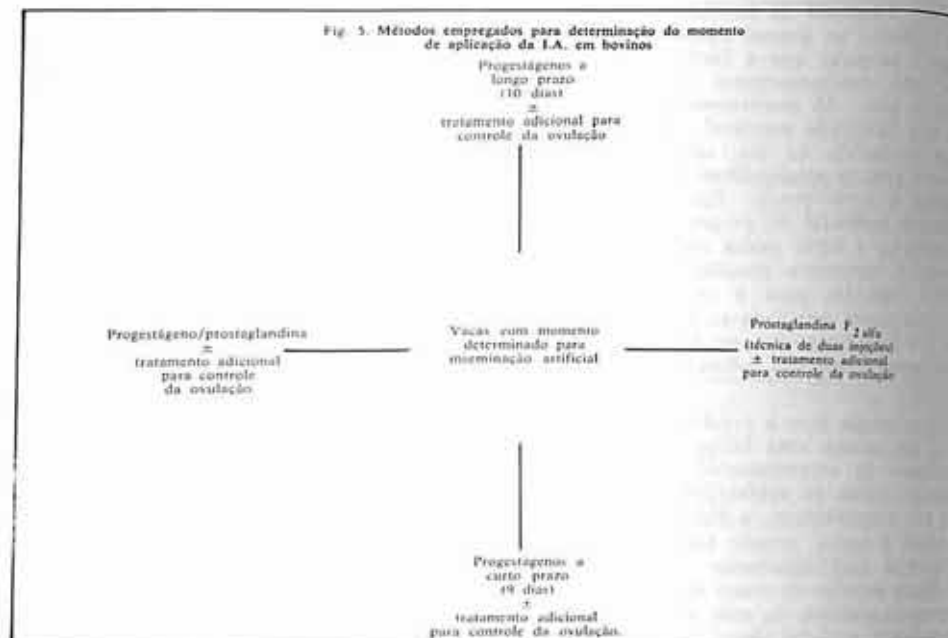
VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

gestágeno pode ter uma ação promotora de crescimento acima e abaixo de sua capacidade de inibir o cio. Nem todos os autores encontraram provas desse efeito estimulador do crescimento, muito embora o cio pudesse ser efetivamente inibido (Young e cols., 1969). Em uma ampla avaliação do MGA na produção bovina, Zimelman e cols. (1970) chamavam a atenção para a possibilidade de que a progesterona pode exercer sua ação promotora do crescimento indiretamente em novilhas, pelo fato de permitir uma substancial segregação de estrogênio nos ovários do animal com cio inibido. A este propósito, o progestágeno em novilhas proporciona seu efeito sobre o crescimento da mesma maneira que no novilho tratado com estrogênio sintético. O fato da ação promotora do crescimento não ser mostrada antes da puberdade (Randel e cols., 1973) explicam certas diferenças entre bovinos no modo pelo qual eles reagem.

Na Irlanda, onde as novilhas têm a possibilidade de estar no pasto e não recebendo alimento seco, o método de implante parece ser mais apropriado. Roche & Crowley (1973) realizaram vários estudos usando implantes de borracha silástica impregnadas de MGA; as novilhas foram mantidas sem cio por cerca de 4 meses, com um só implante e tornou-se evidente um efeito promotor de crescimento durante o período de tratamento. Infelizmente, o que é um ponto importante sob outros aspectos do controle da reprodução, a técnica de inibição do cio correntemente não oferece vantagem comercial devido ao custo envolvido nos estudos sobre resíduos em tecidos.

INDUÇÃO DO CIO

O controle do cio também pode ser utilizado para a sua indução, o que pode ter muita importância, por exemplo, entre as vacas após o parto. Entretanto, a indução ativa do cio será tratada separadamente, nas últimas seções desta revisão e de acordo com o que se relaciona com a vaca após o parto, sexualmente madura ou à novilha pré-pubere. Conquanto o controle do cio possa ser ocasionalmente de interesse entre os criadores que tentam usar o touro em cobertura natural, até agora o maior interesse pelas técnicas de controle do cio está entre os proprietários de rebanhos que consideram esse procedimento como um método para tornar a inseminação artificial mais facilmente aplicável em seu gado. Por esta razão, nos últimos anos, tem-se dado crescente importância ao controle da ovulação, ao invés de ao controle do cio. Neste caso, o objetivo é desprezar o período de cio que, embora sirva claramente como um sinal biológico para o macho tentar a cobertura, não é necessariamente importante para o encarregado do rebanho, desde que ele possa contar com a ovulação ocorrendo dentro de limites de tempo certos e previsíveis.



DETERMINAÇÃO DO MOMENTO PARA INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

A I.A. geralmente não é praticada em gado de corte devido ao problema da detecção do cio e isto significa que o melhoramento da criação pode ser mais lento entre esses animais, em comparação ao gado leiteiro. O controle objetivo do cio e da ovulação, desde que isso possa ser efetuado de maneira simples e barata será de considerável valor, não somente na Irlanda como em rebanhos puros de corte da América do Norte e de onde quer que seja. No gado leiteiro a I.A. é usada em menor extensão em novilhas de reposição, porque elas constituem um grupo de fêmeas que não se acham usualmente sob observação diária e atenta, necessária para a detecção do cio. Muitos dados têm sido publicados acerca das técnicas que podem ser empregadas, mas o fato é que a detecção do cio ainda é dispendiosa e consumidora de tempo. Donaldson e outros (1968) estão entre os que dão atenção à importância das observações frequentes; 93% dos cios possivelmente detectáveis foram por observações conduzidas duas a três vezes diariamente. Além de detectar o cio, é importante que se dê atenção ao momento da I.A., relativamente ao início do período de cio; a determinação incorreta do momento da I.A. pode resultar certamente em abaixamento das taxas de concepção. Vários autores têm tratado deste fator. Na Irlanda, O'Farrell (1974) mostrou que as vacas servidas 18-24 horas após o início do cio apresentam uma taxa de concepção significativamente mais elevada do que aquelas beneficiadas nas primeiras 12 horas do período de cio. Também há a questão notada por Wishart & Young (1974) de que a detecção acurada do cio em um grupo de vacas submetidas à sincroniza-

ção pode apresentar seus problemas particulares; estes podem provir de indivíduos que expressam graus variáveis de atividade estral, justamente com tipos de comportamento que não são necessariamente indicativos de seu genuíno status fisiológico.

Por várias razões, seria vantajoso induzir as vacas, em grupo ou separadamente, em um momento pré-determinado, da mesma forma que é possível, agora, com a I.A. de ovinos (Colas e cols., 1974; Gordon, 1975). Nos ovinos, a técnica de controle do cio empregada nas aplicações correntes de I.A. francesas e irlandesas tem sido objeto de extensas investigações de campo por vários anos. É sabido que um elevado nível de fertilidade é alcançado em ovelhas secas e de certas outras categorias, após o processo de controle do cio; semelhante prova de segurança é necessária para bovinos, sendo confortador verificar que estão sendo feitos esforços para se obterem técnicas simples, que possam ser utilizadas em ampla testagem de campo naquelas espécies.

CONTROLE PRECISO DA OVULAÇÃO

Até recentemente, o método ortodoxo de controle do cio na vaca, como foi exposto na seção precedente, baseava-se no prolongamento artificial da fase lútea do ciclo estral, usando um período de tratamento com progestágeno de aproximadamente um intervalo do ciclo normal (14 ou mais dias). Como mostra a Figura 5, a ênfase presente no controle do cio está dirigida para as técnicas de progestágeno a curto prazo e uso das prostaglandinas.

Quando se trata de Neguvon+Asuntol, dois contra um não é covardia.



Só ele mata bernes e carrapatos ao mesmo tempo.

Não é à toa que Neguvon + Asuntol é o produto mais usado, mais famoso e mais vendido no Brasil: é o único que combate bernes e carrapatos ao mesmo tempo.

Isto é, ele mata dois parasitas com uma só pulverizada, graças à sua fórmula exclusiva: um poderoso bericida de ação sistêmica que penetra na

corrente sanguínea do animal e ataca os bernes sem dó nem piedade, e um potente carrapaticida que age por contato, ou seja: encostou-matou.

A Bayer sente muito orgulho em fabricar esse produto, e resume suas qualidades em poucas palavras: dupla ação, duplo efeito. E conta também

os benefícios que Neguvon + Asuntol traz: o combate fica mais eficaz, dispensa pulverização profunda, e diminui o tempo e a mão-de-obra de aplicação, pois você aplica dois produtos ao mesmo tempo.

Diminui também o manejo dos animais: e você sabe que o excesso de manejo prejudica a produção do leite, pode

ocasionar ferimentos nos animais e nos operadores, e dá muito trabalho.

E ainda por cima, Neguvon + Asuntol não afeta o leite produzido: um intervalo de 10 horas entre a aplicação e a ordenha já é o suficiente para eliminar os resíduos.

Só para terminar: Neguvon + Asuntol tem uma excelente margem de segurança, e

resolve eventuais problemas de resistência a outros fosforados.

É por isso que costumam dizer por aí: matar bernes e carrapatos com Neguvon + Asuntol é até covardia.

O BRASIL CONTROLA
OS PARASITAS
COM A BAYER.



Neguvon+Asuntol: dupla ação, duplo efeito.

Mesmo assim, o problema persiste nas vacas que mostram cio em vários dias, ao invés de em um dia somente. Para aqueles que tentam fazer cobrir em momento determinado para I.A. isto significa o uso da rotina de dupla inseminação (12 horas ou mais, entre doses de sêmen) ou o emprego de um agente adicional em conjunção com o tratamento para sincronização (estrogênio, GnRH ou gonadotropina), a fim de aumentar a precisão da resposta ovulatória e permitir, assim, que uma só inseminação seja suficiente.

TRATAMENTO COM PROGESTÁGENOS A CURTO VS A LONGO PRAZO

A explicação fisiológica para as diferenças em taxas de concepção nos tratamentos de cio entre vacas sincronizadas por métodos com progestágenos a longo e a curto prazos não é inteiramente clara, mas as evidências favorecem os pontos de vista de que os eventos no cio são mais normais quanto mais breve o período em que os animais se acham em uma fase luteal completamente artificial (ou seja, após a regressão do corpo lúteo cíclico do animal). Isto se ajusta à evidência já mencionada que mostra que as taxas de concepção em vacas são afetadas pela fase particular do ciclo em que o tratamento com progesterona é iniciado. Nos tratamentos iniciais com progestágenos orais a curto prazo, o estrogênio ministrado no segundo dia nem sempre foi eficiente, no caso de animais que se achavam no começo da fase luteal do ciclo; isto freqüentemente significa que a precisão da sincronização nem sempre é elevada, embora a taxa de concepção seja satisfatória (Smith & Vincent, 1973).

A chave das aplicações correntes a curto prazo está em usar uma injeção preliminar de progestágeno (em nível de dose alta) em conjunção com o estrogênio (Wiltbank & Gonzales Padilla, 1975); a incorporação do progestágeno causa inibição ou regressão prematura do corpo lúteo na primeira semana do ciclo e evita a liberação prematura do LH e a consequente ovulação nos dias finais do ciclo. Wiltbank & Gonzales Padilla (1975) e Wishert & Young (1974) usaram uma combinação de 3 mg de SC 21009 e 5 mg de varerato de estradiol, no momento da inserção dos implantes deste composto na orelha, no nono dia. Sreenan & Mulvehill (1975) relatam que uma combinação de 250 mg de progesterona e 7,5 mg de benzoato de estradiol também pode ser empregada com sucesso no início do tratamento com progesterona intravaginal. A importância do nível da dose, neste caso, é sugerida pelos resultados de Roche (1974), que empregou 50 mg de progesterona, em combinação com 5 mg de ben-



O controle objetivo do cio e ovulação é de considerável valor.

zoato de estradiol; a fase do ciclo influenciou a resposta dos animais substancialmente, indicando que a progesterona, na dose de 50 mg, não era eficiente.

ESTROGÊNIO E CONCEPÇÃO

O uso de estrogênio em conjunção com os progestágenos requer um esclarecimento em termos de seu possível efeito sobre a capacidade do animal para conceber, embora possa facilitar a sincronização do cio, por induzir a regressão prematura do corpo lúteo. O estrogênio escolhido tem de ser usado a um nível de dose que possa induzir a regressão do corpo lúteo e ser ainda suficientemente ativo em breve tempo, para desaparecer da circulação vários dias antes do momento do cio e da ovulação. Certamente, no ovino, é evidente que o estrogênio, mesmo em doses diminutas, pode afetar adversamente a concepção, quando ministrado em torno do momento do cio (Robinson, 1969). No bovino, a ministração de doses de 2 mg de estradiol por Wiltbank e cols., (1971), 24 horas após a retirada do progestágeno, melhorou a precisão da resposta da sincronização, mas às custas de uma depressão da taxa de concepção. Roche (1974) usando uma dose muito inferior de 400 microg. de benzoato de estradiol ministrada a novilhas de corte 16 horas após a retirada do progestágeno, também relata uma redução da taxa de concepção. O uso do estrogênio, como meio para melhorar a precisão da resposta do cio em vacas é baseado no fato de que a liberação do LH preovulatório e consequentemente da própria ovulação é provocada pelo estrogênio (Hobson &

Hansel, 1972). Infelizmente, a produção folicular do estrogênio pode ser difícil para simular.

GnRH EM CONJUNÇÃO COM PROGESTÁGENOS

Nos últimos anos, uma quantidade considerável de pesquisas tem sido conduzida em relação às propriedades biológicas dos fatores liberadores da pituitária. Vários autores, usando uma preparação sintética de GnRH, demonstraram que ela pode determinar a liberação de gonadotropinas endógenas (Mauer & Rippel 1972; Zolman e cols., 1973). No que se refere ao controle do cio o GnRH tem sido examinado como possível agente para a obtenção da precisa determinação do momento da ovulação, dado 30 horas após o término do tratamento com esteróides (Roche, 1975). Ainda precisa ser mostrado se o GnRH pode modificar a resposta ovulatória sem afetar a capacidade do animal para conceber. No ovino, Segerson e cols. (1974) mostraram que pode ocorrer prejuízo para a fertilização, em resultado da ovulação prematura sob certas condições de aplicação. Já foi notado que a sensibilidade da pituitária ao GnRH sintético é influenciada pelo estado endócrino do animal no momento da ministração.

GONADOTROPINAS EM CONJUNÇÃO COM PROGESTÁGENOS

Vários investigadores têm empregado gonadotropinas placentárias (PMSG)

HCG) em combinação com o tratamento com progestágeno, como tentativa para aumentar a precisão da resposta em animais cíclicos e permitir a I.A. em momento predeterminado (Baker & Coggins, 1968; Boyd & Tosker, 1971; Roche, 1975) ou para induzir a ovulação em certas categorias de animais (p. ex. em gado de corte que amamenta) e que pode achar-se em anestro no momento de iniciar-se o tratamento sincronizado (Mauléon, 1974). Outros têm empregado gonadotropinas placentárias ao cabo do tratamento com progestágeno e ao longo do ciclo com o intuito de melhorar a concepção nosaios

do tratamento (Wagner e cols., 1973). Não obstante, o uso de gonadotropinas não pode ser considerado como uma característica desejável dos tratamentos para sincronizar as vacas, particularmente em virtude da considerável variação da resposta superovulatória que ocorre nesta espécie após as tentativas deliberadas para manipular a atividade ovariana.

PROSTAGLANDINAS NA DETERMINAÇÃO DO MOMENTO DA I.A.

Da mesma forma que foi dito para os tratamentos a curto prazo com progestá-

genos, os pesquisadores têm relatado sobre o uso, em conjunção com prostaglandinas, de agentes tais como o estrogênio (Nancarrow & Radford, 1975) e preparações gonadotrópicas (Tervit e cols., 1973; Van Niekert e cols., 1974), a fim de aumentar a precisão da resposta do cio e ovulação. Contudo, ainda não foi demonstrado convenientemente se tais agentes adicionais são eficientes a este respeito. Vários relatos recentes têm descrito um tratamento sincronizante, que consiste inicialmente de progestágenos (5-7 dias de duração) seguido de uma só injeção de prostaglandina F² alfa (Roche, 1974; Wishart, 1974; Van Niekert e cols., 1974). O uso de progestágeno inicialmente permite que a vaca fique na última fase luteal do ciclo, na qual o corpo lúteo é inteiramente sensível à ação da PGF² alfa.

DETERMINAÇÃO DO MOMENTO PARA INSEMINAÇÕES

A maioria dos relatos presentemente existentes sobre a determinação do momento para I.A. da vaca mostra o uso da técnica de dupla inseminação nos animais. Há um intervalo mais longo entre a ministração da prostaglandina e o início do cio do que entre a retirada do progestágeno e o cio; por tal razão a determinação usual do momento para inseminação tem sido às 70-72 e outra vez às 90-96 horas após a PGF² alfa e às 48 h e outra vez às 60 h após a retirada do progestágeno a prazo curto (implante de SC 21009). É talvez relevante notar que a determinação do momento para I.A. em ovelha tem melhorado de duas inseminações às 50 e 64 h para uma só efetuada às 55-57 horas (Colas e cols., 1974; Gordon, 1975) sem que a taxa de concepção seja necessariamente deprimida. Ao invés de dar ênfase excessiva ao uso de agentes hormonais adicionais, a fim de aumentar a precisão da ovulação em bovinos seria mais fácil modificar fatores tais como a dose e a qualidade dos espermatozoides para o período durante o qual a ovulação deve ocorrer. Além disso, dados sobre tratamento de bovinos em diferentes condições fisiológicas ou genéticas podem permitir eventualmente a determinação do momento de uma só inseminação, o qual estaria relacionado com condições particulares da fazenda. Isto acontece porque pode ser importante concentrar tempo e energias em um só método, ao invés de em método múltiplo quanto às técnicas de ovulação controlada, mesmo quando o processo escolhido não é considerado ótimo para todas as ocasiões.

PROSTAGLANDINAS OU PROGESTÁGENOS A CURTO PRAZO?

Admitindo-se que o rendimento do tratamento para sincronização (concepção ao



Fórmula do lucro certo:

VER-MI-SAL+ IVAFÓS: BOI GORDO

Faça o seu rebanho render muito mais em fertilidade e ganho de peso. Misture Ver-Mi-Sal ao sal comum, na proporção de 1 para 90 e deixe a mistura à disposição do gado, mantendo separada, mas, no mesmo cocho, uma boa quantidade de Ivafós. É que o gado tem fome específica de determinados elementos, portanto, nunca se deve misturar tudo (macro e micro elementos).

Ver-Mi-Sal tem fórmula completa de micro elementos minerais: ferro, cobre, cobalto, iodo, manganês.

Além da sua comprovada ação vermífuga, mineraliza o gado, evitando a anemia e garantindo fertilidade, ganho de peso, beleza de aspecto e muita saúde.

Ivafós é fosfato bicálcico (45% P₂O₅), ou seja, fósforo e cálcio, dois macro elementos ultra necessários ao organismo

animal, na fórmula mais assimilável que existe. Pode-se afirmar que o fósforo e o cálcio são essenciais a todas as células do organismo animal e respondem diretamente pelo crescimento físico e pela produção leiteira. E, exatamente esses minerais, são os que mais faltam às pastagens brasileiras. As maiores fazendas da área da Sudam, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul adotam e com excelentes resultados, a fórmula do lucro certo para criação e engorda de gado:

VER-MI-SAL + IVAFÓS = BOI GORDO.

Ver-Mi-Sal - barricas de 10, 25 e 50 quilos ou embalagens de 1 quilo.

Ivafós - sacos impermeáveis de 25 quilos. Despachamos para todo País.



I.V.A. INSTITUTO DE VETERINÁRIA APLICADA S.A.

BR. 116, TREVO KM 28 - ESTRADA DE ITAPECERICA DA SERRA, 3088 - CAIXA POSTAL 46 -

CEP 06800 - EMBU - SÃO PAULO

FONES: (011) 494-2668 - 494-2669 - 494-2670 - 494-2812 - 494-2813

primeiro serviço por 100 vacas tratadas) seja comparável para prostaglandina (técnica de dupla injeção) e progestágeno a curto prazo (p. ex. implante de SC 21009 de 9 dias), vários outros aspectos necessitam ser considerados ao se considerar o uso potencial das duas técnicas em fazendas particulares. Embora o método intravaginal para ministração do progestágeno funcione admiravelmente na ovelha, isso não pode ser dito para a vaca, onde o problema da retenção do dispositivo tem sido importante nas vacas paridas (Mauer e cols., 1975). O implante auricular impregnado de SC 21009 parece ser uma possibilidade prática e promissora entre os tratamentos a curto prazo com progestágeno. As doses de SC 21009 e de valerato de estradiol podem ser entretanto mais decisivas para assegurar respostas satisfatórias, em novilhas e vacas, por exemplo, do que os presentes dados sugerem. Deve ser observada uma assepsia rigorosa nos processos de implantação e pode haver pequenas reservas sobre o

método, em decorrência do acúmulo de tecido necrosado sobre os tratamentos repetidos durante a vida reprodutiva do animal. O fato do progestágeno ser usado em escala maciça em medicina humana pode tornar sua aceitação pelos órgãos de licenciamento de drogas para uso em bovinos, especialmente vacas leiteiras, uma tarefa menos complexa e custosa do que no caso de alguns outros agentes.

Não obstante, indubitavelmente, eles proporcionam correntemente a solução mais simples e eficiente para o controle do cio em bovinos cíclicos e provavelmente o maior receio acerca do uso das prostaglandinas em bovinos, em qualquer escala, seja o perigo de emprego incorreto dos compostos, a não ser que estes sejam rigorosamente mantidos sob cadeado e chave e ministrados por ninguém mais que o médico veterinário. O custo das prostaglandinas, já elevado em relação aos progestágenos, poderá não ser diminuído pela necessidade dessa supervisão

profissional atenta, embora justificável. Outro problema é que não ocorre com a técnica dos progestágenos provém do fato da PGF² alfa ser um abortivo eficiente na vaca, aos níveis de dose empregados para controle do cio. Isto pode ser custoso e embaraçoso para o criador, especialmente se tais abortos criarem mais problemas para os órgãos governamentais encarregados da erradicação da brucelose. Também há o fato da prostaglandina ser eficiente somente se a vaca tiver um corpo lúteo nos ovários. É difícil deixar de concluir que o tratamento feito com implantes de progestágenos a curto prazo pode satisfazer os requisitos do controle do cio quanto à economicidade, simplicidade e eficiência, bem melhores do que com outros métodos.

— Cordon, I. — Controlled breeding in cattle. Part 1. Hormones in the regulation of reproduction, oestrus control and set-time artificial insemination. Anim. Breed. Abstr. 44 (6): 365-77. 1976. 144 refs.

notas zootécnicas

A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL CAPRINA EM FRANÇA

Segundo a ADETEF (B. L'Elevage Français (11), 1977) a inseminação na espécie caprina é utilizada em pequena escala, mas há cerca de 15 anos em França. Conquanto o número de inseminações realizadas nestes últimos anos não tenha evoluído sensivelmente, os progressos realizados há 5 anos permitem torná-la um instrumento para o melhoramento genético do rebanho caprino.

Os Centros de I.A. — Salvo a atividade de uma estação de investigação pertencente ao INRA, dedicado à I.A. caprina em Rouillé, Vienne, a inseminação nesta espécie é uma atividade totalmente integrada aos Centros de I.A. bovina. Três centros de produção asseguram a quase totalidade do sêmen de bodes: CAPRICENTRA, perto de Poitiers (Vienne), MIDATEST em Sonal (Tarn) e INRA, Estação de Rouillé (Vienne).

Sendo a obtenção de bodes melhoradores a condição essencial para o desenvolvimento da I.A. caprina, os Centros de Produção de Sêmen iniciaram há 3 anos um programa de testagem desses reprodutores. Cada um dos três centros cria, cada ano, uma série ou vintena de bodes e efetua os testes relacionados especialmente com a congelação do esperma.

Esta primeira operação ou pré-testagem permite a realização de provas de somente 5 ou 6 dos melhores reprodutores. A testagem realiza-se na Estação, em Lojere, em Saint-Croix-de-Vallé-Française, onde o rebanho de aproximadamente trezentas cabras permite a testagem simultânea de 15 a 18 bodes. O índice de reprodutor é conhecido quando o indivíduo tem dois anos e meio de idade e a partir de então os bodes que se revelam melhores (como melhoradores) podem ser utilizados durante 4 a 5 anos, aproximadamente.

A técnica de I.A. com sêmen fresco, vale dizer, conservado a 4°C, já não é praticamente utilizada, pois sua duração de conservação não ultrapassa uma dezena de horas e atualmente o sêmen congelado é a técnica empregada mais correntemente. Ela é utilizada pelos inseminadores emaios naturais ou emaios programados, reunidos, neste caso, com o processo de sincronização, por meio de esponjas vaginais embebidas.

A estagnação do número de inseminações é devido às seguintes razões: — dificuldades ligadas à execução de uma técnica de congelação, por ser, com efeito, o sêmen de bode muito mais frágil do que o de touro. Os investigadores do INRA elaboraram uma técnica chamada de "lavagem de espermatozoides para eliminar do ejaculado uma parte do líquido seminal que perturba a conservação do esperma congelado; — problemas da es-

tação sexual: do bode pode-se coletar sêmen durante o ano, mas o material sofre variações importantes no decorrer do ano, em qualidade e em quantidade; — problemas do número de espermatozoides por palheta: é necessário um número significativo de espermatozoides para assegurar uma taxa de fecundação suficiente, assim que os Centros de produção propõem o uso de palhetas que contenham de 100 a 250 milhões de espermatozoides por unidade; — problemas do número de inseminações: até o presente, ou seja, no caso da I.A. emaios naturais ouaios programados, deve-se efetuar no decorrer dos calores duas intervenções com um dia de intervalo, para aumentar as possibilidades de fecundação; — problema do momento da inseminação: contrariamente à espécie bovina, onde se recomenda a inseminação no decorrer da segunda metade dos calores, a I.A. caprina deve ser realizada durante a primeira metade do período de calores. Isto é mais importante no caso de se realizar uma só inseminação. Na prática significa que uma cabra, observada em cio pela manhã, deverá ser inseminada à tarde e aquela observada em cio à tarde deverá sê-lo no dia seguinte, pela manhã. Esta exigência por vezes é mal articulada com a atividade dos inseminadores que em certos casos efetuam uma só viagem para inseminação, que se inicia ao meio-dia. Ademais, requer uma boa observação das cabras por parte do

criador, para prevenir rapidamente o inseminador; — problema de eleição de técnicas: a execução da técnica de sincronização dos calores das cabras mediante esponjas vaginais, nos caprinos, permitiu notável renascimento do interesse pela inseminação. A I.A. emaios sincronizados permite uma boa organização do trabalho e, especialmente, a inseminação no momento ótimo; ela permite igualmente alongar a estação de reprodução, tornando possível as gestações fora da estação; — problemas de inoculação do sêmen: este deve ser depositado na entrada do colo uterino, o qual necessita de ajuda para a contenção da cabra, a fim de realisar esta operação com segurança.

A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL OVINA EM FRANÇA

Relata a ADETEF (B. L'Elevage Français (11), 1977) que o número de ovelhas inseminadas em França representa 1,5% do efetivo nacional. A progressão da I.A. continua nessa espécie desde 1971 foi, juntamente com o desenvolvimento da utilização dos progestágenos sintéticos e da técnica de sincronização do cio, da seguinte ordem:

Ano	N.º de ovelhas inseminadas, (milhares)
1971	24,00
1972	35,00
1973	63,00
1974	80,70
1975	94,17
1976	118,55

A I.A. permitiu intensificar a seleção, primeiramente na bacia de Roquefort, na raça Lacaune; desde 1972 outros programas de testagem vieram à luz, concernentes a: — raça Ile-de-France, com uma Estação de Provas em Verdilly (Aisne); — raça leiteiras dos Pirineus, com a Cooperativa dos Pirineus Atlânticos (raças diversas). As provas com carneiros e a difusão do sêmen de reprodutores melhorados é possível graças ao grande número de fêmeas (800 a 1.200 ovelhas) que o sêmen proporcionado por um carneiro adulto permite inseminar.

A I.A. permite igualmente minorar o inconveniente da diminuição do ardor genético dos animais e a produção de esperma, sensivelmente, na primavera. Com a utilização da sincronização do cio nas borregas, ela permite a produção de cordeiros prontos para venda no outono-inverno, momento em que o mercado de carne ovina é mais favorável. Permite fecundar as borregas em condições de reproduzir aos 8 a 9 meses de idade, mediante tratamentos hormonais; os carneiros adultos, em certos casos refugam co-

brir essas borregas, tanto mais quando o acasalamento se verifica fora da estação própria.

Os genitores dos Centros de produção de sêmen estão sendo submetidos a controles sanitários e a medidas de profilaxia que eliminam o risco de propagação de doenças contagiosas. A taxa média de fertilidade registrada varia segundo os Centros de 60 a 68% (por ocasião do parto). Os melhores resultados são obtidos com a raça Lacaune, em que a técnica de I.A. é utilizada há vários anos. O melhoramento da produção leiteira nas criações controladas desta raça manifesta-se por uma progressão registrada entre 1973 a 1976, referente aos valores da produção por ovelha ordenhada, que passou de 129 l para 140 l; da produção por borrega ordenhada que subiu de 90 l para 113 l. No mesmo período, o número de lactações superiores a 300 l de leite comercializado passou de 16 em 1973 a mais de 100; por outro lado, os melhores desempenhos da primeira lactação passaram de 304 a 365 l.

A fim de minorar os inconvenientes da limitada conservação do sêmen fresco (12 horas), os órgãos INRA e ITOVIC realizaram estudos referentes ao congelamento do esperma a -196°C e colocaram em uso o diluente INRA-ITOVIC. Convém notar que se o método de congelação é operativo, observa-se entretanto uma ligeira perda de fecundidade. A manipulação do esperma congelado, sendo mais delicada que a do sêmen fresco faz com que se intervenha duas vezes nas mesmas ovelhas.

COMPOSIÇÃO DE SÊMEN DE BÚFALO MURRAH, DURANTE O VERÃO NA ÍNDIA

Conforme Mohan, G.; Madan, M.L.; Razdan, M.N., do Departamento de Produção Animal da Universidade de Agricultura Haryana, Hissar, Índia (Trop. Agric. 54 (1): 21-8, 1977, as médias de número de espermatozoides ($10^6/\text{ml}$), de espermatozoides vivos (%) e de espermatozoides móveis (%), em tourinhos Murrah de 3-4 anos de idade foram, respectivamente, 1.179; 83 e 75, no inverno indiano (novembro a janeiro); e 1.181; 84 e 70 no verão. O colesterol total e o fósforo inorgânico (em $\text{mg}/100 \text{ ml}$) proporcionaram médias de 92 e 6,3 no inverno e 142 e 63 no verão, respectivamente. A atividade da fosfatase e da transferase foi em geral mais baixa no verão do que no inverno. A concentração de DNA ($\text{mg} \times 10^{-9}$, por espermatozoide) e de RNA ($\text{mg} \times 10^{-11}$ por espermatozoide) no inverno foi de 3,20 e 5,54 e de 3,22 e 5,52, no verão, respectivamente.

MANCHET



REPRODUTORA EMÉRITA

Primeira zebuina no Brasil, e provavelmente no mundo, ultrapassar 6.000 quilos de leite em duas ordenhas. Produção: 6.207 kg de leite em 365 dias.

Detentora de 4 recordes brasileiros de leite e gordura

Uma das Matrizes do Plantel

GIR LEITEIRO "2R"

FAZENDA DA DERRUBADA

A meca do GIR LEITEIRO
RIO DAS FLORES
Caixa Postal 86 - Valença - RJ

Localização: Vias de acesso



EFEITO DA QUALIDADE DA FORRAGEM NO APROVEITAMENTO DOS ELEMENTOS-TRAÇOS E ALGUNS ELEMENTOS-MAIORES

Segundo Lamand, M.; Amboulou, D. e Rayssignier, Y. (Ann. Rech. Vet. 8 (33): 303-6, 1977) as forragens de má qualidade, conforme tem sido demonstrado, produzem deficiências minerais nos ruminantes. Vários fatores estão envolvidos, mas uma questão ainda não resolvida é o papel desempenhado pelo nível baixo de minerais na dieta e a influência das forragens de má qualidade ingeridas em menor quantidade e mal digeridas. Por exemplo, os AA. observaram (Lamand, dados não publicados) deficiências de cobre e zinco em ovinos que receberam feno pobre. Assim, tornou-se interessante examinar o aproveitamento de alguns minerais em feno seco sob más condições atmosféricas.

A influência da qualidade da forragem sobre a digestibilidade do cobre, zinco, manganês, cálcio e magnésio foi estudada durante dois períodos de balanço em cordeiros em crescimento (25 kg). Os animais receberam sucessivamente azevém-italiano, de primeiro ciclo da fase de espigamento, distribuído sob a forma de erva congelada, ou sob a forma de feno seco ao sol em más condições meteorológicas.

O cobre e o zinco foram nitidamente menos digeridos e menos bem retidos no feno que na forragem verde. A digestibilidade do manganês não foi afetada pela qualidade da forragem, mas o foi pelo teor desse elemento. As digestibilidades do cálcio e do magnésio não foram alteradas. A retenção do cálcio evoluiu paralelamente à ingeribilidade da ração.

TRATAMENTO DA MASTITE EM VACAS SECAS: TRATAMENTO DE TODAS AS VACAS VS TRATAMENTO DAS VACAS INFECTADAS SOMENTE

Relatam Roginsky, M. & Serieys, F. (Ann. Rech. Vet. 8 (3): 327-31, 1977) que o tratamento na secagem das vacas leiteiras por antibióticos diminui o número de infecções mamárias (Smith e cols., 1966). Esse tratamento impede o aparecimento de novas infecções no início do período seco. Então ele deve ser efetuado em todos os animais, quer estejam infectados ao secarem, quer não estejam. Todavia, o tratamento de todas as vacas é oneroso e se poderia pensar ser preferível tratar somente as vacas infectadas. As perdas devidas às infecções não eliminadas seriam compensadas pelo custo me-

nos elevado de um tratamento seletivo. Com efeito, é preciso ter em conta o aspecto econômico da luta contra as infecções mamárias o que é importante, segundo Wilson, 1968.

Os AA. compararam, assim, três grupos de animais de um mesmo rebanho, um servindo como testemunha, outro em que todas as vacas eram tratadas ao secarem e o último onde só as vacas presumivelmente infectadas eram tratadas. A eficácia do tratamento foi mensurada mediante comparação dos números de infecção presentes à secagem (antes do tratamento) e na parição seguinte.

Conseqüentemente, foram considerados: lote testemunha (os animais não eram tratados ao secarem); lote com tratamento total (os animais eram tratados ao secarem, nos quatro quartos mamários) e o lote com tratamento parcial (os animais eram tratados ao secarem, nos quatro quartos e se um dos quartos apresentasse, um mês antes, um Teste Californiano para Mastite igual ou superior a +++). Os animais foram tratados a metade com cloxacilina e a metade com uma mistura de penicilina-estreptomina.

Não se observaram diferenças significativas entre o tratamento total e o tratamento parcial, mas houve um sucesso limitado em relação ao lote testemunha. Os dois tratamentos (cloxacilina e pen-estrep.) deram resultados comparáveis. As implicações patogênicas e práticas desses resultados são discutidas pelos AA., notando-se que parece inútil o tratamento de todas as vacas de um rebanho, na secagem, desde que se possa selecionar os animais a tratar mediante um critério válido, como, por exemplo, o T.C.M. efetuado por quarto mamário no mês precedente à secagem. Seria possível simplificar o método de detecção dos animais infectados mediante exame celular do leite (Ledaal, 1972) na medida em que esse leite possa ser obtido por ocasião do controle leiteiro.

TRATAMENTO COM ANTIBIÓTICOS NA SECAGEM DE VACAS, EM INFECÇÕES INDUZIDAS E NATURAIS DA GLÂNDULA MAMÁRIA

Poutrel, B. (Ann. Rech. Vet. 8 (3): 333-40, 1977) descreve que foram utilizadas duas preparações de longa persistência, a cloxacilina (0,5 g) e a associação de penicilina G-estreptomina (1.000.000 UI — 1 g) em adjuvante oleoso, associadas ao monoestearato de alumina a 3 p. 100, para o tratamento na secagem de 32 vacas (124 quartos mamários) infectadas experimentalmente ou espontaneamente. Para o conjunto das infecções devidas a bactérias patogênicas importantes a eficiência terapêutica das duas preparações foi equivalente: 17/24 infecções

estafilocócicas (71%) foram curadas pela cloxacilina contra 23/27 (85%) pela associação pen-estrep. Esta diferença é significativa.

O malogro do tratamento de 48 infecções experimentais pelo "Staphylococcus aureus" não pode ser atribuído à sensibilidade das amostras aos antibióticos utilizados, ou à existência de tratamento durante a lactação precedente. Ao contrário, a duração da infecção e o sorotipo das amostras teve uma influência sobre a taxa de curas obtidas.

A taxa de novas infecções observadas com relação à cloxacilina (8%) não foi significativamente diferente da observada com a associação pen-estrep. (13%). Em 13 novas infecções devidas a bactérias patogênicas importantes, 10 eram infecções por "Streptococcus uberis".

A eficiência terapêutica e profilática considerada globalmente foi equivalente, para a cloxacilina e a referida associação.

O SAL NA ALIMENTAÇÃO DOS SUÍNOS

Diz Holden, P., da Universidade Estadual de Iowa (Hoard's D. 123 (6): 390, 1978) que os suínos em crescimento e acabamento não necessitam de tanto sal como se pensava no passado. Pesquisas recentes têm mostrado que esses animais somente necessitam de 2,27 kg de sal por tonelada de alimentos, ao invés da recomendação anterior de 4,54 kg/t.

O sal é usado para manter o balanço mineral em seus corpos. Os extremos de 1,36 a 9,08 kg de sal por tonelada de alimentos têm sido dados em provas, sem alterar o crescimento ou a eficiência alimentar. A redução oferece vantagem econômica, pois faz com que se substituam 2,27 kg de sal por outros tantos kg de milho. Os suínos crescem evidentemente com milho e não com sal.

Outro ponto a considerar, com relação ao sal é de ordem ambiente. Diminuindo a ingestão de sal haverá menor quantidade de cloreto de sódio na terra através do esterco.

Os reprodutores não deverão ter rações de sal cortadas. As porcas de rebanhos com alimentos limitados deverão ser mantidas com uma porcentagem de sal mais elevada que a dos suínos em crescimento-acabamento. As porcas com 1,82 kg de alimento por dia necessitam de 5,67 kg de sal por tonelada de alimento. As com 1,36 kg de alimentos por dia requerem 6,81 kg de sal por t de alimento. A ingestão de energia pelas porcas e não a de sal é reduzida para limitar a deposição de alimento.

noticiário TORTUGA

24 ANOS DE TRABALHO PELO PROGRESSO DA PRODUÇÃO ANIMAL

HONRA AO MÉRITO



MOYARDALE CITATION MARGARET — nasc. 07.08.1973 — Fazenda São Joaquim, propriedade do Dr. Joaquim Peixoto Rocha, Itatiba (SP). Entre outros prêmios, possui o de Grande Campeã Nacional da Raça Holandesa de Guaratinguetá (1978) e Campeã Nacional Vaca Adulta na Exposição de Belo Horizonte (1978).



TORTUGA

COMPANHIA
ZOOTECNICA AGRARIA

22.º Ano

Dezembro de 1978

N.º 281

A moderna vaca leiteira é um
amor de perfeição. Ela supera
as ancestrais no porte, na con-
formação e, principalmente, na
capacidade de produzir leite. A
aplicação de modernos conheci-
mentos de Nutrição muito tem a
ver com isso. E, naturalmente, o
reto emprego de minerais.

JE SE FAZEM VACAS LHORES QUE ANTIGAMENTE!

A cada geração as vacas leiteiras
apresentam maior potencial de
produção, melhor conformação
do aparelho mamário, mais "cará-
terístico".

Genética, Defesa Sanitária, Ma-
nejo e **Alimentação** — estes fato-
res se associam para produzir me-
lhores vacas leiteiras.

ALIMENTOS DE ALTA ENERGIA

O emprego de alimentos de alto
teor energético (grãos de cereais)
associados a volumosos de ele-
vado valor (silagens de milho, de
sorgo, de gramíneas e de legumi-
nosas) e alimentos proteínicos
(farelo ou torta de algodão, de soja
etc.) foi um fator positivo para me-
lhorar o desempenho das moder-
nas vacas leiteiras.

MINERAIS E VITAMINAS

A suplementação das dietas
das vacas leiteiras com **Minerais e
vitaminas** é ponto pacífico.

Dentre as Vitaminas, as **Vitami-
nas A, D e E** são imprescindíveis.

Dentre os Minerais **Essenciais**
(14 ou 15) sobressaem-se o **Cálcio**
e o **Fósforo** por ser o leite
extremamente rico nesses elementos.

**As vacas leiteiras podem man-
ter, precocemente baixos níveis de
Fósforo**, observando-se o primeiro
sintoma na queda do nível desse
elemento, no soro sanguíneo.

Clinicamente, a deficiência de
Fósforo manifesta-se através



inapetência, rápido emagrecimento nos primeiros meses de lactação; retenção da placenta; reduzida produção de leite; articulações doloridas; pêlos sem brilho; cios irregulares; nova concepção retardada ou inviável.

As vacas leiteiras retiram de seus próprios ossos o Cálcio, o Fósforo e outros minerais para sintetizarem o leite que produzem. Esgotada essa fonte limitada de minerais, a produção declina, o organismo se ressent e o animal não pode apresentar seu real potencial de produção.



VITAMINAS A — D e E

Precisam ser parte integrante das dietas das vacas leiteiras. Conquanto possam produzir em seu organismo, através da flora bacteriana do aparelho digestivo várias vitaminas, como as do Complexo B, e a C, as vacas leiteiras dependem de vitaminas que não sintetizam: A, E e D.

MINERAIS PRECISAM SER REPOSTOS

Em cada litro de leite produzido são eliminadas 1,3 g de Cálcio e 0,95g de Fósforo. E para que essas quantidades possam ser repostas, a vaca deve ingerir, para cada litro de leite produzido, 2-3 g de cálcio e 1,8 g de Fósforo alimentares. Além disso, há que repor o Cálcio e o Fósforo normalmente eliminados pelas fases e pela urina, empregados na manutenção dos processos vitais do organismo. Uma vaca de 500 kg de peso que produz 30 kg de leite, necessita receber, diariamente, 107 g de Cálcio e 78 g de Fósforo. Essas elevadas quantidades ela não encontra nos volumosos e nos concentrados protéicos, por melhores que sejam. Por tal motivo, há que empregar:

Suplementos Minerais nas quantidades adequadas nos cochos e, ainda, misturados nas rações (concentrados ou volumosos).

FÓSFORO

Nem todos os sais de Fósforo (Fosfatos) possuem igual valor biológico. Os Fosfatos utilizados na suplementação dos bovinos precisam ser de alta assimilação e conter baixo teor de Fluor.

Dentre os Fosfatos da mais alta assimilação destaca-se o Ortofosfato Bicálcio Desfluorizado empregado nas fórmulas da Tortuga. Os consagrados concentrados Fosbovi — Tortuga de várias formulações (um para cada caso) agora, o Fosbovi-Sal (para propiciar o uso), além de um Fosfato de alta assimilação ainda contém outros **minerais essenciais**: Cobalto, Cobre, Magnésio, Ferro, Manganês, Iodo, Selênio e outros.

COMPARE OS RESULTADOS

Você concluirá que, com a adequada suplementação com concentrados Minerais Tortuga, suas vacas produzirão mais leite; apresentarão melhores índices de concepções; produzirão bezerras mais fortes; serão mais econômicas.

Compare e veja que a Proteção Tortuga lhe custará quase nada face ao retorno que lhe proporciona.

Concentrados Minerais Tortuga — 25 anos de experiência em mineralização.



minerais tortuga

um tipo para cada sistema de criação
e finalidade de exploração.



DMB



Entre as características mais importantes do sulcador-adubador DMB está a roda de acionamento. O suporte da roda é preso na estrutura do trator, possibilitando com isso a adaptação em qualquer trator de esteira. A roda de pneu é acoplada a um redutor tipo coroa e pinhão, que faz a transferência da rotação.

O sistema de acionamento conjunto roda, redutor e cardã é automático, ou seja, depende do hidráulico abaixado e levantado. Quando levantado, a roda "desencosta" da esteira e vice-versa, encostando também automaticamente.

A adubadeira, de distribuição perfeita, é composta de um cilindro, tendo na sua parte inferior um prato giratório, que funciona como distribuidor.

A perfeita distribuição do adubo depende não só do sistema adotado, como também do quebrador de pedras, que a adubadeira possui no seu interior. O sulcador é para duas linhas de plantio, operando com trator de esteiras de 70 a 90 HP.

P. PIZZAMIGLIO

A Persico Pizzamiglio S/A, tradicional fabricante de tubos de aço colocou no mercado brasileiro cerca de 400 toneladas de uvas de mesa de castas finas, tipo Itália e Patricia, e 600 toneladas de melões. Trata-se dos primeiros resultados da iniciativa pioneira da empresa em desenvolver, em pleno sertão nordestino, o cultivo de produtos não tradicionais da região.

A Fazenda Milano, em Petrolina, Pernambuco, é projeto próprio da Persico Pizzamiglio, aprovado pela Sudene, onde a empresa também cria gado de raça, contando com cerca de 10 mil metros de estábulo e 350 hectares de pastagens.

PLATAFORMA PARA COLHEITA DO MILHO



A Sperry New Holland, empresa que tem seu complexo industrial localizado na cidade Curitiba, lançou recentemente no mercado brasileiro um produto exclusivo que representa um avanço em colheita de milho.

Trata-se de uma nova plataforma para colheita de milho, com a qual pode-se colher em lavouras nas quais as condições permitam o plantio de milho com espaçamentos iguais ou menores de metro.

Segundo a empresa lançadora do produto, também fabricante das colheitadeiras automotrizes modelo Clayson 1530, a versatilidade dessa plataforma é tal, que o agricultor poderá ajustá-la para colher a 0,80 m, 0,90 m, ou mesmo 1 m, de espaçamento entrelinhas.

Além dessa vantagem exclusiva, outras mais poderiam ser citadas como por exemplo o sistema de engate rápido, que fará com que a troca de plataformas de soja para milho se processe em poucos minutos.

FORD PRODUZ SEU 20.000 TRATOR



Depois de cerca de dois anos de operação, a fábrica de Tratores da Ford, em São Bernardo do Campo, acaba de produzir seu 20.000 Trator Ford Brasileiro: um modelo 6600, com motor diesel Ford de 4 cilindros e 79 CV de potência.

Deste total de produção, grande parcela destinou-se à comercialização no mercado interno, com quase 17.000 máquinas distribuídas por todo o território nacional, alcançando em julho de 1978 uma penetração de 16,1 por cento em relação ao total de vendas do setor.

De junho de 1976 até o final de julho último, a Ford Tratores exportou 3020 unidades, num valor global de 25 milhões de dólares, colocando os Tratores Ford Brasileiros em nove países.

MASSEY FERGUSON



O agricultor norte-americano talvez não saiba, mas hoje, cerca de 40% do peso total do seu trator Massey Ferguson, modelo MF 275 é produzido no Brasil.

O eixo traseiro exportado para aquele país, é constituído pela caixa central com o diferencial completo e bomba hidráulica já montados, mais a tampa superior e quadrante com as alavancas de comando. As duas trombetas esquerda e direita estão montadas com seus semi-eixos e redução final, mais os óleos lubrificantes. Dessa maneira, o conjunto do eixo traseiro nacional ao ser desembarcado na fábrica MF norte-americana segue diretamente para a linha de montagem, sem maiores ajustes e regulagens.

O sucesso das exportações de tratores Massey-Ferguson brasileiros para os mercados africanos, latino-americano e asiático é a melhor prova de que os nossos tratores funcionam perfeitamente de acordo com as especificações técnicas dos diferentes países, além de estarem aptos a enfrentar diferentes condições climáticas e características especiais de trabalho.

A exportação de eixos traseiros para os Estados Unidos, além de se constituírem em uma nova fonte de divisas para o país, é a comprovação incontestável do alto padrão de qualidade dos nossos produtos.

TORTUGA

Em virtude do incêndio ocorrido no dia nove de setembro no Conjunto Nacional, a Tortuga informa seu novo endereço: Avenida Casper Líbero, 502 — 3.º ao 6.º andar, telefone 229-9211, São Paulo.

Repete-se o êxito da marca



A FAZENDA CAMPO 8 TAÇAS NA XIV SEMANA

Este êxito tornou-se tradição em todas as Semanas de

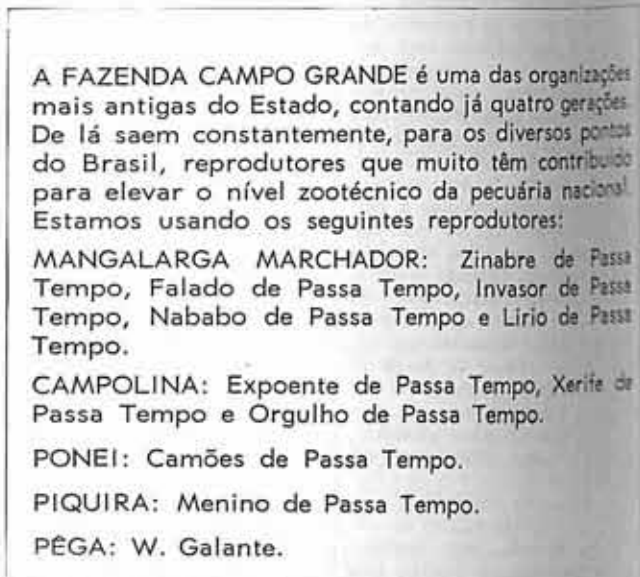
118 Anos



LÍRIO DE PASSA TEMPO — Por Zinabre de Passa Tempo x Greve de Passa Tempo. Basta... Estou na minha — sou filho do Campeão Progenie de pai e da Campeã Progenie de mãe da XIII Expo. Nac. do Cavalo - BH-77. Raça Mangalarga Marchador.



INVASOR DE PASSA TEMPO — Por Zape de Passa Tempo x Cobiça de Passa Tempo. Campeão dos Campeões em BH-74. Campeão Júnior na semana Nac. do Cavalo — Goiânia-74. Raça Mangalarga Marchador.



NAU DE PASSA TEMPO — Por Zinabre de Passa Tempo x Boite de Passa Tempo. Res. Campeã em Belo Horizonte, 1978. Raça Mangalarga Marchador.

A FAZENDA CAMPO GRANDE é uma das organizações mais antigas do Estado, contando já quatro gerações. De lá saem constantemente, para os diversos pontos do Brasil, reprodutores que muito têm contribuído para elevar o nível zootécnico da pecuária nacional. Estamos usando os seguintes reprodutores:

MANGALARGA MARCHADOR: Zinabre de Passa Tempo, Falado de Passa Tempo, Invasor de Passa Tempo, Nababo de Passa Tempo e Lirio de Passa Tempo.

CAMPOLINA: Expoente de Passa Tempo, Xerife de Passa Tempo e Orgulho de Passa Tempo.

PONEI: Camões de Passa Tempo.

PIQUIRA: Menino de Passa Tempo.

PÊGA: W. Galante.

F na Semana do Cavalo

GRANDE CONQUISTOU
NACIONAL DE EQUÍDEOS - SALVADOR - BA

Cavalo, realizadas até hoje, de norte a sul do país

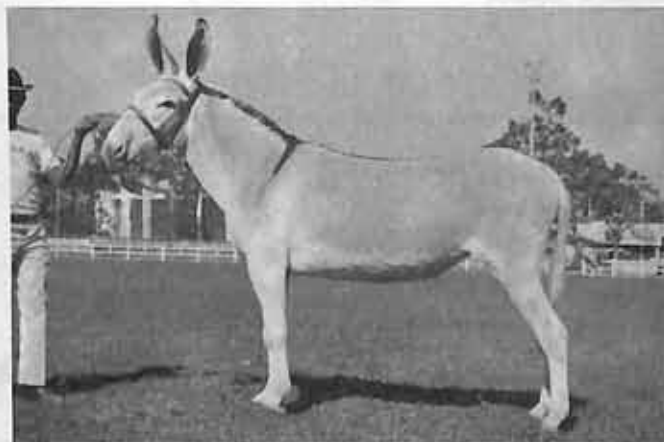
de Seleção



EXPOENTE DE PASSA TEMPO — Por Mirai Rififi x Ressaca de Passa Tempo. Campeão Júnior na I Nac. do Cavalo — BH. Campeão Nacional na II Nac. do Cavalo em BH. Campeão dos Campeões e Medalha de Ouro na Expo. Nac. dos Campeões em Goiânia, 1972. Raça Campolina.



OPINIÃO DE PASSA TEMPO — Por Xerife de Passa Tempo x Fanfarra de Passa Tempo. Aos 30 meses Res. Campeã Júnior na XIII Nacional do Cavalo — BH 77. Res. Grande Campeã na Semana do Cavalo, Salvador, 78 — Campeã Égua em Belo Horizonte-78. Raça Campolina.



MAHÊ DE PASSA TEMPO — Por W. Galante x Duas Pedras Passa Tempo. Campeã Jumenta na Expo. Estadual de Belo Horizonte, 1978. Grande Campeã na Semana Nacional do Cavalo, em Salvador - 1978.



MENINO DE PASSA TEMPO — Por Boy de Passa Tempo x Menina de Passa Tempo. Campeão Cavalo na Expo. BH-76 e Campeão Sênior na XIII Semana Nac. do Cavalo — BH-77. Campeão dos Campeões na Semana Nac. do Cavalo em Salvador, 78. Raça Piquira.

FAZENDA CAMPO GRANDE

Passa Tempo — Minas Gerais

O BERÇO DA MARCA "F"

Rodovia: Belo Horizonte - São Paulo — Km 112

Proprietário:

BOLIVAR ANDRADE E FILHOS

Em Passa Tempo: n.º 05

Telefone

Em Belo Horizonte: 222-8044

ICM nas operações com gado em pé

O Regulamento do ICM do Estado de São Paulo dá tratamento diverso às operações efetuadas pelos criadores e comerciantes, com gado em pé, conforme se tratem de reprodutores ou sejam destinados à matança, ou ainda conforme o tipo de gado. Assim é que o inciso XVIII do artigo 5.º do Regulamento concede a isenção do imposto nas saídas de reprodutores e/ou matrizes de bovinos, ovinos, suínos ou bubalinos (estes incluídos pelo Convênio ICM-09/78), quer sejam para dentro ou para fora do Estado. São porém exigidas duas condições para a utilização do benefício, ou sejam:

1 — os animais devem ser puros de origem ou por cruz, comprovados com o registro genealógico oficial;

2 — devem ser destinados a estabelecimentos agropecuários devidamente inscritos na repartição fiscal que os subordina.

Também a entrada desses tipos de gado em pé, adquiridos no exterior pelo titular do estabelecimento comercial ou produtor, gozará da isenção se tiverem condições de obter aqui o registro genealógico referido no item 1 acima. Estas isenções foram ratificadas através do

Convênio ICM-35/77, de 07/12/77. O benefício é restrito, como vemos, aos animais bovinos, ovinos, suínos e bubalinos, excluindo-se os demais.

Com referência às condições básicas para o gozo do benefício da isenção, devemos esclarecer que o registro genealógico dos animais é feito, geralmente, através das associações de criadores, que se utilizam dos livros de registro provisório e definitivo. Em resposta à consulta n.º 6.295, de 27/06/75, a Consultoria Tributária da Secretaria da Fazenda do Estado esclareceu que, indiferentemente se o registro é provisório ou definitivo, ocorre o direito à isenção.

A segunda condição é a inscrição do estabelecimento agropecuário destinatário na repartição fiscal subordinante, isto é: o destinatário deve estar inscrito no Cadastro de Contribuintes do Estado. Não sendo supridas essas duas condições básicas, é devido o pagamento do imposto com base na pauta fiscal elaborada pelo Fisco estadual, para esse fim. A mesma pauta determina os valores para o gado destinado à matança.

Na eventualidade de ser vendido um reprodutor que, embora tendo o registro

genealógico exigido e o comprador ser inscrito regularmente, destinar-se o reprodutor ao abate, entendemos que é devido, neste caso, o pagamento do ICM; a finalidade, a destinação é que, em última instância determinará o direito ou não ao gozo do benefício. Embora possua o animal o registro genealógico necessário, o seu destino não será a procriação, mas o abate. Assim sendo, no momento desta venda deixa de ser reprodutor, o que o tira da área do incentivo, que se concede, sem dúvida, visando a melhoria do plantel nacional.

Já o gado (de qualquer espécie) destinado à matança sujeita-se ao ICM, de uma só vez, nos seguintes momentos:

I — quando ocorrer o seu abate; II — quando se destinar a outra Unidade da Federação; III — quando se destinar a consumidor final que o irá abater para consumo próprio.

E o recolhimento deverá ser feito no primeiro dia útil após o abate, no caso do item I e, nos demais casos, antes de iniciada a remessa. Tratando-se de gado bovino, caprino e ovino, há redução da base de cálculo do imposto.

Agenda dos Criadores e Agricultores - 1979

Cupom de compra

Com a presente peça me remeterem um exemplar da **AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES - 1979** ao preço de Cr\$ 300,00. Segue o meu pagamento em forma de cheque, em nome da Editora dos Criadores Ltda. (Av. Pompéia, 1214 - Fundos - São Paulo - SP)

Nome:

Endereço:

Código Postal Cidade Estado

TODO HOMEM QUE LIDA COM A TERRA MERECE CRÉDITO NO MERCANTIL.

Benfeitorias, sementes, vacinas, reprodutores, máquinas agrícolas, adubos e tudo o que você venha a precisar para tocar a sua lavoura ou melhorar o seu plantel, o Banco Mercantil financia nas melhores condições. Passe em uma das 287 agências do Mercantil de São Paulo.

Não vai ser por falta de financiamento que você deixará de ter boas safras e bons resultados.



BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO

Conforme dissemos acima, para efeito do cálculo do imposto devido, a Fazenda do Estado faz publicar periodicamente uma pauta fiscal. Esta representa, em princípio, o valor mínimo sobre o qual deve ser calculado o ICM. Se o valor da operação for superior àquele fixado em pauta, o cálculo do imposto será feito com base no valor real; sendo inferior, não há impedimento a que o cálculo seja feito também sobre o real. Mas, neste caso, competirá ao contribuinte munir-se de provas suficientes de que não está subfaturando.

Por interessante, transcrevemos a respeito trecho de resposta à consulta n.º 7.050, de 02/01/75, da Consultoria Tributária da Sec. da Fazenda de São Paulo: "Esclareça-se que a chamada pauta fiscal não é modalidade de lançamento nem sistema de cobrança de imposto, mas simples instrumento para coibir subfaturamento. É um indicador do mínimo preço corrente da mercadoria, presumindo-se subfaturadas as operações que indiquem valores inferiores aos da pauta.

Tal presunção é relativa (juris tantum), cabendo ao contribuinte a prova de que o efetivo valor da operação é o declarado nos documentos. Nesse caso não prevalecerá a pauta, devendo o ICM ser cobrado sobre o valor da operação, ainda que inferior ao daquela".

A pauta fiscal vigente, aprovada pela Portaria CAT-35/78 é a seguinte:

"O Coordenador da Administração Tributária, tendo em vista o estabelecido no artigo 34 do Regulamento do ICM, aprovado pelo Decreto 5.410, de 30 de dezembro de 1974, expede a seguinte Portaria:

Art. 1.º O Imposto de Circulação de Mercadorias incidente sobre as operações efetuadas com gado deverá ser calculado sobre os valores fixados em pauta constante da tabela anexa.

Parágrafo Único. O imposto será calculado sobre o valor da operação quando este for superior ao mínimo fixado em pauta.

Art. 2.º Esta Portaria entrará em vigor em 1.º de outubro de 1978, quando ficará revogada a Portaria CAT 49-77 (1), publicada em 22 de dezembro de 1977."

TABELA DE VALORES DE GADO A QUE SE REFERE A PORTARIA CAT N.º 35-78

I — GADO PARA ABATE

	Valor (Cr\$)
Boi gordo	5.400,00
Vaca gorda	3.900,00
Neonato (até 5 dias)	160,00
Vitelo de leite (até 30 quilos)	620,00
Vitelo desmamado (até 90 quilos)	1.800,00
Vitelo grande (até 120 quilos)	2.400,00
Suino	1.300,00

Leitão	270,00
Ovino	370,00
Caprino	300,00
Equino	950,00
Asinino	810,00

II — REMESSA DE GADO FORA DO ESTADO

a) Gado Bovino Registrado:	
Reprodutor	13.000,00
Vaca parida com cria	8.700,00
Vaca solteira ou novilha	4.850,00
Garrote ou bezerro	6.100,00

b) Gado Bovino Controlado:	
Reprodutor	6.750,00
Vaca parida com cria	5.400,00
Vaca solteira no novilha	4.050,00
Bezerro ou garrote (até 24 meses)	4.050,00

c) Gado Bovino de Criar Comum:	
Vaca parida com cria	3.100,00
Vaca solteira	2.565,00
Bezerro até 12 meses	1.100,00
Novilha de 12 a 18 meses	1.620,00
Novilha de 18 a 24 meses	2.000,00
Novilha de mais de 24 meses	2.500,00
Bezerro até 12 meses	1.125,00
Garrote de 12 a 18 meses	1.750,00
Garrote de 18 a 24 meses	2.025,00
Novilho magro de mais de 24 meses	5.100,00
Tourinho	4.050,00

Rendimentos da cédula G

Parecer Normativo CST N.º 90 — Imposto sobre a renda e proventos.

MNTPF: 1.24.20.35 — Cédula G — Rendimento Líquido da Exploração Agrícola ou Pastoril e das Indústrias Extrativas Vegetal ou Animal.

MNTPF: 1.64.05.00 — Contribuintes com rendimentos na Cédula G obrigados a manter escrituração rudimentar ou contábil.

As pessoas físicas que exercem atividades rurais serão tributadas pela participação, total ou parcial, nos rendimentos líquidos positivos apurados. A receita bruta das atividades rurais determina a forma de apuração dos resultados líquidos. Compete ao contribuinte que tenha a guarda e administração dos bens proceder à apuração e escrituração. O valor de aquisição ou custo de bens e melhorias, cujo tempo de vida útil ultrapasse de um ano, deve ser imobilizado e pode ser depreciado, quando usada a forma contábil ou escritural. Os resultados negativos podem ser compensados com os rendimentos líquidos positivos apurados no exercício. Na declaração de bens e nos livros de assentamentos deve constar o valor de aquisição ou custo dos

bens. Podem ser deduzidas da receita bruta as despesas necessárias à atividade exercida, ocorridas fora da área rural. As importâncias correspondentes a financiamentos ou empréstimos serão consideradas como recursos no ano do recebimento ou crédito. As importâncias recebidas de órgãos públicos, inclusive os ressarcimentos do "Pró-Agro", serão consideradas como receitas no ano do recebimento ou crédito.

Pessoas físicas que exercem atividade de exploração agrícola ou pastoril e das Indústrias Extrativas Vegetal e Animal, formulam as indagações abaixo mencionadas:

a) como serão classificados na Cédula G da declaração de rendimentos os resultados auferidos nas atividades rurais, isoladamente ou em conjunto, inclusive quando os rendimentos líquidos apurados separadamente nos Anexos G apresentam valores positivos e negativos;

b) qual o critério para determinar a forma de apuração dos resultados das atividades rurais, a quem compete esse encargo e a consequente escrituração, como efetuar os assentamentos devidos, quais

livros devem ser usados, e como e onde devem ser registrados;

c) como devem ser consideradas e classificadas as despesas decorrentes da formação e manutenção de culturas permanentes, com prazo de vida útil superior a 4 anos, tendo em vista que alguns gastos podem ser considerados cumulativamente como despesas de custeio e investimentos incentivados;

d) se os prejuízos havidos e os excessos de redução por investimentos incentivados, ocorridos em uma área ou imóvel rural podem ser compensados em outra(s) unidade(s) rural(is) explorada(s);

e) qual valor deve constar na declaração de bens da declaração de rendimentos, tendo em vista que o Dec.lei n.º 1.074/70 e o INCRA, determinam a atualização dos bens utilizados nas atividades rurais;

f) se podem ser abatidas da receita bruta das atividades rurais as despesas necessárias a essas atividades, ocorridas fora da área rural, na utilização de imóvel de propriedade de pessoa física participante da exploração, sem que esta perceba qualquer remuneração pela utilização do bem;

Aperte a nova embalagem de Tiguvon Spot-on: é dose para berne.



O BRASIL CONTROLA
OS PARASITAS
COM A BAYER.



Tiguvon Spot-on, da Bayer, é o bericida que sempre teve uma grande vantagem sobre todos os outros: é o mais moderno, e o único bericida de ação sistêmica que já vem pronto para uso.

E agora, Tiguvon Spot-on vai ficar mais na frente ainda: com sua nova

e exclusiva embalagem autodosificadora, ele se transformou no produto mais econômico, fácil e rápido de aplicar.

Isso representa um grande avanço e um grande passo da Bayer em favor dos criadores: Tiguvon Spot-on vai direto da embalagem para

o lombo dos animais, diminuindo o manejo, o tempo, a mão-de-obra, eliminando problemas e equipamentos especiais para aplicação.

Só para dar um exemplo: em apenas uma hora, um só homem aplica Tiguvon Spot-on em 440 animais.

Para acabar com os bernes em sua criação, use a eficiência de Tiguvon Spot-on com a economia e facilidade de sua nova embalagem.

Sem o menor risco de errar na dose: agora Tiguvon Spot-on é dose certa para os bernes. Bem feito.

Tiguvon Spot-on. Agora mais rápido, fácil e cômodo.

g) como classificar e em que exercício considerar as importâncias recebidas como financiamentos e empréstimos para a formação e manutenção de culturas permanentes;

h) como classificar e em que exercício considerar as importâncias recebidas a título de subsídio para reembolso de custo operacional de produto com preço de venda fixado pelo governo.

2. As atividades rurais podem ser exercidas pela pessoa física na condição de proprietário, possessor, comodário, arrendatário, parceiro ou condômino. Excluindo-se os casos de proprietário único ou possessor, que não oferecem qualquer dificuldade, os demais requerem certos cuidados de interpretação. Compulando os contratos agrários (arrendamento, comodato e parceria) verifica-se que são basicamente semelhantes, no que concerne à natureza jurídica, pois em todos há cessão do uso e gozo de imóvel ou área rural à pessoa ou conjunto familiar, pelo proprietário, possessor ou pessoa que tenha a livre administração dos bens; porém, diferem substancialmente na forma de remuneração do cedente. No arrendamento e subarrendamento o cedente (arrendador ou subarrendador) recebe do arrendatário ou subarrendatário uma retribuição certa ou aluguel; no comodato o cedente (comodante) nada recebe do comodatário; e na parceria ou subparceria o cedente (parceiro-outorgante) partilha com o parceiro-outorgado os riscos, frutos, produtos ou lucros havidos, nas proporções estipuladas em contrato. Por outro lado, na propriedade em comum, co-propriedade ou condomínio, os condôminos partilham os riscos, frutos, produtos ou lucros havidos, na proporção da parte que lhes cabe no condomínio.

2.1 — Assim, com fundamento nos conceitos acima expedidos, os rendimentos auferidos nas atividades rurais serão tributados do modo seguinte:

a) proprietário único, possessor, comodário, arrendatário e subarrendatário (estes últimos também conhecidos como locatário ou foreiro): deve informar separadamente por Anexo 4 — Cédula G, a receita bruta total auferida na exploração de cada imóvel rural de que tenha a propriedade ou posse, ou esteja sob contrato de comodato ou arrendamento, e classificar na Cédula "G" da declaração de rendimentos a soma total dos rendimentos líquidos positivos apurados nos Anexos 4, na forma do Regulamento do Imposto de Renda, após compensar os rendimentos negativos porventura apurados em outro(s) Anexo(s) 4;

b) condômino, parceiro e subparceiro (estes últimos também conhecidos como sócio, meeiro, terceiro, quarteiro, quartista, ou percentista): deve informar separadamente por Anexo 4 — Cédula G, a receita bruta total auferida na exploração de cada imóvel rural sob condomínio ou contrato de parceria. Todavia, cada um deve classificar na Cédula "G" da declaração de rendimentos apenas a parti-

cipação que lhe couber na soma dos rendimentos líquidos positivos apurados nos Anexos 4, na forma do Regulamento do Imposto de Renda, após compensar os rendimentos negativos porventura apurados em outro(s) Anexo(s) 4;

c) arrendador e subarrendador: deve classificar na Cédula "E" da declaração de rendimentos a retribuição ou aluguel recebido pelo arrendamento, inclusive qualquer outro valor que perceba como participação na receita produzida pela terra arrendada.

3. No que concerne aos resultados das atividades rurais, os PN-CST n.ºs 16/72 e 85/77 já esclareceram que a forma de apuração é determinada pelo valor global das receitas brutas produzidas por todas as propriedades rurais exploradas por pessoa física, individualmente ou em conjunto com outro(s), e não pelo que ela percebe do total apurado; e que o dever de proceder à apuração e consequente escrituração compete ao contribuinte que tenha o encargo da guarda e administração dos bens, qualquer que seja a forma de exploração destes e o percentual de sua participação nos resultados apurados.

3.1 — A escrituração deve ser feita cronologicamente, com habitualidade e clareza, sem borrões ou rasuras, separada e discriminadamente por unidade rural explorada, com base em documentação idônea que possa ser exibida ao fisco, de modo a ser apurado o valor da receita bruta e das despesas de cada uma, a fim de possibilitar o preenchimento correto do Anexo 4 — Cédula G, independentemente do resultado obtido individualmente, conforme determina a IN-SRF n.º 09/70. O procedimento será o seguinte:

a) quando a apuração do resultado for estimada não há necessidade de efetuar escrituração, bastando comprovar a receita por meio de documentação idônea, podendo a despesa ser estimada. Caso se pretenda compensar prejuízos, e deduções por investimentos que não puderam ser aproveitados em exercícios anteriores, deve-se manter registro desses fatos;

b) quando a apuração do resultado for escritural, os assentamentos das receitas e despesas devem ser feitos em livros habitualmente utilizados pelos agricultores e pecuaristas, em livro Caixa, ou em fichas soltas ou avulsas, desde que numeradas sequencialmente. Os lançamentos podem ser simplificados, por total de receitas e despesas ocorridas mensalmente, não havendo necessidade de separar as diversas espécies de contas ativas e passivas. Caso se pretenda compensar prejuízos, e deduções por investimentos que não puderam ser aproveitados em exercícios anteriores, bem como proceder à depreciação dos bens imobilizados, deve-se lançar, separadamente, as contas e os valores correspondentes a esses fatos;

c) quando a apuração do resultado for contábil, os lançamentos devem ser feitos de forma regular por contador habilitado, em livros próprios de contabi-

lidade, necessários para cada tipo de atividade (diário, caixa, razão etc.), de acordo com as normas contábeis, comerciais e fiscais pertinentes a cada um dos livros de registro, devendo ser observados os esclarecimentos contidos no PN-CST n.º 127/75, no que couber em cada caso. Esses livros devem ser registrados em órgãos da Secretaria da Receita Federal, conforme dispõe o inciso III do art. 54 do RIR/75. Nas localidades onde não haja contador habilitado, admite-se que a escrituração seja feita pela própria pessoa que explore as atividades rurais, ou por pessoa por ela designada, conforme faculdade prevista no art. 137 do RIR/75.

3.2 — Embora as fichas ou livros utilizados na apuração, estimada ou escritural, estejam dispensados de formalidades de registro ou autenticação em quaisquer órgãos, devem conter, no início e encerramento, anotações em forma de "termos", que identifiquem os contribuintes e os fins a que se destinam.

3.3 — Por outro lado, como a exigência da forma de escrituração está fundamentada no valor global das receitas brutas das propriedades rurais exploradas por pessoa física, admite-se que ela possa ser efetuada em um único livro de cada espécie (diário, razão, caixa etc.), desde que os assentamentos sejam feitos separadamente por imóvel rural, segundo o disposto neste item. Os livros utilizados na forma de apuração contábil do resultado poderão ser registrados no órgão da SRF do domicílio fiscal do contribuinte que tenha o encargo da guarda e administração dos bens explorados, ou no órgão jurisdicional do local onde este instalar o escritório ou sede administrativa das propriedades rurais exploradas, devendo ser observado o entendimento expresso no item 11 do PN-CST n.º 60/78, no que couber no caso presente.

4. No que concerne especificamente aos dispêndios para formação de culturas agrícolas, o tratamento fiscal será o seguinte:

a) quando se tratar de cultura temporária (aquela sujeita a replantio após a colheita), todos os dispêndios serão considerados no ano de sua realização como despesas de custeio e, cumulativamente como investimentos incentivados, os gastos que estejam relacionados nas Portarias Ministeriais pertinentes;

b) quando se tratar de cultura permanente, os dispêndios com sementes e mudas selecionadas não poderão ser considerados como despesas de custeio, mas classificados no ativo imobilizado, podendo ser depreciados em quotas anuais compatíveis com o tempo de vida útil de cada cultura; cumulativamente, poderão ser considerados como investimentos incentivados, no ano de sua realização, os gastos que estejam relacionados nas Portarias Ministeriais pertinentes, obedecendo a seguinte classificação:

I — como "insumo de alta produ-

vidade", com os respectivos coeficientes de aplicação para cada produto, quando a cultura permanente tiver período de duração até 4 anos;

II — como "culturas permanentes", com o respectivo coeficiente único de aplicação, quando a cultura tiver período de duração superior a 4 anos.

4.1 — Para que os valores que tenham sido imobilizados possam ser depreciados, é necessário que estejam devidamente comprovados por documentação idônea e registrados nos livros utilizados nas atividades rurais.

5. Consoante entendimento já expresso no PN-CST n.º 85/77, os prejuízos apurados em um ano poderão ser compensados, total ou parcialmente, com os resultados líquidos positivos obtidos nos três anos subsequentes, qualquer que seja a forma de apuração dos resultados (estimado, escritural ou contábil).

5.1 — Obedecidas as mesmas restrições referidas no PN, admite-se que o excesso de redução por investimento incentivado, não aproveitado em um ano, possa ser utilizado, total ou parcialmente, nos três exercícios subsequentes.

5.2 — Como o resultado da atividade rural deve ser apurado separadamente por imóvel rural explorado, a escrituração e a documentação devem evidenciar a receita bruta e as despesas ocorridas efetivamente em cada unidade, de forma que os prejuízos e os excessos apurados sejam compensados e utilizados na própria unidade rural onde tiverem origem, não podendo ser deslocados para outra(s) unidade(s), para que se proceda ao correto preenchimento do Anexo 4 — Cédula G. Assim, nos casos em que os produtos comprados ou os serviços contratados sejam utilizados em mais de uma unidade, deve-se providenciar para que seja evidenciada na escrituração a parcela efetiva e comprovadamente empregada em cada uma, levando-se em conta a extensão da área cultivada, o tipo da cultura ou criação, a quantidade do produto plantado ou criado, os produtos e a mão-de-obra necessários para a formação e manutenção de cada atividade etc.

5.3 — Não obstante essa restrição, con-

siderando-se que o contribuinte da cédula "G" é a pessoa física e não os imóveis rurais por ela explorados, os valores negativos podem ser compensados com os valores positivos, de forma a incluir nessa cédula apenas o resultado da soma algébrica dos rendimentos líquidos apurados em cada exercício. Contudo, alerte-se que os resultados negativos compensados na forma prevista neste item, não mais poderão ser apropriados na(s) unidade(s) que lhe(s) deu(ram) origem, no(s) exercício(s) subsequente(s).

6. Preliminarmente, deve-se esclarecer que o Decreto-lei n.º 1.074/70 não determinou a atualização dos valores dos imóveis utilizados nas atividades rurais, mas sim a retificação da declaração de bens, de modo que esta expressasse de forma real e correta os imóveis, benfeitorias e semoventes utilizados nessas atividades. Portanto, na declaração de bens da declaração de rendimentos, bem como nos livros de registros dessas atividades (forma contábil), deve constar, destacada e separadamente, o valor de aquisição ou custo de quaisquer bens, conforme determina o artigo 409 do RIR/75. Todavia, nada impede que nas declarações para o Sistema de Cadastro Rural, bem como na coluna de "discriminação" da declaração de bens, sejam declarados os valores atualizados dos mesmos, conforme determinam os atos normativos do INCRA e faculta o dispositivo do RIR/75, acima citado.

7. Como regra geral, somente as despesas ocorridas dentro das propriedades rurais exploradas podem ser deduzidas das receitas brutas auferidas nessas atividades. Assim, em princípio, só podem ser computadas as despesas ocorridas fora da área de exploração rural, com utilização de mão-de-obra, uso e ocupação de imóveis, etc., quando exista contrato formal de uso, locação, arrendamento, armazenamento etc. Todavia, quando a pessoa física que explora essas atividades possuir imóveis situados fora da área rural, mas cuja destinação única e específica seja para seleção, secagem, armazenamento etc., dos produtos oriundos exclusivamente das propriedades rurais das

quais seja participante, e nada perceba pela cessão desses bens, as despesas de mão-de-obra correspondentes a essas atividades, bem como as decorrentes da utilização e da conservação desses bens, podem ser deduzidas da receita bruta, proporcionalmente à produção de cada imóvel rural explorado, desde que compatíveis com as práticas usuais e preço de mercado, e sejam devidamente comprovadas.

8. As importâncias correspondentes aos financiamentos e empréstimos obtidos serão consideradas como recursos no ano em que forem recebidas ou colocadas juridicamente à disposição do beneficiário, em condições de ser por ele utilizadas. Os dispêndios com formação e manutenção de culturas serão considerados como custeio ou como inversão de capital e, cumulativamente, como investimento incentivado no ano de sua realização (vide item 4). A receita bruta obtida com as vendas dos produtos colhidos ou estocados deve ser considerada no ano de alienação dos mesmos.

9. Os valores recebidos de órgãos públicos (auxílios, subvenções, subsídios etc.), inclusive os ressarcimentos recebidos do "PRO-AGRO", serão considerados como receitas das atividades rurais exercidas, no ano em que forem recebidos ou colocados juridicamente à disposição do beneficiário, em condições de ser por ele utilizados.

10. Finalmente, os livros ou fichas de escrituração, bem como a documentação que instruir as atividades rurais, devem ser conservados pelo contribuinte encarregado da guarda e administração dos bens explorados, à disposição da autoridade lançadora, enquanto não ocorrer a decadência ou prescrição, observadas as disposições do Regulamento do Imposto de Renda. A consideração superior, CST, em 13 de outubro de 1978. José Magno Pombro Veiga, Fiscal de Tributos Federais. De acordo. Publique-se e, a seguir, encaminhem-se cópias às SS.RR.R.F., para conhecimento e ciência aos demais órgãos subordinados. Antonio Augusto de Mesquita Neto, Coordenador.

Utilização do incentivo fiscal da lei 6297/75

Portaria Interministerial N.º 3.396, de 11 de outubro de 1978. Os Ministros de Estado da Fazenda e do Trabalho, no uso de suas atribuições e, tendo em vista o disposto nos artigos 2.º e 3.º da Lei n.º 6.542, de 28 de junho de 1978,

Resolvem:

1. A utilização do incentivo fiscal previsto nas Leis de n.ºs 6.297, de 15 de dezembro de 1975, e 6.321, de 14 de abril de 1976, por pessoas jurídicas que te-

nham empreendimentos industriais ou agrícolas nas áreas de atuação da SUDAM e da SUDENE e que gozarem de isenção do imposto de renda, far-se-á em conformidade com a regulamentação das Leis citadas através dos Decretos n.ºs 77.463, de 20 de abril de 1976 e 78.676, de 08 de novembro de 1976, e normas complementares.

1.1 — A apresentação prévia dos programas de formação profissional deverá

ser efetuada ao Conselho Federal de Mão-de-Obra, em Brasília, e os programas de alimentação do trabalhador às Delegacias Regionais do Trabalho, em seus Estados de localização.

1.2 — Excepcionalmente em 1978 os programas poderão retroagir a 29 de junho de 1978 — data de publicação da Lei n.º 6.542 — desde que sejam apresentados, conforme item anterior, até o dia 30 de novembro de 1978.

1.3 — Para a elaboração dos programas de formação profissional e de alimentação de trabalhadores serão utilizados os formulários padronizados pelas normas complementares baixadas pelo Ministro do Trabalho.

2. Os limites de dedução do imposto de renda previstos nas leis de regência dos incentivos mencionados no item 1 serão observados em função do imposto que seria devido caso não houvesse a isenção prevista no Decreto-lei n.º 1.564, de 29 de julho de 1977, e o respectivo valor será deduzido do que for devido pelas pessoas jurídicas beneficiárias.

2.1 — Caso não haja imposto de renda ou, se houver, for insuficiente para absorver o valor dos incentivos e se a pessoa jurídica for contribuinte do I.P.I., poderá lançar o valor correspondente a crédito desse imposto no mês em que se efetivar

a apresentação da declaração de rendimento correspondente ao período-base dos incentivos.

2.2 — O crédito do I.P.I. somente poderá ser lançado na escrita fiscal de um único estabelecimento industrial localizado no Norte ou no Nordeste, vedada a transferência do crédito para outros estabelecimentos.

2.3 — Caso o estabelecimento localizado no Norte ou no Nordeste industrialize unicamente produtos isentos, ou de alíquotas zero, ou quando a empresa possa demonstrar, ainda que por estimativa — desde que fundamentada — que os débitos a serem gerados em operações tributáveis no decurso do exercício em que possa lançar o crédito serão insuficientes para absorção desse crédito, a pessoa jurídica poderá solicitar o ressar-

cimento, em dinheiro, no todo ou em parte, através de requerimento ao Delegado da Receita Federal em sua jurisdição.

2.3.1 — Se não houver possibilidade de fundamentar a estimativa prevista, o ressarcimento somente poderá ser solicitado no ano seguinte ao exercício do lançamento do crédito do I.P.I. demonstrando que, nesse exercício, não houve aproveitamento e que o crédito foi estornado.

2.4 — A Delegacia da Receita Federal informará o pedido e, constatada a impossibilidade de aproveitamento do incentivo através de dedução do Imposto de Renda ou de crédito do I.P.I. remeterá o processo ao Ministério do Trabalho para que se efetive o ressarcimento com recursos de dotação orçamentária própria. Mário Henrique Simonsen, Ministro da Fazenda. Arnaldo da Costa Prieto, Ministro do Trabalho.

Declaração do lucro presumido da lei 6468/77

Coordenação do Sistema de Tributação — Ato Declaratório (Normativo) 21.

O Coordenador do Sistema de Tributação, no uso das atribuições que lhe confere o item II da Instrução Normativa SRF n.º 34, de 18 de setembro de 1974 e, tendo em vista o contido no Parecer CST n.º 3.037/78.

Declara, em caráter normativo, às Superintendências Regionais da Receita Federal e demais interessados, que a sociedade que pretenda optar pela apresentação da declaração de rendimentos pelo lucro presumido previsto na Lei n.º 6.468, de 14 de novembro de 1977, deve ter entre seus sócios no mínimo uma pessoa

física para o fim de aplicação do contido no artigo 8.º dessa Lei; declara, ainda, que a circunstância de um dos sócios ser pessoa física ou jurídica domiciliada no exterior não impede a opção; todavia, a opção não pode ser exercida por empresas individuais e sociedades constituídas para prestação de serviços. Antonio Augusto de Mesquita Neto, Coordenador.

Ato Declaratório (Normativo) CST n.º 23 — MNTPI 2.16.20.01 e 2.16.20.10.

O Coordenador do Sistema de Tributação, no uso das atribuições que lhe confere o item II da Instrução Normativa n.º 34, de 18 de setembro de 1974,

e tendo em vista o resolvido no Parecer CST n.º 3.036, de 3.10.78.

Declara, em caráter normativo, às Superintendências Regionais da Receita Federal e demais interessados que as pessoas jurídicas que se dedicam a loteamentos, incorporações, administração e compra e venda de imóveis não podem apresentar suas declarações de rendimentos com opção pelo lucro presumido prevista na Lei n.º 6.468, de 14 de novembro de 1977, por falta de atendimento do que prescreve o parágrafo único do artigo 1.º dessa Lei. Antonio Augusto de Mesquita Neto, Coordenador. DOU — 1-1 — 10/10/78.

Restituição de Contribuição Sindical

Portaria n.º 3.397, de 17 de outubro de 1978. O Ministro de Estado do Trabalho, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o que consta dos autos do processo MTb. 314.604/77, Resolve:

1 — Aprovar a rotina para restituição da Contribuição Sindical recolhida indevidamente ou a maior, que a esta acompanha.

2 — O Secretário de Relações do Trabalho do Ministério do Trabalho, expedirá instruções complementares que se fizerem necessárias.

3 — Esta portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Arnaldo Prieto.

ANEXO A PORTARIA MTb.
N.º 3.397/78

ROTINA PARA RESTITUIÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO SINDICAL RECOLHIDA INDEVIDAMENTE OU A MAIOR

1. Quando recolhida em nome de entidade sindical:

1.1 O contribuinte encaminha petição ao Delegado Regional do Trabalho de sua jurisdição, solicitando a restituição da contribuição sindical recolhida indevidamente ou a maior, com a indicação do número da conta e do estabelecimento bancário onde mantém seus depósitos, para efeito de crédito do valor devido.

1.2 A petição a que se refere o item anterior será instruída com a juntada da via original da Guia de Recolhimento da Contribuição Sindical (GRCS) do contribuinte.

1.3 O requerimento, depois de protocolizado, será analisado e instruído pelo órgão competente da Delegacia Regional do Trabalho, com a indicação da quota de participação de cada entidade e do Governo Federal, na Contribuição Sindical recolhida indevidamente ou a maior, se for o caso.

1.4 Após a instrução, o processo será submetido a despacho do Delegado Regional do Trabalho.

1.5 No caso de reconhecimento de

direito creditório, o Delegado Regional do Trabalho citará as entidades sindicais, para, no prazo máximo de 30 (trinta) dias, creditarem na conta bancária do requerente as quotas de responsabilidade atribuídas a cada uma, ou apresentarem recurso contra o seu ato.

1.6 Ocorrendo a hipótese de não ser reconhecido o direito creditório, o Delegado Regional do Trabalho dará conhecimento ao requerente, concedendo-lhe, na mesma ocasião, o prazo de 30 (trinta) dias para interposição de recurso ao Secretário de Relações do Trabalho, do Ministério do Trabalho.

1.7 Após o procedimento referido no subitem 1.5, e decorrido o prazo de recurso e de revisão do ato, se for o caso, o processo será encaminhado à Secretaria-Geral do Ministério do Trabalho para restituição da quota-parte de responsabilidade do Governo Federal — Conta Especial Emprego e Salário.

1.8 A Secretaria-Geral, através da Secretaria de Orçamento e Finanças, autorizará a Agência Central da Filial da Caixa Econômica Federal de Brasília, a creditar na conta bancária do requerente a importância que lhe for devida, a débito da conta 0002.031.26000000/1 — Conta Especial Emprego e Salário.

1.9 O processo, devidamente instruído com a juntada de cópias do documento de crédito referido no item anterior e do aviso de lançamento da Caixa Econômica Federal, será restituído à Delegacia Regional do Trabalho de origem para ciência ao interessado e arquivamento.

2. Quando recolhida em favor da conta especial emprego e salário:

2.1 O contribuinte encaminha petição ao Delegado Regional do Trabalho de sua jurisdição, solicitando a restituição da contribuição sindical recolhida indevidamente ou a maior, com a indicação do número da conta e do estabelecimento bancário onde mantém seus depósitos, para efeito de crédito do valor devido.

2.2 A petição a que se refere o item anterior será instruída com a juntada da via original da Guia de Recolhimento da Contribuição Sindical (GRCS) do contribuinte.

2.3 O requerimento, depois de protocolizado, será analisado e instruído pelo órgão competente da Delegacia Regional do Trabalho, que emitirá pronunciamento conclusivo sobre o direito creditório do postulante.

2.4 Após a instrução o processo será submetido a despacho do Delegado Regional do Trabalho, que o encaminhará à Secretaria-Geral do Ministério do Trabalho para os efeitos dos subitens 1.7 a 1.9, do item I desta Rotina.

2.5 Ocorrendo a hipótese de não ser reconhecido o direito creditório, será adotado o mesmo procedimento previsto no subitem 1.6, do item I desta Rotina.

3. Transferência de quota recolhida indevidamente em nome da conta especial emprego e salário ou de entidade sindical imprópria:

3.1 A entidade sindical prejudicada encaminha petição ao Delegado Regional do Trabalho de sua jurisdição, solicitando a transferência da quota-parte da contribuição sindical que lhe pertence, recolhida indevidamente em favor da Conta Especial Emprego e Salário ou de en-

tidade sindical imprópria, com a indicação da conta corrente bancária onde são movimentados os recursos da contribuição sindical, para efeito de crédito do valor reclamado.

3.2 A petição a que se refere o item anterior será instruída com peças comprobatórias da ocorrência.

3.3 O requerimento, depois de protocolizado, será analisado e instruído pelo órgão competente da Delegacia Regional do Trabalho, que emitirá pronunciamento conclusivo sobre o direito da entidade postulante.

3.4 Após a instrução, o processo será submetido a despacho do Delegado Regional do Trabalho, que citará a entidade sindical indevidamente contemplada para, no prazo máximo de 30 (trinta) dias, promover a transferência da quota-parte da Contribuição Sindical reclamada, em favor da entidade postulante, mediante crédito em sua conta corrente bancária, ou interpor recurso contra o seu ato.

3.5 Na hipótese de não ser reconhecido o direito postulado, o Delegado Regional do Trabalho dará conhecimento à entidade requerente, concedendo-lhe, no mesmo ato, o prazo de 30 (trinta) dias para apresentar recurso ao Secretário das Relações do Trabalho, do Ministério do Trabalho.

3.6 Dando-se o caso de recolhimento indevido em favor da Conta Especial Emprego e Salário, o Delegado Regional do Trabalho, se reconhecido o direito creditório da entidade postulante, encaminhará o processo à Secretaria Geral, para o mesmo fim estabelecido nos itens 1.7 a 1.9 desta Rotina.

Ratificação dos Convênios ICM 20/78 a 24/78

Decreto n.º 12.381, de 2 de outubro de 1978 — Ratifica Convênios celebrados nos termos da Lei Complementar Federal n.º 24, de 7-1-75. Paulo Egydio Martins, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto no artigo 4.º da Lei Complementar Federal n.º 24, de 7 de janeiro de 1975, Decreta:

Artigo 1.º — Ficam ratificados os Convênios ICM 20/78 a 24/78 celebrados em Brasília, em 14 de setembro de 1978, cujos textos, publicados no Diário Oficial da União de 19 de setembro de 1978 são republicados em anexo a este decreto.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 2 de outubro de 1978. Paulo Egydio Martins, Murillo Macêdo, Secretário da Fazenda. Publicado na Secretaria do Governo, aos 2 de outubro de 1978. Maria Angélica Galiazzi, Diretora da Divisão de Atos Oficiais. DOE — 03/10/78.

CONVÊNIO ICM 20/78

Eleva o percentual referido no parágrafo primeiro da cláusula primeira do Convênio ICM 07/78, de 21 de março de 1978.

O Ministro da Fazenda e os Secretários de Fazenda ou Finanças dos Estados e do Distrito Federal, na 13.ª Reunião Ordinária do Conselho de Política Fazendária, realizada em Brasília, DF, no dia 14 de setembro de 1978, tendo em vista o disposto na Lei Complementar n.º 24, de 7 de janeiro de 1975, resolvem celebrar o seguinte Convênio:

Cláusula primeira — O percentual previsto no parágrafo primeiro da cláusula primeira do Convênio ICM 07/78, de 21 de março de 1978, fica elevado para 11,1% (onze inteiros e um décimo por cento) para aplicação nas saídas para o exterior realizadas ao amparo de guias de exportação emitidas a partir de 1.º de novembro de 1978.

Cláusula segunda — Este Convênio entrará em vigor na data da publicação de sua ratificação nacional tendo eficácia a partir de 1.º de novembro de 1978. Brasília, DF, 14 de setembro de 1978.

CONVÊNIO ICM 21-78

Estende ao Estado de Minas Gerais o benefício fiscal previsto no Convênio ICM 08-77, de 15 de abril de 1977.

O Ministro da Fazenda e os Secretários de Fazenda ou Finanças dos Estados e do Distrito Federal, na 13.ª Reunião Ordinária do Conselho de Política Fazendária, realizada em Brasília, DF, no dia 14 de setembro de 1978, tendo em vista o disposto na Lei Complementar n.º 24, de 7 de janeiro de 1975, resolvem celebrar o seguinte Convênio:

Cláusula primeira — Fica o Estado de Minas Gerais autorizado a conceder o benefício fiscal previsto no Convênio ICM 8-77, de 15 de abril de 1977.

Cláusula segunda — Este Convênio

entrará em vigor na data da publicação de sua ratificação nacional. Brasília, DF, 14 de setembro de 1978.

CONVÊNIO ICM 22/78

Este Convênio isenta do ICM a safra de açúcar e álcool com destino ao I.A.A. para fins de exportação, quando promovidas por estabelecimentos industriais ou cooperativas.

CONVÊNIO ICM 28-78

Prorroga o início de vigência do Convênio ICM 13-78, de 15 de abril de 1978.

O Ministro da Fazenda e os Secretários de Fazenda ou Finanças dos Estados e do Distrito Federal, na 13.ª Reunião Ordinária do Conselho de Política Fazendária, realizada em Brasília, DF, no dia 14 de setembro de 1978, tendo em vista o disposto na Lei Complementar n.º 24, de 7 de janeiro de 1975, resolvem celebrar o seguinte Convênio:

Cláusula primeira — A Cláusula segunda do Convênio ICM 13-78, de 15 de junho de 1978, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Cláusula segunda — Este Convênio entrará em vigor na data da publicação

de sua ratificação nacional, produzindo efeitos a partir de 1.º de janeiro de 1979”.

Cláusula segunda — Este Convênio entrará em vigor na data da publicação de sua ratificação nacional. Brasília, DF, 14 de setembro de 1978.

CONVÊNIO ICM 24/78

Autoriza os Estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro a conceder manutenção do crédito do ICM, relativo aos insumos dos produtos isentos a que se refere o Convênio AE-04/70, de 02/07/70.

Correção monetária dos débitos

Portaria CAT 37, de 3-10-78 — Fixa coeficientes de atualização para o cálculo de correção monetária incidente sobre débitos fiscais relativos ao Imposto de Circulação de Mercadorias.

O Coordenador da Administração Tributária, com fundamento no que dispõe o parágrafo 1.º do artigo 554 do Regulamento do ICM, aprovado pelo Decreto n.º 5.410, de 30 de dezembro de 1974;

Considerando que os coeficientes de atualização a serem utilizados para o cálculo da correção monetária sobre débitos fiscais relativos ao ICM serão determinados, em cada mês, com base no valor das Obrigações do Tesouro Nacional Tipo Reajustável, fixado para o mês anterior;

Considerando que o valor de cada obrigação do Tesouro Nacional Tipo Reajustável foi fixado em Cr\$ 303,29 para o mês de outubro de 1978, conforme portaria do Ministério da Fazenda, expede a presente portaria:

Artigo 1.º — Para cálculo da correção monetária incidente sobre os débitos fis-

cais relativos ao imposto de circulação de mercadorias, inscritos ou não para cobrança executiva, serão utilizados, no mês de novembro de 1978, os coeficien-

tes de atualização constantes da tabela anexa.

Artigo 2.º — Esta portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

TABELA DE COEFICIENTE DE ATUALIZAÇÃO DOS DÉBITOS FISCAIS DO ICM A VIGORAR NO MÊS DE NOVEMBRO DE 1978

Mês	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Ano												
1969							7,882	7,777	7,723	7,667	7,597	7,476
1970	7,322	7,162	7,004	6,866	6,790	6,728	6,666	6,565	6,507	6,446	6,370	6,293
1971	6,122	6,005	5,896	5,819	5,762	5,696	5,615	5,506	5,399	5,287	5,175	5,073
1972	4,991	4,930	4,871	4,807	4,753	4,691	4,613	4,531	4,467	4,430	4,399	4,351
1973	4,328	4,280	4,238	4,194	4,144	4,097	4,045	4,001	3,966	3,933	3,895	3,860
1974	3,836	3,762	3,723	3,668	3,622	3,564	3,490	3,377	3,235	3,088	2,979	2,813
1975	2,877	2,841	2,798	2,753	2,702	2,649	2,589	2,543	2,500	2,462	2,413	2,362
1976	2,316	2,275	2,232	2,183	2,132	2,080	2,020	1,962	1,913	1,861	1,802	1,746
1977	1,688	1,651	1,623	1,592	1,557	1,513	1,466	1,419	1,382	1,354	1,335	1,313
1978	1,298	1,273	1,246	1,218	1,187	1,154	1,120	1,087	1,055	1,026	1,000	

Mês/Ano a partir do qual incide a correção monetária de débito fiscal.
DOE — 04/10/78

Proibição do abate do açazeiro

Lei n.º 6.576, de 30 de setembro de 1978. Dispõe sobre a proibição do abate de açazeiro em todo o território nacional e dá outras providências.

O Presidente da República, Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º — É vedado o abate da palmeira do açaf — açazeiro — em todo o território nacional, exceto quando autorizado pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal — IBDF.

Art. 2.º — Nos projetos de reflorestamento que devam ser implantados em

regiões onde a referida palmeira é nativa, e onde o seu fruto é utilizado como alimento, será obrigatório o plantio de uma percentagem de açazeiros, a ser fixada, em cada caso, pelo IBDF.

Art. 3.º — O descumprimento ao disposto nesta Lei sujeita o infrator ao pagamento de um salário-mínimo regional por palmeira abatida, sem prejuízo da apreensão do produto da infração e de outras sanções previstas em lei.

Parágrafo único — Ao IBDF compete aplicar a multa de que trata este artigo,

assim como apreender as palmeiras abatidas.

Art. 4.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 5.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, em 30 de setembro de 1978; 157.º da Independência e 90.º da República. Ernesto Geisel, Alysson Paulinelli.
DOU — I-I — 03/10/78.

Tabela para cálculo do ISTR

Portaria n.º 551, de 19 de outubro de 1978. Aprova tabela para cálculo do valor tributável do ISTR relativo ao transporte de carga própria.

O Ministro de Estado da Fazenda, no uso de suas atribuições, e tendo em vista o disposto no artigo 11, § 2.º, do Decreto n.º 77.789, de 09 de junho de 1976 (Regulamento do ISTR), com a nova redação dada pelo Decreto n.º 80.760, de 17 de novembro de 1977, Resolve:

1 — Relativamente ao transporte de carga própria em veículo próprio, a base de cálculo do ISTR não poderá ser inferior à que resultar da aplicação da tabela anexa, com observância das notas explicativas que a acompanham.

2 — A base de cálculo do ISTR para o transporte de carga própria em veículo próprio é constituída da soma do frete/peso e do frete/valor, os quais são determinados de conformidade com o disposto nas notas explicativas à tabela.

3 — Com base nos reajustes que forem oficialmente autorizados para as tarifas do transporte rodoviário de cargas de terceiros, o Secretário da Receita Federal fará republicar a tabela com novos valores, a qual será aplicada trinta dias após a data de sua publicação.

4 — Esta Portaria entrará em vigor trinta dias após sua publicação, data a partir da qual ficará revogada a Portaria n.º 415, de 27 de outubro de 1976. Mário Henrique Simonsen.

NOTAS EXPLICATIVAS À TABELA APROVADA PELA PORTARIA MF N.º 551/78

I — O frete/peso é obtido pela utilização da Tarifa Básica "A" da tabela (coluna 4). Ele resulta, portanto, da multiplicação das quantidades relativas ao peso (tonelada), à quilometragem (km) e ao valor (Cr\$) a esta correspondente dentro da faixa de distância (colunas 2 e 3).

II — O frete/valor é calculado aplicando-se a Tarifa "Ad Valorem" (coluna 5), na qual X representa a quantidade de parcelas de cem cruzeiros (Cr\$ 100,00) ou fração contidas no valor da carga. Assim, o frete/valor decorre da multiplicação de X pelo valor (Cr\$) correspondente à determinada faixa de distância (colunas 2 e 3).

III — A Tarifa Básica "A", da Tabela, compreende cargas de peso específico su-

perior a 300 kg por m³, tais como: abrasivos, acumuladores, bebidas, bronzes, couros, lubrificantes, cordas, conservas, cereais.

IV — Para as mercadorias com peso específico até 300 kg por m³, aplicam-se os seguintes acréscimos percentuais sobre a Tarifa Básica "A", observando-se a classificação a seguir:

Tarifa "B" — mais 10% (dez por cento), para as mercadorias de peso específico acima de 250 e até 300 kg por m³, tais como: bijuterias, artefatos de borracha, calçados, conduítes flexíveis, exaustores domésticos, fogões, lanternas, liquidificadores, máquina de lavar, escovas e peças para autos.

Tarifa "C" — mais 25% (vinte e cinco por cento), para as mercadorias de peso específico acima de 200 e até 250 kg por

m³, tais como: algodão em fios, arquivos de aço, aquecedores de água, sanitários de louça, bibelôs, roupas feitas, geladeiras, refrigeradores.

Tarifa "D" — mais 70% (setenta por cento), para as mercadorias de peso específico acima de 150 e até 200 kg por m³, tais como: artefatos de plásticos, abajures, lustres, aplicadores de formicida, caixas acústicas, confecções finas de lã, móveis e armários, grupos estofados, marmitas de alumínio, exaustores industriais.

Tarifa "E" — mais 100% (cem por cento), para as mercadorias de peso específico de até 150 kg por m³, tais como: bicicletas, brinquedos, cadeiras, caixas d'água, camas hospitalares, espumas plásticas, gaiolas, uã em novelos, travesseiros, violões, latarias.

DOU — I-I — 24/10/78. •

ANEXO A PORTARIA MF N.º 551 DE 19/10/78 TABELA DE TARIFAS RODOVIÁRIAS PARA O ISTR TRANSPORTE DE CARGA PRÓPRIA EM VEÍCULO PRÓPRIO — ART. 11, § 2.º, DO DECRETO N.º 77.789/76, COM NOVA REDAÇÃO DADA PELO DECRETO N.º 80.760/77 —

Item	Faixa de Distância KM		Tarifas	
	Acima de	Até	Tarifa básica "A" Cr\$ t km	Ad Valorem X. Cr\$ 100,00 ou fração
(1)	(2)	(3)	Cr\$ (4)	Cr\$ (5)
01	0	75	3,793	0,20
02	75	100	2,855	0,20
03	100	150	2,155	0,20
04	150	250	1,532	0,20
05	250	350	1,186	0,20
06	350	450	1,007	0,30
07	450	550	0,911	0,30
08	550	650	0,837	0,40
09	650	750	0,729	0,40
10	750	1.000	0,676	0,50
11	1.000	1.250	0,644	0,50
12	1.250	1.500	0,616	0,60
13	1.500	1.800	0,597	0,60
14	1.800	2.100	0,597	0,60
15	2.100	2.400	0,584	0,70
16	2.400	2.700	0,573	0,70
17	2.700	3.000	0,563	0,80
18	3.000	3.500	0,555	0,90
19	3.500	4.000	0,547	1,00
20	4.000	—	0,542	1,00

ISTR - transferência do ônus tributário

Parecer Normativo CST n.º 89 — Imposto sobre os Serviços de Transporte Rodoviário Intermunicipal e Interestadual de Pessoas e Cargas (ISTR). 7.01.05.15 — Contribuinte.

O Contribuinte do ISTR é a pessoa que exerce a atividade de transporte. A norma do item 17, alínea g, da IN 13/77 destina-se meramente a controle fiscal. Nada impede que particularmente se avence a transferência do ônus tributário, constituindo-se, todavia, tais acordos, para efeito de exigência do crédito, em "res inter alios".

Questiona-se em torno de um aparente conflito de normas envolvendo o disposto no art. 8.º do Decreto n.º 77.789, de 09 de junho de 1976, com a redação que lhe foi dada pelo artigo 1.º do Decreto n.º 80.760, de 17 de novembro de 1977, e a alínea "g" do item 17 da Instrução Normativa SRF n.º 13, de 1.º de março de 1977.

2. O referido decreto, após atribuir, em seu artigo 8.º, às pessoas físicas ou jurídicas que exerçam as atividades de transporte rodoviário de bens, mercadorias e valores, a condição de contribuintes do ISTR, dispõe, a seguir, no artigo 11, que a base de cálculo daquele tributo é o preço do serviço representado pela soma de seus componentes tarifários, o qual deverá ser declarado no conhecimento de transporte.

2.1 — Entretanto, como a citada IN 13/77 (item 17, alínea g) dispõe sobre

a obrigatoriedade de que deste documento conste o "montante do ISTR devido, que será incluído no preço total do serviço", há quem entenda que o contribuinte do ISTR seja o contratante dos serviços de transporte e não a pessoa que os preste, assumindo esta o papel de mera arrecadadora do tributo.

3. Evidentemente equivocado tal entendimento. Em estrita obediência ao que estabelece a Lei n.º 5.172, de 25 de outubro de 1966 (CTN), em seu artigo 97, inciso III, o Decreto-lei n.º 1.438, de 26 de dezembro de 1975, em seu artigo 3.º, com a redação dada pelo Decreto-lei n.º 1.582, de 17 de novembro de 1977, elegu como contribuintes do ISTR as pessoas que exercem atividades de transporte rodoviário, limitando-se o referido regulamento a transcrever "ipsis literis" a disposição.

3.1 — Não poderia, assim, a mencionada Instrução Normativa deslocar para a pessoa que contrate o serviço a obrigação de pagar o tributo. Tal repositório dispõe apenas sobre o documentário fiscal e, portanto no que interessa ao presente, estatui, unicamente, a obrigatoriedade de registro no conhecimento de parcela que totalize a importância a ser paga, ou seja, determina que figure naquele documento, exclusivamente para fins de controle fiscal, o resultado da soma do preço do frete e do ISTR a ser pago, não se podendo, repita-se, inferir de tal dispositivo, que se deva incluir o ISTR no

preço do frete, de vez que, como já ficou dito no item 2 deste parecer, "ex vi legis", esse valor é representado pela soma dos componentes tarifários, não incluindo, portanto, o ISTR.

4. Obviamente, como ocorre não só com referência ao ISTR mas a qualquer outro tributo, nada impede que através de acordo entre os interessados o ônus tributário seja transferido para quem queira aceitá-lo, assumindo, todavia, tais avenças, para efeito de exigência do crédito tributário, a condição de "res inter alios".

4.1 — Neste mesmo sentido, inclusive, há de se interpretar dispositivo do direito anterior, consoante o qual o contribuinte podia cobrar do usuário a quantia devida a título de imposto em separado do preço do frete (§ 1.º do artigo 3.º do Decreto-lei 1.438 de 26 de dezembro de 1975), ou seja, permitia-se a transferência do encargo, desde que livremente aceita, não podendo contudo servir tal avença para eximir do pagamento do tributo o contribuinte que, tanto em face das normas anteriores como das atuais, é a pessoa que exerce a atividade de transporte.

CST/ Assessoria, 10 de outubro de 1978. Murillo Forjaz Mathias, Fiscal de Tributos Federais. De acordo.

Publique-se e, a seguir, encaminhem-se cópias às SS.RR.R.F. para conhecimento e ciência aos demais órgãos subordinados. Antonio Augusto de Mesquita Neto, Coordenador.

Valor de custeio de produtos vegetais

Portaria n.º 922, de 10 de outubro de 1978. O Ministro de Estado da Agricultura, de acordo com o disposto no artigo 6.º e seus parágrafos, da Lei n.º 6.305, de 15 de dezembro de 1975 e no artigo 59 e seus parágrafos do Decreto n.º 82.110, de 14 de agosto de 1978, Resolve:

Art. 1.º Estabelecer que o valor de custeio da classificação de um produto ou matéria-prima de origem vegetal, de um dos seus subprodutos e resíduos de valor econômico será equivalente a 1/400 (hum quatrocentos avos) do seu respectivo valor comercial líquido, e não poderá ser inferior ao estabelecido na pauta fiscal das diversas Unidades da Federação, ou sobre o preço mínimo vigente quando se tratar de operação da Comissão de Financiamento da Produção.

Parágrafo único — No cálculo do valor de custeio fixado neste artigo, desprezar-se-ão as frações de cruzeiro.

Art. 2.º O valor de custeio fixado no artigo 1.º, refere-se à retribuição dos serviços de classificação, reclassificação, arbitragem e superarbitragem dos produtos, matérias-primas, subprodutos e resíduos de valor econômico inscritos na Pauta de Prioridade, estabelecida pelo Ministério da Agricultura, conforme dispõe o artigo 5.º da Lei n.º 6.305, de 15 de dezembro de 1975.

Art. 3.º O valor de custeio da classificação informativa ou prévia da classificação, quando solicitada, será de 1/20 (hum vinte avos) por amostra, sobre o maior valor de referência vigente no país, fixado de acordo com o disposto na Lei n.º 6.205, de 29 de abril de 1975.

Art. 4.º O valor de custeio da classificação informativa ou prévia da análise físico-química dos produtos, matérias-primas, subprodutos e resíduos de valor econômico, será de 1/20 (hum vinte avos) por elemento, sobre o maior valor de re-

ferência vigente no país, fixado de acordo com o disposto na Lei n.º 6.205, de 29 de abril de 1975.

Art. 5.º Os valores de custeio fixados nos artigos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º, referem-se à retribuição dos serviços de classificação diretamente prestados pelo Ministério da Agricultura, ou por outros órgãos governamentais e entidades privadas, através de delegação de competência firmada em convênio, ajuste ou contrato com a Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária ou com as Delegacias Federais de Agricultura do Ministério da Agricultura, na forma da legislação em vigor.

Art. 6.º Os casos omissos e as dúvidas suscitadas na execução desta Portaria serão resolvidos pelo Secretário Nacional de Defesa Agropecuária.

Art. 7.º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

Alysson Paulinelli — DOU — 14/17/10/78.

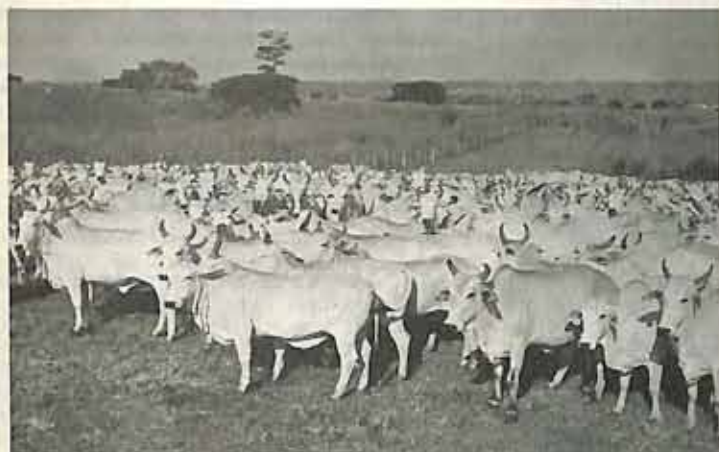


Moura Andrade S/A Pastoril e Agrícola



OFERTA DO MÊS:

"Nova safra de cruzados Marchigiana x Nelore"



**Lote de matrizes Nelore para inseminação artificial
com sêmen de touros Marchigiana.**



**Vacada Nelore com bezerros meio
sangue Marchigiana.**

Conheça a nova safra de cruzados Marchigiana x Nelore.

Reprodutores e Novilhas 1/2 sangue de 12 a 15 meses, registrados, encontram-se desde já à disposição na Fazenda Guanabara em Andradina — SP.

A cruz (Marchigiana x Nelore) dá o novilho reforçado pelo vigor híbrido, com a capacidade Nelore de superar o clima e o regime de pasto e a capacidade Marchigiana de acrescentar-lhe comprimento e caixa para a carne que se quer:

"Bastante e mais enxutas"

A sua disposição, também, sêmen das raças Francesas: Blonde D'Aquitaine, Montbeliarde, Gasconne, Maine Anjou, em nossos endereços:

- 1 — Alameda Santos, 2.224 - São Paulo - SP/D.D.D. 011 - Fones: 852-9058/853-5653
- 2 — Fazenda Guanabara - Andradina - SP - D.D.D. 0187 - Fone: 22-2522

Valor dos Títulos da Dívida Agrária

Portaria n.º 525, de 26 de setembro de 1978.

O Ministro de Estado da Fazenda, interino, no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto no parágrafo 4.º do artigo 4.º do Decreto n.º 59.443, de 01 de novembro de 1966, resolve declarar que serão os seguintes os valores nominais dos Títulos da Dívida Agrária — TDA, para o trimestre outubro/dezembro de 1978:

Valor de referência (Cr\$)	Valor nominal reajustado (Cr\$)
50,00	1.516,45
100,00	3.032,90

200,00	6.065,80
500,00	15.164,50
1.000,00	30.329,00

José Carlos Soares Freire.

Portaria n.º 526, de 27 de setembro de 1978.

O Ministro de Estado da Fazenda, interino, no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto no parágrafo 1.º do artigo 1.º da Lei 4.357, de 16 de julho de 1964, e no Decreto-lei n.º 1.281, de 24 de julho de 1973, resolve fixar para o mês de outubro de 1978:

a) Em 2,61% (dois vírgula sessenta e

um por cento) o acréscimo referente à correção monetária mensal aplicável às Obrigações do Tesouro Nacional — Tipo Reajustável, tendo em vista o coeficiente estabelecido pela Secretaria de Planejamento da Presidência da República, de acordo com a Portaria n.º 065, de 15/09/78;

b) Em Cr\$ 303,29 (trezentos e três cruzeiros e vinte e nove centavos) o valor de cada Obrigação do Tesouro Nacional — Tipo Reajustável, tendo em vista o citado acréscimo; José Carlos Soares Freire — DOU — 1-1 — 29/09/78

SUDENE: Redução do Imposto de Renda

Portaria N.º 132/78.

O Superintendente da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), no uso das atribuições que lhe conferem o art. 5.º, do Decreto n.º 72.776, de 11 de setembro de 1976 e o art. 59, do Decreto n.º 64.214, de 18 de março de 1969;

Considerando que o Decreto-lei 1.624, de 3 de maio de 1978 estende até 31 de dezembro de 1982 o prazo para redução de 50% (cinquenta por cento) do Imposto de Renda e Adicionais não restituíveis, de que trata o art. 14, da Lei n.º 4.239, de 27 de junho de 1963, alterado pelo art. 35, da Lei n.º 5.508, de 11 de outubro de 1968; e

Considerando que o art. 19, § 3.º, do Decreto-lei n.º 1.598, de 26 de dezembro de 1977, permite que a importância reduzida do Imposto de Renda seja utilizada, também, para absorção de prejuízos;

Resolve:

Art. 1.º — As pessoas jurídicas e fir-

mas individuais em gozo da redução do Imposto de Renda e adicionais não restituíveis, de que trata o art. 14, da Lei n.º 4.239, de 27 de junho de 1963, têm assegurada a prorrogação do incentivo até o dia 31 de dezembro de 1982, independentemente de solicitação à SUDENE.

Art. 2.º — O valor do imposto que deixar de ser pago em virtude da redução referida nesta Portaria constituirá reserva de capital da pessoa jurídica ou firma individual beneficiada e somente poderá ser utilizado para absorção de prejuízos ou aumento do capital social.

§ 1.º — Na hipótese de aumento do capital social, a pessoa jurídica ou firma individual beneficiada deverá obedecer às disposições contidas no art. 9.º, do Decreto n.º 64.214/69.

§ 2.º — No caso de absorção de prejuízos, deverão ser atendidas as regras constantes da legislação específica do Imposto de Renda, em particular as do Decreto-lei n.º 1.598/77.

Art. 3.º — As pessoas jurídicas e firmas individuais beneficiadas com a prorrogação de que trata o art. 1.º, desta Portaria, continuarão a apresentar à SUDENE os documentos comprobatórios do aumento do capital ou da absorção de prejuízos, no prazo de 60 (sessenta) dias a contar da data de efetivação daquelas operações.

Art. 4.º — Ficam dispensadas de apresentar novo pedido de redução do Imposto de Renda as pessoas jurídicas e firmas individuais que já tenham obtido da SUDENE a declaração recomendando a concessão do incentivo, embora o benefício não tenha ainda sido reconhecido por ato próprio da Receita Federal.

Art. 5.º — Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Diário Oficial da União.

Recife, 17 de outubro de 1978 — Valfrido Salmato Filho — DOU — 1-11 — 24/10/78.

NOTICIÁRIO LEGAL

Lei n.º 6.570, de 30/09/78 — Prorroga o prazo de validade das Carteiras de Identidade para Estrangeiros, "Modelo 19", até 1.º de outubro de 1979. DOU — 1-1 — 03/10/78.

Lei n.º 6.572, de 30/09/78. — Altera dispositivo da Lei n.º 5.709 de 07/10/71 que regula a aquisição de imóvel rural por estrangeiros. DOU — 1-1 — de 03/10/78.

Conselho Nacional do Comércio Exterior — Aprova as especificações para a padronização, classificação e fiscalização

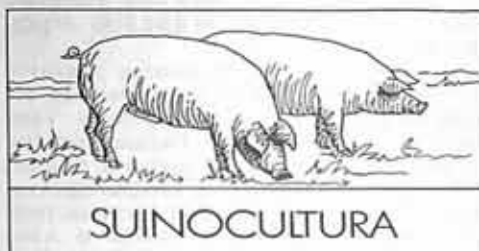
da Lã de Ovinos destinada à exportação. Resolução n.º 114, de 22/09/78. DOU — 1-1 — 29/09/78.

Aprova especificações para a padronização, classificação e fiscalização da juta destinada ao mercado externo. Resolução n.º 115, de 22/09/78. DOU — 1-1 de 29/09/78.

Aprova as especificações para a padronização, classificação e fiscalização da malva destinada ao mercado externo. Resolução n.º 116, de 22/09/78. DOU — 1-1 — 29/09/78.

Ministério da Agricultura — Aprova as normas para execução dos serviços de Registro Genealógico, Provas Zootécnicas e Testes de Progenie aplicáveis aos Bovinos e Bubalinos. Portaria n.º 7, de 26/09/78. DOU — 1-1 — 02/10/78.

Proibida a saída de sementes, folhas, frutos, galhos, mudas e qualquer parte de plantas de cacau dos Territórios de Rondônia, Amapá e Roraima e dos Estados do Amazonas, Pará, Acre, Maranhão, Mato Grosso e Goiás. Portaria n.º 911, de 03/10/78. DOU — 1-1 — de 06/10/78.



A Estação de Avaliação de Suínos tem a função de testar e selecionar animais, objetivando a formação de notáveis reprodutores responsáveis pelo melhoramento genético e consequentemente, maiores produtores de carne magra, objetivo maior da moderna suinocultura. O engenheiro agrônomo, Elias Dumit aborda neste artigo as diversas etapas por que passa um reprodutor, quando chega a uma estação de avaliação.

Estação de Avaliação de Suínos

A Estação de Avaliação de Suínos tem por finalidade testar, por descendência, reprodutores puros de origem, com objetivo de selecionar e identificar linhagens de elevado potencial genético, capazes de influir, economicamente, em produção de maior quantidade de carnes magras em carcaças de suínos.

Dos modernos métodos empregados na seleção e melhoramento genético em animais, a Estação de Avaliação de Suínos contribui decisivamente no aprimoramento de reprodutores, qualificando aqueles que, pelas suas positivas características de herdabilidade, possam transmitir aos seus filhos destacados fatores tais como: melhor conversão alimentar, menos espessura de toucinho, maior área do lombo e maior comprimento de carcaça.

Os processos utilizados na qualificação de reprodutores, pelo teste da progênie, obedecem a duas fases distintas. Na primeira etapa, são levadas em consideração as provas de desempenho do animal, desde sua entrada na Estação, após a realização das inspeções feitas nas granjas registradas no Pig Book Brasileiro, onde os leitões devem pesar, aproximadamente, 25 quilos, e com 50 a 70 dias de idade. Ao atingirem os 30 quilos de peso, ocasião em que se inicia o teste propriamente dito, os leitões serão colocados em baias individuais, em ambiente climatizado, onde receberão, proporcionalmente ao seu desenvolvimento, ração balanceada e controlada até atingir os 100 quilos de peso vivo, em menos de 180 dias.

No período de teste, compreendido entre os 30 e 100 quilos, os animais serão pesados semanalmente, a fim de caracterizar as fases de recria, dos 30 aos 60 quilos e de acabamento dos 60 aos 100 quilos.

A segunda etapa do teste se processa no frigorífico com o abate dos animais testados, sendo efetuadas as medidas das seguintes características, de acordo com o Método Brasileiro de Classificação de Carcaças:

— Peso de entrada no frigorífico em kg, que corresponde ao peso de comercialização;



Galpão da Estação de Piracicaba, com capacidade de teste de 80 animais.

- Peso da carcaça resfriada em kg;
- Rendimento da carcaça em cm;
- Espessura do toucinho, média das três medidas: Paleta, Lombo e Garupa;
- Comprimento da carcaça;
- Área do olho do lombo e gordura em cm²;
- Relação carne/gordura expressa pela proporção entre a área de carne e gordura;
- Peso do pernil em kg;
- Rendimento em % sobre o peso da carcaça resfriada.

Das características medidas são considerados, nos critérios de seleção dos machos testados, os seguintes dados:

- Idade final;
- Ganho médio diário de peso durante o período total de teste;
- Conversão alimentar durante o período total de teste;
- Comprimento da carcaça;

- Área do olho do lombo;
- Relação carne/gordura;
- Rendimento do pernil.

CONDIÇÕES PARA TESTAR REPRODUTORES

A Comissão Técnica da Associação Brasileira de Criadores de Suínos, por delegação de poderes do Ministério da Agricultura, é a entidade responsável para fazer cumprir normas e regulamentos da Suinocultura Brasileira, dos Registros Genealógicos de Suínos, estabelecendo as seguintes condições para testar reprodutores:

1) Que o criador tenha sua granja registrada na Associação Brasileira de Criadores ou suas filiais credenciadas, e os reprodutores estejam inscritos no Pig Book Brasileiro.

2) Que cada macho a ser testado, o criador envie para a Estação de Avaliação, três lotes de dois leitões machos inteiros, provenientes de três leitoadas de fêmeas diferentes.

2.º LUGAR NA EXPOSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO /78

Campeão Sênior e Res. Grande Campeão — Rio Preto e Batatais-78

220 PONTOS COM 14 ANIMAIS EM PISTA

- Campeão Sênior PO
- Res. de Grande Campeão
- Campeã Vaca Jovem
- Campeã Novilha Maior
- Campeã Novilha Menor
- Res. Campeã Vaca Jovem
- Res. Campeã Novilha Maior
- Res. Campeã Novilha Menor
 - 8 primeiros prêmios
 - 6 segundos prêmios
- ... em diversas categorias



BOND HAVEN UNIQUE ROYAL — POI, nasc. em 20/8/1974. Filho de Agro Acres Unique (Ex. Res. All Canadian) e de Bond Haven Supreme Nettie, que produziu aos 5 anos, em 329 dias 8.274,5 kg de leite e 4,09 de MG. Coleta e distribuição de sêmen a cargo da CIANB. Este touro foi Campeão Nacional em 1976.

A esquerda:

NELYO'S CRISSY PRESIDENTE — PO, nasc. em 29/4/1974. Foi Campeã Nacional em Progenie de Pai Jr. em 1975. Filha de Enghill President Rockman (Ex. 92) — várias vezes Campeão e Res. Campeão Nacional, e de River Valley Queen Crissy, que produziu aos 7 anos e 8 meses 2x em 358 dias, 7.892 kg de leite.

JPR INOCENCIA — PO, nasc. em 9/2/1975 — filha de JPR Filão e de Emerling Chief Barby. Campeã Vaca Jovem em S. J. do R. Preto em 1978.

NELYO'S MARY KELLEN — PO, nasc. em 26/4/1977, filha de International Kellen e de Mary Lake Supreme Marion. Campeã Novilha Menor em S. J. do R. Preto em 1978.

FAZENDA CÓRREGO FUNDO

Seleção de Holandês Preto e Branco PO e PC

PROPRIEDADE DE

Ataliba Nakano

Sob responsabilidade do Dr. Luis Antonio Nakano
Mun. de Guará — S. Paulo

ALGODOEIRA NAKANO

Via Anhanguera Km 389 — Fones: 30 - 302 e 318
Res. Rua Dr. Washington Luís, 222 — Tel.: 295
GUARÁ — ESTADO DE SÃO PAULO



ANUÁRIO DOS CRIADORES

- a realidade para você

"Os 500" principais criadores e selecionadores de gado de raça

Veja porque você deve pedir, hoje mesmo, seu exemplar do ANUÁRIO DOS CRIADORES - 77/78

Peça seu exemplar do ANUÁRIO DOS CRIADORES Porque: O ANUÁRIO DOS CRIADORES 1977/78 publica um estudo em português e inglês sobre a Realidade da pecuária no Brasil e suas perspectivas. Esse estudo trata das origens da pecuária em nosso País; as três principais pecuárias: a do Brasil Central, a do Rio Grande do Sul e a do Nordeste e indicações econômicas. Publica, ainda, estudos e noções técnicas e

práticas sobre carcaça bovina, e estratégia para a produção de bovinos nos trópicos. Em suinocultura trata do manejo do rebanho; em caprinocultura cuida detalhadamente desse importante setor criatório ainda pouco explorado no País; no setor da medicina veterinária temos 177 verbetes sobre as principais afecções nos bovinos e medicamentos recomendados. Em construções rurais continua a série dos estudos com as respectivas plantas, da Associação Brasileira de

Cimento Portland, agora sobre construção de mata-burros e fossa séptica. Sobre alimentação há um trabalho sobre novas tendências na ensilagem de forrageiras e que com cuidados nas contas evita a falta de ensilagem na seca. Sobre a pecuária leiteira temos um trabalho demonstrando que a sala de ordenha substitui currais e mostra vantagens (com plantas e esclarecimentos). Ainda neste setor há um trabalho sobre leite para consumo — caracteres tecnológicos para a produção de leite B e C.



E ainda:

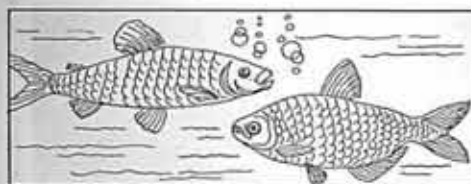
- os 500 principais criadores e selecionadores de gado de raça.
- os 100 GRANDES CAMPEÕES DO ANO, em cores, apresentados pelos criadores acima.
- 100 páginas em cores sobre os nossos grandes plantéis.
- as associações de registro genealógico — diretorias e endereços.
- Confederação Nacional e Federações Estaduais de Agricultura e Sindicatos Rurais.
- o Ministério da Agricultura e sua distribuição pelo País.

ANUÁRIO DOS CRIADORES - 1977/78

Cupom de compra

A presente peça me remeterem um exemplar do ANUÁRIO DOS CRIADORES - 1977/78 ao preço de Cr\$ 300,00. De o meu pagamento em forma de cheque, em nome da Editora dos Criadores Ltda. Pompéia, 1214 - Fundos - São Paulo - SP)

Nome: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ Estado: _____
Código Postal: _____



PISCICULTURA

Hitoshi Nomura, redator especialista em piscicultura deriva neste seu trabalho para o tema de ranicultura, ou seja a criação de rãs visando a produção de carne. Existem dois tipos de criação, a extensiva e a intensiva. Na primeira basta soltar os girinos ou rãs jovens em uma represa, lago, ou banhado. Na segunda, exige-se mais tecnologia, necessitando a construção de tanques e cuidados para evitar os inimigos das rãs.

Ranicultura atividade lucrativa

Nos Estados Unidos a carne de rã é um luxo, por ser muito cara. Nesse país muitas espécies são coletadas na natureza. Aquela cuja cultura é sempre tentada é a rã gigante-touro, "Rana catesbiana", que se reproduz de maio a julho no oeste e de fevereiro a agosto no sul e leste desse país.

A eclosão dos ovos demora quatro dias a três semanas, estando na dependência da temperatura da água. As larvas aquáticas — conhecidas como girinos (figura 1) — alimentam-se principalmente de algas bentônicas. A metamorfose para a fase adulta leva cinco meses a dois anos, podendo atingir vinte centímetros de comprimento. A massa flutuante de ovos cobre cerca de meio metro quadrado de área, sendo os girinos bem maiores do que os das outras espécies de rãs.

As tentativas conhecidas de se criar rãs em fazendas nos Estados Unidos falharam na parte que diz respeito à forma de controle sobre a reprodução. Entretanto, lá elas desovam como o fazem na natureza. Os girinos têm sido criados separados dos adultos, e estes segregados por tamanho, na suposição de que o canibalismo seria evitado. Entretanto, alguns pesquisadores verificaram que o canibalismo é raro nos exemplares bem alimentados de qualquer idade.

A criação da rã gigante-touro nos Estados Unidos não é comercialmente lucrativa, devido ao longo período de desenvolvimento da fase de girino à de adulto.

A RÃ GIGANTE-TOURO NO BRASIL

Em 1935 o canadense Tom Cyrill Harrison trouxe 300 casais de rã gigante-touro dos Estados Unidos para o Rio de Janeiro. No km 47 da Rodovia Rio-São Paulo foi instalado o Ranário Aurora e, logo depois, o de Carlos Guinle, em Teresópolis, o de Mário Brown em Nova Iguaçu e o de R. Wencheink em Queimados. O Departamento da Produção Animal da Secretaria da Agricultura de São Paulo começou a criá-la em sua subestação localizada em Pindamonhangaba, em 1939.



Casal de rã gigante-touro, fotografado pelo autor no ranário X-1 (São José do Rio Preto, SP)

A rã gigante-touro adaptou-se bem ao clima brasileiro, e sua criação teve relativo sucesso até o início da Segunda Guerra Mundial, quando declinou.

EM SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

O Dr. Luiz Dino Vizotto, Professor Titular de Zoologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (São José do Rio Preto, SP), é um grande especialista em anfíbios, tendo obtido seu título de Doutor em Ciências com a tese "Desenvolvimento de Anu-

ros da Região Norte-Occidental do Estado de São Paulo."

Em 1973 o Prof. Vizotto conseguiu que um sítio de Cedral, localidade próxima a Rio Preto, se interessasse pela criação de rãs. Para isso, ele entrou em contato com uma cientista norte-americana, que lhe enviou 20 casais da rã gigante-touro.

O ranário de Cedral foi construído com pilares de concreto e cerca de arame, num pequeno charco. As rãs se reproduziram, mas uma forte enxurrada arrebatou as proteções de concreto e trans-

portou para o rio uma quantidade considerável de girinos, causando enormes prejuízos. Foi nessa ocasião que o Dr. Vizotto entrou em contato com o Dr. Shizuo Igami, conceituado dentista de Rio Preto, que se interessou pelo assunto e instalou um ranário modelo, denominado Ranário X-1, num sítio de sua propriedade. Os ranários que vêm se espalhando pelo território paulista foram iniciados com girinos adquiridos dessa propriedade.

Em Rio Preto a reprodução tem sido observada à noite. A medida que os ovos são depositados pela fêmea, o macho os fecunda. Com um ano de idade a rã está madura, pesando 200 gramas. No primeiro ano chega a desovar de 3 000 a 5 000 ovos, passando no segundo a 15 000 — 20 000 ovos. Quatro dias após a postura ocorre a eclosão. Os girinos nascem com 1 a 1,5 centímetros de comprimento.

Devido à excelência do clima de São José do Rio Preto, a rã gigante-touro (figura 2) torna-se apta para a reprodução em apenas um ano, metamorfoseando-se em três a sete meses. Por outro lado, rãs de dois a três anos apresentam dois períodos reprodutivos no Brasil: fins de setembro a meados de janeiro e princípios de fevereiro a meados de abril.

TIPOS DE CRIAÇÃO

Dois são os tipos: a extensiva e a intensiva. Na primeira bastará soltar girinos ou rãs jovens em uma represa, lago ou banhado, e aguardar seu crescimento. Na segunda há necessidade de se tomar alguns cuidados antes de iniciá-la: preparar os tanques rasos em terreno onde haja abastecimento de água e o solo seja pouco permeável. Esses tanques devem ter entrada e saída de água. Como as rãs possuem muitos inimigos naturais, como cobras, patos, garças, barata-da-água etc., é indispensável a construção de muros de alvenaria ao redor dos tanques e dotar a entrada e saída de água com telas de malha fina.

Pelo menos três tanques precisam ser construídos no ranário: um para os girinos, outro para os jovens e outro para os adultos. Estes não devem ser misturados com aqueles, para se evitar o canibalismo, comum na espécie. Por isso é importante fornecer alimento em abundância para as rãs. A alimentação dos girinos é inicialmente constituída de organismos zoo (protozoários, microcrustáceos, rotíferos) e fitoplânctônicos (algas). Para se conseguir abundância de plancton será suficiente adubar o tanque. A adubação deve ser processada de setembro a março, com 1 000 a 1 200 kg de uma mistura de 8 partes de nitrogênio, 8 de fósforo e 2 de potássio por hectare, dividida em 10 aplicações. Pode-se também fornecer ração balanceada com a seguinte composição, segundo o Prof. Vizotto: 40% de farinha de carne, 40% de fubá e 20% de leite em pó. Para os jovens é preciso fornecer peixinhos como o guará-guará, lebetes, assim como camarões de água doce, que procriam bem em tanques convenientemente adubados.



Girino da rã gigante-touro, *Rana Catesbiana* (Cedral, SP — foto do autor).



Vista parcial do ranário, vendo-se uma lâmpada que atrai insetos noturnos, e uma caixa flutuante, que recebe cabeça de boi, onde se desenvolvem lavras de moscas.

Quando se usa a ração balanceada fornecem-se 80 gramas por dia acerca de 1 000 girinos, sendo metade de manhã e metade à tarde. Quando os girinos estão maiores, a quantidade de alimento a ser fornecida é maior.

Em lugares estratégicos do ranário instalam-se lâmpadas protegidas (figura 3), que à noite atraem os insetos noturnos, como mariposas, besouros, cigarrinhas, cupins, grilos etc., que servirão de alimento às rãs jovens. A colocação de cabeças de boi em caixas flutuantes gradeadas, de madeira, atraem as moscas do gênero "Callitroga", que depositam milhares de ovos, originando larvas. A medida que estas caem na água são devoradas pelos jovens.

O Japão é o maior consumidor de rãs, haja vista o total que ele adquiriu em 1969: 881 066 kg, seguido da Índia com 424 507 kg, México com 344 432 kg e Paquistão com 102 542 kg. Nova Iorque consumiu dois milhões de dólares de carne de rã em 1977.

No Brasil a carne de rã é muito apreciada. Por isso, sua produção se escoará rapidamente nos centros consumidores, principalmente do Sul.

Devido à importância da ranicultura, o Ministério da Agricultura, pelos seus órgãos Superintendência do Desenvolvimento da Pesca e Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, juntamente com a Secretaria da Agricultura do Governo do Distrito Federal e Confederação Nacional de Agricultura, realizará, no dia 22 de novembro de 1978, em Brasília, o I Encontro Nacional de Ranicultores, pois essa atividade poderá contribuir com proteína para o abastecimento da nossa população, principalmente aquela de poder aquisitivo mais elevado.

O Prof. Vizotto, assim como o empresário Dr. Maurício Pinho, proprietário do "Ranário Pedra Lascada", de Petrópolis, foram convidados para proferir palestras sobre ranicultura.

No Estado de São Paulo há ranicultores em São José do Rio Preto, Cedral, Penápolis, Ourinhos, Jundiá, São Paulo, Diamema, Ribeirão Preto, Batatais, Avaré, Caflândia, Garça, Itararé, Jacupiranga, Iguape, Itu, Descalvado, Promissão, São Roque, Araçatuba, Bauri, Piracurungu, Ubatuba, Ibitinga, Leme, Ibaté, Araraquara, Atibaia, Campinas, Marília e Osasco.



FAZENDA STA. FAUSTA - LINS

GADO CRUZADO E HPB

Venda de reprodutores

DR. JOSÉ FRANCISCO JUNQUEIRA REIS

R. Clement E. Hubbard, 55 — C. Postal 115 — Tel. (0145) - 22-3007 - 16 400 - Lins - SP

Gerente: Eng.º Agr.º Gabriel Francisco Junqueira de Andrade

Fazenda Sta. Fausta - Campeã do X Torneio Leiteiro de Lins - julho de 1977



GIRINHA DA SANTA FAUSTA —
Uma autêntica representante de nossas mestiças, que acreditamos agrada a todos os apreciadores deste tipo de gado; tem sido apresentada nesta revista diversas vezes e foi a foto do mês da revista n.º 580 - maio - 78.



CURITIBA DA SANTA FAUSTA —
Com produção de 41,540 kg em duas ordenhas, no 11.º Torneio Leiteiro de Lins, realizado em 07-07-78.



GINA DA SANTA FAUSTA — 32,900
kg em duas ordenhas, no 11.º Torneio Leiteiro de Lins, realizado em 07-07-78.



CRIAMOS CÃES FOXHOUND POI, NETOS DE CAMPEÕES DOS ESTADOS UNIDOS



AS MESTIÇAS DA STA. FAUSTA GARANTEM A RENTABILIDADE DA EXPLORAÇÃO LEITEIRA

NOSSAS NOVILHAS SÃO VENDIDAS EXCLUSIVAMENTE, NOS QUATRO LEILÕES ANUAIS DE LINS. (SÓ LEVAMOS AOS LEILÕES O QUE É BOM).

AGORA! Comece a planejar você vai fazer em sua fazenda em

CALENDÁRIO "CRIADORES"

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta
Jan.º	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Fev.º				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
Março				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
Abril							1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
Maio		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
Junho					1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
Julho							1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
Agosto			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
Set.º						1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Out.º	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Nov.º				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
Dez.º						1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20

CALENDÁRIO "CRIADORES" PARA
PLANEJAMENTO ANUAL AGRÍCOLA,
ZOOTÉCNICO, SANITÁRIO,
TRABALHISTA E FISCAL.

Estas são duas das 322 páginas da AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES para 1979, já em fase final de preparo.

Estas duas páginas são nada mais e nada menos que o calendário de 1979 com o qual você pode ir planejando os futuros trabalhos de sua fazenda.

As anotações detalhadas serão feitas em páginas da AGENDA, tais como: controle de cobertura; datas de vacinações; registros dos talhões de cultura com ou sem arrendamento; épocas de aração; épocas de plantio, adubação; trato das lavouras, hortas e pomares; colheitas etc.

Feriados nacionais e locais, dias de pagamento, férias
leilões, exposições, acertos bancários etc.

Há ainda o diário da AGENDA que foi feito para diariamente se fazer a escrituração da receita e despesa e no fim do ano... fechar o balanço.

Há páginas até para o inventário da propriedade.

A AGENDA publica um capítulo de orientação técnica com mais ou menos 90 páginas que é um verdadeiro manual agropecuário.

Preço do exemplar Cr\$ 300,00.
Preencha o cupom abaixo, solicitando a remessa
de seu exemplar da AGENDA DOS CRIADORES e
AGRICULTORES e remeta-o juntamente
com o pagamento.

Solicito me remeterem um exemplar da **AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES** ao preço de Cr\$ 300,00. Junto segue o cheque em nome da Editora dos Criadores Ltda.

Banco: a dia 02/11/2011

Name _____

Endereço

..... **CEP**

Cidade Estado

Date: 11/11/2011



Sábados, domingos e feriados de 1979.



Época em que o touro deve ficar apartado do rebanho leiteiro.



Espaços para outras convenções à vontade do Interessado.



EQUIDEOCULTURA

Diogo Branco Ribeiro, juiz de cavalos e especialista dessa espécie animal, aborda neste artigo os eqüinos da raça Orloff, originário da Rússia. Apesar de pouco difundidos em nosso país, esses eqüinos são criados com certa intensidade nos países da Europa Oriental. O nome originou do seu próprio criador, conde Orloff Tchesmsky, notável militar e apreciador de esportes hipicos.

Cavalo da raça Orloff

A Raça Eqüina Orloff não é das mais conhecidas entre nós brasileiros, apesar de ser bastante estimada na Europa Oriental, notadamente na Rússia, de onde ela é originária. Pois foi o Conde de Orloff Tchesmsky quem a codificou, selecionando-a e promovendo-a como excelente animal de esporte, especificamente para a corrida de trote, dada as suas características de passadas longas, com fabuloso rendimento na progressão, em que as pegadas dos posteriores geralmente ultrapassam de muito as dos anteriores, dando-lhes assim condições excepcionais para a prática deste tipo de **derby** — hoje a apaixonante corrida de trote em **sulky**. (**Sulky**: — aquela levíssima caruagem própria para este fim).

Sua história começa em 1775 ou, mais precisamente, em 1777, quando o Conde Orloff, heróico almirante vencedor da celebre batalha de Tchesme contra os turcos, torna-se famoso e amante dos esportes hipicos.

O seu irmão, príncipe Orloff, também ligado à eqüinocultura, era um dos favoritos de Catarina II, portanto membros da alta aristocracia soviética, senhores de amplas posses, ostentando recursos financeiros para dar-se ao luxo da importação de animais valiosos, destinados ao melhoramento das raças criadas no haras da família.

OS DESEJOS DO CONDE

"Smetanka", de pelagem tordilha clara rodada, é o árabe importado do Oriente, de rara beleza, o qua limprou o Conde Orloff de forma entusiástica, ao ponto de mandar buscar éguas inglesas, dinamarquesas e holandesas para submetê-las à padreação com este extraordinário garanhão, resultando destes acasalamentos excelentes produtos. Porém, houve um destes potros que, ao nascer, já sobressaía com relação aos demais, recebendo o nome "Bars I", de pelagem tordilha rodada, trazendo sangue atávico de uma égua dinamarquesa, reunindo fielmente o conjunto de caracteres exteriores desejados pelo Conde, isto é, harmonia morfológica, energia e temperamento vivo do árabe aliado ao talhe, à robustez e ao vigor das raças holandesas e dinamarquesas. Bars I era dotado de tributos genéticos tão notáveis que o elegeram o ga-



O cavalo Orloff é originário da Rússia.

ranhão predileto do haras Orloff para os cruzamentos sucessivos racionais, com éguas inglesas e, também, com os seus próprios descendentes, de modo a consagrá-lo como a principal coluna mestra na formação da Raça Orloff.

O Stud-Book da Raça Orloff só foi criado a partir de 1865, portanto bem mais tarde, tomando-se por base animais de quatro gerações de ascendentes considerados puros, oriundos de pais e avós com êxitos obtidos em corridas oficiais, conseguindo cobrir no trote desembaraçado a velocidade de um minuto e vinte e seis segundos em um quilômetro de pista.

PARA SALTO E ADESTRAMENTO

O Prof. Guilherme E. Hermesdorff, em seu livro *Eqüideos*, diz: — "inicialmente,

era esta raça dotada de uma grande resistência física devido à intensa ginástica funcional, seguida de seleção, orientada nesse sentido a que era submetida, mas, em consequência da crescente procura de lauréis nos prados de corridas, a resistência foi cedendo lugar à velocidade e ela tornou-se mais rápida, porém menos sólida e um pouco menos harmoniosa com as freqüentes infusões de sangue PS Inglês". A beleza, a elegância e a energia dos movimentos "da raça Orloff" supera as demais raças trotadoras, isto para não ressaltar o temperamento vivo, porém dócil.

Os caracteres exteriores da Raça Orloff são claramente bem definidos, dando uma morfologia harmoniosa de conjunto, ade-

tável com extraordinário sucesso às diferentes modalidades de hipismo, por causa das partes funcionais se entrosarem em um perfeito sincronismo de ação capaz de oferecer facilidades na movimentação dos membros para a execução não só dos andamentos regulares como, também, de determinadas figuras de adestramento. Portanto, além de sua peculiaridade típica trotadora originária, com apreciável velocidade na locomoção, ainda mostra mais outra particularidade nobre, que é a energia de movimentos aliada ao temperamento vivo, com enorme docilidade, adaptável à prática do salto e do adestramento.

Resumindo, diríamos que o Orloff é dos mestiços o mais antigo e o melhor tipo fixado. Em 1775 ou 1777 foi iniciada a sua seleção na Rússia, pelo Conde de Orloff, donde lhe veio o nome.



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
CRIADORES DE CAVALOS
DA RAÇA MANGALARGA**

(Fundada em 1934)

QUEM SABE O QUE VALE
UM CAVALO É O CAVALEIRO
MONTE UM MANGALARGA
E VERIFIQUE O SEU VALOR

Sede:

Av. Francisco Matarazzo, 455
(Parque Fernando Costa)
05001 — São Paulo — SP
Tel.: 62-6269 (DDD 011)

Entraram em sua formação os sangues nobres do Árabe e do PSI, com o Dinamarquês e o Holandês, em cruzamentos bem orientados nas manadas autóctones russas.

Celebrizou-se pela aptidão de seus produtos para o trote ligeiro de carreira, apesar de aparentemente pesado, pois une a sua extraordinária resistência a uma impressionante velocidade de trote, que o caracterizaram.

Caracteres: cabeça forte e enxuta, pescoço curto e musculoso; cernelha seca; dorso reto e comprido; garupa curta e um tanto caída; aprumos bons, com antebraços compridos e canelas curtas; talhe médio de 1,65 m a 1,70 m; pelagem preta dominante, mais raramente a baía e a tordilha rodada.

Aptidões: apresenta um trote todo especial, em que joga os anteriores, demasiadamente, ao ponto de quase atingir o peito com a pinça dos cascos e os posteriores são atirados tanto mais para a frente dos anteriores quanto maior for a velocidade do andamento. A rapidez no deslocamento é por ampliação e não por repetição, como nos demais solspedes. Um trotador é capaz de cobrir um quilômetro em um minuto e trinta e três segundos.

O ÚNICO CRIADOR

Há uma variedade de Orloff, de corpo mais delgado e elegante, que se presta bem para a sela e suas aplicações nos esportes hípicas. Acreditamos existir, aqui no Brasil, um único criador de cavalos da Raça Orloff, em condições mais expressivas, que é o doutor João de Moraes Barros, com o conhecido Haras Boa Vista, na região de Campinas-SP. Aliás, o seu

criame de Orloff é da melhor qualidade que conhecemos, sobre todos os aspectos; quer em caracteres raciais, propriamente ditos, isto é, linhagens de estirpes autóctones; quer em técnica selecionadora adequada aos diferentes cruzamentos raciais, visando objetivamente um programa de melhor utilização como animal para as varias modalidades de hipismo e de trabalho, além das qualidades inerentes às peculiaridades normais da raça: o trote de corrida.

Estamos, há muitos anos, ligados à Equinocultura Nacional pelos nossos ofícios profissionais, não só como veterinário e zootecnista, especializado em Equídeos, mas, também, como criador e jurado em exposições agropecuárias de todo o país, de modo que podemos afirmar categoricamente que a Raça Orloff, criada pelo Senhor Doutor João de Moraes Barros, tem a melhor procedência, enquadrando-se plenamente nos padrões raciais, previstos nos mais conhecidos e conceituados tratados de Zootecnia Especial.

Sabemos que João de Moraes Barros importou os primeiros Orloffs da Argentina, iniciando assim o seu plantel que se adaptou bem ao novo ambiente e progrediu de maneira espantosa. Mais tarde, necessitando mudar o sangue primitivo do seu haras, que servia as águas desde o começo, teve a feliz sorte de importar da Argentina um reprodutor Orloff, dotado de magnífica carga genética, o que, sem dúvida alguma, contribuiu decididamente para a explosiva atuação melhoradora de sua tropa, principalmente no que diz respeito aos aprumos e ao equilíbrio morfológico, transformando-a nos atuais caracteres exteriores harmônicos, que a tornaram famosa e apreciada pelos amantes da Equinocultura e do Hipismo. ●

ORLOFF

**A raça que está produzindo grandes
campeões de salto e adestramento**



YURI X — Orloff — Nasc. 17-8-75 — Reg. 254. Por Imperador, importado da Argentina e 105 Alfafe, filha de pai importado da Argentina. Participou e foi premiado na XX Exposição de Gado Leiteiro e Cavalos da Água Branca-76.

**EXCELENTE REPRODUTORES PARA O
MELHORAMENTO DE EQUINOS NO BRASIL**

**VENHA NOS VISITAR E ADQUIRA UM
REPRODUTOR DA RAÇA ORLOFF**

ESPECIALIZADO EM CRIAÇÃO DE CAVALOS DE ESPORTE E FINS MILITARES
DA RAÇA ORLOFF E CRUZAMENTOS DE ALTA LINHAGEM DESDE 1950.

Haras Boa Vista

Associado a Sociedade Brasileira de Cavalos de Hipismo.

PROP. DR. JOÃO DE MORAES BARROS

ESCRITÓRIOS: Em S. Paulo: R. José Bonifácio, 278 - 11 - s/1102
Telefone: 32-4098
Em Campinas: Av. N. S. de Fátima, 251 (Taquaral)
Telefone 51-3773
Tratar com Mário Luiz Geldini



Perda de apetite, tremores e arrepios de frio, apatia e a permanência em lugares escuros, olhos lacrimosos e brilhantes, nariz quente e seco, são alguns dos sintomas de um cão doente. Cinomose, hepatite, raiva, vermes, diarreia, são algumas das doenças que apresentam tais sintomas. Aprenda a diagnosticá-las e combatê-las, lendo este artigo do especialista em cinofilia, Antonio Carvalho Mendes.

As doenças caninas

Segundo a Squibb, os cães como as pessoas, muitas vezes adoecem. Em seis itens, poderá ser observado se o cão não está muito bem de saúde: 1 — Ele mostrou-se apático, sem vontade de nada, procurando lugares mais escuros para dormir? 2 — Ele perdeu o apetite? 3 — Ele tem tremores e arrepios de frio? — 4 Os seus olhos apresentam uma coloração diferente, estão lacrimejando ou estão brilhantes demais? 5 — O seu nariz está quente e seco? 6 — O seu pelo apresenta-se mole e sem vida ou arrepiado?

CINOMOSE

Segundo ainda a Squibb, a cinomose canina é uma doença aguda, altamente contagiosa que afeta primariamente os cães jovens, embora cães de todas as idades possam ser afetados.

Os sintomas primários da cinomose são, geralmente, tão tênues que só o seu médico veterinário os poderá reconhecer. Num curto período, porém, eles se agravam subitamente, muco e pus podem começar a sair do nariz e olhos do cão, acompanhados por uma séria inflamação do trato intestinal. Narinas secas, sede exagerada e um anormal desejo de dormir, são também típicos da doença, seguidos de diarreia, pneumonia, convulsões e paralisia. O cão raramente se recupera sem um tratamento prolongado e adequado. Porém, o veterinário pode imunizar o cão contra a cinomose, pela aplicação de uma vacina, logo após o desmame.

HEPATITE

A hepatite é também causada por um vírus. Os seus sintomas primários são bastante similares aos da cinomose.

Os primeiros sinais incluem falta de apetite, vômitos, sede exagerada e temperatura elevada, sintomas estes que causam sensibilidade ao tato no lado direito, na região da última costela, tosse, amígdalas e gengivas edemaciadas e olhos avermelhados. A doença é freqüentemente fatal.

A hepatite pode ser evitada se o médico veterinário imunizar o cão contra a doença pela aplicação de uma vacina



Golden Retrievers saudáveis, mas o criador deve estar sempre atento.

logo após o desmame. Atualmente, aplica-se uma vacina triplice, anualmente, prevenindo-se o aparecimento da cinomose, hepatite e leptospirose.

LEPTOSPIROSE

A Squibb informa que a leptospirose ocorre no cão sob duas formas distintas: a icterica e a hemorrágica. A icterica é a mesma que se encontra no rato e produz no homem a doença de WEIL. A hemorragia, também denominada de tipo canino ou doença de Stuttgart, é causada por uma espécie de leptospira peculiar ao cão.

Clinicamente a forma icterica se caracteriza por atacar, de preferência, animais

jovens e evoluir sob a forma de icterícia grave. Já a infecção pela forma hemorrágica acomete cães mais velhos, é raramente acompanhada de icterícia e evolui cronicamente, lesando os rins, de maneira a determinar uma síndrome de uremia.

O médico veterinário pode imunizar o cão contra a leptospirose pela aplicação de uma vacina triplice.

RAIVA

A raiva (hidrofobia) é conhecida e temida há séculos. Causada por vírus, a raiva é uma constante ameaça ao cão e ao dono, a menos que o veterinário o tenha imunizado através de uma vacina (anti-rábica). Isto toma apenas alguns

minutos e fornece uma completa proteção ao cão pelo período de um ano.

Nos cães, o primeiro sintoma é frequentemente uma mudança de comportamento. Um cão normalmente bem disposto torna-se apático, nervoso e excitado, com tendência a vagar e desaparecer por um ou dois dias, retornando exausto e definhando. Um cão infectado frequentemente procura lugares escondidos e escuros. De certa forma, o cão se torna agressivo e ataca outros animais, pessoas ou qualquer outro objeto que se mova. Paralisia parcial e vertigens podem ocorrer acompanhados por grande dificuldade de beber. Finalmente, o cérebro e a espinha são afetados e segue-se fatalmente a morte dentro de uma semana. Um cão raivoso é extremamente perigoso e a sua mordida ou sua saliva é altamente contagiosa. Só o seu médico veterinário está qualificado para diagnosticar a raiva.

A raiva pode ser evitada desde que o médico veterinário imunize o cão contra a raiva pela aplicação de uma vacina anti-rábica. Se o cão nunca foi vacinado contra a raiva, deve ser vacinado com a maior urgência.

VERMES

Segundo ainda a Squibb, existem diversos tipos comuns de vermes que atacam o cão: Toxocara (lombriga), Dipylidium (Tênia) e Anlostoma (amarelão). A terapêutica anti-helmíntica é um trabalho para o médico veterinário, pois existem medicamentos específicos para cada tipo de verme. O dono por conta própria não deve medicar o cão.

CONSTIPAÇÃO E DIARRÉIA

A constipação pode ser causada por uma dieta errônea, falta de exercícios ou porque o cão não está saindo de casa a intervalos regulares. A diarreia pode ser causada por vermes, gripe, comida estragada, indigestão ou talvez sintomas de uma doença mais séria. Se tanto a constipação como a diarreia não saírem prontamente, o cão deve ser levado ao médico veterinário.

VÔMITOS

O cão tem tendência a vomitar sempre que sente a necessidade, e o vômito ocasional não é razão para alarme. Simplesmente deverá ser cortada a próxima refeição ou pouca comida. Encher demais o estômago pode muitas vezes causar vômitos. Se a condição persistir, o animal deverá ser levado ao médico veterinário.

VACINAS

A Squibb lembra também que as vacinas são administradas aos animais para torná-los imunes a doenças altamente perigosas e contagiosas. No entanto, as vacinas somente são eficazes em cães saudáveis

e ainda assim, não exercem o seu efeito de imediato, necessitando ainda um curto espaço de tempo antes do cão poder ser considerado seguro.

Os soros — esclarece a Squibb — são usados para fornecer proteção imediata contra a doença, mas essa proteção não é permanente. Os soros são recomendados quando o cão tiver sido exposto a doenças contagiosas e para tratamento, se ele realmente contraiu a doença. O veterinário é a pessoa melhor qualificada para administrar vacinas e soros.

O criador pode auxiliar o médico veterinário a tornar-se o melhor amigo do

cão. Para tanto, devem ser observados os três itens que se seguem: 1 — O cão deve ser examinado prontamente pelo médico veterinário, se possível, no dia imediato após tê-lo adquirido. O prévio exame é a ação mais lógica de lhe dar um saudável início de vida; 2 — O cão deve ser levado a um médico veterinário logo após o desmame, pois ele fará um plano profilático que deve ser seguido à risca; 3 — O cão deve ser levado ao médico veterinário se os sintomas da doença persistirem após um ou dois dias, pois só ele sabe como tratar um cão doente. Esperar mais um dia poderá constituir um risco de vida, conclui a Squibb. ●

Marque um encontro no NOVO MUNDO

Na sua próxima viagem ao Rio de Janeiro, marque um encontro com seus amigos no Hotel Novo Mundo, e sinta o "status" que hotéis desta categoria conferem aos seus hóspedes.



Integrando uma rede de hotéis, todos situados na cidade do Rio de Janeiro, o Hotel Novo Mundo se destaca pela sua excelente localização, aliada a sua categoria internacional no atendimento e nas instalações. Situado na Praia do Flamengo, equidistante do Centro e da Zona Sul, o Hotel Novo Mundo tanto pode ser usado pelo homem de negócios, como pelo turista. Com duzentos e cinquenta apartamentos luxuosamente decorados e totalmente climatizados, inclusive telefone, rádio e televisão, o Hotel Novo Mundo hospeda-o em qualquer época do ano a preços realmente econômicos. Fazendo parte de todos esses itens de conforto e classe o hotel possui estacionamento próprio e restaurante que satisfará os mais exigentes "gourmets". As reservas poderão ser feitas pelo telefone 225-7366, ou então no endereço: Praia do Flamengo, 20 — Rio de Janeiro - GB.



O Grande Prêmio Carlos Pellegrini que se realiza no Hipódromo de Palermo é uma das mais importantes corridas do turfe argentino. A deste ano (5 de novembro) foi vencida por Telescópico, três anos, conduzido pela joqueta Marina Lezcano, de apenas 21 anos, que já participou no Brasil do 1.º Campeonato Mundial de Joquetas, ficando em segundo lugar. Texto de Antonio Carvalho Mendes.

Telescópico vence o Pellegrini

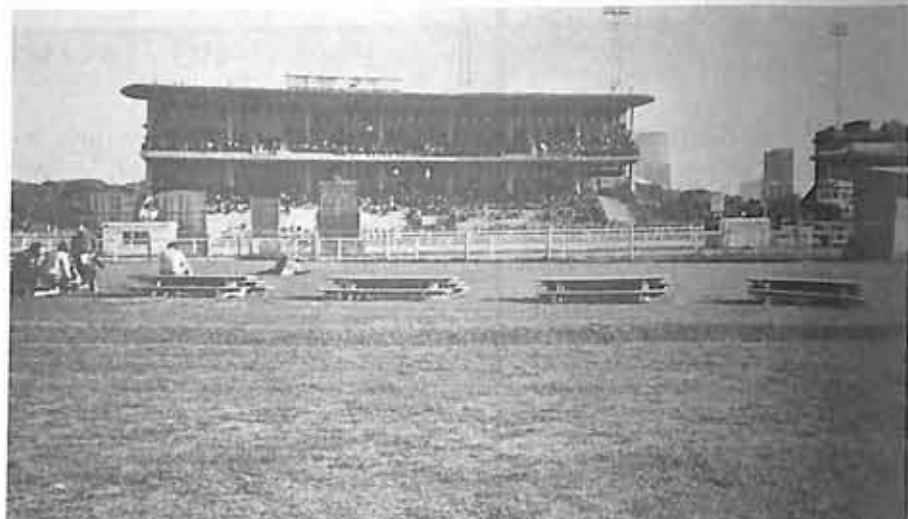
Com dezoito corpos de diferença do segundo colocado (Serxens), Telescópico — por Table Play e Filipina — venceu na bela tarde do dia 5 de novembro, no Hipódromo de Palermo, o Grande Prêmio Carlos Pellegrini, na distância de 3.000 metros, em 3'7"2/5. O animal, de 3 anos, agora detentor da 4.ª coroa, correu oito vezes conquistando: cinco primeiros lugares, dois segundos e um terceiro. Criação do Haras Don Yeye, é treinado por Juan E. Bianchi. Foi conduzido de maneira impecável pela extraordinária joqueta Marina Lezcano que recebeu calorosa manifestação após a conquista do feito que marcará época na história do turfe portenho.

Na presença de 60.000 pessoas, o excelente cavalo puro sangue de corrida mostrou mais uma vez do que é capaz a criação argentina. Para quem esteve no hipódromo e que já foi testemunha de tantos momentos de emoção, essa imagem da jovem Marina conduzindo triunfalmente um autêntico "crack" jamais será olvidada.

Telescópico conquistou galhardamente as quatro provas seletivas de maior importância da temporada, em todas as distâncias, desde a milha até os 3.000 metros, em pista normais e encharcadas. Possuidor de excelente forma física, conseguiu desenvolver extraordinária campanha na temporada que se encerra proximamente.

A vitória do extraordinário animal teve o condão de renovar o entusiasmo dos entusiastas do esporte dos reis e mesmo dos dirigentes do turfe argentino. Está reafirmado mais uma vez de maneira categórica e inofismável que o trabalho levado a efeito na criação não foi e nem será em vão. A ordem é continuar com o respeito que sempre mereceu no turfe internacional, pois um grande e glorioso futuro espera a criação argentina.

Para aquele que teve a felicidade de ver "in loco" a criação argentina, sabe que o feito de Telescópico é um incentivo a mais para que o país irmão prossiga, a fim de que outros Telescópicos venham coroar de pleno êxito nas pistas, um trabalho sério, minucioso, constante e muito bem estruturado.



Telescópico foi consagrado na pista de areia do Hipódromo de Palermo.

MARINA LEZCANO

A joqueta Marina Lezcano que antes da prova declarou estar tranqüila, pois confiava no seu cavalo, tem 21 anos. Desde menina gosta muito de cavalos e, assim, entrou para a Escola de Aprendizes de San Isidro. No dia 15 de dezembro de 1974, debutou no Hipódromo de Palermo, num páreo de joquetas, chegando em segundo lugar. Na corrida seguinte, correu e ganhou. Depois, correu mensalmente até que, em setembro de 1975, conseguiu autorização para correr junto com os jóqueis. Até dezembro de 1975, ela ganhou dez corridas. Em 1976, quase 30 corridas, sendo 15 em Palermo, uma em San Isidro, uma na Venezuela, duas em Tucuman e três em Morón (Uruguai). No 1.º Campeonato Mundial de Joquetas realizado em 1976, no Hipódromo de Cidade Jardim, ela foi a segunda colocada, mas demonstrou que poderia perfeitamente ter sido a primeira, pela sua calma, humildade, habilidade com as rédeas e plena consciência do seu trabalho.

OMAR PASSAROTI

Entusiasta do turfe, Omar Passaroti juntamente com seu irmão Hugo Passaroti,

há muito tempo começou silenciosamente a trabalhar no seu haras Don Yeye com reprodutores apenas discretos. Preclaro lhe deu os primeiros triunfos, depois Lacydon e Laconique, este vencedor da Polla de Potrillos. Mais tarde, novas vitórias, com Telefónico, Legent, Taba, Cipayo para, finalmente este ano, ter a sua grande alegria com Telescópico.

O TREINADOR

Juan Bianchi é um excelente treinador. Em poucos anos galgou o estrelado e agora ninguém duvida de que é um profissional de primeiríssimo nível. Todos os cavalos treinados por ele fizeram boa figura na tarde máxima do turfe argentino: Telescópico, Serxens, Vacilante e El Enólogo. Apenas Vacilante não esteve entre os primeiros.

AS COLOCAÇÕES

As colocações do GP Pellegrini foram as seguintes: Telescópico, Serxens, Reichmark, Leonante, Botón, Limite II, El Enólogo, Bi Lark, Aldo, Claro Real, Vacilante, Bulliante, Chocolate, Micaelo, Racine, Alette, Awake, Facistol, Taxer, Evohe. Não correu Braseante.

PARA A FRANÇA

Quando encerrávamos os trabalhos desta edição, chegava a notícia de que Telescópico poderia ser vendido para um haras da França.

O HOMEM DO TURFE DE 77/78

O maior criador de cavalos de corrida do País e presidente do Jockey Club Brasileiro, dr. Francisco Eduardo de Paula Machado, presidiu a cerimônia de entrega do diploma de Homem do Turfe de 77/78 ao sr. José Pedro Gonzales, presidente da CCCN. O antecessor foi o dr. José Lauro de Freitas. O presidente Paula Machado, enalteceu a escolha de José Pedro Gonzales, a quem entregou um mimo, em nome da entidade turfística que dirige. José Pedro Gonzales, último a usar da palavra, lembrou com emoção a sua origem gaúcha, ao mesmo tempo em que falou dos outros homens que o antecederam: Flores da Cunha, Osvaldo Aranha, Gilberto Marinho e Luis Fernando Cirne Lima, este ex-ministro da Agricultura.

REJEITADA A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM PARIS

O dr. Adair Eiras de Araújo, vice-presidente e diretor do Departamento de Veterinária do Jockey Club Brasileiro, ao retornar da França, informou que a inseminação artificial foi rejeitada unanimemente na Conferência Internacional de Dirigentes Hípicos.

Segundo o dr. Adair, a proposta já teria vindo de Londres derrotada. O assunto somente voltará a ser debatido, após serem resolvidos problemas de ordem legal, genética e econômica. Ficou concretizado desde logo que a inseminação artificial para os cavalos de corrida é completamente diferente da que ocorre com o gado bovino, os ovinos, os caprinos, "para os quais a concentração de sangue não constitui o mesmo problema que apresenta para o PSI".

Delegados de 35 países (60 delegados) votaram contra. Na ocasião, foi eleita uma comissão (mandato de 3 anos) constituída de representantes da França, Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, Ásia, Austrália-Nova Zelândia-Africa e América do Sul. A comissão terá a si a incumbência de estudar pormenorizadamente o assunto e opinar oportunamente.

O vice-presidente e diretor do JCB informou também que ficou resolvido que os países que registram puros por cruzamento podem continuar a fazê-lo. Todavia, a aprovação internacional, para os puros após a oitava geração, fica na dependência da legislação de cada país. O sistema de identificação por grupo sanguíneo foi outro assunto debatido, ocasião em que recebeu subsídios de diversos países que estão estudando esse sis-

tema considerado de grande futuro. Para se ter uma base mais concreta do assunto, basta que se diga que os EUA até o fim desse mês já terão feito 20.000 testes. Quanto ao Japão, soube-se que já teria feito 6.000 testes. Outros países também estão fazendo os seus testes, indicando que o próximo ano poderá dar ao problema uma definição categórica.

Por outro lado, o dr. Adair Eiras de Araújo informou também que 20 países já adotaram medida, no sentido de considerar "dopping" qualquer que seja a medicação ministrada a puro sangue inscrito para correr. O nosso País considera a medida drástica demais e, portanto, estuda a sua aplicação, em virtude principalmente das condições do tempo.

RESPONSÁVEL POR 16 HARAS

O dr. José Luiz Pinto Moreira, médico-veterinário que tem como "hobby" os cães, é especializado em cavalos puro sangue de corrida. Atualmente, é o responsável por 16 haras, a saber: Louveira, São Quirino, Tibagi, São Silvestre, Rosa do Sul, Calunga, Guaycara, Castelo, São Miguel Arcanjo, Pimar, Independência, São Lázaro, Capricornio, Santa Verônica, Albatroz e Estrela de Prata.

Ele supervisiona também os Haras Mondesir e Sideral em Bagé, Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que é diretor da Sociedade de Criadores e Proprietários de Cavalos de Corrida de São Paulo e diretor-membro do Conselho Técnico da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos de Corrida. É também membro nomeado da Comissão Nacional de Alto Nível Científico para a Equideocultura Nacional, do Ministério da Agricultura. ●



Marina Lezano

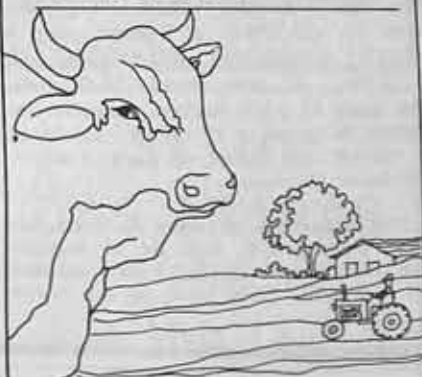
Onde está
o Criador, está a
**EDITORA DOS
CRIADORES**
com as
publicações

**REVISTA DOS
CRIADORES**

**ANUÁRIO DOS
CRIADORES**

**AGENDA DOS
CRIADORES E
AGRICULTORES**

**INFORMATIVO
RURAL,
TRABALHISTA
E FISCAL**



Os 8.500.000 quilômetros quadrados do território nacional tem cobertura da EDITORA DOS CRIADORES, que com suas publicações orienta os criadores como criar, como plantar, como administrar, e como vender.

48 anos

1930 - 1978

**A SERVIÇO DA
AGROPECUÁRIA**

**EDITORA DOS
CRIADORES**

Av. Pompeia, 1214 - Funchos B
C.E.P. 05022 - São Paulo
Tels. 62-5826 e 65-0116



CONTROLE PONDERAL

Durante o mês de setembro, o Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal, da Associação Brasileira de Criadores apresentou 130 animais. Desse total as fêmeas lideram (75). O número de raças controladas é de meia dúzia, ficando para a Santa Gertrudis a maior porcentagem (43%) do total controlado, seguida do Guzerá, Canchim, Schwyz, Charolês e Marchigiana. Texto de Walter C. Battiston.

Seis raças pesadas em setembro

Em grande atividade, o Serviço do Controle de Desenvolvimento Ponderal (SCDP) da Associação Brasileira de Criadores, apresentou 130 animais com pesagem encerrada no mês de setembro último. Foram 55 machos (42,30%) e 75 fêmeas pertencentes a 6 raças; com maior volume de gado destacando-se a raça Santa Gertrudis com 32 machos e 24 fêmeas, o que representa 43,00% do total controlado.

Em ordem decrescente aparecem a Canchim com 26 animais (20,00%) a Charolês com 4 animais (3,08%), a Guzerá com 29 (22,30%), a Schwyz com 9 (6,92%) e finalmente a Marchigiana com 6 (4,6%). Ao todo, foram 113 bovinos, dos quais 47 eram machos, mantidos em regime de pasto, e 17 outros, dos quais 8 machos, em regime de pasto e suplementação de ração.

Poucos exemplares, cerca de 9 machos e 25 fêmeas, num total de 34 animais que representam 26,1%, foram pesados até os 2 anos. Entre estes, os que maior

peso alcançaram foram os garrotes Ganhador Cubito Guzerá da S/A. Cortume Carioca, com 494 kg e Seiscentos e Noventa e Seis com 415 kg. Santa Gertrudis da Dena Sociedade Agropecuária Ltda., e as novilhas Dedeira da S.C., com 276 kg e Imperialista G.I., com 281 kg ambas Guzerá da S/A. Cortume Carioca.

RAÇA SANTA GERTRUDIS

Foram 56 os representantes da raça Santa Gertrudis, dos quais somente um garrote e uma novilha receberam trato e os quais não passaram da 3.ª pesagem. No lote dos que permaneceram no pasto, formado por 31 garrotes e 23 fêmeas, somente o citado Seiscentos e Noventa e Seis e Fileira da Estância, ambos da Dena Sociedade Agropecuária Ltda., chegaram à pesagem dos 2 anos.

A média de peso entre os machos foi de 178,8 kg, 276,9 kg, 444,9 kg para 205 dias, 365 dias e 550 dias, enquanto as fêmeas pesaram em média na mesma se-

quência 171,9 kg, 242,8 kg e 324,5 kg. Seiscentos e Noventa e Seis, nascido em agosto de 1976, foi o mais pesado, pesou 317 kg aos 365 dias, 353 kg aos 550 dias e 415 kg aos 730 dias.

Outros garrotes foram promissores, mas, infelizmente, não chegaram ao peso de 730 dias. Setenta e Um, com 304 kg, 419 kg, 574 kg e Setenta com 282 kg, 381 kg e 489 kg ambos de julho de 1976 e pertencentes a Fernando Muniz de Souza desportaram bastante. Outro bom garrote, com pesagem aos 205 dias com 280 kg e aos 550 dias com 489 kg foi Mr. Apache's D.3117 de Jorge Rudney Atalla.

Entre as novilhas, Fileira da Estância da Dena Sociedade Agropecuária Ltda., pesou 154 kg aos 205 dias, 202 kg aos 365 dias, 259 kg aos 550 dias e 274 kg aos 730 dias; ela é filha de Xangai e Elberta e nasceu com 40 kg em agosto de 1976. Bastante promissora foi Sesenta e Seis/Cento e Cinquenta e Seis da Fazenda Swift King Ranch Ltda. Ela nasceu em julho de 1976 com 34 kg e alcançou 191 kg, 251 kg e 379 kg.

SAL BOIADEIRO SAL MINERALIZADO - BOIADA

(RICO EM FÓSFORO E CÁLCIO)

Já preparado, não necessitando ser misturado - 3 fórmulas.



IRNE - COMPANHIA INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Administração Central: Av. Pres. Vargas, 4171 — 21.º and. — Tel. 244-3655 — Rio de Janeiro

Filial em São Paulo: Rua João Tibiriçá, 1020 — Telefones: 261-0133 - 260-9558 - 261-0909

Filiais: Santos — Cabo Frio — Goiânia — Campo Grande — Natal

chegando aos 2 anos. É filha de TSI-1-0/50 e FS-1-9/135. Além dos animais já comentados, destacaram-se na pesagem dos 205 dias Miss Overdraft 3116 de Jorge Rudney Atalla, com 242 kg e o garrote Sessenta e Seis Barra Oitenta e Dois, da King Ranch com 247 kg.

Recebendo ração o garrote 6553 de Alberto Emmanuel Whitaker, destacou-se bastante com 238 aos 205 dias e 400 kg aos 365 dias.

RAÇA CANCHIM

Dos 26 exemplares Canchim, que apresentam um total controlado, somente a novilha Marucha da Jangada 43 foi mantida em regime de suplementação de ração. Ao todo foram controlados 9 garrotes e 17 fêmeas, nenhum dos quais passou da pesagem dos 550 dias. A média de peso para os machos foi 184,7, 205,2, 236,0 kg e nas fêmeas 202,8, 261,1 e 278,1 kg. Destacaram-se com maior peso o garrote Falecimento Tabajara 322, com 181, 285 e 416 kg e a novilha Fadeja Tabajara com 223, 371 e 441 kg, respectivamente, aos 205, 365 e 550 dias, ambos pertencentes a Tabajara da Silva Firpo. Falecimento T. 322 nasceu com 39 kg em junho de 1976, é filho de R e Fatura. A novilha Fadeja Tabajara, que também é do mesmo mês, nasceu com 39 kg e é filha de R e Farrancha.

Bastante promissores foram os garrotes Rochedo Jaboti e Cebinho Jaboti, ambos nascidos em agosto de 1976 e alcançaram aos 205 dias 232 kg. Fadiga Tabajara, nascida em junho de 1976, alcançou 246 kg aos 205 dias, 280 kg aos 365 dias e 289 kg aos 550 dias. Na Fazenda Buracão Agrícola e Pecuária Ltda., Debabel do Buracão 095, nascida em agosto de 1976 com 42 kg, alcançou 220, 214 e 332 kg na mesma sequência. Recebendo ração na fazenda do Dr. José Mario Tavares de Oliva, Marucha da Jangada.

RAÇA GUZERÁ

Todos os 15 guzerás, 8 machos e 4 fêmeas foram mantidos na Fazenda da S/A. Cortume Carioca e pesados as 4 vezes. A média de peso para as novilhas em pasto foi de 110,8 kg, 174,0 kg, 236,9 kg e 237,0 kg, tendo se destacado Balancista G. SC-461, com 144, 189, 261 e 292 kg e Feijoca Futuro, com 141, 201, 254 e 271 kg, ambas nascidas em agosto de 1976. A 1.ª nasceu com 30 kg, filha de Ghalor I e Bala, enquanto Feijoca Futuro é filha de Futuro e Feijoadá e nasceu com 30 kg.

O único garrote foi Fronteiro Futuro-SC-477, nascido com 30 kg em agosto de 1976, é filho de Futuro e Fortuna e alcançou 108, 169, 235 e 272 kg. Recebendo ração, apresentaram-se 7 machos, com os

pesos médios de 119,7, 202,0, 272,7 e 349,9 kg e 7 fêmeas, com 126,0, 236,9, 308,4 e 246,9 kg. Destacaram-se com maior peso Ganhador Cubito, com 120, 277, 304 e 494 kg a novilha Imperialista G.I., com 165, 442, 366 e 281 kg, ambos nascidos em agosto de 1976. Ganhador Cubito, que nasceu com 28 kg, é filho de Cubito e Grandeza. Imperialista G.I. nasceu com 27 kg é filha de Ghalor I e Imperial.

RAÇA SCHWYZ

A Agro-Pecuária Suíça Brasileira, localizada em Campinas, vem cuidando de lotes de gado Schwyz visando ganho de peso e, neste mês, inscreveu 1 garrote e 9 fêmeas, todos em regime de pasto. A média de peso, para as novilhas, foi de 191,2, 286,6, 455,9, enquanto Elson E-100, único macho que pesou 273, 461 e 608 kg, aos 205, 365 e 550 dias respectivamente. As fêmeas mais pesadas foram Estrela E-101 com 199, 298 e 438 e Esotica E-97, com 326 kg aos 365 dias e 438 kg aos 550 dias. Ambas nasceram em junho de 1978. Elson-E-100 é filho de Delwin e Aurora e nasceu em junho com 36 kg.

RAÇA CHAROLÊS

Foram 4 os exemplares Charolês, todas fêmeas e mantidos em regime de pasto e representaram um total controlado. Firenze B.P., da Reflorestadora Brasileira S/A. foi a única a ser pesada as 4 vezes, essa é filha de Charonell Dragão e Estrada 7 Q Salomé nascida em setembro de 1976 com 38 kg alcançou 161, 208, 295 e 360 kg, respectivamente aos 205, 365, 550 e 730 dias. Prometendo bastante, Filadelfia B.P. pesou 174 aos 205 dias, 290 kg aos 365 dias e 393 kg aos 550 dias, na fazenda de Manoel Correa de Souza Neto. Ela é filha de Catão e Araguaia e nasceu com 43 kg em novembro de 1976.

RAÇA MARCHIGIANA

Foram 5 machos e uma fêmea os marchigianos que encerraram o controle. Somente o garrote Giarcone 036, da Bambozzi S/A. Máquinas Hidráulicas e Elétricas, não pertence à Liquifarm do Brasil S/A. Agropecuária.

A média de peso foi 225,6 kg aos 205 dias, 381,3 kg aos 365 dias, e 632,0 kg aos 550 dias, nenhum animal foi pesado aos 730 dias. O mais pesado foi Dionísio da Liquifarm nascido em junho de 1976 com 42 kg, e que alcançou 241 kg, 399 kg e 632 kg. Ele é filho de Boverino 6099 e Neve. A única fêmea, Dirce da Liquifarm, nascida em julho de 1976 com 39 kg alcançou 189, 348 e 480 kg, sendo filha de Boverino 020 e Mema.

FAZENDA DAS PAINEIRAS

criação de GADO CHAROLÊS PO E CANCHIM

VENDA PERMANENTE
DE REPRODUTORES



SÃO CARLOS - SP
ESTRADA DO BROA - KM 13
Telefones em São Paulo:
853-8759 e 34-5128

Proprietário:

Bento Pereira Bueno

SÍTIO DAS ARARAS

Prop. João Maia Cagnoni

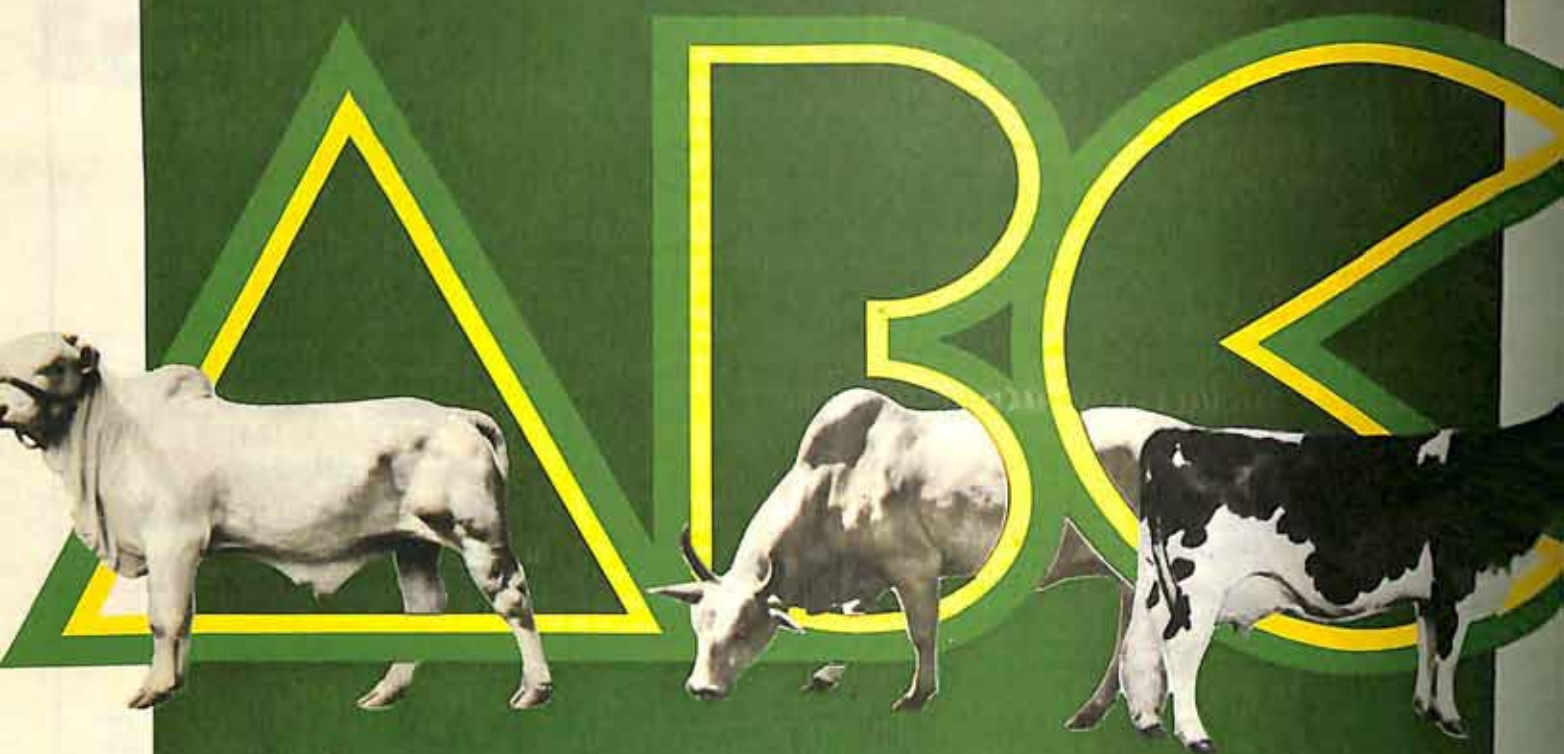
GADO HOLANDÊS
VERMELHO E BRANCO

Vendem-se novilhas PC e PO —
Também tourinhos PC e PO

Km 104 da rodovia Capitão Bardoine
(estrada que liga Bragança Paulista a
Socorro) — Dista 15 Km de Bragança
Paulista - Tem placa - Tel. 257-1958
- São Paulo (domingo, 2.ª e 3.ª feiras)



CINDERELA ROYAL SPRING FARM RED



Ferro, cobre, cobalto, manganês, zinco, iodo e cálcio, fórmula completa criada pelos técnicos da Associação Brasileira de Criadores, (ex- Associação Paulista de Criadores de Bovinos) para assegurar a fertilidade, a saúde e a lucratividade do rebanho, tanto de corte como de leite.

Adiciona-se ao sal comum, na proporção de 1 quilo para 60 quilos e, à ração, na quantidade de 2 gr. para cada litro de leite produzido.

Embalagens plásticas de 1 quilo.
Preço: 50,00 (1 quilo)

O ABC DA CRIAÇÃO DE GADO: SAIS MINERAIS CONCENTRADOS ABC

ABC ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
(ex- Associação Paulista de Criadores de Bovinos)

Rua Jaguaribe, 634 - Telefone: 826-3033 - CEP 01224 -
Caixa Postal 9194 - São Paulo - SP.



Associação Brasileira de Criadores

Fundada em 1926.

Reconhecida de Utilidade Pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811 de 20/10/58.
Registrada no Ministério da Agricultura sob o n.º 35, como Entidade Nacional.

A Associação Brasileira de Criadores, pelo seu Departamento Técnico, realiza em todo o País, em caráter oficial, por delegação do Ministério da Agricultura, os seguintes serviços:

- Serviço de Controle Leiteiro
- Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal
- ProCruza (Programa de Cruzamentos Dirigidos)
- Registro Genealógico
- Provas Zootécnicas

A Associação Brasileira de Criadores executa serviços técnicos, mediante Convênios ou Termos de Ajuste, para as seguintes entidades pecuárias:

- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa
- Associação Brasileira de Gado Schwyz
- Associação dos Criadores de Gado Jersey

- Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey
- Associação Brasileira de Santa Gertrudis
- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos Pitangueiras
- Associação Paulista de Criadores de Charolês
- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Canchim
- Associação Brasileira dos Criadores de Marchigiano
- Associação Nacional de Criadores (Pelotas, RS): Registro Genealógico e Provas Zootécnicas das raças:
 - Ayrshire
 - Flamenga
 - Normanda
 - Red Poll
 - Vermelha Dinamarquesa.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CRIADORES ("HERD BOOK COLLARES")

Rua Anchieta, 2043 - Tel.: 2-4576
96100 - Pelotas - RS
Presidente: Antonio Lourenço Rosas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA CANCHIM

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 65-4131 (PABX) 62-4619
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Francisco Jacintho da Silveira

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA HOLANDESA

Rua Monte Alegre, 1715 - Tels.: 262-0060 - 62-2011 - 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Joaquim Peixoto Rocha

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINOS PITANGUEIRAS

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Tel.: 65-4131 (PABX) 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Joseph Purgly

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE GADO GUERNSEY

Av. Presidente Vargas, 417 - sala 402
Tel.: 221-2065
20000 - Rio de Janeiro - RJ
Presidente: Custódio Almeida Cabral

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE MARCHIGIANO

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 65-4131 (PABX) 262-0098 - 05001 - São Paulo - SP
Presidente: Mário Gorla

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GADO JERSEY

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 65-4131 (PABX) - 262-0098
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Mário Lopes Leão

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GADO SCHWYZ

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tel.: 263-1825 - 05001
São Paulo - SP
Presidente: Carlos Cardoso de A. Amorim

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SANTA GERTRUDIS

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 65-4131 (PABX) - 263-1825
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Jorge Rudney Atalla

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE CHAROLÊS

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Pavilhão 4 - Tels.: 65-4131 (PABX) - 262-0098
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Manoel Correa de Souza Neto

Associação Brasileira de Criadores

Registrada no Ministério da Agricultura sob o n.º 35, como Entidade Nacional.

RESULTADOS DOS CONTROLES PRODUÇÃO LEITEIRA E DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

Toda a melhoria genética que possa resultar no aprimoramento qualitativo do rebanho nacional, é consequência direta dos serviços técnicos de:

- Controle Leiteiro
- Controle de Desenvolvimento Ponderal.

E de grande valia para a Pecuária Brasileira que o maior número de criadores se utilize desses serviços.

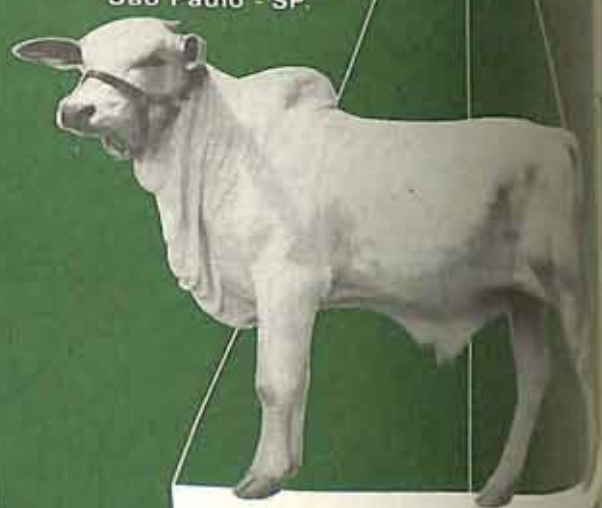
Animal controlado é sempre uma garantia para quem compra e para quem vende. Vale nos leilões. Alcança faixas de financiamento muito maiores nos estabelecimentos bancários oficiais.

Valorize o seu rebanho. Inscreva-o no Serviço de Controle Leiteiro ou no Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

Rua Jaguaribe, 634
Fone: 826-3033
Caixa Postal, 9194
São Paulo - SP.



Serviço de controle leiteiro

DESTAQUES

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca

MONJE ELENA CICERON IDEAL, Rg. HBB/425346, P.O. REPRODUTORA EMÉRITA com novo Livro de Escol, Pai/ MONJE CICERON QUANDTO DIABLA Rg. A-666000, mãe/ MONJE IDEAL LOCHINVAR BASSIE DORA Rg. B-057283.

5a4m	-	2x	-	6.998	-	229,6	-	3,28%
6a4m	-	2x	-	7.230	-	235,9	-	3,26%
7a5m	-	2x	-	7.884	-	290,3	-	3,68%
8a5m	-	2x	-	7.708	-	265,2	-	3,44%

Prop.: Fazenda Sta. Maria da Posse Agr. e Pastoral Ltda.

RAÇA HOLANDESA - variedade vermelha e branca

E.S. IVANDA K.BET DA SÃO SEBASTIÃO, Rg. HBB/BB-2509, P.O., REPRODUTORA EMÉRITA com novo Livro de Escol, Pai/LARRY MOORE KING BET, Rg. 19607, mãe/ E.S. ELEITA, HBB/BB1808.

2a1m	-	2x	-	3.320	-	143,6	-	4,32%
3a2m	-	2x	-	5.962	-	264,6	-	4,43%
4a4m	-	2x	-	6.935	-	289,6	-	4,12%
5a5m	-	2x	-	7.299	-	334,2	-	4,57%
6a7m	-	3x	-	8.535	-	351,3	-	4,11%
7a7m	-	3x	-	7.938	-	328,6	-	4,13%

Prop.: Dr. Eduardo Simonsen

E.S. LISETTE PIONEER DA SÃO SEBASTIÃO, Rg. HBB/BB-2809, P.O. REPRODUTORA EMÉRITA, com novo Livro de Escol, Pai/ LARRY MOORE PIONEER Rg. HBB/BA923, mãe/ E.S. FRAMBOESA, Rg. HBB/BB-1644.

2a2m	-	2x	-	5.150	-	186,5	-	3,62%
3a2m	-	2x	-	5.176	-	207,2	-	4,00%
4a2m	-	2x	-	6.349	-	238,2	-	3,75%
5a2m	-	3x	-	6.963	-	245,3	-	3,52%
6a2m	-	3x	-	6.441	-	219,1	-	3,40%

Prop.: Eduardo Simonsen

E.S. LETONIA PIONEER DA SÃO SEBASTIÃO, Rg. HBB/BB-2806, P.O. REPRODUTORA EMÉRITA, com Livro de Escol, Pai/LARRY MOORE PIONEER Rg. HBB/AA-923, mãe/ E.S. ESTRELA Rg. HBB/BB-1638

3a1m	-	2x	-	4.458	-	170,7	-	3,82%
4a3m	-	2x	-	6.168	-	240,0	-	3,89%
5a4m	-	2x	-	5.147	-	200,2	-	3,88%
6a4m	-	3x	-	6.319	-	217,0	-	3,43%

Prop.: Eduardo Simonsen

RAÇA SCHWYZ

MARINHA, Rg. 44897, POOD, REPRODUTORA EMÉRITA, com novo Livro de Escol.

7a4m	-	2x	-	4.587	-	185,1	-	4,03%
14a0m	-	2x	-	3.527	-	151,4	-	4,29%
15a1m	-	2x	-	3.523	-	145,0	-	4,11%
16a3m	-	2x	-	3.468	-	144,0	-	4,15%
17a4m	-	2x	-	3.710	-	159,5	-	4,29%

Prop.: Francisco Amarante Mendes

RAÇA GIR

SANTA CRUZ ALBA CACHIMBO, Rg. J-4838, R.E. REPRODUTORA EMÉRITA com novo Livro de Escol, Pai/ C.A. CACHIMBO Rg. A-902, mãe/ MONTE Rg. C-920.

4a4m	-	2x	-	4.195	-	250,6	-	5,97%
5a5m	-	2x	-	3.188	-	158,2	-	4,96%
6a7m	-	2x	-	4.130	-	224,8	-	5,44%
7a7m	-	2x	-	3.472	-	155,1	-	4,46%
8a8m	-	2x	-	3.936	-	182,0	-	4,62%

Props.: Drs. Manuel e José João Salgado Rodrigues dos Reis

C.A. ESCOPELA CURVELO, Rg. LX-2926, R.E. REPRODUTORA EMÉRITA, com novo Livro de Escol, Pai/ C.A. CURVELO, mãe/ C.A. SALINA

5a5m	-	2x	-	4.057	-	221,3	-	5,45%
6a7m	-	2x	-	4.354	-	274,5	-	6,30%
7a8m	-	2x	-	3.624	-	181,0	-	4,99%
8a9m	-	2x	-	3.748	-	187,3	-	4,99%

Props.: Drs. Manuel e José Salgado Rodrigues dos Reis

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS:

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca

A.F.FORTALEZA LAMPA, Rg. HBB/B34271, P.O., Pai/ PACIARAR BOOTHAKER RG. HBB/A11338, mãe/ A.F. FORTALEZA FABULA Rg.HBB/B21046, obteve "LE" aos:

2a8m	- 2x	- 6.847	- 249,2	- 3,63%
3a10m	- 3x	- 7.218	- 240,9	- 3,33%
4a9m	- 3x	- 6.865	- 235,8	- 3,43%

Prop.: Fazenda Fortaleza Ltda.

JANGADA HERANÇA DIAMON, Rg. HBB/B21030, P.O. Pai/DIAMOND SMR.BEAUTY BAVAR, Rg. HBB/A-6244, mãe/MARTINA'S SKYLINER FRONT ROW 3, HBB/B15608, obteve "LE" aos:

2a5m	- 2x	- 6.465	- 233,9	- 3,61%
8a4m	- 3x	- 8.081	- 314,8	- 3,89%
9a5m	- 3x	- 9.991	- 330,8	- 3,31%
10a6m	- 3x	- 10.273	- 328,8	- 3,20%

Prop.: Fernando Alencar Pinto S/A.

RUBI SEAMAN DO RANCHO ISA, Rg.HB/SP-50283, GC-3, Pai/ WESTSIDE A.B. SEAMAN Rg. HBB/A11016, mãe/ETRUSCA 173 GOLDEN DUKE S.RAFEL, Rg. HB/SP.40039, obteve "LE" aos:

2a0m	- 2x	- 5.283	- 173,6	- 3,28%
2a11m	- 2x	- 6.818	- 195,1	- 2,86%
4a0m	- 2x	- 8.793	- 255,3	- 2,90%

Prop.: Coml.Indl. e Agrícola I.A.D. Ltda.

MIRA SEAMAN GOLDEN DUKE DO RANCHO ISA, Rg.HB/SP-50280, GC-2, Pai/WESTSIDE A.B.SEAMAN Rg.HBB/A11016, mãe/ SÃO RAFAEL 155 ESPIA GOLDEN DUKE, Rg. HB/SP-35680, obteve "LE" aos:

2a4m	- 2x	- 6.171	- 206,0	- 3,33%
3a6m	- 2x	- 8.259	- 223,4	- 2,70%
4a7m	- 2x	- 10.631	- 268,1	- 2,52%

Prop.: Coml.Indl.e Agrícola I.A.D. Ltda.

SÃO RAFAEL 155 ESPIA GOLDEN DUKE, Rg. HB/SP-35680, GC-1, Pai/ SÃO QUIRINO L 18 DUKE FRONT ROW 8 Rg. 51379, mãe/FIO DE OURO ROSEIRA II, Rg. 39843, obteve "LE" aos:

6a9m	- 2x	- 7.241	- 230,6	- 3,18%
7a10m	- 2x	- 7.387	- 201,4	- 2,72%
8a10m	- 2x	- 8.156	- 235,2	- 2,88%

Prop.: Coml.Indl. e Agrícola I.A.D. Ltda.

WERCROFT MOORE DOREEN, Rg.HBB/B28974, P.O., Pai/ROYBROOK TELSTAR Rg. 288790, mãe/WERCROFT HISTORIC JESSIE Rg.1958308 obteve "LE" aos:

7a7m	- 2x	- 5.264	- 195,3	- 3,71%
8a7m	- 2x	- 6.210	- 203,4	- 3,27%
9a8m	- 2x	- 6.930	- 237,4	- 3,42%

Prop.: Comendador João da Silva

CADENCIA STANDART, Rg.HB/SP-50637, PCOC, Pai/SULBRA'S FLAMINGO LEADER Rg.HBB/A10998, mãe/ CASA BRANCA S.LUCIA. Rg. HB/SP-49646 obteve "LE" aos:

2a10m	- 2x	- 4.428	- 181,3	- 4,09%
3a11m	- 3x	- 6.448	- 250,9	- 3,89%
5a1m	- 2x	- 6.079	- 228,8	- 3,76%

Prop.: Cristiano dos Reis Meirelles Neto

CIMBA 2 R.MAPLE STA.HELENA, Rg.HB/SP-41335, PCOC,Pai/CITATION R.MAPLE, Rg. HBB/A11946, mãe/CIMBA DE STA.HELENA, Rg. HB/SP-17454, obteve "LE" aos:

3a1m	- 2x	- 5.330	- 170,0	- 3,19%
4a9m	- 2x	- 5.796	- 205,0	- 3,53%
5a11m	- 2x	- 5.449	- 195,1	- 3,58%

Prop.: Cia.Adm.Técnica e Agrícola ATAGRI

RAÇA GUERNSEY-

PAX ALIA GOLD BANNER DO ALTO, Rg.694, P.O., Pai/GOLD BANNER FLIGHT'S BILLY Rg. 577652, mãe/GOLD BANNER PRINCESS IVY Rg. 681, obteve "LE" aos:

3a6m	- 2x	- 5.245	- 241,1	- 4,59%
4a6m	- 2x	- 5.210	- 276,3	- 5,30%
6a5m	- 2x	- 4.532	- 210,1	- 4,63%

Prop.: Custódio Cabral de Almeida

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactação

Produção

Leite kg

Gord. kg

N.º

PROPRIETÁRIO

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos

Tania São José - 104	PO	7-6	36790	305	3.788	145,9	3,85	Olavo Barbosa
F.B.C. Salsa - 387	PO	6-4	45926	305	2.284	86,1	3,76	Paulo Nogueira Neto

RAÇA GIR

Três Ordenhas (3x)

CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos.

Mentira - M-072 - LE	NR	4-6	48794	266	3.928	164,9	4,19	Francisco F.Barretto
Modusa - M-065 -	NR	4-10	49934	305	2.788	120,8	4,33	Francisco F.Barretto

CLASSE D - De 5 a 6 anos.

Marmelada - M-052	NR	5-0	49931	305	2.507	123,1	4,90	Francisco F.Barretto
-------------------	----	-----	-------	-----	-------	-------	------	----------------------

CLASSE E - Adultas, de mais de 6 anos.

Inajarana de Brasília - M-97 -IM	RE	6-11	43026	305	4.467	203,4	4,55	Rubens Resende Peres
Iris de Brasília - O-520 -LE	RE	7-0	46211	266	3.730	175,9	4,71	Rubens Resende Peres
Goiabada	NR	9-10	33422	305	3.486	147,7	4,23	Francisco F.Barretto
Itaperuna - S-975	NR	7-11	42085	305	3.413	152,6	4,47	Francisco F.Barretto
Janta - J-011	NR	7-7	40392	305	3.363	163,8	4,87	Francisco F.Barretto
Inda -	NR	8-6	37918	305	3.349	145,5	4,34	Francisco F.Barretto
Cambugira -	NR	13-9	22555	305	3.291	162,5	4,93	Francisco F.Barretto
Landa - L-018	NR	6-5	42080	305	3.236	138,4	4,27	Francisco F.Barretto
Jujuba - J-027	NR	7-4	40646	305	2.962	140,7	4,75	Francisco F.Barretto
Dolência I-700	NR	12-11	21543	305	2.711	131,8	4,86	Francisco F.Barretto
Histórica	NR	9-5	36072	305	2.458	101,8	4,14	Francisco F.Barretto

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.

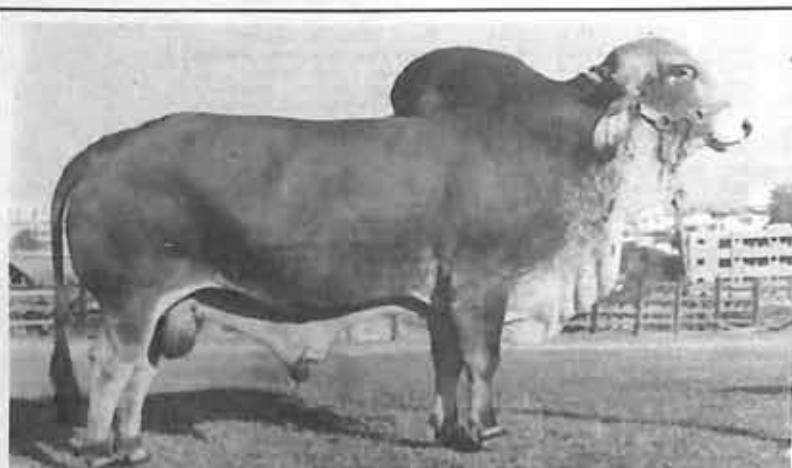
Brasília - LE	NR	4-1	49570	305	2.992	155,3	5,19	Arthur S.M.Filizzola
Ractarina - N-009	RE	4-5	49243	304	2.307	104,6	4,53	Francisco F.Barretto

CLASSE D - De 5 a 6 anos.

Mare - M-048	NR	5-0	49207	305	2.205	95,3	4,32	Francisco F.Barretto
--------------	----	-----	-------	-----	-------	------	------	----------------------

CLASSE E - Adultas, de mais de 6 anos.

Sta.Cruz Alta Cachimbo - J-4838 - LE	RE	8-8	32687	286	3.936	182,0	4,62	José J.S.R. dos Reis
Bolina - A/1455	RE	7-9	36706	305	3.782	157,3	4,16	Tasso Assunção Costa
C.A.Escopeta Curuelo -IX-2926 -LE	RE	8-9	34764	281	3.748	187,3	4,99	José J.S.R. dos Reis
Roxinha III - O-112 - IM	RE	8-11	37294	305	3.716	166,8	4,48	Tasso Assunção Costa
Dorça - I-5877	RE	8-0	50049	305	3.022	146,7	4,85	Miguel A.C.Caçaço
C.A.Partura - L-6649	RE	8-0	36143	294	2.505	114,3	4,56	Gabriela Oliveira Costa
Gaucha - L-8878	RE	-	49578	258	2.333	108,0	4,63	Arthur S.M.Filizzola
Espadilha - Cont.355	PC	8-10	50617	305	2.242	125,4	5,59	João Leite S.Perraz Jr.
Cencora - L-8867	RE	10-11	49573	233	2.183	112,1	5,13	Arthur S.M.Filizzola
Deista - B2009	PC	6-2	49422	240	2.169	93,4	4,30	Tasso Assunção Costa



IGUATU Reg. A-6163 — Grande Campeão na XVII Exposição de Gado Leiteiro em São Paulo. PRATINHA Reg. C-4436, mãe do IGUATU produziu 6.121 kg de leite em 365 dias — 4 LM — Categoria Longevidade. JAPÃO Reg. 4959 — pai do IGUATU — TOURO PROVADO — Média de suas filhas 1.195 kg de leite acima da média das mães.

Fazenda Brasília GIR LEITEIRO

PROPRIETÁRIO:
Rubens Resende Peres

Dados do S.C.L. da ABC

3 vacas com lactação acima de 6.000 kg
21 vacas com lactação acima de 5.000 kg
88 vacas com lactação acima de 4.000 kg
276 vacas com lactação acima de 3.000 kg

Praça José Peres, 10 — Tel. 115
End. Teleférico — GIRLEITE
SÃO PEDRO DOS FERROS - MG

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N° SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	ap	PROPRIETÁRIO
RAÇA NELORE								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE - E - Adultas, mais de 6 anos.								
Alaúia - P-2982	RE	7-5	46858	180	1.285	55,5	4,31	Gabriel Donato de Abirade
II DIVISÃO - Lactações até 365 dias.								
RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos.								
J.P.Hera - B/38411 - IM	PO	3-5	50270	365	6.959	260,1	3,73	Joaquim Peixoto Rocha
Nelyo'S Evelyn Rockman -B/40538 -IM	PO	3-4	50645	317	6.414	218,6	3,40	Manoel Pontes Neto
J.P.R. Honra - B/39011 - IM	PO	3-0	46587	330	6.006	216,5	3,60	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE BS - De 3 1/2 a 4 anos.								
Clinton Camp Lancer Sibyl-B/39912	PO	3-11	46659	342	5.493	161,0	2,93	Geraldo José Hass
CLASSE CJ - De 4 a 4 1/2 anos.								
Roland 2565 Seiling Babete -B/40343	PO	4-1	50304	323	5.778	214,8	3,71	Luiz Viscardi
CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos.								
Roland 2408 Prefect.Babete-B/40329	PO	4-9	50672	365	5.271	189,3	3,59	Luiz Viscardi
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos								
Coyne Farms Astro K.Fany-8013046-IM	PO	6-7	46148	365	14.463	520,0	3,59	Dr.Benedito José S.M.Pati
Farlane Astro N.Sweet P. - B/42169-IM	PO	5-4	46514	332	10.935	361,1	3,30	Faz.Portaleza Ltda.
Glenafon Lora Evelyn-B/28162	PO	9-1	31706	320	6.489	231,6	3,56	Manoel Pontes Neto
Estatua do Pau D'Alho -GBB/065	GBB	11-0	24548	339	6.198	216,6	3,49	Claudio V.Roberti
Arara 0053 Sorana -63355	31/32	5-5	50677	312	5.847	220,6	3,77	Luiz Viscardi
Arlete Safira 70 -B/29531	PO	7-7	36421	362	5.681	240,1	4,22	Manoel Alves de Castro
Atlantica 0057 Sorana- 63364	31/32	5-0	50678	312	5.260	160,3	3,04	Luiz Viscardi
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.								
Escalada da Prata - 67602 -IM	GC2	2-5	50235	339	6.604	247,7	3,75	Manoel Carlos Aranha
J.Receita 0140 Filão-B/41753 -IM	PO	2-3	50170	360	6.591	222,6	3,37	Fernando Alencar Pinto S/A.
J.Romanzinha Adelheid B- B/41784 -IM	PO	2-3	50173	362	6.414	213,5	3,32	Fernando Alencar Pinto S/A.
J.Redenção Judite Ult. B/41757 - IM	PO	2-5	50169	357	5.521	222,7	4,03	Fernando Alencar Pinto S/A.
Cincorro Boot.Venus -B/41267 - IM	PO	2-4	50361	365	5.327	205,2	3,85	Luiz Carlos M.Lassance
J.Rosinha Negrita I.Nar.Boot.B/41796-IM	PO	2-5	50167	352	5.238	189,0	3,60	Fernando Alencar Pinto S/A.
J.Rolau Luciano Emperor -B/41765 -IM	PO	2-3	50422	323	5.129	184,9	3,60	Fernando Alencar Pinto S/A.
Hiroshima Skokinson Rock. B/44840-IM	PO	2-5	50508	365	5.040	175,1	3,47	Benedito J.S.M. Pati
J.Ramara Guionar Monitor-B/41742-IM	PO	2-3	50423	365	4.788	180,7	3,77	Fernando Alencar Pinto S/A.
Soda Achilles S.S. -RAJ/459	GBB	2-2	50345	365	3.966	141,3	3,56	João Figueiredo Prota
Suzete Achilles S.S. -RAJ/291	GBB	2-4	50649	328	3.654	119,8	3,27	João Figueiredo Prota
C.A.B. Fragancia Marquis-B/29496	PO	2-5	50316	331	3.418	126,9	3,71	Colégio Adventista Brasileiro
CLASSE AS - De 2 1/2 a 3 anos.								
Guarap.Boot. Rabada - B/42248 - IM	PO	2-7	50264	338	7.086	245,3	3,46	Faz.Sta.Maria da Posse Ltda.
Vingança da Prata - 67607 -IM	PC	2-7	50236	365	6.869	255,8	3,72	Manoel Carlos Aranha
J.Rosinha Maruja Emp. - B/40722-IM	PO	2-7	50420	365	6.806	243,8	3,58	Fernando Alencar Pinto S/A.
J.Rosalina Janusa Cit.M. B/40711 -IM	PO	2-9	50165	365	6.266	189,0	3,01	Fernando Alencar Pinto S/A.
S.Q.Xalapa Quixote Taboca-B/40644 -IM	PO	2-7	50106	365	5.901	213,5	3,61	Pecuária Anhumas S/A.
Aquardente 13 Marcus SH -RAJ/385 -IM	GBB	2-6	50178	356	5.760	211,3	3,66	Cia.Adm.Tec.e Agric. Atagiri
S.Magica 109 Bootmaker - B/41611-IM	PO	2-9	49549	362	5.522	202,9	3,67	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Bisantina Rock.Star CAB -SP/75160-IM	PC	2-11	50449	365	5.332	196,8	3,69	Col.Adventista Brasileiro
S.Q.Vitoria Paclamar Ocada-B/40638-IM	PO	2-9	50108	365	5.128	201,7	3,93	Pecuária Anhumas S/A.
Cincorro Hercules Zeta-B/40226 -IM	PO	2-8	49954	362	5.020	192,5	3,83	Luiz Carlos Moraes Lassance
X-9 Paclamar P 34- RAJ/383 -IM	GBB	2-7	50105	365	4.946	179,1	3,62	Pecuária Anhumas S/A.
S.Q.Violeta Paclamar Quina-B/40636-IM	PO	2-8	50102	365	4.931	169,8	3,44	Pecuária Anhumas S/A.
SH.Martina 211 Marcus B/42503	PO	2-7	50410	365	4.738	145,9	3,07	Cia.Adm.Tec.Agric.Atagiri
Bonnie D.Pedro Emperor C.R. RAJ/317	GBB	2-9	50281	365	4.578	160,7	3,51	Claudio V.Roberti
J.Rajada Marselha Sensat.B/41740	PO	2-8	50731	311	4.461	159,4	3,57	Fernando Alencar Pinto S/A.
P.Alicorne Oxford Citation-B/40951	PO	2-9	50465	331	4.002	143,7	3,58	S.A.Faz. Paraíso Agro Pec.
Las Losas Rocky Sibila- 64691	PO	2-7	50629	329	3.839	129,2	3,36	João Saad e Sergio Sadi
Nico'S Lovita Africana-B/43290	PO	2-7	50206	328	3.626	137,2	1,78	Yakult S/A.Ind.Com.
Borboleta da Esplanada-74271	PC	2-11	50283	365	2.850	85,0	4,14	Agro Pec.Pravara S/A.
Libia da Esplanada - 74285	PC	2-10	50284	365	1.959	83,0	4,23	Agro Pec.Pravara S/A.
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos.								
Bueno Bootmaker Beça-B/40256-IM	PO	3-1	50252	365	9.755	349,6	3,58	Joaquim Bueno Neto
Reserva O.Verde - RAJ/394- IM	GBB	3-3	46646	317	6.230	184,4	2,96	João Figueiredo Prota
Cranadora 79 de Paraíba- 60399 -IM	PC	3-1	49551	362	5.625	207,5	3,68	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
S.S.Renuncia Capela -B/38839-IM	PO	3-2	46644	315	5.160	200,1	3,87	João Figueiredo Prota
Rebeca 89 de Paraíba- 60450 - IM	PC	3-1	49550	360	4.971	181,2	3,64	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Gelatina 3 Thornlea SH - 58974	PC	3-0	49400	307	4.841	172,1	3,55	Cia.Adm.Tec.Agr.Atagiri
Roland 2692 Thornlea Marcela-B/42804	PO	3-5	50533	312	4.144	138,5	3,34	Agropecuária Cesarino Ricci
C-26 do Castelo -SP/66142	GC1	3-3	50274	365	4.088	156,2	3,82	Faz.e Haras Castelo S/A.
R.V.Biriba - B/42194	PO	3-3	50282	327	3.640	136,9	3,76	Helio Moreira Salles
Climentia 59 de Paraíba- 60395	PC	3-4	50057	350	3.582	146,0	4,07	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Notavel Kate da Primavera- BA/0538	PC	3-5	44880	313	3.394	128,4	3,78	João José de Brito

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO			
Adema de Morada Nova - Borda 202 RVB - SP/72788		NR	9-8	34434	365	4.170	170,3	4,08	Flavio C.B.Gutierrez		
Guarita 3 Buttermilk SH- 78356		15/16	5-1	50016	362	4.060	151,6	3,73	Rubens V. de Brito		
Pan Reflec. Monarch Hester-B/33756		PC	6-4	40944	322	4.030	146,7	3,64	Cia.Adm.Tec.e Agr. Atagri		
Mineira RVB - SP/60700		31/32	5-5	50036	365	3.987	149,6	3,75	Waldir Junqueira de Andrade		
Elba S.H. 27592		PC	6-11	50015	359	3.910	146,9	3,75	Rubens V. de Brito		
Magnifica Royal da Primavera-BA/0531		OC1	14-9	24369	335	3.750	139,8	3,72	Cia.Adm.Tec.Agr. Atagri		
Maria Leticia 208 RVB - SP/72800		31/32	7-8	40795	365	3.726	148,5	3,98	João José de Brito		
Mina Royal da Primavera - BA/0512		OC1	8-8	50017	360	3.606	138,8	3,85	Rubens V. de Brito		
Laguna Adema 4 do B.Recreio-		NR	5-11	41501	365	3.455	147,0	4,25	João José de Brito		
			5-8	44628	365	3.418	131,9	3,85	Flavio C.B.Gutierrez		
RAÇA HOLANDESA - variedade vermelha e branca				Três ordenhas (3x)							
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos. Ossana Royal SS.ES - 55627- IM				OC2	3-5	46312	365	7.181	276,6	3,85	Eduardo Simonsen
CLASSE BS - De 3 1/2 a 4 anos. Greatholt Harriot -BB/3411 - IM				PO	3-11	45431	342	8.768	302,5	3,45	Amílcar Farid Yamin
CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos. E.S. Nobreza Wish S.S. - BB/3449 -IM				PO	4-7	41668	329	6.532	266,9	4,08	Eduardo Simonsen
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Estrela do Sul Insp. 69279- IM				PC	8-7	37434	313	10.050	355,4	3,53	João Passarelli
S.M.P.Priscilla Marquis Nod- GHB/247 -IM				GHB	6-1	39145	363	8.026	280,8	3,49	Antonio Carlos R.V. de Almeida.
C.Donacres Cit.Arlene Rod- LBB/248 - IM				PO	5-2	41315	365	7.744	280,2	3,61	Amílcar Farid Yamin
Opala Corona - 82267 - IM				PC	9-0	37727	323	7.300	252,0	3,45	Amílcar Farid Yamin
Delicada Corona-				NR	-	39284	337	7.040	240,6	3,41	Amílcar Farid Yamin
				Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE AJ - De até 2 1/2 anos. Luz Don de Meirelles - SP/5217 - IM				GC2	2-3	50210	365	4.785	172,8	3,61	Antonio Josino Meirelles
Marta Don de Meirelles- 7969 - IM				GC2	2-3	50209	347	4.334	162,9	3,75	Antonio Josino Meirelles
Charmosa Don de Meirelles-SP/4987				GC3	2-5	50543	310	3.875	141,8	3,65	Antonio Josino Meirelles
CLASSE AS - De 2 1/2 a 3 anos. Petala do Morro Verde - SP/81560 - IM				PC	2-11	50278	347	4.177	156,1	3,73	Fernando de Souza Toledo
Mug'S Neide Raman Paul - BB/3939 - IM				PO	2-8	49957	360	4.173	152,0	3,64	João Sylvio Magalhães
Ridgess Wood Cit R.Trixie- BB/3924				PO	2-7	49958	355	3.717	143,8	3,86	João Sylvio Magalhães
Cevada 29 Orion de M.Nova-				NR	2-9	50395	365	2.820	109,7	3,89	Flavio C.B.Gutierrez
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos. Beauty Majesty P.S.R. SP/59663				GC1	3-1	50286	347	3.621	143,7	3,96	Agro Pec.N.S. do Aspero S/A.
CLASSE BS - De 3 1/2 a 4 anos J.P.Rebeca Majestic de Sta.Inez-BB/3529IMPO					3-6	46177	327	7.984	274,2	3,43	João Passarelli
CLASSE CJ - De 4 a 4 1/2 anos. Nomeada Pioneer S.S.E.S. - 55622-IM				OC3	4-3	43049	323	5.397	217,4	4,02	Eduardo Simonsen
A.Domestica Sultan- BB/3542 - IM				PO	4-2	45802	365	4.949	192,5	3,88	João Procopio do Amaral
Andrea - 2134 - IM				15/16	4-4	51025	365	4.858	183,5	3,77	João Dutra Bayão
Greatholt Diamond 2 ND -BB/4249				PO	4-0	50255	347	4.230	158,4	3,74	Sylvio Lima Marinho
Roseira'S Jordanea - BB/3280 - IM				PO	4-5	46321	365	3.918	188,6	4,81	João José de Brito
CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos. Alegria Roeland da Bahia -BA/0820				GC3	4-10	55519	363	2.963	106,4	3,59	João José de Brito
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Pitanga R. de Marambaia- GHB/036- IM				GHB	12-7	20632	360	8.787	321,4	3,65	João Sylvio Magalhães
Quiboa Corona- 82266 - IM				PC	8-2	37732	308	6.490	237,1	3,65	João Passarelli
Ortholm Polly Attrac.Red- LBB/181- IM				PO	7-8	37223	336	6.036	238,1	3,94	Rodolpho Figueira de Mello
Wynn Homestead Cat S.Red -8209895 - IM				PO	5-5	41265	363	6.029	214,9	3,56	João Sylvio Magalhães
Elena de São Simão - 51401 - IM				GC1	6-4	39450	329	5.363	187,3	3,49	Antonio de Toledo L Neto
Brigitte - 56385 -IM				PC	10-2	50280	319	5.104	196,6	3,85	Fernando de Souza Toledo
Jarrinha Hendrik Sta.Cruz - 65350 -IM				PC	8-9	35025	356	4.972	195,8	3,93	Fernando José Santos
Mug'S Royal R. S.Quenia- BB/3057				PO	5-4	42603	354	3.989	145,5	3,64	João Sylvio Magalhães
Marta Transmitter de S.C. - 75538				GC3	6-9	37745	365	3.875	156,3	4,03	Fernando José Santos
Jardineira Volta Mando V JB- 5422				PC	10-2	27950	319	3.856	155,0	4,02	Urbano Junqueira de Andrade
Moderna Maquim - 6409				PC	6-11	45742	320	3.438	154,2	4,48	Jorge da Rocha Camargo
RAÇA JERSEY				Duas ordenhas (2x)							
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. S.A.Cristal 49 Sovereign- 7846-C-IM				PO	9-3	34899	365	5.749	237,9	4,13	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
S.A.Domitilla 39 Marlu - 8101-C- IM				PO	-	42461	365	5.408	224,4	4,15	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
S.A.Gilda 29 Wiseman- 7581-C- IM				PO	9-5	35923	365	4.836	210,2	4,34	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
S.A. Nica 49 Navio- 8202 -C- IM				PO	7-0	33358	365	4.595	207,7	4,82	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Abadessa do Sta.Helena- 399/64- IM				PC	8-6	46972	318	4.595	207,7	4,82	Vasco M. Soares Arantes e Paulo H. Henriques
S.A.Bina 29 Sovereign - 7839-C -IM				PO	8-6	39973	365	3.817	179,0	4,68	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
S.A.Ordina 29 Cantor - 8030-C				PO	7-10	39291	337	3.606	174,4	4,83	Faz.Sant'Ana do Rio Abaixo S/A.
Eugénia Generator -				NR	-	46598	323	3.266	156,6	4,79	Albino Malzone
RAÇA SCHWYZ				Três Ordenhas (3x)							
CLASSE D Adultas de mais de 5 anos. E.S.Stretchy Lilia - 5631 -IM				PO	5-9	50115	347	7.789	284,9	3,65	Amílcar Farid Yamin

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	Nº SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO	
					Leite kg	Gord. kg			
Duas ordenhas (2x)									
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos. B.C.America Chip's Paul I - 5774	PO		2-10	50450	318	3.469	117,1	3,37	Benedito Portugal Rennó
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos. Alga do Pinheiro - 6091	PO		3-0	50238	328	2.541	101,9	4,01	Esc.Sup.de Agr.Luiz de Queiroz
CLASSE BS - De 3 1/2 a 4 anos. Iena da Calciolandia- Cont.49	3/4		3-6	50656	328	3.077	150,6	3,88	Gabriel Donato de Andrade
Brigitt do Principe Universe S.M.- 5393PO	PO		3-7	50222	365	3.413	142,4	4,17	Cia.Agro Pec.Sta.Madalena
CLASSE CJ - De 4 a 4 1/2 anos. Colina - 78	PC		4-5	50151	331	3.454	130,0	3,76	Tasso Assunção Costa
Duas ordenhas (2x)									
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. B.C.Itajai Alaric I - BGS/4982-IM	PO		5-2	46637	334	6.609	220,1	3,33	Giovani Branquinho Grossi
Papoula Raja de Sta.Madalena- 4666- IM	PO		7-3	36191	330	5.373	205,1	3,81	Cia.Agro Pec.Sta.Madalena
Amurama - 0995 - IM	PC		11-0	49795	365	5.369	226,4	4,21	Tasso Assunção Costa
Alegria Ruby de Sta.Madalena- 72389 -IM PC	PC		7-1	36054	344	5.298	205,0	3,86	Cia.Agro Pec.Sta.Madalena
Cravina Norvick de Sta.Madalena- 4467-IM PO	PO		8-5	34724	350	4.944	190,3	3,84	Cia.Agro Pec.Sta.Madalena
V.B.Banco Craveira - 4913 -IM	PO		6-0	39359	365	4.632	159,6	3,93	Cia.Agro Pec.Sta.Madalena
B.C. Iolanda-	NR		-	44681	320	4.605	185,2	4,02	Benedito Portugal Rennó
Cinza da Aliança - 72620 - IM	15/16		7-4	45593	365	4.295	177,4	4,13	Francisco Amarante Mendes
Miranda de Sta.Madalena- 74688	15/16		8-6	39361	314	4.013	148,7	3,70	Cia.Agro Pec.Sta.Madalena
Legitima - 2320 -	31/32		7-1	50147	330	3.934	160,7	4,08	Tasso Assunção Costa
Laranja - 1437	PC		10-3	50156	320	3.904	153,0	3,91	Tasso Assunção Costa
Mary Norvick de Sta.Mad. 4560	PO		7-5	35697	362	3.861	160,9	4,16	Cia.Agro Pec.Sta.Madalena
Serrana - 1504	PC		9-9	50138	313	3.859	151,8	3,91	Tasso Assunção Costa
Singapura Pract. de Sta.Mad. 4890	PO		5-6	41187	365	3.729	160,1	4,29	Cia.Agro Pec.Sta.Madalena
Portuguesa - 1220	PC		-	50140	365	3.655	142,9	3,91	Tasso Assunção Costa
Katia de Dourado - 47973	PC		13-6	26766	350	3.498	140,6	4,01	Francisco Amarante Mendes
Rama 2362	PC		7-9	46145	365	3.406	144,1	4,23	Tasso Assunção Costa
Gironda Raja de Sta.Mad. 71227	PC		7-3	38509	319	3.387	131,2	3,87	Cia.Agro Pec.Sta.Madalena
Varginha de Sta.Madalena- 74652/96	15/16		7-3	39247	365	3.221	137,7	4,27	Cia.Agro Pec.Sta.Madalena
Duas ordenhas (2x)									
RAÇA DINAMARQUESA									
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos. Tania São José - 104	PO		7-6	36790	365	4.328	167,2	3,86	Olavo Barbosa
F.B.C. Salsa - 387	PO		6-4	45926	328	2.293	87,7	3,82	Paulo Nogueira Neto
Três Ordenhas (3x)									
RAÇA GIR									
CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos. Meduza - M-065	NR		4-10	49934	365	3.033	134,9	4,44	Francisco F.Barretto
CLASSE D - De 5 a 6 anos. Marmelada - M-052	NR		5-0	49931	365	2.768	137,0	4,95	Francisco F.Barretto
CLASSE E - Adultas, de mais de 6 anos Inajarana de Brasília - N-97 - IM	RE		6-11	43026	365	4.875	226,1	4,63	Rubens Resende Peres
Goiabada	NR		9-10	33422	365	3.845	166,7	4,33	Francisco F.Barretto
Janta - J-011	NR		7-7	40392	347	3.612	177,4	4,91	Francisco F.Barretto
Itaperuna - S 975	NR		7-11	42085	336	3.601	161,8	4,49	Francisco F.Barretto
Camuquira - 3/36	NR		13-9	22555	365	3.549	177,6	5,00	Francisco F.Barretto
Inda -	NR		8-6	37918	310	3.404	147,9	4,34	Francisco F.Barretto
Landa L-018	NR		6-5	42080	318	3.374	144,3	4,27	Francisco F.Barretto
Jujuba - J027	NR		7-4	40646	365	3.127	140,9	4,82	Francisco F.Barretto
Dolência - I-700	NR		12-11	21543	365	2.963	145,2	4,90	Francisco F.Barretto
Histórica	NR		9-5	36072	330	2.493	103,9	4,16	Francisco F.Barretto
Duas Ordenhas (2x)									
CLASSE D - De 5 a 6 anos Maré - M-048	NR		5-0	49207	353	2.371	110,2	4,64	Francisco F.Barretto
CLASSE E - De mais de 6 anos. Bolina - A/1455 -IM	RE		7-9	36706	365	4.312	179,1	4,15	Tasso Assunção Costa
Roxinha III - O-112 - IM	RE		8-11	37294	359	4.166	185,5	4,45	Tasso Assunção Costa
Dorca - I-5877 -IM	RE		8-0	50049	365	3.443	172,8	5,01	Miguel A.C.Caçoado
Espadilha - Cont.355	PC		8-10	50617	310	2.279	127,4	5,59	João Leite Sampaio Ferraz Jr.

IM -LIVRO DE MÉRITO
LE -LIVRO DE ESCOL

Resultados Parciais de Controle

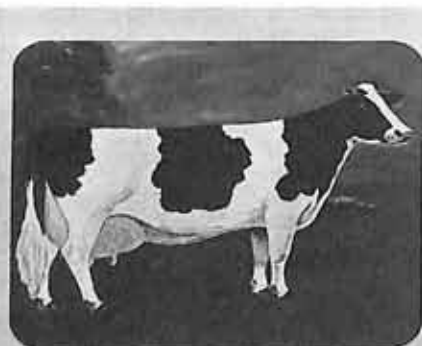
NOME DO ANIMAL	Grau do ano	Idade em meses	Condição de leite	% de lactação	NOME DO ANIMAL	Grau do ano	Idade em meses	Condição de leite	% de lactação
BACIA SUL-AMERICANA - variedade preta e branca.									
Mil Agro Comercial Ltda, Lins, SP, Est. de Minas Gerais, Controle em 17/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.									
Bolado 1111 Lado Mes	PO	5-1	83	234	21,0	3,75			
Bolado 1414 Infestação Ivanhoe	PO	5-0	86	187	17,0	1,60			
Mil 11 Glenora Charmosa	PO	2-11	19	31	23,0	3,84			
Mil 11 Crestar Caravela	PO	2-9	19	10	23,0	4,10			
Agrícola e Pastoral Faz. Guayara Ltda, Jaquaruna, Est. S. Paulo, Controle em 20/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.									
Indústria da Guayara	PCOD	5-10	40	87	14,0	3,91			
Indústria da Guayara	PCOD	5-10	40	87	14,0	2,20			
Indústria da Guayara	PCOD	7-9	29	88	14,0	3,54			
Indústria da Guayara	PCOD	6-1	40	163	15,0	1,32			
Indústria da Guayara	PCOD	6-1	40	163	15,0	2,86			
Indústria da Guayara	PCOD	6-1	40	163	15,0	3,33			
Indústria da Guayara	PCOD	3-11	50	122	14,0	4,68			
Indústria da Guayara	PCOD	3-11	50	122	14,0	5,45			
Indústria da Guayara	PCOD	3-11	50	122	14,0	2,72			
Agrícola e Pastoral Faz. Guayara Ltda, Jaquaruna, Est. S. Paulo, Controle em 19/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.									
Indústria Agrícola	OC2	6-0	40	188	22,0	3,54			
Indústria Agrícola	OC2	6-0	40	188	22,0	3,54			
Indústria Agrícola	OC2	7-9	30	86	20,0	2,58			
Indústria Agrícola	OC2	6-4	30	77	20,0	2,58			
Indústria Agrícola	OC2	7-6	30	82	24,0	2,83			
Indústria Agrícola	OC2	6-4	30	105	21,0	3,01			
Indústria Agrícola	OC2	6-0	30	98	19,0	3,17			
Indústria Agrícola	OC2	4-10	40	117	23,0	3,25			
Indústria Agrícola	OC2	7-1	40	117	23,0	3,25			
Indústria Agrícola	OC2	9-6	40	120	22,0	2,95			
S/A. Faz. Paraíso Agro Pec. S. João da Boa Vista, Est. S. Paulo, Controle em 21/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.									
P. Oliveira Ruyter	PO	11-4	30	77	20,0	5,23			
P. Vangelia Astronaut	PO	4-11	30	78	24,0	3,09			
P. Vangelia Rondon	PO	2-11	30	80	15,0	1,76			
P. Vangelia Lúcia	PO	4-0	30	80	23,0	1,63			
P. Vangelia Rondon do Paraíso	OC2	11-1	30	81	10,0	1,13			
P. Vangelia Rondon	PO	4-11	30	84	20,0	3,44			
P. Vangelia Rondon	PO	4-6	30	88	17,0	2,91			
P. Vangelia Rondon	PO	7-6	30	88	16,0	3,61			
P. Vangelia Rondon	PO	4-4	30	91	20,0	3,54			
P. Vangelia Rondon	PO	10-10	30	93	10,0	3,30			
P. Vangelia Rondon	PO	4-2	30	95	24,0	3,58			
P. Vangelia Rondon	PO	6-9	30	98	20,0	3,44			
P. Vangelia Rondon	PO	7-5	30	101	27,0	3,38			
P. Vangelia Rondon	PO	8-11	30	104	18,0	3,73			
P. Vangelia Rondon	PO	12-10	30	107	15,0	3,73			
P. Vangelia Rondon	PO	4-1	30	107	16,0	3,47			
P. Vangelia Rondon	PO	4-0	30	111	18,0	3,45			
P. Vangelia Rondon	PO	3-9	30	111	18,0	3,69			
P. Vangelia Rondon	PO	7-5	30	115	19,0	3,45			
P. Vangelia Rondon	PO	4-7	30	117	18,0	3,50			
P. Vangelia Rondon	PO	8-8	30	118	25,0	3,45			
P. Vangelia Rondon	PO	10-6	30	120	21,0	3,52			
P. Vangelia Rondon	PO	5-1	30	121	20,0	3,68			
P. Vangelia Rondon	PO	6-10	30	126	24,0	3,54			
P. Vangelia Rondon	PO	7-0	30	129	21,0	4,05			
P. Vangelia Rondon	PO	11-2	30	132	23,0	3,11			
P. Vangelia Rondon	PO	7-9	40	93	17,0	3,86			
P. Vangelia Rondon	PO	9-1	40	93	26,0	3,58			
P. Vangelia Rondon	PO	2-11	40	104	19,0	3,33			
P. Vangelia Rondon	PO	3-10	40	104	15,0	3,37			
P. Vangelia Rondon	PO	3-10	40	106	23,0	3,63			
P. Vangelia Rondon	PO	7-5	40	106	17,0	3,46			
P. Vangelia Rondon	PO	10-0	40	107	30,0	3,69			
P. Vangelia Rondon	PO	4-10	40	116	18,0	3,80			
P. Vangelia Rondon	PO	10-9	40	117	21,0	3,74			
P. Vangelia Rondon	PO	7-6	40	119	19,0	3,55			
P. Vangelia Rondon	PO	10-3	40	123	19,0	3,74			
P. Vangelia Rondon	PO	6-1	40	130	18,0	3,62			
P. Vangelia Rondon	PO	8-1	50	127	32,0	3,67			
P. Vangelia Rondon	PO	5-3	50	137	26,0	3,37			
P. Vangelia Rondon	PO	4-0	50	147	19,0	3,29			
P. Vangelia Rondon	PO	3-11	50	149	17,0	3,93			
P. Vangelia Rondon	PO	6-5	50	143	16,0	3,23			
P. Vangelia Rondon	PO	6-5	50	152	23,0	3,37			
P. Vangelia Rondon	PO	8-5	50	153	23,0	3,55			
P. Vangelia Rondon	PO	6-4	50	154	18,0	3,60			
P. Vangelia Rondon	PO	9-2	60	146	15,0	3,47			
P. Vangelia Rondon	PO	8-11	60	170	27,0	3,12			
P. Vangelia Rondon	PO	5-0	60	174	62,0	3,62			
P. Vangelia Rondon	PO	6-18	60	179	15,0	3,54			
P. Vangelia Rondon	PO	7-9	60	180	20,0	3,11			
P. Vangelia Rondon	PO	8-10	60	187	22,0	3,60			
P. Vangelia Rondon	PO	8-6	70	202	16,0	3,36			
P. Vangelia Rondon	PO	7-7	70	209	18,0	3,54			
P. Vangelia Rondon	PO	8-2	80	214	17,0	3,76			
P. Vangelia Rondon	PO	9-5	70	214	15,0	3,76			
P. Vangelia Rondon	PO	12-8	90	216	16,0	4,01			
P. Vangelia Rondon	PO	3-10	90	218	15,0	3,50			
P. Vangelia Rondon	PO	8-1	80	233	15,0	3,64			
P. Vangelia Rondon	PO	10-6	100	289	16,0	4,59			
P. Vangelia Rondon	PO	2-9	110	295	16,0	4,03			
P. Vangelia Rondon	PO	4-6	110	295	15,0	4,40			
P. Vangelia Rondon	PO	10-1	20	57	17,0	3,40			
P. Vangelia Rondon	PO	4-4	20	58	20,0	3,16			
P. Vangelia Rondon	PO	9-6	20	60	21,0	3,08			
P. Vangelia Rondon	PO	7-8	20	62	32,0	3,64			
P. Vangelia Rondon	PO	9-4	20	62	20,0	3,24			
P. Vangelia Rondon	PO	9-4	20	63	22,0	3,36			
P. Vangelia Rondon	PO	10-1	30	64	21,0	3,64			
P. Vangelia Rondon	PO	8-8	30	64	17,0	3,63			
P. Vangelia Rondon	PO	3-3	30	64	18,0	3,10			
P. Vangelia Rondon	PO	4-1	30	64	20,0	3,48			
P. Vangelia Rondon	PO	7-5	30	67	30,0	3,60			
P. Vangelia Rondon	PO	6-5	30	70	29,0	3,28			
P. Vangelia Rondon	PO	10-0	30	73	21,0	3,30			
P. Vangelia Rondon	PO	3-2	30	73	16,0	3,38			
P. Vangelia Rondon	PO	3-10	30	73	21,0	3,25			
P. Vangelia Rondon	PO	7-4	10	5	29,0	3,38			
P. Vangelia Rondon	PO	6-4	10	10	20,0	3,26			
P. Vangelia Rondon	PO	8-11	10	15	19,0	3,46			
P. Vangelia Rondon	PO	3-11	10	16	20,0	3,39			
P. Vangelia Rondon	PO	3-3	10	13	17,0	3,43			
BACIA SUL-AMERICANA - variedade preta e branca.									
Mil Agro Comercial Ltda, Lins, SP, Est. de Minas Gerais, Controle em 17/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.									
Bolado 1111 Lado Mes	PO	5-1	83	234	21,0	3,75			
Bolado 1414 Infestação Ivanhoe	PO	5-0	86	187	17,0	1,60			
Mil 11 Glenora Charmosa	PO	2-11	19	31	23,0	3,84			
Mil 11 Crestar Caravela	PO	2-9	19	10	23,0	4,10			
Agrícola e Pastoral Faz. Guayara Ltda, Jaquaruna, Est. S. Paulo, Controle em 20/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.									
Indústria da Guayara	PCOD	5-10	40	87	14,0	3,91			
Indústria da Guayara	PCOD	5-10	40	87	14,0	2,20			
Indústria da Guayara	PCOD	7-9	29	88	14,0	3,54			
Indústria da Guayara	PCOD	6-1	40	163	15,0	1,32			
Indústria da Guayara	PCOD	6-1	40	163	15,0	2,86			
Indústria da Guayara	PCOD	6-1	40	163	15,0	3,33			
Indústria da Guayara	PCOD	3-11	50	122	14,0	4,68			
Indústria da Guayara	PCOD	3-11	50	122	14,0	5,45			
Indústria da Guayara	PCOD	3-11	50	122	14,0	2,72			
Agrícola e Pastoral Faz. Guayara Ltda, Jaquaruna, Est. S. Paulo, Controle em 19/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.									
Indústria Agrícola	OC2	6-0	40	188	22,0	3,54			
Indústria Agrícola	OC2	6-0	40	188	22,0	3,54			
Indústria Agrícola	OC2	7-9	30	86	20,0	2,58			
Indústria Agrícola	OC2	6-4	30	77	20,0	2,58			
Indústria Agrícola	OC2	7-6	30	82	24,0	2,83			
Indústria Agrícola	OC2	6-4	30	105	21,0	3,01			
Indústria Agrícola	OC2	6-0	30	98	19,0	3,17			
Indústria Agrícola	OC2	4-10	40	117	23,0	3,25			
Indústria Agrícola	OC2	7-1	40	117	23,0	3,25			
Indústria Agrícola	OC2	9-6	40	120	22,0	2,95			
S/A. Faz. Paraíso Agro Pec. S. João da Boa Vista, Est. S. Paulo, Controle em 21/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.									
P. Oliveira Ruyter	PO	11-4	30	77	20,0	5,23			
P. Vangelia Astronaut	PO	4-11	30	78	24,0	3,09			
P. Vangelia Rondon	PO	2-11	30	80	15,0	1,76			
P. Vangelia Lúcia	PO	4-0	30	80	23,0	1,63			
P. Vangelia Rondon do Paraíso	OC2	11-1	30	81	10,0	1,13			
P. Vangelia Rondon	PO	4-11	30	84	20,0	3,44			
P. Vangelia Rondon	PO	4-6	30	88	17,0	2,91			
P. Vangelia Rondon	PO	7-6	30	88	16,0	3,61			
P. Vangelia Rondon	PO	4-4	30	91	20,0	3,54			
P. Vangelia Rondon	PO	10-10	30	93	10,0	3,30			
P. Vangelia Rondon	PO	4-2	30	95	24,0	3,58			
P. Vangelia Rondon	PO	6-9	30	98	20,0	3,44			
P. Vangelia Rondon	PO	7-5	30	101	27,0	3,38			
P. Vangelia Rondon	PO	8-11	30	104	18,0	3,73			
P. Vangelia Rondon	PO	12-10	30	107					

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade do animal em meses	Con-trole de lactação	Dias de leite	%
Fredonia da Mo... Holandra Katlen	PCOC PO	5-4 4-2	29 10	34 17	17,0 17,0
Christianos dos Reis Meirelles Netto, São Simão, Est. São Paulo, Controle em 5/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
3 ordenhas					
Holandra de Sta. Lucia	PCOC	9-8	19	19	19,0
Draga de Sta. Lucia	PCOC	12-1	49	113	22,0
Quadra de Sta. Lucia	PCOC	11-0	49	115	19,0
Garela de Sta. Lucia	GC1	8-5	49	110	21,0
Diadui Standart	GHB	8-2	49	82	26,0
Janaina Standart	GHB	6-3	49	114	23,0
Cultura Aguardo Standart	PCOC	9-5	39	68	24,0
2 ordenhas					
Saudade Soneto Standart	PCOC	6-7	49	119	17,0
Amizade Presidente Standart	PCOC	10-0	59	133	18,0
Camelia de Sta. Lucia	PCOC	9-7	69	161	17,0
Camelia Standart	GHB	7-4	19	11	15,0
Oitava Tostão Standart	PCOC	5-11	49	82	15,0
Catrola Deliduo Standart	PCOC	5-8	19	5	16,0
Baviera Standart	GC2	4-11	19	10	15,0
Guilherme e Decio M. Ribeiro, Esp. St.9 do Pinhal, Est. São Paulo, Controle em 26/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Leme's Feminina Royal Red	PO	4-1	39	91	18,0
Leme's Famosa C. Robaron	PO	4-4	39	66	24,0
Leme's Coca Ridgewood Citation	PO	7-1	39	64	25,0
Leme's Dad's Jack's Wish	PO	6-3	19	18	21,0
Leme's Quaira N. Transmitter	PO	3-3	19	1	15,0
Bernadete Pioneer Leme	GC1	7-11	109	2,7	16,0
Leme's Fidalga D. Hirsch	PO	4-1	99	245	16,0
Emiliana Duallyn Hirsch Leme	GC1	4-7	99	253	13,0
Emerald Duallyn N. Leme	GC4	4-9	89	210	13,0
Leme's Eleiza J. Wish	PO	5-1	89	210	13,0
Dracena D. Hirsch Leme	GC4	5-5	89	233	19,0
Fernanda P. Robaron Leme	GC2	3-11	89	222	15,0
Leme's Diamantina J. Wish	PO	4-5	79	191	17,0
Leme's Gola Duallyn Hirsch	PO	3-2	79	189	17,0
Leme's Flauta Captain's Robaron	PO	4-1	69	174	17,0
Leme's Garça C. Rebel	PO	3-1	69	153	15,0
Leme's Cristina S. Royal Red	PO	7-2	69	162	18,0
Clara Citation T. Leme	GC4	4-6	49	89	19,0
Leme's Emoção D. Hirsch	PO	5-3	39	89	18,0
Esmeraldino Antunes Barreira, Pedreiras, Est. São Paulo, Controle em 26/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
S.N. Krona Centurion	PO	6-5	29	52	10,0
S.N. Jacatunga III Centurion	PO	7-1	29	67	29,0
S.N. Candonga III Ilustre Pabst	PO	4-11	19	18	25,0
Fausto T. Martins Filho, Batataia, Est. São Paulo, Controle em 12/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Serrinha 140 P.S.G.	GC1	7-9	19	2	21,0
Lady Hollow Red S.N. Paraiso	GHB	4-10	49	111	20,0
Vitória 136 P.S.G.	GC1	7-5	29	85	14,0
Bacardi 709 P.S.G.	GC1	3-2	29	84	22,0
Magnata 112 P.S.G.	GC1	8-3	19	3	22,0
Itaito	---	---	19	19	20,0
João Passarelli, Itaquaquecetuba, Est. São Paulo, Controle em 11/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
J.F. Denholia R.S. Inez	GHB	3-10	49	166	23,0
J.P. Beilarina Pegasus R.S. Inez	GHB	3-2	29	119	24,0
J.P. Bopriar Pegasus R.S. Inez	GHB	2-11	59	139	14,0
J.P. Arpentina Pegasus R.S. Inez	PO	3-9	49	144	17,0
Camanducaia Corona	PCOB	6-0	29	118	17,0
Naranath Jennifer Transmitter	PO	3-7	59	234	19,0
J.P. Romina Royal Red S. Inez	PO	7-4	29	113	21,0
Solange Marquis Ned S.M.P.	GHB	5-11	49	139	14,0
Bananada Jemina Lider	PO	4-3	29	98	14,0
Velma	PO	4-10	59	139	13,0
J.P. Cacimba M. Red Sta. Inez	PO	1-11	49	144	14,0
J.P. Cacimba Royal S. Inez	GHB	1-11	49	144	14,0
Esp. Sup. de Agric. Luiz de Queiroz, Piracicaba, Est. São Paulo, Controle em 04/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Tijoca S.C.	GC2	8-11	79	205	11,0
Lontra Esalq	PCOC	6-1	69	181	12,0
Londa Esalq	PC	6-2	19	14	24,0
Pedrita Downland Esalq	PC	2-7	19	11	13,0
Fernando de Souza Toledo, Jaquaruí, Est. São Paulo, Controle em 11/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Viola do Morro Verde	31/32	5-8	49	112	18,0
Franga do Morro Verde	15/16	14-5	49	109	17,0
Pampas do Morro Verde	31/32	7-11	49	134	14,0
Cachopa do Morro Verde	7/8	10-1	39	87	17,0
Morro Verde Quênia	PO	5-8	39	72	14,0
Cleia do Morro Verde	PCOC	5-9	39	68	13,0
Sandy do Morro Verde	GC1	2-5	29	67	14,0
Samanta do Morro Verde	GC1	8-8	29	62	13,0
Parturinha do Morro Verde	PCOC	4-5	29	62	13,0
Surucua do Morro Verde	31/32	5-11	29	48	13,0
Cachopa do Morro Verde	PCOC	4-5	29	37	13,0
Amarelina do Morro Verde	15/16	12-1	29	26	14,0
Brasília do Morro Verde	31/32	5-4	79	136	14,0
Garota do Morro Verde	PO	3-5	59	136	12,0
Morro Verde Cachoeira	31/32	5-9	59	139	14,0
Garça do Morro Verde	31/32	6-3	29	35	14,0
Trança do Morro Verde	31/32	6-6	19	23	14,0
Azeltona do Morro Verde	---	2-6	19	4	13,0
Modatinha do Morro Verde	GC1	3-2	19	1	13,0

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A MELHOR E MAIS ÚTIL PUBLICAÇÃO QUE OS NOSSOS ESPECIALISTAS PRODUZIRAM PARA O PRODUTOR DE LEITE

PUBLICAÇÃO PATROCINADA PELA ANPES
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL



EXPLORAÇÃO
LEITEIRA

ANPES

- CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO
- CAPÍTULO 2 — MELHORES PASTOS, CHAVE PARA A PRODUÇÃO MAIS ECONÔMICA DE CARNE E LEITE
- CAPÍTULO 3 — ALGUNS FATORES QUE AFETAM A PRODUÇÃO DE CULTURAS FORRAGEIRAS
- CAPÍTULO 4 — AS FORRAGEIRAS: GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS
- CAPÍTULO 5 — ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE PASTAGENS
- CAPÍTULO 6 — A MÁQUINA ANIMAL
- CAPÍTULO 7 — SUPLEMENTAÇÃO DAS PASTAGENS
- CAPÍTULO 8 — A ROTAÇÃO PASTAGEM-CULTURA
- CAPÍTULO 9 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preço do exemplar: Cr\$ 80,00

Pedidos à EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Avenida Pompéia, 1214 — Fundos B — São Paulo
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

NOME DO ANIMAL		Grau Idade Con- Dias do anos trole de Leite % sangue meses lactação			
RAÇA GIR					
Francisco F. Barretto, Mococa, Est. São Paulo, Controle em 18/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 1 e 2 ordenhas.					
2 ordenhas					
Cafua	NR	15-2	30	45	12,0
Jaula	NR	8-0	60	192	10,0
Lambança	NR	6-7	100	322	11,0
Jala	NR	7-8	50	177	11,0
Mentira	NR	5-6	40	127	12,0
Calocha	NR	11-3	19	95	13,0
Jaboticaba	NR	8-9	10	85	14,0
Dinastia	NR	2-7	30	111	10,0
Lua	RE	6-8	10	11	10,0
Magica	NR	5-10	80	245	10,0
Harmonica	NR	9-10	10	24	14,0
Jabaquara	NR	7-3	70	226	10,0
Jurubeba	NR	8-2	20	85	13,0
Entrega	NR	12-18	20	84	10,0
Lapa	NR	6-7	40	122	11,0
Imperiosa	NR	8-6	40	127	12,0
Maritaca	NR	5-8	60	143	15,0
Napalina	NR	5-1	30	107	11,0
Guama	NR	10-11	10	21	15,0
Guia	NR	10-7	60	183	10,0
Jida	NR	8-0	20	78	11,0
Inimiga	NR	9-4	10	20	15,0
Justica	NR	7-9	30	115	12,0
Maçaneta	NR	6-6	20	86	13,0
Nabanga	NR	5-5	40	137	11,0
Licoreira	NR	6-11	40	141	10,0
Garilpa	NR	10-8	40	145	10,0
Jitra	NR	7-7	40	122	15,0
Jatanga	NR	8-0	30	92	11,0
Itaberã	NR	8-7	40	132	11,0
Naturalizada	NR	4-10	30	105	10,0
Itaberaba	NR	8-11	20	62	15,0
Nebolina	NR	4-9	40	122	11,0
Neotarlina	NR	5-7	20	44	12,0
Organista	NR	3-10	10	42	12,0
Juliaca	NR	7-9	30	117	11,0
Intriga	NR	9-0	40	123	12,0
Itatiba	NR	8-10	20	75	14,0
Gata	NR	10-9	20	63	10,0
Heureca	NR	10-6	20	79	11,0
Golaba	NR	11-4	50	163	12,0
Objeção	NR	4-8	10	42	11,0
Ibiquira	NR	5-9	30	117	11,0
Lamparina	NR	6-8	40	148	10,0
Medalha	NR	5-10	40	119	11,0
Madeira	NR	6-1	60	184	10,0
Jopa	NR	7-10	20	64	10,0
Macieira	NR	6-2	40	146	11,0
Linga	NR	7-1	20	51	13,0
Imperatriz	NR	-	30	93	12,0
Marmitta	NR	5-7	50	154	11,0
Matraca	NR	7-9	20	70	11,0
Celastina	NR	11-1	60	188	10,0
Lareira	NR	6-8	30	93	11,0
Mexerica	NR	5-9	10	21	12,0
Nonpudagem	NR	9-9	20	36	13,0
Mantilha	NR	5-16	40	136	13,0
Jogatina	NR	7-10	20	63	14,0
Iberica	NR	9-2	70	209	11,0
Florista	NR	11-3	70	229	10,0
Gualharda	NR	11-2	40	132	13,0
Lancheira	NR	6-4	80	239	13,0
Lajota	NR	7-0	40	143	11,0
Obseação	NR	4-8	10	50	12,0
2 ordenhas					
Naval	NR	5-0	10	20	11,0

NOME DO ANIMAL		Grau Idade Con- Dias do anos trole de Leite % sangue meses lactação			
Metrinha					
Olicurina					
Oeca					
Orla					
João Leite Sampaio Ferraz Jr., Mogiçopolis, Est. São Paulo, Controle em 21/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Formosa	NR	-	-	10	20
Filipa	NR	-	-	10	15
Jilka	NR	-	-	20	15
Tratimonia	NR	-	-	10	24
Peatita	NR	-	-	30	72
Manoel e José João S.A. dos Reis, Rio das Flores, Est. São Paulo, Controle em 19/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
S.C. Defesa Mandarin	RE	7-5	20	33	12,0
Saudade	RE	10-11	20	44	10,0
C.A. Escopeta Curvelo	RE	9-11	20	34	10,0
Maravilha Padinha Faizão	NR	5-2	10	10	10,0
S.C. Calunga Cachimbo	RE	8-0	10	1	10,0
Maravilha Esperança Faizão	RE	6-0	60	178	10,0
S.C. Embolada Faizão	NR	6-1	60	171	10,0
Manchete	RE	12-8	40	113	10,0
S.C. Aliba Cachimbo	RE	8-9	20	60	10,0
José Lucio Bezade e Outros, Matosinhos, Est. Minas Gerais, Controle em 4/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 1 ordenha.					
Bruma	RE	10-9	10	3	12,0
Dezena	RE	-	10	8	10,0
India	RE	-	20	88	10,0
Japona	RE	7-0	40	94	10,0
Moualina	RE	9-0	30	84	12,0
Queijada	NR	5-7	60	149	10,0
Urupiana	RE	7-3	30	72	10,0
Gabriela de Oliveira Costa, Casa Branca, Est. São Paulo, Controle em 20/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
C.A. Beta	NR	7-4	40	104	10,0
C.A. Lima	NR	6-7	40	103	10,0
C.A. Zomara	NR	4-11	40	107	10,0
C.A. Lipidina	NR	-	30	58	10,0
C.A. Teta	NR	10-5	20	52	10,0
C.A. Paluma	NR	-	20	1	10,0
C.A. Fenta	RE	9-5	20	64	10,0
C.A. Chetranaira	NR	10-3	10	25	10,0
C.A. Balança	RE	10-5	40	249	10,0
C.A. Buri	NR	7-0	50	165	10,0
C.A. Bessilha	NR	8-9	20	100	10,0
C.A. Jara	NR	-	60	148	10,0
C.A. Jacaranda	NR	4-7	40	151	10,0
C.A. Guaranopai	NR	7-11	60	138	10,0
C.A. Hiena	NR	6-5	40	108	10,0
S.A. Silecia	NR	5-0	40	120	10,0
C.A. Scapula	RE	11-2	30	81	10,0
C.A. Parana	RE	8-2	20	102	10,0
C.A. Ertimo	NR	2-7	20	68	10,0
C.A. Dramantina	NR	11-3	20	65	10,0
C.A. Filipina	NR	9-2	20	56	10,0
C.A. Girona	NR	8-7	20	56	10,0
C.A. Colostina	NR	11-9	20	49	10,0
C.A. Debrinague	NR	11-4	20	58	10,0
C.A. Ravinha	RE	12-0	10	11	10,0
C.A. Candia	NR	10-7	10	8	10,0
C.A. Havianna	NR	-	10	11	10,0
C.A. Bessina	NR	13-1	10	11	10,0
Narda	NR	-	10	32	10,0
Gabriel Denato de Andrade, Calciolândia, Est. Minas Gerais, Controle em 20/10/78, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Boia Vista II de Calciolândia	RE	9-4	20	32	10,0
Fazenda de Calciolândia	RE	5-1	20	94	10,0
Gracinda de Calciolândia	RE	7-8	80	132	10,0
Definida de Calciolândia	RE	11-2	10	44	10,0
Juara de Calciolândia	RE	4-10	80	494	10,0

FRANCISCO F. BARRETTO - FAZENDA SANTANA DA SERRA

Km 295 da estrada Mococa-Cajuru — Telefone: 50-801

MOCOCA: fone 50-085 — Caixa postal 18

SÃO PAULO: Rua 15 de Novembro, 193 - 3.º andar - Telefones: 36-1681 - 239-1911

40 anos de seleção do
GIR LEITEIRO

**173 vacas em controle oficial
pela Associação Brasileira
de Criadores**

**Industrialização e
venda de sêmen:
LAGOA DA SERRA**

Fone 23 - Caixa Postal 139
SERTÃOZINHO — SP



O Gir Leiteiro "F. B." caracteriza-se pela elevada produção leiteira e esplêndida conformação de úbere.

**GIR LEITEIRO
DE MOCOCA**

**MAIS CARNE!
MAIS LEITE!**

439 vacas no Livro de Mérito
15 vacas no Livro de Escol
17 na Categoria de
Longevidade

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %	
Tipografia	RE	5-7	10	100	10,0	3,80
Rubens Resende Pereira, S. Pedro dos Ferros, Est. Minas Gerais, Controle em 2/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 3 = 2 ordenhas.						
1 ordenhas						
Lenite de Brasília	RE	7-11	40	111	12,0	5,05
Elis de Brasília	RE	8-0	20	52	20,0	5,20
Conceição	RE	10-3	20	16	21,0	4,98
Jerupema de Brasília	RE	—	80	202	10,0	5,35
Jenando de Brasília	RE	7-1	40	107	13,0	5,19
Adira de Brasília	RE	16-4	80	230	10,0	4,73
Príola de Brasília	RE	10-6	60	162	11,0	5,25
Mart de Brasília	RE	4-8	40	105	12,0	7,05
Júlia de Brasília	RE	6-9	30	77	17,0	5,48
Gordura de Brasília	RE	9-8	60	164	14,0	4,30
Glória de Brasília	RE	9-11	50	161	14,0	4,65
Glória de Brasília	RE	6-3	40	98	18,0	4,69
Patativa de Brasília	RE	3-10	70	199	11,0	5,02
Lucrécia de Brasília	RE	6-11	60	168	10,0	4,59
Lucrécia de Brasília	RE	7-8	20	37	14,0	4,69
Glória de Brasília	RE	9-8	50	144	13,0	4,85
Montada de Brasília	RE	11-10	10	29	16,0	5,05
Miscota de Brasília	RE	15-1	20	34	14,0	4,28
Empresa de Brasília	RE	11-9	20	37	15,0	4,41
Jardineira de Brasília	RE	7-4	30	71	18,0	5,16
Elvete de Brasília	RE	8-2	10	21	13,0	5,15
Maria	RE	—	70	239	10,0	3,61
Magistade de Brasília	RE	4-10	110	315	10,0	4,02
Jarussanga de Brasília	RE	6-8	40	115	11,0	5,40
Legenda de Brasília	RE	6-3	40	113	13,0	4,04
Jacutinga de Brasília	RE	6-18	60	168	12,0	5,49
Lucrécia de Brasília	RE	6-8	50	146	11,0	5,19
Marta de Brasília	RE	5-4	20	57	11,0	4,68
Príola de Brasília	RE	4-0	10	24	13,0	4,05
Linda de Brasília	RE	5-0	100	304	10,0	6,31
Osaka de Brasília	RE	3-2	10	7	12,0	4,10
1 ordenhas						
Luza de Brasília	RE	6-1	60	151	10,0	4,57
Paulininha de Brasília	RE	4-10	40	123	15,0	4,46
Mina de Brasília	RE	4-9	30	73	11,0	5,62
Lucrécia de Brasília	RE	5-11	40	93	12,0	4,11
RAÇA SIMENTAL						
Agropec. Primavera S/A, Jaraguá, Est. São Paulo, Controle em 17/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Teira	PO	6-4	10	2	18,0	3,24
Sta. Maria Agropec. Ind. S/A, St. Antonio da Posse, Est. S. Paulo, Controle em 9/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Indústria	PO	3-0	110	328	10,0	3,50
Italiana	PO	6-11	110	320	13,0	2,92
Jaguna	PO	7-10	60	176	12,0	3,82
Prata	PO	2-4	50	137	11,0	4,13
Ingrid	PO	7-6	50	119	14,0	4,21
Inspirado	PO	8-0	40	88	18,0	3,99
Gabriel Donato de Andrade, Calciolândia, Est. Minas Gerais, Controle em 20/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Mila	—	—	50	162	12,0	4,51
Monia	PC	3-9	10	32	14,0	4,42
Osada	PC	3-5	10	12	13,0	4,73
Sadia de Calciolândia	3/4	8-11	60	193	13,0	3,44
Sabrina	—	—	50	131	10,0	3,26
RAÇA DINAMARQUESA						
Jorge de Mello Sabogosa, Bananal, Est. São Paulo, Controle em 9/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Primária Independência	5/8	4-3	40	102	13,0	4,36
Orostrato Olavo Elvira Barbosa, Guaxupé, Est. Minas Gerais, Controle em 25/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Fortuna São José	PO	3-3	100	306	13,0	4,08
Daisy	PO	4-10	90	265	12,0	4,08
Leontina São José	PO	3-10	90	253	13,0	3,59
Dayanna	PO	3-10	80	239	13,0	3,68
Fala São José	PO	6-11	70	188	17,0	3,81
Erwin	PO	11-6	70	188	12,0	3,67
Arana São José	PO	5-6	60	173	16,0	4,22
Carina São José	PO	3-0	50	131	15,0	3,73
Roda Viva São José	PO	8-4	50	126	22,0	4,03
Cinderela São José	PO	5-11	50	124	18,0	3,86
Billy São José	PO	3-10	50	123	18,0	3,78
RAÇA RED-POLL						
Livio Malzoni, Jundiaí, Est. São Paulo, Controle em 27/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Lowpark Snapragon	PO	6-6	40	139	11,0	3,78
P. Eloquencia	POC	10-0	50	136	11,0	3,47
RAÇA FITAQUEIRAS						
Antonio José Braga Monteiro, Carmo, Est. Rio de Janeiro, Controle em 25/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Arana	5/8	6-11	30	84	15,0	4,17
Africana	5/8	5-6	30	74	13,0	3,74
Amora	PO	6-8	10	4	21,0	5,64
Araça	5/8	4-10	80	225	11,0	4,77
RAÇA FIAMENGA						
João Leite Sampaio Ferraz Jr., Baginópolis, Est. S. Paulo, Controle em 21/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Radicada	—	—	40	118	22,0	3,46
Saga da Bentoca	RE	4-10	10	8	14,0	3,96
Pajuçara	RE	8-1	20	42	14,0	3,98
Radiada	RE	6-4	50	140	11,0	3,66
Palma da Bentoca	PO	8-9	10	14	20,0	3,87
Beta	—	—	60	175	10,0	3,91
RAÇA SIHOI						
João Carlos Pedreira de Freitas, Aracaju, Est. Minas Gerais, Controle em 16/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Capital	NR	8-3	40	94	12,0	3,93
STROSLAND						
Carlos Alberto Costa e irmãos, Guapirama, Est. Paraná, Controle em 16/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Juaninha da Novo Horizonte	1/2	7-8	40	137	14,0	3,84
Tasso Assunção Costa, Calciolândia, Est. Minas Gerais, Controle em 16/10/78. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Alça	1/2	7-1	10	25	11,0	3,38
Biloutra	NR	11-0	10	28	15,0	3,17
Bitola	1/2	8-2	30	62	13,0	3,55
Lorena	NR	6-7	30	82	10,0	3,04
Leona	—	—	20	40	10,0	2,99
Galileia	NR	5-5	30	59	10,0	3,84
Lata	NR	—	50	40	11,0	3,95
Preziosa	NR	4-11	20	37	10,0	4,87
Cocada	NR	7-8	20	37	11,0	3,17
Pintassilga	NR	5-7	20	36	10,0	3,72
observações: NR - não registrada; RE - posta e bentoca; ST - vacante e branca; PO - puro de origem; CUC - gado holandês brasileiro; POC - puro por cruzar de origem conhecida; POCU - puro por cruzar de origem desconhecida; NR - não registrada; RE - registro peculiar.						

São Paulo, OUTUBRO DE 1978.

Assine a

REVISTA DOS CRIADORES

Quase meio século a serviço da pecuária

Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal da Associação Brasileira de Criadores

CONTROLES ENCERRADOS

N.º	NOME	Nasc. mês ano	Peso (kg)				
			Idade (dias)	205	365	550	730
DIVISÃO I — Regime de pasto							
RAÇA SANTA GERTRUDIS							
FÊMEA							
14.301	— 72	08-76	220	263	387	—	
14.609	— 78	11-76	233	311	371	—	
15.058	— 79	12-76	217	320	428	—	
Fernando Muniz de Souza							
RAÇA SCHWYZ							
MACHO							
15.487	— Encontro E-140	11-76	250	443	584	—	
15.821	— S.B. Ferasmo F-161	01-77	318	467	—	—	
Agro-Pec. Suíço Brasileira Ltda.							
FÊMEA							
15.481	— Eunice-E-108	08-76	—	327	424	—	
15.482	— Elidia E-109	08-76	—	300	426	—	
15.819	— S.B. Feliana-F-179	04-77	245	313	—	—	
Agro-Pec. Suíço Brasileira Ltda.							
RAÇA SIMENTAL							
MACHO							
15.311	— Patricio-SBP-41	10-76	452	538	—	—	
15.310	— Parazani-SBP-54	11-76	379	513	—	—	
16.052	— Rince SB-SBR-13	06-77	294	—	—	—	
16.049	— Reloso S.B. SBR-16	09-77	299	—	—	—	
Agro-Pec. Suíço Brasileira Ltda.							
RAÇA CHAROLÊS							
FÊMEA							
14.791	— P. Bafafa-0008	09-76	191	244	330	351	
14.790	— P. Bacana-0007	09-76	175	220	295	333	
14.792	— P. Batufa-0009	10-76	158	166	249	256	
Bento Parreira Bueno							

RAÇA CANCHIM

FÊMEA

15.051 — D. do Buracão 09-76 158 159
Faz. Buracão Agric. e Pecuária Ltda.

CRUZAMENTO — CHAROLÊS + ZEBU

MACHO

14.136 — Matão de Guat. 0023 08-76 277 319
14.134 — Romano de Guat. 0021 08-76 214 201
14.139 — Astronauta de G. 0026 08-76 203 277
14.544 — Folgado de G. 0031 09-76 164 232
Guatapara S/A Agro-Pecuária

FÊMEA

14.133 — Gelaxia de Guat. 0020 08-76 167 169
14.547 — Veluda de G. 0027 08-76 130
14.553 — Sinfonia de G. 0003 09-76 231 250
14.551 — Jardineira de G. 0005 09-76 207 229
14.550 — Jangada de G. 0006 09-76 206 239
14.552 — Lituanis de G. 0004 09-76 190 215
14.545 — Jornada de G. 0030 09-76 184 235
Guatapara S/A A. Pecuária

DIVISÃO II — Regime de pasto com região

RAÇA SANTA GERTRUDIS

MACHO

14.303 — 74 09-76 264 323
Fernando Muniz de Souza

FÊMEA

14.302 — 73 08-76 310 341
14.304 — 75 10-76 234 262
Fernando Muniz de Souza

CRUZAMENTO — CHAROLÊS + ZEBU

FÊMEA

14.542 — Luanda de G. 0033 09-76 138 176
Guatapara S/A A. Pecuária

RELATÓRIO N.º 110 — NOVEMBRO DE 1978

DIVISÃO I — Regime de Pasto							
RAÇA SANTA GERTRUDIS							
MACHO							
14.602	— S.H. Condor	10-76	233	361	523	717	—
Cla. A. Técnica e A. Atagril							
15.367	— Domínio da Est.	10-76	290	382	653	737	—
Dena Soc. Agro-Pecuária Ltda.							
15.467	— Adão	03-77	215	368	—	—	—
James Stobo Mc Gowan							
FÊMEA							
14.596	— S.H. Camila Azul	09-76	168	261	315	379	—
Cla. A. Técnica e A. Atagril							
15.535	— Arabela da Est.	09-76	208	246	322	349	—
Dena Soc. Agro-Pecuária Ltda.							
14.597	— S.H. Cachoeira	10-76	210	343	436	501	—
Cla. A. Técnica e A. Atagril							
14.753	— Sonia	10-76	174	209	337	356	—
James Stobo Mc Gowan							
14.921	— S.H. Carpa Azul	10-76	198	321	380	482	—

14.920	— S.H. Comadre	10-76	201	349	—	—
Cla. A. Técnica e A. Atagril						
16.359	— 10	10-76	—	—	—	—
Rio Novo Florestal e Agrícola S/A						
14.754	— Suely	11-76	223	321	—	—
James Stobo Mc Gowan						
15.370	— Fofinha	12-76	240	255	—	—
Dena Soc. Agro-Pecuária Ltda.						

CANCHIM

FÊMEA

15.524 — Curveda 10-76 156 157
15.526 — Comperada 10-76 151 154
Cla. A. e Industrial Cicero Prado
16.339 — Greditia 10-77 248
Cla. Agro-Pecuária Jaboti

CHAROLESA

MACHO

14.572 — Franz B.P. 10-76 136 176
Reflorestadora Brasileira S/A

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite	%
----------------	----------------	----------------	-----------	------------------	-------	---

FÊMEA						
16.266 — Bragada de G.		10-76	384	401	—	—
14.579 — Guataparã S/A. Agro-Pecuária		10-76	152	262	—	424
Flamboyant Manoel Correa de Souza Neto						

RAÇA GUZERÁ

MACHO						
14.845 — Promissório B.		09-76	118	174	252	319
14.847 — Costante		09-76	128	163	208	280
14.846 — Icaro		09-76	138	172	251	284
14.814 — Maldoso		10-76	89	175	238	284
14.826 — Quimo		10-76	102	153	214	283
14.797 — Turvão		10-76	96	155	234	264
14.799 — Viageiro		10-76	93	186	259	285
S/A. Cortume Carioca						

FÊMEA						
14.842 — Proatina		09-76	114	171	215	203
14.843 — Piraguara		09-76	117	184	217	238
14.852 — Mashukela		09-76	109	155	258	237
14.815 — Aurora		10-76	94	148	235	247
14.816 — Dola		10-76	117	184	243	236
14.817 — Diva		10-76	103	180	243	239
14.825 — Daliva		10-76	133	208	245	247
14.827 — Hagada		10-76	101	174	226	230
14.795 — Ralava		10-76	123	168	214	224
14.796 — Burita		10-76	112	180	224	239
14.798 — Ghaleva		10-76	109	161	215	229
14.800 — Ramada		10-76	133	150	197	193
14.808 — Palema		10-76	171	209	288	278
S/A. Cortume Carioca						

CRUZAMENTO — 3/4 ZEBU + 1/4 CHAROLÊS

16.264 — Altiva		11-76	170	198	269	—
Guataparã S/A. Agro-Pecuária						

5/8 CHAROLÊS + 3/8 ZEBU

14.540 — Pérola		10-76	161	218	355	376
14.541 — Charlotte		10-76	149	198	298	315
Guataparã S/A. Agro-Pecuária						

DIVISÃO II — Regime de Pasto com Ração

RAÇA GUZERÁ

MACHO						
14.844 — Prussiano B.		09-76	115	202	241	275
14.818 — Fogoso		10-76	131	223	296	338
14.820 — Mussário		10-76	117	199	261	252
14.823 — Mansoso		10-76	83	177	242	293
14.794 — Falão		10-76	161	271	406	407
16.226 — Atalho		12-76	141	—	366	435
16.224 — Coluno		12-76	172	—	375	—
S/A. Cortume Carioca						

FÊMEA						
14.839 — Propatia		09-76	144	240	298	238
14.850 — Astuta		09-76	175	220	272	263
14.811 — Uteleza		10-76	116	190	249	232
14.822 — Udenisa		10-76	115	197	256	243
14.829 — Rama Labeu		10-76	216	292	371	455
14.828 — Foca Futuro		10-76	104	196	269	266
14.830 — Draganga		10-76	139	261	289	262
14.804 — Duvidava		10-76	142	216	261	294
14.806 — Prumosa		10-76	104	186	253	247
S/A. Cortume Carioca						

PROPRIETÁRIO: Cia. Adm. Técnica e Agrícola Atagri
MUNICÍPIO: Pindamonhangaba — SP.
DATA DA PESAGEM: 22-09-78

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite	%
----------------	----------------	----------------	-----------	------------------	-------	---

STA. GERTRUDIS

MACHO

S.H. Campari 7/138	129	31-10-76	691	492
S.H. Coleção 1/98	132	21-11-76	670	523
S.H. Caramuru	138	27-12-76	634	470
S.H. Dedo 8/2	144	20-02-77	579	476
S.H. Daomé 8/2	150	23-04-77	517	335
S.H. Damon 8/2	156	26-05-77	484	334
S.H. Dardanelos	158	01-06-77	478	339
S.H. Darwin 8/2	163	23-06-77	456	322
S.H. Dédalo Pepino Chico	166	05-07-77	444	357
S.H. Diogo 8/2	181	22-11-77	304	311
S.H. Durex 8/2	184	06-12-77	290	271
S.H. Domador 7/138	186	10-12-77	286	241

FÊMEA

S.H. Cachoeira 1/98	123	07-10-76	715	501
S.H. Cacilda 1/98	131	20-11-76	671	456
S.H. Dalmácia P. Chico	152	11-05-77	499	321
S.H. Débora 8/2	154	22-05-77	488	362
S.H. Diepa 8/2	160	10-06-77	469	292
S.H. Dobruja P. Chico	167	06-07-77	443	333
S.H. Domenica	175	14-09-77	297	189

PROPRIETÁRIO: Agro Pecuária Suíço Brasileira Ltda.
MUNICÍPIO: Campinas — SP.
DATA DA PESAGEM: 06-09-78

RAÇA SCHWYZ/SIMENTAL

MACHO

SCHWYZ				
S.B. Fenaristo	209	10-11-77	300	267
S.B. Femardi	210	17-11-77	292	332
S.B. Fesmaltino	211	25-11-77	285	296
S.B. Festefano	217	23-12-77	257	256
S.B. Fermelindo	218	26-12-77	254	275
S.B. Gago	222	12-01-78	237	210
S.B. Galanteador	231	10-02-78	208	226

FÊMEA

Fezira	F-155	13-01-77	570	352
Fegidea	841	19-04-77	515	335
S.B. Feletra	F-180	22-04-77	502	340
S.B. Finda	F-182	27-04-77	685	310
S.B. Fedebrenda	F-187	20-05-77	357	280
S.B. Festefania	F-197	25-07-77	408	297
S.B. Fesquiva	F-201	01-10-77	309	240
S.B. Festiva	F-202	01-10-77	309	254
S.B. Ferna	F-203	20-10-77	290	300
S.B. Felster	F-205	25-10-77	285	275
S.B. Fescrava	216	15-12-77	265	220
S.B. Galileia	224	27-01-78	222	227
S.B. Garça	227	01-02-78	217	226
S.B. Gaga	232	12-02-78	206	217

SIMENTAL

MACHO

Redroso S.B.	SBR-21	21-10-77	320	340
Rerim S.B.	SBR-29	18-12-77	262	232

FÊMEA

Reciosa S.B.	SBR-10	15-05-77	479	316
Rafma S.B.	SBR-12	30-05-77	464	285
Raina S.B.	SBR-15	15-08-77	387	295
Relma S.B.	SBR-17	12-09-77	359	263
Rapeula	SBR-23	27-10-77	314	239
Rina S.B.	SBR-31	19-12-77	261	245
Rença S.B.	SBR-32	19-12-77	261	225
Sauva S.B.	SBS-06	28-01-78	221	225

LIVRO PARA CONTABILIDADE

Preparado de acordo com as atuais exigências para se fazer a contabilidade da parte agrícola e pecuária da fazenda. A seguir um resumo das partes de que compõem o livro para Contabilidade.

CAPÍTULO I DESPESAS DO ANO CIVIL

Parte I

Construções e Instalações.
Melhoramentos. Formação de culturas permanentes, essenciais florestais e pastoris.

RESUMO DAS DESPESAS DE FORMAÇÃO

Parte II

Despesas com aquisições.
Equipamentos motorizados.
Equipamentos a tração animal.

Parte III

Despesas com aquisição de animais para: formação e/ou melhoria do plantel, reprodutores, etc.

Parte IV

Despesas com: Insumos de alta produtividade para todas as explorações do imóvel; sementes e mudas; fertilizantes e corretivos, etc.

Parte V

Despesas: Diversas sem coeficiente ou de custeio: sementes e saís; combustível e lubrificantes, etc.

CAPÍTULO II RECEITAS DO ANO CIVIL

Venda de milho, de leite, de vários, etc.

CAPÍTULO III INVENTÁRIO

Controle sobre o desenvolvimento do rebanho durante o ano civil.

A — Terra. Início do ano. Área em hectares, valor unitário, valor total, fim de ano, etc.

B — Culturas permanentes.

C — Benfeitorias: Construções, instalações e melhoramentos.

D — Máquinas, veículos e equipamentos.

E — Animais de produção ou criação.

Reprodutores e de trabalho.

De criação ou produção: terras, vacas, novilhos, bezerras ou bezerras, etc.

Área agrícola ou agriculturável.

Culturas hortícolas ou flores. Culturas temporárias e permanentes, pastarias.

II — Área florestal.

III — Área edificada.

IV — Área improdutiva.

V — Quantidade, preço médio, unitário e valor total; animais de produção; bovinos, bubalinos, suínos, animais para recria e engorda, etc.

VI — Animais de trabalho.

F — Produtos e materiais.

Investimentos.

CAPÍTULO IV RESULTADOS FINANCEIROS E IMPOSTO DE RENDA

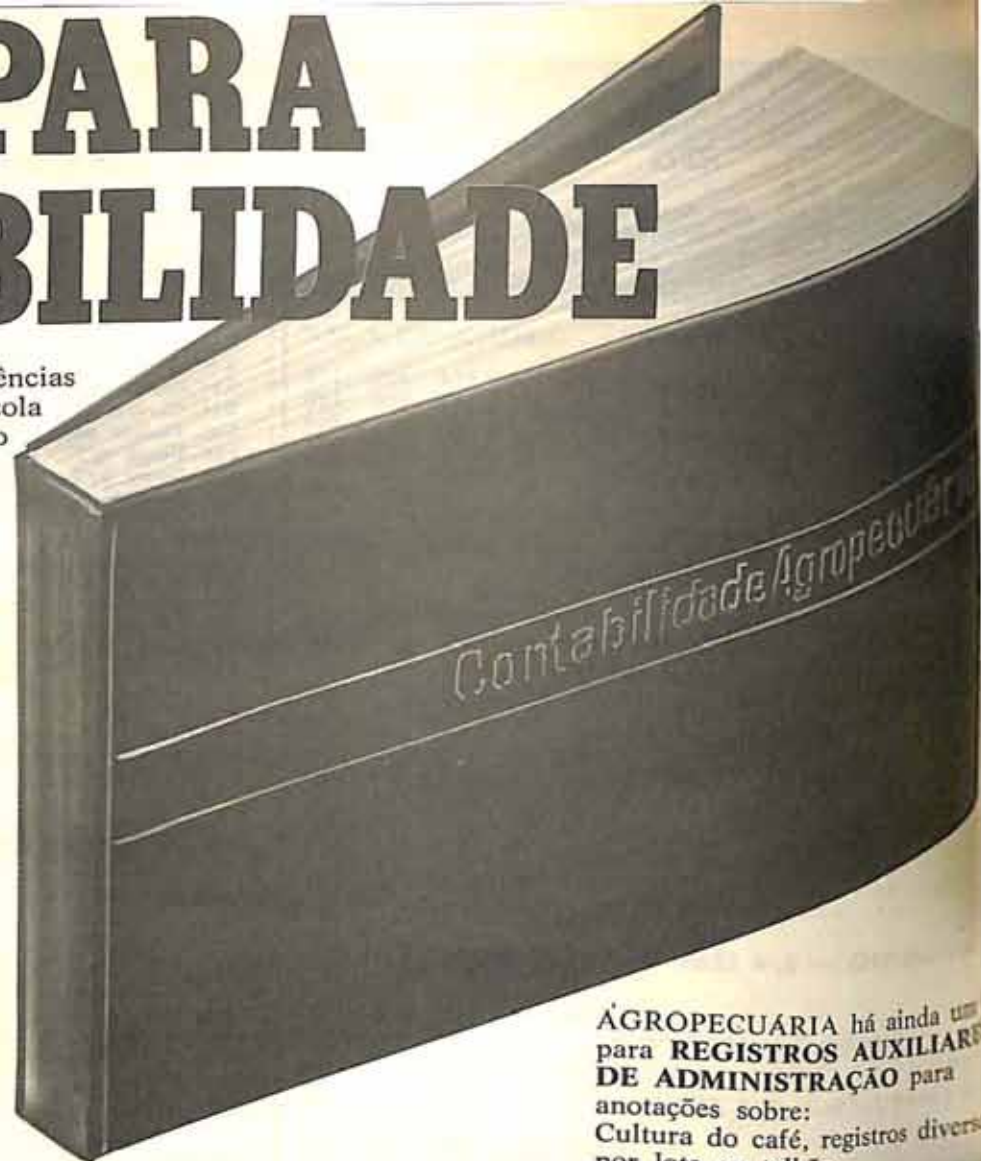
Parte VI

Resultados financeiros apurados na empresa. Despesa e receita.

Parte VII

Imposto de renda.

No livro de CONTABILIDADE



AGROPECUÁRIA há ainda um para REGISTROS AUXILIARES DE ADMINISTRAÇÃO para anotações sobre:

Cultura do café, registros diversos por lote ou talhão.

Pastaria, registros diversos por p ou posto.

Controle da movimentação do g controle de cobertura, parições;

controle de produção e alimentos das vacas em lactação. Registro de venda do leite. Datas de vacina

Eis aí um resumo do Plano que o LIVRO PARA CONTABILIDADE

AGROPECUÁRIA, cujo texto t remeteremos aos interessados, livr

qualquer despesa.

Preço do volume com o esquema contabilidade agropecuária, e u

calendário de 1978 para esquema dos trabalhos da fazenda: Cr\$ 30

Pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES

Av. Pompéia, 1214 - Fundos

CEP: 05022 - São Paulo - SP

Vendas em S. Paulo:

Associação Brasileira de Criadores

Rua Jaguaribe, 634

Livraria Kosmos Editora S.A.

Praça D. José Gaspar, 106 - Lojas

No Rio de Janeiro:

Livraria Kosmos Editora S.A.

Rua do Rosário, 135/137 - Tel.: 252



Reservado Grande Campeão da XIII Exp. Agropecuária de Belém.

BULLHIDE CHICK
P-1985-4 — P.O.I.

Chick Meeue Jr.
AQHA 131636

Tallulah Lil
AQHA 55399



Uma das poldras do nosso selecionado plantel.

MISS JET ONE
P-1767-2

Marjet
P-535-3

Miss Amalie
P-341-4

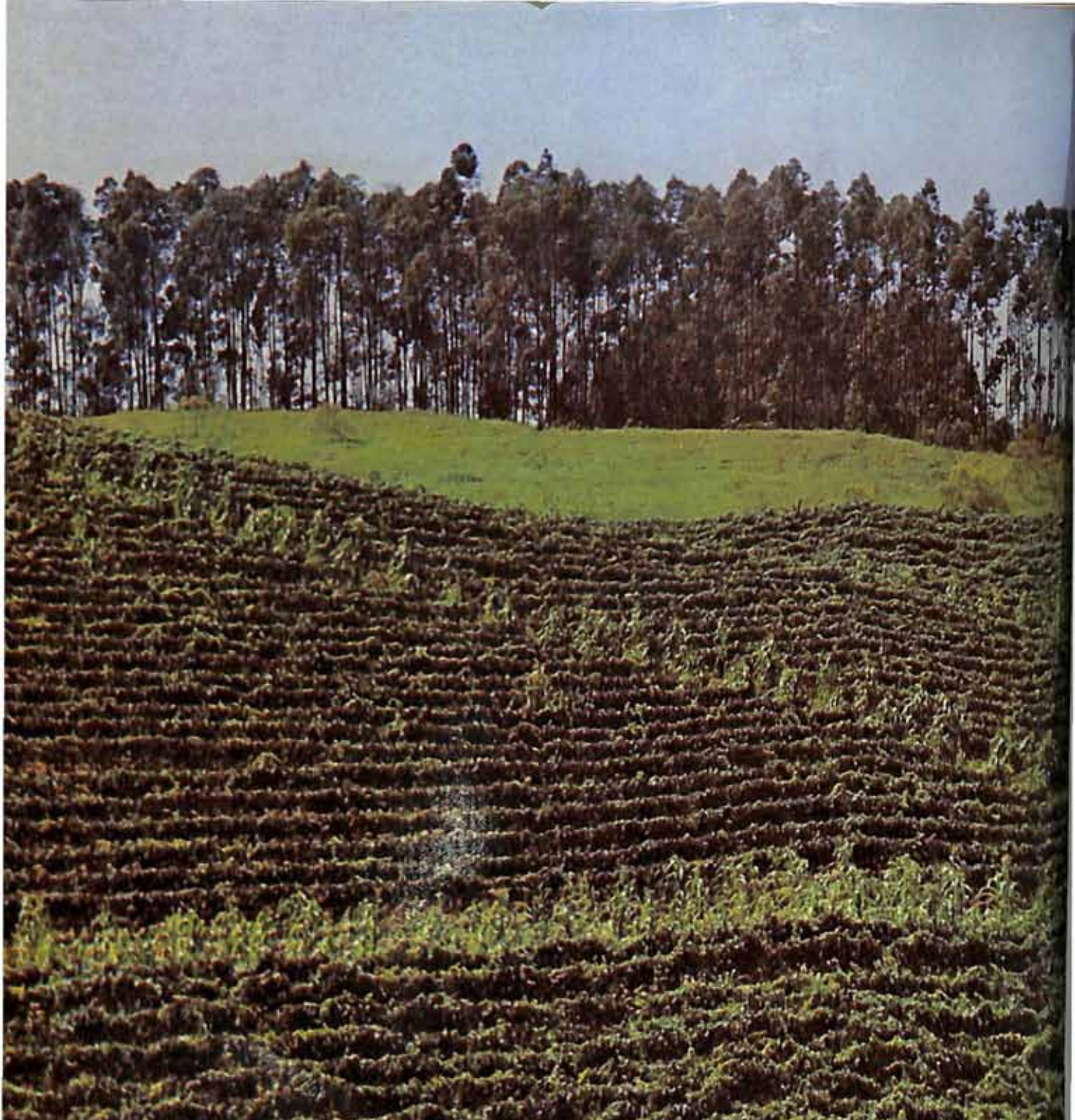
pastorisa



FAZENDA SÃO TOMÉ

BR. 360 — Km 20 — Município de
São João do Araguaia — Pará
Escritório em Belém: Rya da Municipalidade, 670
Fones: 222-1034 — 222-1511

**CRIAÇÃO E SELEÇÃO DA RAÇA
QUARTO DE MILHA, NELORE E
SANTA GERTRUDIS.**



É natural que o Comind financie a agricultura. Afinal, todos nós dependemos dela.

As frutas, os cereais, os produtos hortigranjeiros, o trigo e a soja, o café, os rebanhos de leite e de corte têm uma importância cada vez maior para o abastecimento interno e para as negociações do País com o mercado internacional.

Só no ano passado, 70% das divisas obtidas com a exportação foram gerados pela comercialização de produtos agrícolas primários ou semi-industrializados.

De outro lado, se considerarmos que a necessidade de consumo do nosso mercado interno vem crescendo a cada dia, vamos chegar à conclusão de que a política rural não poderá deixar de atender a esses dois objetivos.

Mas, para o agricultor tomar consciência do

seu papel nessa etapa do desenvolvimento e aumentar sua rentabilidade econômica, ele precisa de parceiros como o Comind - um banco tradicionalmente ligado à lavoura e à pecuária, e que conhece de perto os problemas do campo.

Pioneiro em criar uma empresa com técnicos e agrônomos, o Comind financia o desenvolvimento das atividades rurais, orienta o agricultor sobre o melhor aproveitamento da tecnologia disponível, incentiva a formação de cooperativas de produtores, ampara os plantadores nos azares climáticos, como as secas e geadas, planeja a implantação de cultura e rebanhos, esclarece sobre a fertilização adequada e o uso de métodos eficientes para o controle de pragas.

Além de se preocupar com projetos de melhoramentos da propriedade rural e benfeitorias, o Comind dá especial atenção ao financiamento de recuperação do solo e de preservação dos recursos naturais.

De uma coisa o Comind tem certeza: bem tratada sempre dará bons frutos para o produtor e para o consumidor.

Comind